

Harlequin<sup>®</sup>  
HISTÓRICOS

Regência

# SARAH MALLORY

Ventos da Paixão

EDIÇÃO 101

R\$ 11,90

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Sarah Mallory*

# **VENTOS DA PAIXÃO**

Tradução

*Deborah Mesquita de Barros*



2012

## *Capítulo Um*



*Mansão Makerham, Surrey... Julho, 1783*

– **Ai!**

Evelina se assustou quando o espinho de uma rosa furou seu dedo. Na hora certa, refletiu, olhando para a pequena gota de sangue. Estivera justamente pensando que aquela era a atividade mais perigosa que assumira: cortar flores. Suspirou. Aqueles jardins ornamentais em Makerham resumiam sua vida: organizados, seguros, protegidos. Limpou o sangue do dedo e reprimiu firmemente qualquer sentimento de insatisfação. Tornara-se ciente de tal sensação nos últimos tempos, da impressão de estar sendo sufocada. Ora, estava feliz, não estava? Cuidando das tarefas domésticas para seu avô? Ele tinha prometido cuidar dela, provê-la com todo o necessário. Não precisava se preocupar com mais nada.

Evelina pegou a cesta cheia de flores de verão e estava andando de volta para casa quando ouviu cascos de animais no caminho de acesso à mansão. Olhou para cima e viu um cavaleiro se aproximando, montado num cavalo preto, alto e elegante. À ponte de pedra que dava acesso à casa antiga, Evelina parou, inclinando a cabeça com curiosidade quando o homem se aproximou.

Ele soltou as rédeas e desmontou. Era muito alto. Forte também, era visível pela largura dos ombros sob o casaco escuro de montaria e pelas pernas poderosas cobertas por camurça e botas altas de verniz brilhante. Os cabelos pretos estavam presos com uma fita, e havia uma expressão arrojada em seus sorridentes olhos azuis. Parecia um aventureiro, pensou ela. Alto, imponente e...

– Você deve ser Evelina. – A voz dele era rica e doce como mel. – Muito prazer.

Sem esperar por resposta, aproximou-se, puxou-a para seus braços e a beijou. Eve ficou tão chocada que derrubou a cesta. Entretanto, não fez esforço nenhum para se afastar; e com aqueles braços a segurando com tanta firmeza, seria quase impossível, mesmo se quisesse. Nunca havia sido beijada por um homem antes e a sensação era surpreendente e prazerosa, acordando seus sentidos, de modo a deixá-la ciente do cheiro daquela pele, uma mistura de sabonete com alguma coisa que Eve não sabia o quê. Com aroma de homem, supunha. Então ele levantou a cabeça e lhe deu um olhar arrependido, embora Eve achasse o brilho nos profundos olhos azuis positivamente malicioso.

– Oh, Deus – exclamou ele, dando um passo atrás. – Isso não era para acontecer.

Eve o fitou, trêmula, e perguntou-se o que uma jovem *lady* bem-criada deveria fazer nessa situação. De forma deliberada, levantou uma das mãos e lhe deu uma sonora bofetada. O homem recuou um pouco, mas continuou sorrindo, a travessura reluzia nos olhos azuis.

– Suponho que mereci.

Foi necessário algum um esforço para que Eve desviasse a atenção daquele olhar hipnótico. Sua cesta estava caída no chão: rosas, íris e margaridas comuns espalhadas pelo caminho de acesso à casa. Com mãos trêmulas, começou a reuni-las. O homem ajoelhou-se ao seu lado, desconcertando-a com a proximidade.

– Você não parece muito contente em me ver – observou.

Eve se concentrou em coletar as flores e colocá-las de volta na cesta. De maneira tensa, murmurou:

– Eu não o conheço, senhor.

– Oh, seu avô não lhe contou? – Uma risada tremeu na voz profunda. – Sou Nick Wylder. – Ele pegou uma flor e estendeu-lhe. – Sou o homem com quem você irá se casar.

Eve se levantou num sobressalto. O homem fez o mesmo, num único movimento ágil, e a estudou com puro divertimento nos olhos. Um homem extravagante, pensou ela. O rosto magro era muito bonito. Perigoso, também. Instintivamente, Eve se afastou.

– Sua brincadeira não tem graça, *Sir*.

Sobrancelhas pretas se uniram um pouco.

– Seu avô não lhe contou? Então, eu lhe peço desculpas, srta. Shawcross.

Observou o sorriso dele com desconfiança.

– Não vejo sinceridade em seu gesto, *Sir*. Não acredito que saiba como se desculpar.

Ele deu um passo atrás, o sorriso se suavizando em alguma expressão mais gentil quando falou com seriedade:

– Se realmente a ofendi, por favor, senhorita, perdoe-me. Eu não pretendia.

Eve não tinha forças contra aquele olhar sedutor e se sentiu enfraquecendo. Fez um esforço para manter a atitude desdenhosa.

– Parece-me, *Sir*, que você faz muitas coisas que não pretende fazer!

Ele lhe deu novamente aquele sorriso devastador e, desta vez, Eve notou a covinha no rosto bonito, o que a distraiu muito.

– Ah, você não está tão zangada, afinal de contas. Vejo um brilho nos seus olhos, srta. Shawcross. Riria se não estivesse determinada a me colocar no meu lugar? Estou perdoado?

Eve se virou, de modo que ele não pudesse ver seu sorriso.

– Depende de sua conduta futura, sr... Wylder. Devo entender que você veio falar com meu avô?

– Na verdade, vim, se estiver bem o bastante para me receber. Enviei meu representante para cá esta manhã, a fim de avisar vocês de minha chegada.

Ela inclinou a cabeça.

– Não vejo vovô desde que tomamos o café da manhã juntos, de modo que não sei nada sobre sua mensagem. Todavia, não significa que você não é bem-vindo. Por favor, entre, *Sir*, e irei verificar se ele pode recebê-lo.

Eve deixou o visitante no grande salão, com suas paredes alinhadas com os brasões. Entre escudos, espadas e armas antigas que competiam por espaço perto das janelas longas, um lembrete do período turbulento quando o salão tinha sido construído. Enquanto subia a escada correndo, Eve olhou para trás. Estava ainda parado diante da enorme lareira, estudando o topo entalhado na cornija. A cabeça inclinada para trás dava-lhe uma excelente vista do perfil bonito, com seu nariz reto e maxilar forte, poderoso, confiante. Eve pensou em como aquele estranho homem se encaixaria bem naquele período de disputas. Assim que estava fora de visão, no topo da escadaria, Eve parou e se inclinou contra a parede. Seu coração bombeava desconfortavelmente no peito. Então aquilo acontecera; seu avô sempre lhe prometera que um dia lhe traria um marido, pedindo-lhe que confiasse nele para encontrar um cavalheiro adequado, um que cuidasse dela como fosse devido. Um que a fizesse feliz. Pressionou as mãos no rosto. Tinha esperado que seu avô levasse para casa alguém como Squire Amos do vilarejo de Makerham, uma pessoa sólida e respeitável. Não havia dúvida de que o cavalheiro agora parado no grande salão era sólido... quando ele a pressionara contra si, parecera realmente sólido... mas Eve duvidava muito que fosse respeitável. Estava ciente de que levara uma vida muito protegida, mas sabia que cavalheiros respeitáveis não beijavam jovens *ladies* antes mesmo de terem sido apresentados! E jovens *ladies* não ficavam no mesmo lugar para trocar brincadeiras com tais patifes. Eve perguntou-se por que não tinha fugido quando o homem a liberara. De alguma maneira, para sua surpresa, percebeu que não se assustava com aquele homem. Ficou chocada, sim, e ultrajada, mas nunca com medo. Respirou fundo e passou as mãos sobre o vestido para amaciá-las. Se ao menos pudesse amaciar seus nervos descontrolados. Se seu avô descobrisse a causa de sua agitação, ficaria alarmado; poderia até mesmo mandar o visitante embora. Com uma pequena ponta de surpresa, percebeu que não queria realmente que aquilo acontecesse.

EVE ENCONTROU o avô no salão matinal. A poltrona wing tinha sido movida para a janela, e ele estava sentado com um cobertor sobre os joelhos, olhando para o parque do lado de fora.

–Vovô?

*Sir Benjamin Shawcross* fora um homem bonito em sua juventude, mas a falta de saúde o envelhecera prematuramente, e, embora não tivesse muito mais do que sessenta anos, possuía a pele pálida e flácida no corpo grande. Ainda assim, apesar do grande esforço que lhe custava todas as manhãs, insistia que seu pajem, Rooney, o ajudasse a sair da cama e se vestir em roupas limpas, sempre com o casaco de veludo. Os escassos cabelos grisalhos estavam escondidos por uma peruca cacheada no velho estilo, e havia sempre um brilho nos olhos azuis-claros. Este mesmo que estava em evidência agora, enquanto olhava para a neta.

– Eve, minha querida, entre. Rooney me deixou confortável aqui, onde posso olhar pela janela. Tenho um visitante, sabe?

– Sim, *Sir*, eu sei. – Eve pôs sua cesta no chão e atravessou a sala para o lado dele.

Quando se inclinou para lhe beijar a testa, olhou pela janela, que dava vista para o pátio de acesso, mas felizmente a vista da pequena ponte de pedra estava bloqueada pela maior parte da torre da mansão. Seu avô não tinha visto seu primeiro encontro com o convidado. Ela se abaixou para se sentar no banquinho de apoio para os pés ao lado da poltrona dele e pegou as mãos enrugadas de seu avô entre as suas.

– Sr. Wylder já está no grande salão, vovô.

– Capitão, meu anjo; é capitão Wylder. Navegou com o almirante Howe contra os franceses e cumpriu muito bem o seu dever, sem sombra de dúvida.

– Pode ser, mas antes que seja encaminhado para cá, quero que o senhor me diga por que exatamente ele está aqui.

– Desde quando, criança, devo lhe dar satisfação sobre quem convido para vir à minha própria casa?

Eve não foi enganada pelo tom de voz irritado. Viu a consternação nos olhos claros de seu avô, mas ela não seria desviada de seu objetivo.

– Por favor, vovô, conte-me.

– Conheço a família há anos. Nick Wylder é o irmão mais novo do conde de Darrington. É claro que nós não nos conhecemos bem, uma vez que ele é muito mais novo que eu e passou a maior parte de seu tempo no mar. Sei que deixou seu trabalho no navio com Howe em 1778. Nenhum deles

pensou muito em como o governo lidaria com a Guerra Americana, mas antes que pudessem retornar à Inglaterra, foram capturados na defesa da Ilha de Rhode. Trabalho inteligente aquele. – *Sir Benjamin* riu. – O jovem Nicholas venceu os franceses, foi homenageado por sua bravura, mencionado nos jornais. Você deve lembrar...

– Isso foi cinco anos atrás, vovô – interrompeu Eve suavemente, porém com firmeza. – E não me recordo de o senhor alguma vez ter chamado a minha atenção para um capitão Wylder.

– Não, bem, talvez não. Na verdade, também não me lembrava muito disso, até que o jovem Nicholas me procurou em Tunbridge Wells no mês passado. Foi Percy Anderton quem me contou a história. Percy perdeu o filho na guerra, e o capitão Wylder veio visitá-lo assim que retornou à Inglaterra, a fim de prestar seus respeitos. Percy ficou muito impressionado. Parece que capitão Wylder tem amigos no governo, também... o jovem Pitt e lorde North...

– Mas o senhor disse que capitão Wylder o procurou, vovô – persistiu Eve, franzindo o cenho. – Por que faria isso?

– Por que não o faria? Um velho amigo da família, afinal de contas.

– Sim, mas por que esperaria até agora para procurá-lo?

– Não faço ideia, mas fico muito satisfeito por ter acontecido. É um bom jovem, Eve, muito atencioso comigo. Eu o convidei para nos visitar...

– Mas o senhor não me falou uma palavra sobre ele, vovô.

*Sir Benjamin* movimentou-se desconfortavelmente em sua poltrona.

– Não. Bem, o momento não me pareceu propício, e, afinal de contas, não sabia se ele realmente viria.

– O senhor o trouxe aqui como um marido para mim? – questionou ela de maneira direta.

– Ele mencionou para mim que estava procurando uma esposa, e...

– E o senhor quer que eu tenha um marido.

– Apenas se você estiver disposta, Evelina.

– Eu lhe disse, vovô, ainda não tenho desejo por um marido.

– Precisaré de alguém para cuidar de você, quando eu me for.

– Vovô!

– Não se faça de ultrajada, Eve. Ambos sabemos como está a minha saúde. O dr. Scott nos avisou que meu coração está muito fraco agora; o fim não pode estar longe...

– O senhor não deve falar essas coisas – disse ela com ferocidade.

– Ignorar o inevitável não impedirá que aconteça, minha querida. Se Nick Wylder quer se casar com você, recomendo que o aceite. Não irei insistir, é claro, mas pedirei que considere o assunto muito cuidadosamente – Ele apertou-lhe os dedos e os liberou. – Agora, não devemos deixar nosso convidado esperando mais tempo. Traga o capitão Wylder aqui para cima, Evelina.

– Mas, vovô...

Ele gesticulou uma mão no ar de maneira impaciente.

– Acha que sou mal-educado, criança? Peça que Green o envie para cima.

A ordem foi dada, e Eve voltou para se posicionar de pé ao lado de seu avô. Ele lhe pegou a mão.

– Confie em mim em relação a isso, meu anjo. Estou pensando somente em você. Ah... – Ele se virou na direção da porta quando o mordomo anunciou seu visitante. – Meu caro *Sir*, seja muito bem-vindo! Perdoe-me por não me levantar para recebê-lo, mas minhas pernas estão fracas hoje. Os banhos em Tunbridge não me ajudaram muito naquela ocasião.

– Sinto muito em saber disso, *Sir Benjamin*.

Evelina observou o capitão Nick Wylder entrar na sala, o vigor saudável ainda mais em evidência quando contrastado com a debilidade de seu avô. Ele se aproximou e fez uma reverência para seu anfitrião, exalando energia. *Sir Benjamin* sorriu e assentiu com um gesto da cabeça.

– Você conheceu minha neta, Evelina?

Eve encontrou aqueles olhos azuis fixos em seu rosto. Tinha a estranha impressão de que podia ler seus pensamentos mais secretos. Ergueu o queixo e retornou o olhar dele de maneira desafiadora.

– Na verdade, sim. – Nick Wylder virou-se. – Isto é, nós nos apresentamos, mas eu estou contente pela oportunidade de ser apresentado mais formalmente, *Sir*. – Os olhos dele lhe sorriram. – Temo que a srta. Shawcross me desaprove.

Ela se curvou numa reverência, suas faces queimando. Como era possível querer rir e ficar furiosa ao mesmo tempo? Eve não possuía experiência com cavalheiros como o capitão Wylder, mas o instinto lhe dizia que tomasse cuidado. Eve ficou determinada a não se dirigir ao capitão, mas sua resolução foi desnecessária. No momento em que endireitou o corpo, após a reverência, Nick Wylder tinha engajado *Sir Benjamin* numa conversa, discutindo com facilidade diversos assuntos, tais como a eficácia de banhos quentes, o prazer de caçar e de viajar. Não havia nada para fazer, exceto arranjar as flores no vaso que Green lhe providenciara. Sem motivo, estava zangada por não poder tratar o cavalheiro sorridente com desdém.

– Eu o vi chegando a cavalo, capitão – disse *Sir Benjamin*. – Presumo que sua bagagem o segue?

– Sim, *Sir*. Richard Granby, meu laçao, traz a bagagem na minha carruagem.

– Você vai ficar aqui? – exclamou Eve.

Mais uma vez, aqueles perturbadores olhos azuis a estudaram.

– Lamento, mas sim. Será uma inconveniência para você?

– N... não – gaguejou ela. – Isto é, você não ficará mais de uma noite, espero.

*Sir Benjamin* riu.

– Não dê atenção ao que minha neta fala, capitão Wylder. Ela gosta de fazer piadas.

– Assim notei, *Sir Benjamin*. – Ele sorriu para ela de um jeito que fez Eve querer socá-lo.

– O capitão Wylder está nos fazendo uma visita prolongada – explicou *Sir Benjamin*.

– Verdade? – Eve forçou um frágil sorriso adocicado.

– Estou em grande débito com seu avô por ter me permitido ficar com vocês. – Nick fez uma mesura para ela. – Terei muito tempo para me acostumar com suas brincadeiras.

Eve se virou para o arranjo de flores. Seus movimentos zangados e abruptos quebraram um dos caules e foi obrigada a respirar profundamente para se acalmar, antes que continuasse. O mordomo entrou com uma garrafa de vinho, e dois cálices depois disso, os cavalheiros não lhe deram mais

atenção, envolvidos em suas discussões sobre caça e linhagens sanguíneas, então, assim que terminou com as flores, Eve pediu licença e escapou. Nick a observou sair da sala, os pequenos saltos movendo suas saias, enquanto atravessava o piso. Uma leve tosse de *Sir Benjamin* o fez se virar e encontrar seu anfitrião estendendo sua taça vazia, indicando, com o arquear de uma sobancelha, que esta deveria ser completada. Nick hesitou, e o homem mais velho lhe piscou.

– Vamos lá, meu rapaz. Meu mordomo e minha neta podem discutir que bebida alcoólica não me faz bem, mas *voce* não ouviu meu médico dizendo isso. A vida é para viver, *Sir*, e pretendo apreciar o pouco tempo que me resta.

– Não posso discordar desta filosofia, *Sir Benjamin*. – Nick sorriu e serviu ambas as taças de vinho. – A srta. Shawcross parece um pouco agitada – observou ele. – Eu realmente espero que minha visita não seja inoportuna...

*Sir Benjamin* riu.

– Está irritada porque não lhe contei sobre sua vinda para cá.

– Imaginei isso. – Nick sorriu para si mesmo ao se recordar de seu primeiro encontro com Evelina Shawcross. – Sinto, mas talvez eu a tenha irritado ainda mais.

– Não importa, a irritação de Eve irá passar. – *Sir Benjamin* deu um gole de seu drinque. – Minha neta é uma boa garota. Sensata e com uma natureza tão doce quanto qualquer homem poderia desejar. Não é leviana e nunca mostrou desejo de ir embora para explorar o mundo. – O homem idoso deu um pequeno suspiro. – A mãe de Evelina era o oposto. Nunca se sentia mais feliz do que quando estava viajando. Levou meu filho para todos os lugares quando se casaram. Eve é diferente, uma garota tranquila. Precisa de um marido que possa lhe dar todo o conforto que ela apreciou aqui em Makerham. Um homem que cuidará dela propriamente. Você pode fazer isso, capitão?

Nick subitamente encontrou aqueles olhos claros fixos nos seus de maneira feroz. Ele retornou o olhar com firmeza.

– Você sabe as circunstâncias, *Sir Benjamin*. Acredito que posso manter uma esposa com conforto apropriado.

– Sim, sim, mas você a fará feliz?

Nick reprimiu um sorriso.

– Nunca recebi reclamações, *Sir*.

– É isso que me preocupa... um homem de tão boa aparência como você. Vi as mulheres em Tunbridge o olhando, tentando seduzi-lo... e algumas delas nem sequer têm idade para este tipo de comportamento!

– O que o senhor não viu foi a mim respondendo a quaisquer daquelas tentativas de... sedução – replicou Nick. – Vamos ser claros e honestos, *Sir* Benjamin. Não sou um monge; houve muitas mulheres na minha vida, mas nenhuma delas passou de um flerte. Se obtiver uma esposa, ela não terá nada a temer a esse respeito.

– Fico contente em saber. Bem, *Sir*, se deseja se casar com minha neta, então vá em frente. Mas, atenção, deve ser uma decisão de Eve. Não irei forçá-la a nada.

Nick ergueu sua taça.

– Pelo pouco que vi da *lady*, *Sir*, acho que irá tomar a própria decisão.

QUANDO EVE foi para o quarto, a fim de trocar de roupa para jantar, sua criada Martha estava pondo seu vestido sobre a cama.

– Meu vestido azul de seda? – exclamou ela. – Não é um pouco sofisticado demais para um jantar em família?

– Nós devemos deixá-la em sua melhor aparência para seu visitante, senhorita.

– Não tenho certeza se a ocasião justifica tanto esplendor – protestou Eve suavemente, mas Martha não seria dissuadida.

– O capitão Wylder é um cavalheiro fino, senhorita. Filho de um conde. É o que diz o mensageiro.

– Sei disso, Martha.

– Ah, mas você também sabe que ele é um herói? Nas Américas, foi um herói, lutando contra os rebeldes. Capitão Wyldfire, eles o chamavam. – Ela estendeu a anágua para que Eve vestisse.

– Martha, o que lhe disse sobre repetir fofocas dos criados?

– Não é fofoca, senhorita – corrigiu-a Martha. – É uma *informação*. Era um capitão ousado e destemido, sr. Granby me contou, sempre encontrado onde havia as maiores lutas. Por isso o nome de Wyldfire, dizem, porque usava armas de fogo para invadir territórios inimigos.

– E quem diz isso? Os servos dele, eu não duvido.

– Sim, bem, sr. Granby me contou algumas histórias, mas William, o cocheiro, ouviu a mesma coisa do cavaliço, que está com a família desde sempre.

Eve bufou com incredulidade.

– Acho que estão todos influenciados pelo seu amo. Escreverei para minha antiga colega de escola, Maria Scott... *lady* Gryfford, agora. As cartas dela são sempre cheias de fofocas da sociedade, e tenho certeza de que será capaz de me contar coisas verdadeiras sobre nosso hóspede.

– Tenho certeza que sim, senhorita – replicou Martha, confortavelmente. – E estou certa que irá confirmar o que foi dito. Afinal, você só precisa olhar para ele, alto e bonito, como é. Capitão Wyldfire é um herói de verdade.

– Bem, não precisará ser um herói nesta casa – retorquiu Eve, mal-humorada. Olhou para a caixa de couro vermelha sobre a penteadeira. – O que é isto?

– As safiras de sua santa mãe – replicou Martha. – *Sir* Benjamin ordenou que elas fossem enviadas para você. Quer que as use esta noite.

Eve levou uma das mãos ao pescoço desnudo.

– Vovô... as enviou?

– Sim, senhorita. E insiste que você as use.

Olhou para a caixa. Finalmente, murmurou baixinho:

– Então, é claro que devo usá-las.

NICK ESTAVA de pé perto da lareira na pequena sala de estar e olhou para baixo, vendo as chamas se moverem alegremente no centro. Uma das achas de lenha tinha caído para a frente, e resistiu à tentação de usar o pé para devolvê-la ao lugar. Richard trabalhara arduamente para convencê-lo a vestir aquela sobrecasaca azul-marinho, e a calça na altura do joelho, que era requerida para um jantar formal, e sabia que seu servo confiável consideraria seus esforços desperdiçados se Nick acabasse com cinza em seus sapatos de couro macio ou, pior ainda, em suas meias brancas de seda. Em vez disso, pegou a pinça apropriada para a tarefa e rearranjou as toras de madeira, até que as chamas estivessem começando a consumi-las, avidamente. Endireitou o corpo quando a porta se abriu e srta. Shawcross entrou. Depois do

encontro no caminho de acesso, pensou que estivesse sob controle, mas foi um esforço impedir que sua boca se abrisse quando a olhou. Era uma visão em azul-esverdeado e renda prateada, os cabelos gloriosos presos no topo da cabeça, com um cacho preto brilhante caindo sobre o ombro. Nick sorriu para si mesmo. Tinha ido a Makerham determinado a cortejar Evelina Shawcross, mesmo se fosse corcunda e estrábica. Aquela criatura gloriosa era como um presente dos deuses. Despertava nele tudo que era bom... e ruim! Havia uma expressão perturbada no rosto de Eve quando ela entrou na sala, e ele disse apressadamente:

– Presumo que é aqui que vocês se encontram antes do jantar...

– Está perfeitamente correto, senhor. Lamento apenas que não havia ninguém para recebê-lo.

Ele sorriu.

– Você está aqui agora e isto é tudo que importa. – Ele deu alguns passos à frente para lhe oferecer o braço. As safiras ao redor do pescoço dela brilhavam, realçando a beleza daquele colo elegante. Nick ansiava por tocar aquela pele de aparência sedosa, mas ela era como um animal selvagem, tensa e pronta para brigar. Deveria agir com cautela.

– Srta. Shawcross, você não está feliz com a minha presença aqui.

– Oh... não, eu...

A mão de Eve agitou-se em seu braço, e Nick cobriu-lhe os dedos com os seus. Ela estava tremendo.

– Por favor – murmurou ele –, enquanto estamos a sós, deixe-me dizer isso. Se você prefere que eu vá embora, darei uma desculpa para *Sir Benjamin*...

Eve parou, abaixando os olhos, os longos cílios pretos contra as faces alvas. Nick observou as emoções brincarem naquele rosto bonito, viu a expressão dela se tornar resoluto.

– Você é convidado de meu avô, *Sir*. É desejo dele que fique, e para mim, o desejo de meu avô está acima de qualquer coisa.

– Serei guiado pelos seus desejos, *lady*. Diga-me o que você quer que eu faça – continuou ele suavemente. – Nós tivemos um começo lamentável. Perdoe-me por aquilo, srta. Shawcross, e permita-me mostrar que posso ser um cavalheiro.

Viu o rubor delicado tingir o rosto dela, leu a incerteza nos olhos que encontraram os seus, então sua gentileza foi recompensada com um sorriso tímido.

– Muito bem, capitão Wylder, estou disposta a ser persuadida.

Havia um brilho naqueles olhos castanhos suaves, uma expressão travessa. A tentação de roubar outro beijo era muito forte, mas Nick resistiu. *Não* seria a atitude de um cavalheiro! Em vez disso, escoltou-a para um sofá. Pretendia se sentar ao seu lado, mas quando Eve se sentou, espalhou as saias azuis, cobrindo completamente o assento. Com um sorriso irônico, Nick moveu-se para a poltrona do lado oposto da lareira. Conquistá-la seria um trabalho lento, mas descobriu que gostaria do desafio.

EVELINA ESTAVA cônica de um desapontamento irracional. Estivera convencida de que Nick a beijaria novamente, e seu coração disparou só com esse pensamento. O homem possuía um ar de perigo ao seu redor, uma deliciosa sensação do desconhecido que fazia sua pulsação acelerar. Agora estava, no entanto, determinado a ser um cavalheiro. Ela ficou satisfeita por isso, é claro. Movimentou-se de maneira agitada no sofá, sua anágua de seda se ondulando ao seu redor.

– Seu avô me explicou que vocês moram aqui sozinhos – observou o capitão, acomodando sua grande forma numa poltrona. – Ele me contou que seus pais faleceram quando você era criança. Eu sinto muito.

– Obrigada, mas você não precisa ter pena de mim; isso aconteceu mais de dez anos atrás. Meus pais gostavam muito de viajar e eu era deixada em casa com vovô, de modo que nunca os conheci muito bem. Acho que eram um casal muito inquieto. – O silêncio compassivo de Nick encorajou-a a falar mais. – Foi uma febre; eles estavam no Continente quando foram infectados. – Ela pausou brevemente, então forçou um sorriso. – E sou muito feliz, vivendo aqui com vovô. Nada me falta.

– Você fica muito isolada aqui. Não acha um pouco... solitário?

– Vovô é companhia suficiente para mim – respondeu ela sem demora. – Não tenho desejo por companhia feminina... e já passei da idade de precisar de uma dama de companhia.

Os cantos da boca dele se curvaram num pequeno sorriso.

– Considerando nosso primeiro encontro, tenho de discordar de seu último ponto, srta. Shawcross.

Eve enrubesceu. Ficou aliviada quando a entrada de seu avô proporcionou a distração na hora certa. *Sir* Benjamin entrou, apoiando-se em sua bengala e declarando que deveriam ir diretamente para a sala de jantar.

– Se me sentar aqui, talvez não consiga levantar novamente – explicou ele com uma risada. – Não, não, minha querida, não preciso de seu braço; deixe Wylder escoltá-la.

Andaram lentamente para a sala de jantar, onde Eve encontrou-se sentada do lado oposto de Nick Wylder.

– Pedi que Green rearranjasse a mesa – disse *Sir* Benjamin, interpretando corretamente o olhar de surpresa da neta. – É tolice você se sentar à outra cabeceira, e Wylder aqui, no meio da mesa entre nós. Muito melhor tê-los perto de mim, onde posso ver os dois. Será apenas um jantar aconchegante, Wylder – continuou ele. – Nós não temos nenhum tipo de cerimônia aqui. A comida é simples, mas você não encontrará melhor no município, e isso é graças à Evelina.

–Vovô! – Ela balançou a cabeça para ele.

– Por que a modéstia, querida? É correto que nosso hóspede saiba o tesouro que você é. Ela cuida da casa desde que terminou a escola. – *Sir* Benjamin riu. – Eve só tinha 17 anos na época, Wylder. Eu preferia que ficasse em Londres com as amigas, mas ela não quis. Insistiu em vir para casa, morar comigo. Não que Eve precisasse cuidar da casa, porque temos uma governanta muito eficiente na sra. Harding, mas minha neta estava determinada a cuidar de mim. E assim tem feito, de forma magnífica.

– Não duvido – retornou capitão Wylder. – E quantos anos atrás foi isso, *Sir*?

– Sete – respondeu *Sir* Benjamin instantaneamente.

Enquanto seu avô voltava a atenção para o prato, Eve olhou do outro lado da mesa para Nick Wylder. Ele lhe encontrou o olhar com um sorriso reluzente.

–Vinte e quatro anos – murmurou ele. – Muito velha para uma dama de companhia.

– Assim como para me casar! – retorquiu Eve, antes de sinalizar para o lacaios encher os copos. – Então, capitão, você esteve em Tunbridge Wells. Estava aproveitando as águas medicinais? – acrescentou ela docemente: – Um pouco de artrite, talvez?

Os olhos dele reconheceram o ataque, mas Nick meramente disse:

– Não, estava lá a negócios.

– Oh? E agora que seus negócios estão concluídos, você tem tempo para uma permanência prolongada aqui em Makerham?

Mais uma vez, aquele brilho travesso brilhou nas profundezas dos olhos azuis de Nick.

– Espero concluir os meus negócios enquanto estou aqui.

– E que negócio seria este, *Sir*? – Eve pegou sua taça de vinho.

– Casamento.

Eve engasgou.

– Oh, meu Deus – murmurou *Sir Benjamin*. Então deu um olhar reprovador para seu hóspede. – Eu não planejava abordar este assunto delicado antes de um ou dois dias, *Sir*.

– Então, peço perdão, *Sir Benjamin*, mas considerando a idade avançada de sua neta, não gostaria de perder tempo.

Evelina, ainda se recuperando de um acesso de tosse pelo engasgo, pôde somente arfar. A boca de *Sir Benjamin* se abriu, então o rosto dele se enrugou num sorriso.

– Ah, você está brincando, *Sir*! Eve, minha querida, acho que encontrou alguém à sua altura, aqui. O capitão Wylder é tão brincalhão quanto você!

Evelina forçou um sorriso nos lábios, mas o olhar que deu a Nick Wylder prometia terrível revanche.

Nick voltou a atenção para seu jantar. Estava se divertindo, e muito mais do que havia antecipado. *Sir Benjamin* era um anfitrião atencioso e, apesar de estar confinado a casa por causa de sua saúde precária, era notavelmente bem informado, e a conversa fluía bem. Então havia a srta. Shawcross. Era um misto de força e adorável inocência; um bônus não previsto para seus planos. Nick percebeu, com uma onda de surpresa, que queria saber mais sobre ela.

EVE PEDIU licença após o jantar e foi para seu quarto, escrever uma carta para sua antiga colega de escola. *Ouvi dizer que o capitão Wylder é uma espécie de herói*, escreveu no fim da carta. *Todavia, por mais que seja respeitado como marinheiro, espero que você possa me contar algumas informações sobre o caráter dele como homem.*

– Pronto – disse para si mesma quando selou a carta. – Se conheço um pouco Maria, ficará encantada em descobrir tudo que há para saber sobre o capitão Nick Wylder.

SIR BENJAMIN não permitia que os residentes de Makerham ficassem acordados até tarde da noite, então não foi até a manhã seguinte que Eve viu o hóspede deles novamente. Era seu costume, durante as manhãs de verão como aquele, passear pelos jardins ornados que cercavam Makerham. Abrigada e isolada na base de um vale reflorestado, a mansão era sempre convidativa, mas ficava mais bonita no verão. Eve adorava o modo como as pedras velhas pareciam brilhar, e como a luz dourada do sol reluzia nas janelas, o que dava à casa antiga uma qualidade de conto de fadas. Estava andando pelos caminhos alinhados por lavandas quando ouviu passos no chão de cascalho atrás de si. Virou-se para encontrar o capitão Wylder se aproximando.

– Bom dia, srta. Shawcross. Você acorda cedo.

– Sim. Frequentemente faço uma caminhada a esta hora; os jardins ficam muito bonitos com orvalho ainda nas flores.

– Então me juntarei a você, se me permite?

Após uma breve hesitação, Eve assentiu. Não pegou o braço dele, mas andou ao seu lado, mantendo uma distância segura entre os dois. A pedido de Nick, apontou para as flores mais incomuns e descreveu-lhe a história da construção dos jardins. Quando chegaram ao final, pararam e se viraram, olhando de volta para a velha mansão.

– Este lugar é magnífico – comentou Nick. – Está claro que você ama Makerham.

– É o meu lar.

– Mas é transmitido por herança. – Diante das palavras dele, Eve o fitou, e Nick abriu as mãos. – Seu avô me contou.

– Sim. Quando vovô falecer, a propriedade passará para meu primo, Bernard Shawcross.

– E você terá de ir embora.

Evelina pensou em seu primo, com mãos pegajosas e ar de dominador. Parecia assumir que estava incluída em sua herança. Eve sabia que faria tudo que estivesse em seu poder para evitar tal destino.

– Sim – murmurou ela, calmamente. – Terei de ir embora. – O toque do sino na torre do relógio a fez levantar a cabeça. – Está na minha hora de entrar. Meu avô irá descer em breve.

Nick acompanhou-a de volta para a casa, mas quaisquer planos para cortejar sua pretendente foram destruídos quando ela anunciou que se encontrariam novamente durante o jantar.

– Você não vai tomar seu café da manhã agora, srta. Shawcross?

Ela meneou a cabeça.

– O café da manhã será servido para você e vovô muito em breve, capitão. Irei até o vilarejo de Makerham.

– Não pode esperar por mim? Gostaria de escoltá-la.

Mais uma vez, ela balançou a cabeça em negação. Nick estava convencido de que havia um brilho travesso nos olhos dela.

– Levarei um pouco de comida para os pobres. Não me agradeceriam por levar um estranho para dentro de suas casas. Vovô ficará muito contente em ter sua companhia para o dia – acrescentou ela com um sorriso ensolarado. – E ficarei feliz em saber que ele está entretido.

Nick observou-a partindo, um pequeno sorriso curvando a própria boca. Ela se esquivara, por Deus. Srta. Evelina Shawcross podia ser inocente, mas não lhe faltava inteligência. Conquistá-la seria um desafio. O sorriso de Nick se ampliou. Nunca resistia a um desafio.

## *Capítulo Dois*



– **E**VELINA, MEU anjo, você está sendo enervante!

A repreensão amena de *Sir Benjamin* fez sua neta fitá-lo com olhos arregalados. Estavam sentados juntos na sala matinal, onde Rooney tinha ajudado *Sir Benjamin* a se sentar em sua poltrona favorita e lhe estava pondo um cobertor sobre as pernas. Eve esperou até que o pajem terminasse sua tarefa e saísse da sala, antes de responder:

– Vovô, não tenho ideia do que o senhor está falando.

– Que jogo você está fazendo, Eve? Eu trago o capitão Wylder aqui como um pretendente, e você parece evitar o homem.

– Não, não, vovô, tenho sido muito atenciosa.

– Você se apresenta à minha mesa de jantar, e serve-lhe chá na sala de estar depois – retorquiu *Sir Benjamin*. – Dificilmente um comportamento efusivo, meu anjo. Soube, por Rooney, que você sai de casa antes do café da manhã todos os dias, e não retorna antes do fim da tarde. Subitamente, há tantas famílias aflitas em Makerham, requisitando a sua presença?

– O verão trouxe muitas doenças e febre, *Sir*.

– Então envie Martha com uma cesta de comida, criança. Não quero que você negligencie nosso hóspede.

Eve baixou os olhos.

– Sim, vovô. – Ela roubou um olhar de *Sir Benjamin*, e viu que ele a estava estudando com o cenho franzido. Estendeu as mãos, com as palmas para fora. – Oh, *Sir*, por favor, não fique zangado comigo. É uma novidade tão grande ter um homem estranho dentro de casa que estou levando um tempo para me acostumar.

Podia ter acrescentado que achava o hóspede de seu avô muito atraente para seu gosto, mas decidiu calar-se.

– Bem, considero quatro dias tempo suficiente para você ter *se acostumado*, como colocou a questão. Não nego que o capitão é uma excelente companhia, mas não foi a mim que veio ver. Se você continuar se ausentando, o capitão Wylder pensará que não gosta dele.

– Não é isso, vovô...

– Minha neta querida, sei que isso é muito repentino para você. Quando a levei para Tunbridge Wells alguns anos atrás, tive esperança que você pudesse formar uma aliança, mas não gostou de nenhum cavaleiro, e não pôde ser persuadida a ficar em Londres com suas amigas.

– Não podia deixá-lo, vovô – disse ela rapidamente. – O senhor estava doente, e precisava de meus cuidados.

Ele lhe deu um tapinha nas mãos.

– Seu coração é muito bom, Eve querida, mas eu deveria tê-la obrigado a partir. Aprisionada aqui comigo, você não tem oportunidades de conhecer cavaleiros elegíveis.

– Mas não estou infeliz, *Sir*.

– Esta não é a questão, Evelina. – *Sir Benjamin* inclinou-se para a frente, falando em tom de urgência: – Estou ficando cada vez mais fraco, meu amor. Quando me for, não haverá ninguém para protegê-la. Seu primo herdará Makerham, não há nada a ser feito quanto a isso, mas não gosto dele. Não permitirei que você seja deixada aos cuidados de Bernard.

Ela tremeu diante do pensamento.

– O senhor está certo, vovô. Não acho que gostaria disso.

– Então você irá considerar o capitão Wylder como pretendente?

– Sim, vovô. Se me oferecer casamento, eu irei considerar a proposta. – Eve sorriu. Tinha decidido que não abaixaria a guarda até que recebesse uma

resposta de Londres sobre o capitão Wylder. Agora, com a carta de sua amiga Maria aninhada no bolso, decidira um curso de ação. – Lamento se não fui tão atenciosa com nosso hóspede como o senhor gostaria, vovô. Prometo que estou pronta para entreter o capitão Wylder. Na verdade – acrescentou com uma piscadela –, começarei hoje mesmo.

NICK ERGUEU os olhos da carta que estava lendo quando Richard Granby entrou no quarto.

– Notícias ruins, capitão?

Nick meneou a cabeça.

– Nenhuma notícia em absoluto – respondeu ele. – Infelizmente.

– Sinto muito. – Granby hesitou, e então murmurou suavemente: – E, se eu posso perguntar, como seus planos com a jovem *lady* estão progredindo?

Nick jogou a carta de lado.

– Não estão – disse ele de forma breve. – Pergunto-me se devo desistir e mudar de direção. O almirante quer respostas, e há outros caminhos a seguir, embora nenhum deles seja tão atraente quanto este – acrescentou, torcendo os lábios numa careta.

Uma batida à porta os interrompeu. Sem demora, Nick pegou a carta e guardou-a, enquanto Granby abria a porta. Ouviu um murmurinho de vozes, e virou-se para ver seu pajem se aproximando, um papel dobrado na mão.

– Um bilhete para o senhor, capitão.

– Bem. – Ele esboçou um sorriso lento enquanto lia a carta. – Talvez nem tudo esteja perdido. A srta. Shawcross quer me ver. No jardim.

Nick andou ao longo dos caminhos de cascalho, até chegar a uma alameda ladeada por árvores. No final, havia uma pequena clareira, onde uma estátua do deus grego Pan estava aninhada contra a cerca viva. Do outro lado, bancos pintados de branco tinham sido posicionados para aqueles que desejavam descansar por um tempo em seu recanto. Evelina estava sentada num dos bancos, lendo uma carta. Com a aproximação de Nick, ela olhou para cima e esboçou um pequeno sorriso. Ele fez uma reverência.

– Você queria falar comigo, srta. Shawcross?

Ela gesticulou para o banco oposto, e Nick sentou-se.

– Sim, eu queria, *Sir*. – Os suaves olhos castanhos descansaram no rosto dele. – Você disse, no nosso primeiro encontro, que veio aqui para se casar comigo. Esta é sua verdadeira intenção?

– Um ataque direto – disse ele, com aprovação. – Eu gosto disso.

– Você não respondeu a minha pergunta, capitão.

– Então, sim. Esta é a minha verdadeira intenção, srta. Shawcross.

Ela lhe prendeu o olhar sem hesitação.

– Por quê?

As sobrancelhas de Nick se arquearam. Aquilo era muito direto.

– Está na hora de eu me acomodar. Minha família vem me pressionando para fazer isso desde que eu voltei para casa do mar.

– Mas você não sabe nada ao meu respeito.

Nick lhe sorriu.

– Você é linda, espirituosa, educada... e *Sir Benjamin* me garante que é uma excelente cozinheira. Isso não é o bastante?

Ela baixou o olhar, um delicado rubor tingindo-lhe o rosto.

– Mas você não sabia nada sobre mim quando procurou meu avô em Tunbridge Wells.

Ergueu os olhos novamente, e Nick hesitou. O quanto poderia contar?

– Fui a Tunbridge à procura de *Sir Benjamin* – admitiu ele. – Eu apenas planejava renovar meu conhecimento familiar com ele. Logo percebi que *Sir Benjamin* estava procurando um marido para você. – Um sorriso curvou-lhe os lábios. – Ele pareceu pensar que talvez eu fosse um candidato adequado.

– Está dizendo que *ele* sugeriu isso? – Ela pareceu chocada. – E você concordou em...

Ele abriu as mãos, falando de modo apologético:

– Esta me pareceu uma oportunidade que não podia ser perdida. E estou feliz por ter vindo.

Por um momento, Evelina pareceu encantadoramente agitada, mas logo se recuperou.

– Muito bem, *Sir*. – Ela procurou uma posição mais confortável no banco, e olhou para os papéis que tinha nas mãos. – Vovô pode tê-lo considerado adequado, mas você ainda precisa *me* convencer! Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Nick recostou-se e cruzou uma bota sobre a outra.

– Estou à sua disposição, senhorita.

– Nós já estabelecemos que você é marinheiro, e, ninguém pode negar, um marinheiro corajoso.

– Obrigado – replicou ele, docilmente.

– Mas você tem uma reputação na cidade, capitão. – Ela olhou para a carta. – No ano passado, seu nome estava ligado a sra. Stringham.

Nick piscou. A garota havia levantado informações sobre ele!

– Nós fomos... amigos por alguns meses, sim.

– Pelo que sei, ela é uma *lady* com reputação manchada, de alguma maneira. – Evelina deu de ombros. – Sem dúvida, muito mais interessante para você do que uma garota ingênua.

Engasgou, mas ela não pareceu notar, e estava mais uma vez consultando sua lista.

– Então houve *lady* Alton.

– O que tem ela? – perguntou ele, cautelosamente.

– Foi sua amante, não foi? Você parece chocado, capitão Wylder. Pensei que gostasse do ataque direto.

Nick sentou-se mais ereto. Por Deus, a moça o estava provocando!

– Posso lhe perguntar como você conseguiu estas informações, srta. Shawcross?

Ela abraçou a carta junto ao peito.

– Você pode perguntar, mas não divulgarei minhas fontes.

Ele se inclinou para a frente.

– E o que mais suas... fontes... dizem ao meu respeito?

Evelina estudou as folhas de papel novamente.

– Bem, houve a srta. Brierley, de Rochester. Muitas pessoas pensaram que você a pediria em casamento.

– O quê? Por que a levei a um passeio de carruagem no parque?

– Aparentemente, sim – murmurou ela, sem erguer os olhos da carta. – E Dorothy Chate, a atriz, sem mencionar as dançarinas de ópera...

– Preferiria que nós *não* mencionássemos as dançarinas de ópera!

Ela o olhou com seriedade.

– Desde que você saiu da marinha, sua vida parece ter sido de devassidão,  
*Sir*.

Ele tentou parecer arrependido.

– Por isso, necessito muito de uma esposa para me manter acomodado.

– Não tenho muita certeza se alguém conseguiria mantê-lo acomodado, capitão Wylder. Está dizendo que, se nós nos casássemos, você abriria mão de sua vida libertina?

– Tentaria.

Ele lhe deu um olhar repleto de sentimentos, e notou, com satisfação, o sorriso se formando na boca de Evelina. Ela estava tendo dificuldade em manter o semblante sério.

– Não estou muito certa se acredito em você.

– Sinto que necessito de uma ocupação.

Ela virou a página.

– Meu correspondente me diz que você *tem* uma ocupação.

Nick congelou. Era possível que ela soubesse daquilo?

– Ou *deveria* ter; você deveria estar cuidando de suas propriedades no norte, capitão Wylder, não desperdiçando seu tempo com buscas ociosas.

Nick respirou novamente.

– Não chamaria procurar uma esposa de busca ociosa.

– Capitão Wylder – começou ela seriamente –, não tenho certeza se sou a esposa certa para você.

– Srta. Shawcross, quanto melhor eu a conheço, mais convencido me torno de que você é a esposa *perfeita* para mim!

– Não sou nem um pouco cosmopolita. O que quero dizer é... – Ela enrubesceu novamente, parecendo tão adorável que ele queria atravessar o espaço entre os dois e tomá-la nos braços. – O que vai acontecer se você se cansar de mim? – Quando ele não respondeu, Evelina murmurou baixinho: – Não sou tão ingênua quanto você pode pensar, capitão. Sei que o casamento dos meus pais foi incomum; eles se amavam tanto que faziam tudo juntos, como iguais. – Ela deu um breve sorriso triste. – Eles até mesmo morreram juntos. Não espero isso, mas...

Nick começou a se levantar do banco, então voltou a se sentar. Sabia que qualquer tentativa de confortá-la tinha mais probabilidade de assustá-la e

fazê-la fugir.

– Mas o quê, srta. Shawcross?

O rubor se intensificou no rosto de Evelina, mas ela estava determinada em seu objetivo. Suas palavras foram quase inaudíveis:

– Eu... não quereria compartilhar você com uma amante.

Nick respirou profundamente. Por Deus, admirava a bravura da garota. Agora, deveria honrar tal bravura com uma resposta honesta:

– Srta. Shawcross, apesar de tudo que ouviu ao meu respeito, por favor, acredite que sou um cavalheiro. Se nós nos casarmos, eu lhe dou a minha palavra que você será sempre tratada com respeito, e darei o melhor de mim para fazê-la feliz. Posso lhe prometer que não tenho amante alguma escondida. – Nick riu subitamente. – Agora, o que significa este olhar? Não acredita em mim?

Ela o olhou de modo penetrante.

– Não acho que você entenda, *Sir*.

– Então talvez você possa explicar.

Nick recostou-se, quando ela lhe enviou outro olhar raivoso. Sentia-se mais seguro quando Evelina estava zangada com ele.

– Sempre esperei que vovô arranjasse um casamento para mim, mas pensei que seria com um cavalheiro da região. Alguém...

– Alguém seguro, tranquilo e tedioso – ajudou-a Nick.

– Bem... sim.

Ele abriu as mãos no ar.

– Mesmo os cavalheiros mais corretos e interioranos têm amantes, sabia?

– Mas têm menor probabilidade de ter mulheres caindo aos seus pés – retorquiu ela. Então balançou a carta. – Meu correspondente me diz que *ladies* na cidade grande acham você fatalmente atraente.

– Ela realmente pensa assim?

– Como você sabe que é uma mulher?

– Tenho instintos para essas coisas. Sua correspondente também me acha fatalmente atraente?

– Capitão Wylder, não acho que você esteja levando isso a sério.

– Mas estou! E seu avô já me falou sobre isso.

– Ele... falou?

– Sim. – A consternação de Evelina o fez sorrir. – Essa é uma pergunta que ocorreria a qualquer guardião amoroso. Já assegurei a seu avô que, se eu me casar, minha esposa não terá nada a temer nesse departamento. – Ele pausou. – Saiba que *Sir Benjamin* me aprova. Você não irá ao menos considerar meu pedido de casamento?

Ela lhe prendeu o olhar por um momento, então dobrou os papéis e colocou-os dentro do bolso do vestido.

– Sim, capitão Wylder, irei considerar seu pedido – respondeu ela, calmamente. – Mas não é uma decisão para ser tomada de modo apressado.

– Não, é claro que não.

– Obrigada por ter sido tão franco comigo, capitão.

Quando se levantou, Nick fez o mesmo e pegou-lhe a mão, levando os dedos delicados para seus lábios.

– Espero que tenhamos compreendido um ao outro agora, srta. Shawcross.

– Não tenho certeza se isso aconteceu. – Eve uniu as sobrancelhas numa expressão intrigada. – Ainda não entendo por que você quer se casar comigo, mas deixaremos isso passar, por enquanto. – Ela recolheu a mão e, assentindo com a cabeça num gesto régio, virou-se e partiu.

EVE VOLTOU para seu quarto, pensando sobre o encontro com o capitão Wylder. Ele não tinha negado nenhuma das conexões que Maria Gryfford detalhara na carta, mas parecera cauteloso. Haveria ainda mais amantes das quais não sabia? Eve percebeu que não se importava com quantas amantes tivera no passado; apenas o presente e o futuro importavam. Uma linha da carta de *lady Gryfford* lhe veio à mente. *Se o maravilhoso capitão Wyldfire lhe propôs casamento, então, agarre-o imediatamente, minha querida Eve. Nós todas somos loucas por ele!* Mas por que queria se casar com ela? Nick Wylder não parecia o tipo de homem que se casaria meramente para agradar a família. Então, Eve havia crescido para acreditar que se casaria para agradar seu avô. Seriam tão diferentes assim? Ela pôs os braços ao redor do próprio corpo. Aquela era uma grande decisão... deixar a segurança do único lar que conhecera, e colocar-se sob a proteção de Nick Wylder. Afinal de contas, o que sabia sobre ele? Confiava no capitão?

– Sim – falou em voz alta. – Confio nele. Talvez eu não devesse, mas confio.

– Perdão, srta. Eve, você disse alguma coisa?

Martha entrou no quarto.

– O quê? Oh, não. Estava apenas falando sozinha. Já está na hora de me vestir para o jantar? Acho que usarei meu vestido azul novamente esta noite, Martha.

– Ah, você quer ficar bonita para o capitão, é isso?

– Não seja impertinente!

Eve franziu o cenho para sua criada, mas Martha trabalhava na casa desde que Eve era bebê, e não deixava de falar o que pensava tão facilmente.

– Bem, o que mais alguém pode pensar, quando você e ele estiveram juntos no jardim esta tarde?

– Quem lhe contou?

Martha deu de ombros.

– Sr. Granby mencionou...

– Como ousa fofocar sobre mim?

– Deus do céu, srta. Eve, nós não estávamos fofocando. Sr. Granby mencionou o fato por acaso. E que importância tem isso, de qualquer forma, uma vez que você irá se casar com ele?

– Martha! Quem disse isso?

A criada a olhou.

– Bem, não é verdade?

– Não. Sim... isto é... – Ela se sentou na cama, chorando. – Oh, Martha, não sei o que fazer!

– Você não *quer* se casar com o capitão?

Eve abriu as mãos num gesto de impotência.

– Preciso me casar com alguém.

– E o capitão *é* muito bonito, senhorita.

Eve sentiu-se corando.

– Sim, ele é. Muito bonito.

E excitante, e espirituoso. Eve nunca se sentira atraída por um homem antes. Não que tivesse muita experiência... uma visita curta a Tunbridge sendo o mais perto que estivera de entrar na sociedade, mas possuía muitos

livros. Sabia exatamente como devia ser a aparência de um herói, e, embora os cavalheiros que conhecera em Tunbridge não tivessem correspondido às suas expectativas, foi forçada a admitir que Nick Wylder era a materialização de seus sonhos secretos. O pensamento era um pouco assustador.

– Bem, se você quer a minha opinião, acho que deve ouvir *Sir Benjamin* e fazer o que ele deseja, senhorita – aconselhou Martha. – Ele nunca a decepcionou.

– Eu sei, Martha, mas estamos falando de... casamento. – Ela sussurrou a palavra, subitamente nervosa pelos pensamentos que esta invocava.

– Que Deus a abençoe, esta é precisamente a hora para ser aconselhada por seu avô – insistiu Martha alegremente. – Se *Sir Benjamin* acha que o capitão é o homem certo para você, então é, e com certeza, muito melhor que seu primo Bernard – acrescentou, de repente séria. – E é com quem você irá acabar se *Sir Benjamin* morrer e deixá-la sozinha. Eu vi Bernard a rodeando quando ele esteve aqui numa visita.

– Pare com isso, Martha – Eve estremeceu. – Ademais, ouvi dizer que meu primo está procurando uma esposa rica.

– Bem, talvez ele esteja – opinou Martha. – Mas isso não o impedirá de tentar colocá-la entre os lençóis, com ou sem anel de casamento!

Com esse aviso, ela saiu para ir buscar o vestido, deixando Eve olhando para suas costas com expressão horrorizada.

NO MOMENTO que desceu para jantar, Eve não estava mais perto de tomar uma decisão, mas era muito bem-educada para permitir que seu tumulto interior transparecesse, e cumprimentou *Sir Benjamin* e o capitão com seu usual sorriso calmo. Apesar de sua atitude segura no jardim, naquela tarde, sentia-se um pouco nervosa por encontrar Nick novamente, mas o jeito amigável e educado dele logo a deixou à vontade. Todavia, a sugestão de *Sir Benjamin*, depois do jantar, de que pessoas jovens deveriam dar um passeio pelo jardim, enquanto ainda estava claro, causou-lhe pânico.

– Uma excelente ideia – aprovou Nick, os olhos brilhando, mas ainda assim, gentis. – Venha, srta. Shawcross, dê-me o prazer de sua companhia numa pequena caminhada – Ele se inclinou para mais perto e murmurou: – Não precisa ser nada mais que isso, eu lhe prometo.

Sentindo o sangue quente em suas faces, Eve apressou-se para pegar seu xale, e retornou para encontrar Nick esperando-a no hall de entrada.

– *Sir Benjamin* já se recolheu – informou-a ele quando desceu a escada, indo na sua direção. – Ele pediu que você subisse para vê-lo quando voltar. – Nick estendeu-lhe o braço. – Vamos andar? Não se preocupe – acrescentou, percebendo a hesitação dela. – Nós conversaremos sobre os assuntos mais banais, se você quiser.

A compreensão dele acalmou os nervos de Eve. Ela pôs a mão no braço dele e lhe permitiu conduzi-la para o lado de fora da casa. No começo, falaram sobre o tempo, então livros e música, mas depois que passaram o campo de flores e gramado e entraram num caminho de arbustos, Nick falou subitamente:

– Acredito, srta. Shawcross, que lhe devo um pedido de desculpas. – Ela o fitou e ele continuou: – Parece que *Sir Benjamin* realmente não a preparou para minha visita.

Ela enrubesceu.

– Este não é o tópico banal que você me prometeu, capitão.

– Eu sei, mas você parece muito reservada comigo esta noite. Está tentando decidir se deve ou não se casar comigo, é isso?

– É claro que não! – exclamou ela, assustada. – É... – Eve parou. – Para ser honesta com você, sim – admitiu.

Ele parou e virou-se para ela, capturando-lhe as mãos.

– E o que é tão difícil sobre essa decisão, srta. Shawcross?

Nick ergueu-lhe a mão para seus lábios e começou a beijar os dedos delicados, um por um. Ela observou, hipnotizada.

– Eu, hum...

Ele lhe levantou a outra mão, e, quando terminou com os dedos, seus lábios se moveram para o pulso, enviando uma sensação de choque pela extensão do braço de Eve.

– Não consigo pensar – confessou ela.

Nick levantou a cabeça e sorriu-lhe. Os dedos de Eve ainda estavam formigando, e ela se pegou olhando para a boca dele, tentando imaginar o que o toque daqueles lábios lhe causaria. O sorriso nos olhos azuis se aprofundou. Ele lhe segurou o queixo.

– Às vezes, é melhor não pensar – murmurou ele, e gentilmente levou a boca em direção a boca de Eve.

Foi um beijo muito leve, um mero roçar de lábios, mas mexeu com todos os sentidos de Eve, e quando Nick se afastou, o rosto dela continuou inclinado para cima, convidando-o a beijá-la novamente. Ele a fitou.

– Uma jovem *lady* não deve permitir que um cavalheiro a beije, a menos que ela pretenda se casar com ele – disse Nick.

– Então talvez você tenha tomado a decisão por mim – replicou ela.

Ele riu, colocou a mão de Eve de volta em seu braço, e continuaram a caminhada.

– Não irei coagi-la a nada, srta. Shawcross; esta deve ser uma decisão sua.

– Na verdade, é uma decisão de meu avô – disse ela. – Ou pelo menos, o desejo dele. Mas sua suposição está correta, capitão. Ele não mencionou a sua vinda. Todavia, eu não deveria estar surpresa por isso. Meu avô sempre falou que um dia traria para casa um marido para mim. – Eve suspirou. – Jamais acreditei nele, de verdade.

– Certamente, ele não a manteve trancada aqui durante todos esses anos? – O tom de voz de Nick era um pouco chocado, e ela riu.

– Como uma princesa num conto de fadas? Não, é claro que não. Fui a assembleias no vilarejo de Makerham em algumas ocasiões. E estive em Tunbridge poucos anos atrás.

– Então é claro que você sabe tudo que precisa saber sobre o mundo!

– Sei o bastante para perceber que estou feliz em permanecer aqui em Makerham. Tudo que quero está aqui.

– Está mesmo? Você nunca tem o desejo de saber o que acontece do lado de fora destas paredes?

– Há os novos jornais...

– Não é a mesma coisa! Eles não são cidades pequenas e cidades grandes... países inteiros esperando para ser explorados. Tal pensamento não lhe causa excitação?

O pensamento causava medo em Evelina. Ela se afastou para segurar uma rosa particularmente adorável entre os dedos, inalando sua fragrância enquanto formulava a resposta. Aparte muito poucas lembranças da vida com seus pais, e dos breves anos na escola, Makerham era o único mundo que Eve

já conhecera. O mundo exterior era estranho e cheio de perigos, como a doença que matara seus pais. Sua vida em Makerham era segura; o pensamento de seu primo tomando posse do lugar era algo que não queria considerar.

– Sou muito feliz aqui – disse ela novamente.

Nick andou ao lado de Evelina, as mãos firmemente atrás das costas para impedi-las de puxá-la para seus braços. Ele nunca vira uma noite de verão tão gloriosa; abelhas zumbiam ao redor das plantas, e o aroma de lavanda preenchia o ar. Então havia Evelina. Era linda, mas possuía uma aura de calma ao seu redor, de serenidade. Era como encontrar um porto seguro após semanas de tempestade no mar. Quando ele procurara *Sir Benjamin* em Tunbridge Wells, já tinha formulado seus planos; se era necessário casar-se para alcançar seus objetivos, então estava disposto a cumprir seu dever, mas nunca esperara que *dever* pudesse ser algo tão prazeroso.

Ele parou e virou-a gentilmente para que ela o encarasse.

– Entendo o quanto você adora Makerham, mas consideraria morar em algum outro lugar?

– Acho que devo considerar, *Sir*, uma vez que a casa passará para meu primo, quando vovô falecer.

– Não foi exatamente isso que quis dizer. *Sir Benjamin* me trouxe aqui como um marido em potencial para você. Não sei ao certo o que ele lhe contou ao meu respeito...

– Somente que seu pai era conde. Esta é uma posição muito alta para uma filha de baronete. – O sorriso dela mexeu com os sentidos de Nick. Ele precisou de toda sua força de vontade para não a envolver nos braços e cobrir-lhe o rosto de beijos, mas precisava falar com ela.

– Evelina... Eve, pela nossa conversa esta tarde, você sabe que não levei uma vida inocente, mas eu lhe disse que isso mudará quando eu me casar. Posso uma renda confortável, e duas propriedades no norte. Tenho condições de lhe oferecer férias na cidade todos os anos, se assim desejar. Você terá sua própria carruagem, e podemos comprar uma propriedade perto de Makerham, perto do seu avô, se você quiser.

– Capitão Wylder, ainda é muito cedo para uma decisão!

Ele pôs um dedo contra os lábios dela.

– Talvez, mas faço tudo com precisão, minha querida. Assim que a vi, soube que queria me casar com você. – Nick viu a confusão no rosto dela e parou. Afastou-se um pouco, respirou fundo e murmurou de modo gentil: – Você não precisa responder imediatamente. Apenas quero que entenda o que eu estou lhe oferecendo.

Havia uma leve sombra nos olhos de Eve quando ela o fitou.

– Isso tudo está claro, capitão, mas não entendo o que *eu* posso oferecer a  *você*.

Ele hesitou, então disse em tom de voz leve:

– Creio que você possui a propriedade de sua mãe em Monkhurst.

Ela riu.

– Uma casa em ruínas no limite de Romney Marsh! Adoro o lugar, onde passei alguns momentos felizes quando criança, mas ninguém mais morou lá desde que meus pais morreram. É um dote pobre, capitão Wylder. Lamento, mas sairei ganhando nesta barganha, *Sir!*

Nick sentiu-se alegre. Era quase sua, podia ler isso nos suaves olhos castanhos. Uma felicidade estonteante o abalou. Ele deslizou as mãos ao longo dos braços dela e segurou-lhe os dedos.

– Não, Eve, acho que obterei muito mais do que aquilo pelo que barganhei!

Eve olhou para a cabeça escura abaixada sobre suas mãos. Isso não podia estar lhe acontecendo; quando estava na escola, havia lido romances de cavaleiros bonitos conquistando donzelas em perigo, mas aquilo era fantasia. Ademais, não estava em perigo. Ou estava? Tinha 24 anos, e jamais conhecera um homem com quem quisesse se casar, e provavelmente não conheceria enquanto vivesse em tamanho isolamento. Seu avô estava muito mais fraco do que estivera poucos meses atrás. Se ele morresse enquanto ela ainda estivesse solteira, então o que seria de Eve? A visão de seu primo preencheu-lhe a mente. Nunca apreciara Bernard, sentindo que ele possuía um traço cruel de caráter, que a assustava. E agora, ali estava aquele capitão do mar lindo, propondo-lhe casamento, e ele vinha com a bênção de seu avô. Realmente não havia escolha. Eve percebeu que Nick a olhava fixamente. Precisava falar alguma coisa.

– Quão breve você deseja se casar, capitão Wylder?

Deus, como ela era direta e objetiva.

– Até o final do mês.

– O final do...!

– Sim, não vejo razão para não conseguirmos uma licença especial. Temos tempo para que os proclamas estejam prontos na igreja. Iremos nos casar aqui, é claro. Não tenho dúvida que é isso que você gostaria...

– Mas ainda não concordei com o casamento!

Com uma risada, Nick a puxou para seus braços.

– Não, mas você irá concordar.

Ele estava lhe sorrindo. Eve achou difícil se concentrar, seus pensamentos pareciam centrados na covinha na face esquerda dele.

– O que você irá dizer de um casamento tão apressado?

– Oh, acho que concordará. – Nick a beijou, um beijo ardente que enviou um tremor pelo corpo inteiro de Eve. – O que você me diz, Eve, será minha esposa?

– Mas – ela tentou organizar seus pensamentos confusos –, acabamos de nos conhecer!

– E temos mais de três semanas até o casamento para nos conhecermos melhor. – Ele a beijou novamente. – E então?

Ela saiu dos braços dele.

– Não, não. Isso está fora de cogitação – disse Eve mal-humorada. – Você aparece do nada, grande, ousado e... e totalmente irresistível, e espera que eu concorde em ser sua esposa! Não, *Sir*, eu não farei isso.

Ele se ajoelhou diante dela, abrindo as mãos em suas laterais.

– Evelina, você *quer* se casar comigo?

Ela tocou as mãos sobre a boca para abafar uma risada.

– Levante-se, *Sir*, antes que alguém o veja!

– Não até que você responda minha pergunta.

Evelina o estudou. Os olhos azuis dele brilhavam, e a covinha no rosto bonito estava aparente. Deus, o homem nunca ficava sério?

– Então, Evelina, irá me dar sua resposta?

Uma imobilidade se instalou no jardim. Os pássaros estavam silenciosos, nem um sopro de vento movia os arbustos; o mundo inteiro parecia quieto,

esperando sua resposta. Subitamente, Eve soube que não havia nada que quisesse mais do que se casar com Nick Wylder.

– Muito bem – declarou ela, calmamente. – Eu me casarei com você.

## Capítulo Três



– OH, CÉUS, o que fiz?

Evelina andava de um lado para o outro em seu quarto, as mãos unidas pressionadas à boca. A chegada de um marido em potencial a Makerham não deveria ter vindo como uma surpresa, uma vez que seu avô frequentemente dissera que lhe encontraria um pretendente, e ela o assegurara que agiria de acordo com o julgamento dele. Mas Eve não esperara que tal cavalheiro fosse tão incrivelmente atraente como o capitão Wylder, assim como não havia previsto que ele a pediria em casamento após conhecê-la por tão pouco tempo. Ainda mais extraordinário era o fato que ela aceitara! Eve parou junto à janela. Os últimos remanescentes da luz do dia tinham desaparecido, e o vidro refletia sua imagem como um espelho escuro. Ela sempre pensara em si mesma como uma mulher sensata, equilibrada, então, que loucura a possuía para aceitar a proposta dele, enquanto estava no jardim, com a fragrância das rosas de verão no ar?

– Não, isso não vai dar certo – murmurou Eve em voz alta, voltando a andar pelo quarto. – Amanhã, devo dizer a ele que mudei de ideia... *não* que mudei de ideia – corrigiu-se. – Apenas que quero mais um pouco de tempo para pensar na proposta.

Ela subiu na cama, e apagou a vela, satisfeita por ter resolvido sobre um curso sensato de ação.

– INFERNO E maldição, nós estamos perdidos agora. – Nick removeu seu casaco e entregou-o para seu lacaio. – Eu não planejei isso, Richard!

– Pensei que o objetivo de vir para cá fosse propor casamento à jovem *lady*

– murmurou Richard Granby, dobrando o casaco e pendurando-o cuidadosamente sobre uma cadeira.

– Sim, é claro. Mas eu me comportei como um verdadeiro palerma!

– Mas pelo que entendi, a srta. Shawcross aceitou o seu pedido, capitão.

– Sim, ela aceitou. – Nick sentou-se numa cadeira e deu um suspiro exasperado.

– Então, eu lhe desejo felicidades, *Sir*.

– Deixe de ser insolente! Isso não deveria ter acontecido... ou apenas como um último recurso. – Um sorriso irônico curvou um lado da boca de Nick. – A verdade é que ela mexe comigo, Richard. Ela me derrubou com o primeiro olhar daqueles grandes olhos castanhos, e eu não me recuperei desde então.

– A criada dela me diz que srta. Shawcross é uma *lady* muito talentosa em tudo que faz.

– Sim, ela é. É de se admirar que não tenha se casado anos atrás.

– Martha... esta é a criada pessoal da srta. Shawcross, capitão... Martha diz que ela vive aqui com muito sossego desde que acabou a escola. Com a saúde fraca de *Sir* Benjamin, eles nunca tiveram o hábito de receber pessoas na casa.

Nick deu uma risada curta.

– Então ela ficou aqui esperando durante todos esses anos, como uma Bela Adormecida! Mas o problema é que eu não sou um Príncipe Encantado.

Um leve sorriso surgiu nas feições impassíveis de Richard Granby.

– Se me permite apontar, *Sir*, eu acho que diversas *ladies* discordariam de você a esse respeito.

Nick gesticulou uma das mãos no ar, impacientemente.

– E se ela descobrir o verdadeiro motivo pelo qual eu estou aqui?

– Talvez você deva contar-lhe.

– Ora, Richard, o que a srta. Shawcross pensaria de mim, casando-me para controlar a propriedade dela? Não, seguirei meu próprio conselho. Afinal de contas, mais quatro semanas, e este assunto terá terminado, de modo que não há razão para que srta. Evelina Shawcross saiba de alguma coisa. – Nick passou a mão pelos cabelos. – Mas eu não gosto da ideia de apressá-la para este casamento. Talvez meramente passemos pela cerimônia. Afinal de contas, precisarei voltar para a costa logo depois que o casamento acabar. Dessa forma, se ela descobrir que realmente não pode me tolerar...

– Perdoe-me por dizer isso, capitão, mas toda vez que seus romances acabam, é raramente escolha da *lady* terminar o relacionamento.

– Sim, mas srta. Shawcross é diferente. – Nick se levantou da cadeira e alongou o corpo. – Pegue minha camisola, por favor, Richard. Já deve passar da meia-noite, e está na hora de eu... – Ele parou, franzindo o cenho. – Qual é o problema?

Do corredor do lado de fora de seu quarto, veio o som de sussurros urgentes e passos apressados. Nick foi para a porta e abriu-a. O pajem de *Sir Benjamin* estava andando ao longo do corredor, e pelo brilho do lampião que ele segurava no alto, Nick observou que o casaco do homem estava desabotoado e os cabelos despenteados, como se ele tivesse sido tirado da cama antes da hora. Nick saiu no corredor.

– O que aconteceu, Rooney? – demandou ele.

– É o amo, *Sir*. Ele teve uma de suas crises.

– Posso ajudar de alguma forma? Granby pode montar um cavalo e chamar um médico.

– Obrigado, capitão, mas não. Já mandei um cavaliço ir buscar dr. Scott. Se me der licença, *Sir*, preciso voltar para *Sir Benjamin*. Srta. Eve está com ele, mas não gosto de ficar longe por muito tempo.

– É claro. – Nick deu um passo ao lado, e, depois de observar o pajem desaparecer de visão apressadamente, retornou para seu quarto.

– É o cavalheiro idoso, *Sir*? – perguntou Granby. – Eu ouvi dizer que ele está muito doente.

– Sim, está. Vá ver se há algo que nós possamos fazer, Richard. O homem de *Sir Benjamin* está relutante em *me* perturbar, mas talvez ele seja mais direto com você.

Tendo despachado seu homem, Nick encontrou-se sozinho. Silêncio o rodeou, mas não fez nada para aliviar sua ansiedade. Era um hóspede na casa, mas a ideia de dormir enquanto Eve estava sentada com o avô era impensável. Ele pegou seu casaco. Devia haver alguma coisa que pudesse fazer.

QUANDO EVE saiu do quarto de *Sir Benjamin*, seus olhos ardiam pela falta de sono. Ela carregava uma vela num castiçal para iluminar o corredor escuro e a escada que descia. O arco que levava ao grande salão brilhou com uma luz bem-vinda, e no momento que se moveu para a frente, pôde ver que um fogo tinha sido aceso, e diversas velas queimavam nos castiçais presos às paredes. Nick Wylder estava abaixado diante do fogo, mexendo uma grande panela preta que parecia precariamente equilibrada entre as chamas. Ele endireitou o corpo e virou-se ao ouvir os passos dela se aproximando.

– Fui informada de que você estava aqui, capitão. – Ela gesticulou a cabeça em direção à lareira. – Duvido que alguém tenha cozinhado aí por gerações.

– Ponche – disse ele, sorrindo. – Nada como ponche para restaurar os ânimos no meio da noite.

– Sinto muito se nós o acordamos.

– Não estava dormindo. – Nick estendeu o braço, pegou-lhe a mão e conduziu-se para o sofá em uma das laterais da lareira. – Como está *Sir Benjamin*?

– Mais tranquilo agora. Vovô entra em pânico quando sofre uma destas crises e não consegue respirar, mas o dr. Scott sempre o acalma.

Ela se sentou por um momento, olhando fixamente para as chamas.

– Espero que você não se importe por eu ter acendido a lareira. Sei que é verão, mas de alguma maneira, um bom fogo sempre parece confortante em momentos como este.

– Parece, obrigada, mas você não precisava fazer isto.

Ele gesticulou a mão, dispensando o comentário.

– Os servos estão ocupados com seu amo. Eu não aumentaria a carga deles. – Nick virou-se para a panela no fogo e despejou um pouco de seu conteúdo numa caneca. – Aqui, experimente isto.

Eve curvou os dedos ao redor da caneca quente. Não tinha percebido como estava com frio. Um aroma doce e forte subiu do líquido, e seus olhos se arregalaram.

– Rum. – Nick sorriu. – Prove.

Cautelosamente, ela deu um gole. Estava quente e doce, e o gosto de álcool a fez tossir, mas a sensação que se seguiu foi estranhamente confortante. Nick a observava, e ela conseguiu dar um pequeno sorriso.

– Obrigada. Isto é exatamente o que preciso. Talvez possamos oferecer um pouco para dr. Scott, antes que ele vá embora.

– É claro. Essas crises são uma ocorrência regular?

– Têm sido mais frequentes nos meses recentes.

– Eu não sabia que *Sir Benjamin* estava tão doente.

– Ele esconde bem. Não gosta de pessoas paparicando-o. – Ela leu a pergunta nos olhos dele, e baixou o olhar para a caneca entre suas mãos. – As crises enfraquecem o coração de vovô. O médico diz que nós devemos estar preparados... – Eve não pôde confiar em sua própria voz para continuar, então deu um gole no ponche. Quando olhou para cima novamente, Nick a observava, a fisionomia tão preocupada que ela se pegou sorrindo. – Talvez agora você entenda por que vovô está tão ansioso para me ver casada – acrescentou, entregando-lhe a caneca vazia. – Ele se preocupa com o que será de mim quando se for deste mundo.

Nick acomodou-se ao seu lado no sofá.

– Então, pelo menos, posso aliviar a mente de *Sir Benjamin* no que diz respeito a isso, e talvez no que diz respeito à outra coisa. – Ele pegou-lhe as mãos. – Quando nós nos casarmos, não precisaremos nos mudar para Yorkshire imediatamente. Acho que você preferiria ficar perto de seu avô.

Tais palavras amenizaram uma ansiedade que Eve mal reconheceria. Ela o fitou com intensidade.

– Verdade? Você não se importaria se vivêssemos aqui por um tempo?

– Verdade. Tenho um administrador excelente, que cuida de meus assuntos por um bom número de anos; e continuará fazendo isso por mais um tempo.

– Obrigada. – O alívio e gratidão de Eve eram palpáveis. Sem pensar, inclinou-se na sua direção, e ele a envolveu nos braços. Aconchegar sua

cabeça contra aquele ombro largo era, pensou ela, como chegar em casa depois de uma longa jornada cansativa.

Nick descansou o rosto contra os cabelos sedosos, inalando a fragrância doce e floral deles. Eve parecia tão frágil, tão delicada que ele temia abraçá-la forte demais e quebrá-la. Seu coração entristeceu. Não queria apenas possuir aquela criatura adorável, mas protegê-la também. O sentimento não era familiar, e nem muito confortável. Permaneceram abraçados num silêncio agradável por diversos minutos, enquanto ouviam o tique-taque do relógio alto e os estalos das lenhas queimando na lareira. Ele imaginou se este era o momento certo para se abrir com ela, para se confidenciar. Conteve-se. Aquele era um assunto governamental, e não seu para compartilhar. Eve era tão frágil que Nick não queria adicionar mais preocupações naqueles ombros delgados. Além disso, em algumas semanas, tudo estaria resolvido.

## Capítulo Quatro



– MEUS QUERIDOS, nós estamos aqui reunidos...

A pequena igreja em Makerham parecia lotada. Evelina estava de pé, os olhos modestamente baixos, e perguntando-se como tinha chegado àquilo. Um mês atrás, não houvera pensamento sobre casamento em sua cabeça, então Nick Wylder tinha entrado em sua vida e mudado-a para sempre. Um mês atrás, ela não soubera da existência dele; agora não podia imaginar a vida sem Nick. Com a exceção de alguns dias quando ele havia sido obrigado a ir à cidade a negócios, Nick fora seu companheiro constante na mansão Makerham. Cavalgavam através de alamedas ensolaradas, caminhavam nos jardins e, durante as noites, jogavam cartas com *Sir Benjamin*, ou Eve se sentava num canto com seu bordado, enquanto os dois homens conversavam ou jogavam gamão. A presença energética de Nick preenchia a casa. Eve acordava todas as manhãs sentindo uma deliciosa expectativa, sabendo que estaria esperando por ela. Eles conversavam por horas, embora recordasse pouco *sobre* o que falavam. Ocasionalmente, eles discutiam, e a discussão acabava com Nick puxando-a para seus braços e beijando-a. Jamais conhecera tanta felicidade. Era especialmente gratificante ver a aprovação de seu avô em relação ao seu futuro marido, e nem mesmo os aspectos legais do

contrato de casamento diminuía seu estado de felicidade. *Sir Benjamin* conversava com Eve, com satisfação, sobre dotes e acordos, e Eve não lhe pedia detalhes. Bastava-lhe saber que ele estava feliz. E agora se encontravam na igreja de *Makerham*, parados lado a lado, trocando votos matrimoniais. Um conto de fadas. Alguns podiam dizer que aquilo era bom demais para ser verdade. Eve precisava se beliscar constantemente para acreditar em sua boa sorte. O irmão de Nick, o conde de *Darrington*, tinha ido para atuar como padrinho. Eve achou que a expressão do conde havia sido desaprovadora, mas ele a cumprimentou com gentileza, e até mesmo a beijou quando ela saiu da igreja nos braços de seu marido. Seu marido. Uma onda de excitação a percorreu.

– Então você é minha irmã agora. – O conde sorriu, suavizando a expressão sombria, e de repente se parecendo muito mais com Nick. – Bem-vinda à família, minha querida *Evelina*. Espero ansiosamente pelo dia que eu possa lhe dar as boas-vidas a *Wylderbeck Hall*. É um longo caminho ao norte, mas Nick lhe dirá como a jornada vale a pena. Gostaria que não precisasse partir imediatamente após o café da manhã do casamento, mas é necessário. Se Nick tivesse nos avisado de suas núpcias com mais antecedência, nós teríamos tido tempo de nos conhecer melhor...

– E deixar você tentar conquistá-la, irmão? – brincou Nick. – Eu queria me certificar de *milady* primeiro!

O sorriso do conde foi um pouco tenso.

– Cuide dela, Nick. E leve-a ao norte muito em breve, de modo que ela possa conhecer o resto do clã.

– Gostaria muito, milorde. – Eve deu um olhar interrogativo para Nick.

– Eu a levarei assim que possível, irmão. Nossos planos são um pouco incertos no momento; ficaremos em *Makerham* por algumas semanas ainda.

– A saúde de meu avô não está boa – explicou Eve. – O casamento foi um grande esforço para ele, embora estivesse determinado que a cerimônia fosse realizada aqui.

Nick pôs a mão sobre a dela.

– Eu disse que não a levaria embora de *Makerham* até que seu avô esteja melhor. Você tem a minha palavra quanto a isso.

Ela assentiu e inclinou-se contra ele, absorvendo conforto da presença de Nick ao seu lado. Ambos sabiam que havia pouca chance de seu avô ficar mais forte. Eve não queria considerar o resultado mais provável, mas estava lá, não falado, e Nick entendia. A mensagem estava nos olhos dele, enquanto a fitavam agora. Eles não partiriam de Makerham enquanto *Sir Benjamin* precisasse dela.

– APENAS LAMENTO que mais pessoas de sua família não puderam estar presentes – disse ela mais tarde, quando eles estavam parados à entrada da mansão Makerham, prontos para receberem seus convidados no café da manhã do casamento.

– Não lamente – Nick riu. – Teriam transformado nossa pequena celebração numa ocasião tumultuada! Darrington é o sério da família, todos os outros são farristas e agitadores, como você verá quando eu a levar a Yorkshire para conhecê-los!

– Tenho certeza que não são tão ruins quanto você diz. Na verdade, há algumas pessoas de minha própria família que preferia não ter visto aqui – murmurou ela, direcionando a atenção de Nick para um cavalheiro alto de sobrelhas grossas, que estava se aproximando deles. Eve levantou a cabeça, aumentando o tom de voz: – Capitão, posso apresentá-lo ao meu primo, sr. Bernard Shawcross?

O sr. Shawcross tirou o chapéu e fez uma reverência tão exagerada que seu nariz quase tocou os joelhos.

– Nós nos conhecemos na cidade, prima. Deixe-me lhe dizer, capitão Wylder, que você andou mais depressa que eu; sempre foi meu desejo casar-me com minha adorável prima Evelina.

Ela lhe deu um sorriso doce e falso.

– Uma pena então que você não me informou do fato, primo.

– Ah, mas não queria privar *Sir Benjamin* de sua companhia mais devotada – veio a resposta em tom de voz suave.

– Oh? – murmurou ela. – Pelo número de vezes que eu li seu nome nas colunas sociais dos jornais de Londres, pensei que estivesse muito ocupado caçando herdeiras para pensar em *mim*. Uma pena que não teve sucesso até

agora, Bernard. – A boca dele se comprimiu em desprazer, e o sorriso de Eve se ampliou.

– Meras fofocas, Evelina – replicou ele brevemente. – Fico surpreso que você dê atenção a tais mexericos.

– E você veio diretamente da cidade hoje, *Sir*? – perguntou Nick.

Bernard Shawcross meneou a cabeça.

– Estou atualmente hospedado com amigos, perto da costa. Lamento, prima, mas tenho compromissos que não posso cancelar, e voltarei para Sussex pela manhã. Eu lhe deixarei meu endereço, caso você precise de mim.

– Obrigada, Bernard, mas não imagino que nós algum dia *precisaremos* de você – murmurou ela. – Todavia, não vamos discutir; eu lhe dou as boas-vindas, primo. Estamos encantados por você ter honrado nosso casamento com sua presença.

– Isso era o mínimo que eu podia fazer, Evelina, apesar de o evento ter acontecido com... pressa absurda.

O sorriso dela se ampliou diante da óbvia irritação dele.

– Nós estamos meramente atendendo os desejos de vovô – retornou Eve friamente. – Você já falou com ele? Não? Então talvez deva fazer isso agora, enquanto ele está livre – acrescentou calmamente, então se virou e distanciou-se. Não faria mal algum bancar a herdeira obediente de vez em quando.

Nick assobiou baixinho.

– Lembre-me de nunca ficar contra você, minha esposa – murmurou ele.

– Certa época, Bernard vinha a Makerham com frequência, pedindo que vovô lhe adiantasse dinheiro de sua herança. Felizmente, não apareceu no último ano, então posso apenas supor que Bernard aprendeu a viver com seus próprios recursos.

– Isso ou ele achou uma fonte adicional de renda – observou Nick. – Note que o paletó dele é de tecido e corte impecáveis, o que somente é obtido a certo preço.

– Não me importo como ele ganha dinheiro, contanto que fique longe de Makerham. – Eve deu de ombros. – Não posso gostar de Bernard, cujos modos comigo sempre foram... possessivos, e desgosto do jeito que bajula vovô, como se estivesse preocupado com o bem-estar de *Sir Benjamin*,

entretanto, depois que vai embora, nunca escreve para perguntar sobre a saúde de vovô... mas talvez eu dê muita importância a isso.

– Você não precisa mais se preocupar com seu primo, querida. Eu não permitirei que ele a perturbe. – Nick apertou-lhe os dedos. – Venha, minha querida, todos os convidados já chegaram, e acho que podemos tomar nossos lugares à mesa.

Fizeram a refeição no grande salão decorado para o evento com guirlandas de flores de verão. Embora fosse a noiva, Eve também era a anfitriã, e era seu dever anunciar os vinhos para as pessoas e direcionar a atenção delas para os pratos de carnes frias e saladas, disponíveis sobre o aparador. Também tinha de observar os servos para se certificar que nenhum convidado fosse negligenciado. Com tantas tarefas a fazer, havia pouco tempo para reflexão. Não foi até que a refeição estivesse acabando que Eve se permitiu pensar sobre a noite à sua frente. Sua noite de núpcias.

– TUDO SAIU muito bem, eu acho – declarou *Sir Benjamin* quando a última das carruagens partiu. – Eu desejaria, contudo, que nós tivéssemos convidado pelo menos algumas das pessoas de nossa família para ficar aqui.

Eve foi para o lado da cadeira de seu avô.

– O senhor sabe que nós não poderíamos ter acomodado mais do que poucos de nossos convidados... e teríamos sido obrigados a oferecer um quarto para Bernard, algo que certamente não gostaria de fazer.

– Você está certíssima, minha querida. Ficarão muito mais confortáveis em *White Hart*. Ah, e aí está *Rooney*, chegando para me levar ao meu quarto. Boa noite, meu anjo. Boa noite, capitão *Wylder*. Foi um dia tão cansativo que acho que dormirei bem.

Enquanto observava seu avô saindo da sala, apoiado pesadamente sobre o braço do pajem, Eve teve um momento de pânico. Pela primeira vez naquele dia, estava sozinha com seu marido. Não houvera momentos desconcertantes nas noites anteriores; ela meramente lhe desejara boa-noite, e eles haviam seguido caminhos separados, mas esta noite sabia que o quarto com sacada ogival envidraçada fora preparado para eles. Era o quarto principal da casa, e, segundo a lenda, *Henry VIII* dormira lá. Sob as instruções de *Sir Benjamin*, o cômodo tinha sido limpo, e a enorme cama arrumada com novos lençóis de

linho. Eve experimentou uma vontade louca e súbita de perguntar a Nick se ele gostaria de jogar uma partida de gamão.

– Nós devemos nos recolher – disse ele gentilmente. – Sua criada a estará esperando para colocá-la na cama, e Richard também irá me procurar; não devemos desapontá-los. – Nick pegou-lhe as mãos e levou uma, depois a outra, aos seus lábios. Mesmo aquele pequeno gesto fez os joelhos dela tremerem. – Agora vá, minha querida. Mande avisar quando você estiver pronta para mim.

EVE ENCONTROU Martha andando em volta do quarto ogival. Sua nova camisola de linho estava estendida sobre o colchão. Parecia pálida e insignificante contra o veludo vermelho das cortinas que rodeavam a cama. Eve estremeceu.

– Martha, não sei o que fazer – sussurrou ela com desespero.

Sua criada riu.

– Com vocês dois apaixonados desde que o capitão Wylder chegou? Você não terá problemas. Deixe tudo por conta do capitão. Agora, srta. Eve, deixe-me ajudá-la a remover seu vestido.

*Mande me avisar quando você estiver pronta*, Nick tinha dito. Talvez não devesse avisá-lo de nada. Teve o louco pensamento de trancar as portas e passar a noite sozinha, mas sabia que não poderia fazer isso. Afinal de contas, a decisão não era sua. Uma vez que Martha lhe vestiu a camisola e penteou seus cabelos, deixando-os soltos sobre os ombros, ela reuniu suas roupas.

– Pronto. Está tão bela quanto uma pintura, senhorita. Mandarei avisar o capitão que você o espera. Devo acender as velas antes de sair do quarto?

– Não. – A noite de verão se aproximava, mas não estava escuro ainda. – Deixe-as apagadas.

Do lado de fora da janela aberta, Eve podia ouvir um pássaro noturno cantando. Seus nervos estavam à flor da pele, e cada som parecia mais alto, mais agudo.

*Não estou pronta para isso*, pensou Eve subitamente. *Nick Wylder é um estranho*. Ela passou os braços ao redor de seu corpo, fechando os olhos para visualizar o rosto dele em sua mente. Visualizou-o sorrindo-lhe com aquela

expressão compreensiva e calorosa nos olhos, e seu pânico diminuiu. Nick não era um estranho. Em seu coração, ela sempre o conhecera.

NICK FICOU parado à porta e olhou para a pequena figura junto à janela. Estava de costas para ele, a cabeça baixa, como se em prece.

– Eve? – ele falou o nome baixinho.

Ela teve um sobressalto e virou-se. A iluminação vinda da janela criava uma auréola em volta dos cabelos que cascateavam soltos sobre os ombros delgados. Ele podia ver cada curva deleitosa através do tecido fino da camisola. A visão o inflamou, despertando o desejo que vinha mantendo sob controle pelas últimas quatro semanas. Sua respiração ficou presa na garganta. Por Deus, como a queria! Ao atravessar o quarto, viu como estava nervosa. Sentiu um desejo desesperador de lhe contar tudo, mas não ousou. Ainda não. Precisava se controlar, ganhar tempo enquanto não consumassem o casamento. Então poderia libertá-la, quando tudo tivesse acabado e o perigo tivesse passado. Explicaria por que havia sido tão necessário casar-se com ela de maneira tão apressada, e depois, se Eve quisesse ser sua esposa, que assim fosse, mas esta deveria ser uma escolha dela. Nick lhe devia isso. Aproximando-se, colocou as mãos gentilmente sobre os ombros dela. Os olhos de Eve, escuros e luminosos no rosto alvo, procuraram tranquilização nos seus. A boca de Nick estava seca; subitamente *ele* estava ansioso. E se lhe partisse o coração?

– Eve, nós não precisamos fazer isso esta noite...

Ela pôs os dedos contra a boca dele.

– Quero fazer isso, Nick. Quero muito – murmurou ela, então, segurando-lhe os ombros, colocou-se na ponta dos pés e beijou-o.

Nick sentiu o toque dos lábios dela, e estava perdido.

Evelina maravilhou-se com a própria audácia, todavia, quando vira a preocupação nos olhos de Nick, suas próprias dúvidas haviam desaparecido, e quisera desesperadamente confortá-lo. Sentindo braços fortes a envolverem, ergueu os braços para lhe circular o pescoço. Enquanto Nick correspondia ao seu beijo com fervor crescente, os lábios de Eve se entreabriram para permitir que a língua dele explorasse o interior de sua boca, acendendo e agitando o fogo que queimava em sua barriga. Ele estava usando um roupão estampado,

mas através da seda pesada, ela podia sentir-lhe o corpo rígido contra o seu, e experimentou uma incrível sensação de poder, mesmo enquanto ele lhe tirava os pés do chão e a carregava para cama. Eve estudou-lhe o rosto, observando cada linha e sombra, a curva intencional dos lábios e a cor profunda dos olhos... olhos que eram quase escuros e que a fitavam agora, fazendo-a tremer diante da paixão evidente em suas profundezas. Nick deitou-a sobre as cobertas, e ela estendeu os braços, querendo beijá-lo novamente, mas ele resistiu, enquanto desamarrava o cinto de seu roupão. Os olhos de Eve se arregalaram quando ele deixou cair o roupão. Ela esperara que ele estivesse usando uma camisola masculina, e a visão do corpo nu a surpreendeu. Nervosa, passou a língua sobre os lábios. Nick abaixou-se suavemente na cama ao seu lado, medindo sua extensão contra a de Eve, apoiando-se em um dos braços, enquanto usava a mão livre para lhe acariciar o rosto com gentileza.

– Você é tão linda – murmurou ele. – Mais do que eu poderia ter imaginado.

Eve engoliu em seco.

– Você também é o homem mais bonito que já vi – ela conseguiu falar com um sorriso trêmulo e tímido.

Nick abaixou a cabeça, capturando-lhe os lábios novamente, enquanto suas mãos se moviam sobre ela, acariciando-lhe o corpo através da camisola fina. As mãos de Eve estavam explorando também, deslizando pelos braços de Nick, massageando-lhe os ombros, traçando-lhe a coluna. O corpo dele era suave e firme sob seus dedos, os músculos se ondulando abaixo da pele. Os beijos de Nick se aprofundaram, e o desejo de Eve aumentou. Ela queria um contato mais próximo entre os dois; mesmo a seda fina de sua camisola entre eles era demais. Afastou-se e se sentou, lutando para remover a última peça de roupa que a separava de Nick. Após uma breve hesitação, ele a ajudou, a respiração tão ofegante quanto a dela. No momento que Eve ergueu os braços para tirar a camisola sobre a cabeça, sentiu mãos grandes capturando sua nudez. Erguendo-lhe os seios, ele enterrou o rosto na suavidade deles. Gemendo, ela libertou-se do tecido de seda, e eles tombaram juntos sobre as cobertas numa confusão de braços e pernas.

Os lábios de Nick subiram pelo seu corpo, chegaram à boca, tomando-a num beijo apaixonado e exigente, enquanto mãos fortes em sua pele faziam com que Eve se contorcesse de modo descontrolado. Ela inclinou a cabeça para trás, estremecendo com surpresa e deleite quando uma das mãos de Nick se moveu para entre suas coxas, apartando-as gentilmente. Ela se arqueou sob os dedos exploradores, movendo-se contra eles, sem saber por que, apenas ciente da dor em seu centro e das sensações prazerosas que ele despertava bem em seu interior. Nick beijou-lhe o pescoço; ela sentiu os lábios quentes brevemente em sua clavícula, então eles se fecharam sobre um mamilo ereto e ela gemeu. O prazer era tão intenso que Eve pensou que pudesse desmaiar. Estava planando, voando e caindo... tudo ao mesmo tempo. Suas mãos o agarraram, seus dedos enterrando nos ombros largos quando um primeiro espasmo a abalou, depois um segundo. Experimentou um momento de pânico quando aqueles dedos deliciosos a abandonaram e Nick cobriu-lhe o corpo com o seu e penetrou-a. Eve deu um gritinho e ele congelou. Desesperada, ela pressionou-se contra ele.

– Não, não, não pare – sussurrou ela.

Ouviu Nick dar uma risada trêmula.

– Não acho que poderia, mesmo se quisesse.

O sangue pulsava nos ouvidos de Eve, fervendo através de seu corpo enquanto eles se moviam juntos. A onda de prazer tinha diminuído, mas estava se construindo em seu interior novamente. Ela imitou os movimentos de Nick, deslizando as mãos pelas costas musculosas, acompanhando-lhe o ritmo quando este acelerou, a onda de prazer inundando-a cada vez mais, até que, finalmente, quando ela pensou que poderia morrer de prazer, a onda alcançou sua máxima altura e estourou. Eve ouviu um grito, mas não sabia se tinha vindo de si mesma ou de Nick. Ele enrijeceu o corpo inteiro, antes que relaxassem juntos, tremendo e ofegando.

PERMANECERAM DEITADOS lado a lado sob a colcha de seda, os dedos entrelaçados. A luz do dia tinha acabado agora, substituída pela iluminação prateada da lua, que enviava um brilho mágico sobre seus corpos nus.

– Nick? – Eve apoiou-se sobre um cotovelo e o fitou. Seu coração balançou. Este homem bonito podia ser realmente seu marido? Era possível

que ele a amasse, e que ela o satisfizesse? Gentilmente, roçou a mão nos pelos pretos macios sobre o peito largo. – Era... era assim que deveria ter sido? Foi, quero dizer, eu fui...?

Ele lhe cobriu a mão que estava sobre seu peito. Então, sorriu-lhe.

– Você foi magnífica, Eve. Sou um homem de muita sorte.

Ela enrubesceu com deleite. Ele ergueu o braço, curvou os dedos ao redor do pescoço dela e começou a puxá-la para si.

– Na verdade – sussurrou ele –, acho que deveríamos tentar isso novamente, apenas para ter certeza...

## *Capítulo Cinco*



EVE ACORDOU na manhã seguinte ao som dos cantos dos pássaros do lado de fora de sua janela. Quando seu estado sonolento dissipou-se, e as lembranças da noite anterior retornaram, uma deliciosa sensação de bem-estar se espalhou pelo seu corpo. Estendeu um braço, esperando sentir Nick ao seu lado, mas estava sozinha na cama. Abriu os olhos. Nick estava em pé perto da janela. Com o sol da manhã atrás dele, ela não podia ver-lhe o rosto, mas sabia que ele a observava.

– Nick?

Quando ele se aproximou da cama, Eve notou que Nick estava vestido para cavalgar, já de botas e esporas.

– Não quis acordá-la. Você parecia tão tranquila.

– Você vai sair? Não pode esperar por mim para que eu o acompanhe...

– Isso não é possível – murmurou ele, sentando-se na beira da cama e pegando-lhe a mão. – Preciso viajar por alguns dias. O mensageiro chegou esta manhã de Hastings. Sinto muito, meu amor, mas negócios requerem minha atenção urgente.

Eve sentou-se.

– Hastings! Que negócios podem ser tão importantes que o levam para longe tão em seguida do casamento? – demandou ela.

– Ainda não posso lhe contar.

– Oh, mas...

Nick pôs um dedo em seus lábios e meneou a cabeça.

– Quietinha, minha querida. Você deve confiar em mim.

Nick ainda estava lhe sorrindo, mas havia alguma coisa nos olhos azuis que a fez pausar, que a fez engolir as diversas perguntas que queria lhe fazer. Nick inclinou-se para beijá-la, muito gentilmente.

– Apenas negócios muito urgentes poderiam me separar de você neste momento – disse ele. – Pode acreditar?

Ela assentiu, repentinamente se sentindo inundada de tristeza. Aquilo não era nada incomum, disse a si mesma. Cavalheiros não discutiam assuntos de negócios com suas esposas. Ela tremeu, de súbito ciente de sua nudez. Nick atravessou o quarto para pegar seu penhoar de seda cor de damasco. Eve saiu da cama e vestiu-o, concentrando-se em amarrar a faixa, de modo que não precisasse olhar para cima. Nick estendeu os braços para tocá-la.

– Sinto muito, querida.

Quando ele a abraçou, Eve descansou a cabeça contra o peito largo, esforçando-se para não chorar.

– Quão breve você vai voltar?

Nick apertou os braços ao seu redor.

– Não sei. Dentro de uma semana, se tudo der certo. Mais tempo, se não der.

– E... não pode me contar que negócios são esses que levam você para longe de mim? – Eve sabia que ele não ia lhe contar, mesmo enquanto fazia a pergunta. Ele lhe segurou o queixo e inclinou-lhe a cabeça para cima. Ela encontrou-lhe os olhos, piscando para clarear a própria vista das lágrimas que ameaçavam escorrer.

– Preciso lhe pedir que confie em mim, meu amor.

– Confio – disse ela com veemência.

Nick a beijou.

– Então, fique aqui, mantenha-se segura para quando eu retornar.

Eve estremeceu de repente, e sentiu uma vaga premonição de perigo.

– Promete que você *irá* retornar?

Ele riu, os olhos azuis brilhando.

– Minha adorável menina, é claro que retornarei! – Nick beijou-a, e ela se inclinou contra ele, retornando seus beijos e desejando que a erguesse nos braços e a carregasse para cama para um último ato de amor antes que partisse. Seu desapontamento quando ele a afastou com gentileza foi tão forte que quase a fez chorar. – Eu preciso ir agora, querida.

– Não pode me dar dez minutos para eu me vestir? Eu gostaria de descer e me despedir de você. – Ela notou a hesitação de Nick, e acrescentou em tom de voz baixo: – Por favor, Nick.

Ele cedeu.

– Muito bem. Dez minutos.

Nick observou-a sair do quarto, a cabeça erguida. Uma onda de ternura o envolveu. Eve não podia entender por que precisava ir, entretanto, não havia lágrimas, ou acessos de raiva. Nick lhe pedira que confiasse nele, e ela confiara. Ele ergueu uma das mãos, abriu a boca para chamá-la, mas alguma coisa o impediu de fazer isso. O momento foi perdido; ela havia saído e fechado a porta.

– Melhor assim – disse a si mesmo. – Quanto menos Eve souber sobre esse assunto, melhor.

UM POUCO mais de dez minutos depois, Eve acompanhou Nick para o lado de fora da casa, tentando não se agarrar ao braço dele com muita força.

– Você poderá me escrever, *Sir*? – Ela tentou manter o tom de voz leve.

– Tentarei, mas talvez não seja possível, se eu estiver muito ocupado – Nick ergueu-lhe uma das mãos para seus lábios. – Seja forte por mim, meu amor, até que eu retorne.

Olhando para o rosto sorridente de Nick, Eve lembrou-se da primeira impressão que tivera dele; um aventureiro, um homem que procurava perigo. Seus dedos subitamente lhe apertaram a mão.

– Você será cuidadoso?

Nick deu uma risada alegre.

– Querida, sou sempre cuidadoso! – Com um último aperto na mão dela, ele se virou e montou seu cavalo preto com agilidade. – Granby irá me seguir

com a carruagem em aproximadamente uma hora. – Ele lhe sorriu, os olhos brilhando. – Não quero ouvir que você caiu em tristeza, querida.

Ela forçou um sorriso.

– Não sou uma criatura tão fraca, *Sir*. Irei me manter ocupada até seu retorno. – O sorriso caloroso de Nick tocou-lhe o coração.

– Boa garota. Avance, *Admiral*! – Ele levantou seu chicote numa saudação enquanto se virava e saía galopando.

Eve observou-o da pequena ponte, até que Nick estivesse fora de vista, então, com um suspiro, voltou para dentro da casa. Havia um vazio doloroso em seu peito, e ela sentia um desejo desesperador de dar vazão às lágrimas. Olhou para o relógio no grande salão; ainda era muito cedo. Estava casada a menos de 24h, e seu marido já lhe dera mais prazer e mais dor do que Eve jamais conhecera.

QUANDO EVE se juntou a *Sir Benjamin* na sala matinal algum tempo depois, ele lhe estendeu a mão.

– Rooney me contou que Nick foi chamado para uma viagem, meu anjo. Isso é uma grande pena, mas significa que eu a tenho só para mim.

Ela sorriu enquanto lhe segurava os dedos estendidos.

– O senhor realmente tem, vovô.

– E você está feliz com o marido que eu lhe encontrei, minha querida?

Ela lhe sorriu.

– Tem alguma dúvida quanto a isso, *Sir*?

– Não, meu bem. Você estava irradiando felicidade nas últimas semanas. – *Sir Benjamin* suspirou. – Mas sentiremos a falta dele. Nick Wylder é um camarada muito cheio de vida... Wyldfire, eles o chamam, quando ele está no mar. – Seu avô riu. – Ele certamente deixa a casa iluminada com sua energia! E entreteve a nós, da realeza, não foi, minha querida?

– Sim, *Sir*, e enquanto ele estiver fora, nós devemos entreter um ao outro – disse Eve de maneira animada. – Está um lindo dia, vovô. Que tal dar um passeio comigo pelo jardim? Eu gostaria que o senhor visse os canteiros; as rosas estão particularmente fragrantes agora. Rooney lhe dará seu braço...

– Acho que não, querida. Minhas pernas não estão muito fortes hoje.

– Então permita-me trazer o tabuleiro de gamão para a sala matinal. Sei que as habilidades de Nick são superiores às minhas, mas eu também não jogo nada mal.

*Sir Benjamin* deu-lhe um tapinha na mão.

– Agora não, Evelina. Estou muito cansado. Acho que eu gostaria de descansar aqui no sol por um tempo.

– É claro, vovô. – Ela se inclinou para lhe beijar o rosto. – Tenho muitas coisas para fazer. Andei negligenciando minhas tarefas domésticas recentemente.

*Pobre vovô*, pensou Eve enquanto saía da sala. *Ele sentirá quase tanta falta de Nick quanto eu.*

EVELINA MANTEVE-SE ocupada. Mergulhou mais uma vez na vida de Makerham, pois ainda era a dona do lar, e permaneceria sendo até que Nick voltasse e a levasse para cuidar das casas dele no norte. Durante as noites longas e solitárias na cama imensa, ela reprimia seus desejos com pensamentos sobre sua nova vida longe do único lar que tinha conhecido. Ficaria triste de deixar seu avô, é claro, mas o pensamento de se mudar não a assustava. Com Nick ao seu lado, sabia que não precisava ter medo de nada. Uma semana já se passara, e não havia carta de Nick, apenas um bilhete rabiscado às pressas, dizendo-lhe que se ela precisasse dele, poderia deixar recado na Hospedaria Ship em Hastings. Eve era filosófica sobre isso; seu avô tinha sido um correspondente muito pobre na época que ela estivera na escola, às vezes um mês se passava sem uma carta, e então, quando esta chegava, não era mais do que algumas linhas rabiscadas com pressa. Ela não choraria. Além disso, algo muito mais sério a preocupava no momento. A saúde de *Sir Benjamin* estava piorando cada vez mais. Eve mandou chamar o médico, e desceu a escada correndo para recebê-lo, assim que ele chegou.

– Obrigada por vir tão prontamente, dr. Scott.

– Isso não é incômodo algum, srta. Eve... quero dizer, sra. Wylder – respondeu o médico, um sorriso nos olhos gentis. – Agora, diga-me, qual é o problema com o meu paciente? São as pernas dele novamente?

Eve assentiu.

– Está reclamando de dores no peito, também. Desde o casamento, vovô não saiu de dentro da casa – disse ela, enquanto o escoltava para o quarto de seu avô no andar de cima. – No começo, eu pensei que ele estivesse um pouco cansado de todas as celebrações, mas esta última semana, ele quase não saiu da cama. E está comendo tão pouco.

– Bem, leve-me até ele, sra. Wylder, e verei o que posso fazer.

Eve estava ocupada, arranjando um vaso de rosas no grande salão quando o médico veio à sua procura.

– Pensei em levar estas flores para vovô – murmurou ela, enquanto ele descia a escada. – Gosta tanto de flores, e o perfume destas é encantador. – Seu sorriso desapareceu quando ela olhou para o rosto do médico. – Imagino que não tenha boas notícias, dr. Scott?

– Você deve lembrar-se que ele é um homem idoso – disse o médico gentilmente. – E um homem muito doente.

– Eu sei – respondeu ela. – Sinto-me muito grata por vovô estar comigo há tanto tempo...

– Eu sempre achei que ele estivesse determinado a continuar vivendo por sua causa. Agora que você está casada...

– Oh, por favor, não diga isso! – exclamou Eve, em tom de desespero.

– Não, bem, talvez não. – Dr. Scott deu-lhe um tapinha no ombro. – Vá vê-lo, minha querida. Leve as flores para ele. Voltarei amanhã.

– VOVÔ, EU lhe trouxe algumas flores. Uma vez que não pode ir ao jardim, o jardim deve vir até o senhor. Eu as colocarei aqui, perto da janela, onde o senhor possa vê-las. Pronto, não são lindas?

*Sir Benjamin* deu um pequeno sorriso. Encontrava-se recostado sobre diversos travesseiros, mas seus olhos estavam fechados. Parecia magro, pálido e muito frágil em seu barrete e camisola. Eve aproximou-se da cama e pegou-lhe uma das mãos.

– O senhor não vai olhar para as rosas, vovô?

Ele abriu uma fresta dos olhos.

– Muito bonitas – murmurou. – Perdoe-me, meu anjo. Eu pareço estar sem fôlego.

– Então não o desperdice com palavras – sussurrou ela. – Eu ficarei aqui sentada do seu lado. Nós não precisamos falar.

NO MOMENTO que o dr. Scott retornou na manhã seguinte, estava tudo acabado. Evelina o recebeu com um xale preto ao redor dos ombros. Seus olhos, ela sabia, estavam vermelhos e inchados pelo choro, mas ela não se desculpou.

– Oh, minha querida. – Ele lhe pegou as mãos.

Evelina levantou a cabeça um pouco mais.

– Foi muito tranquilo – disse ela. – Rooney e eu estávamos com ele.

– Fico contente, pois vocês eram as duas pessoas que mais o amavam. Seu avô gostaria disso. Mas o que você fará agora? Não deve ficar aqui sozinha.

– Por que não? Estou acostumada a isso.

– Não nessas circunstâncias. Há arranjos a serem feitos – disse dr. Scott. – O funeral, por exemplo.

– Eu irei instruir o advogado de vovô hoje. Ele saberá o que fazer. E escreverei para meu marido. – Uma nova onda de tristeza fechou a garganta de Eve, tornando o ato de falar difícil. Sentia tanta saudade de Nick. – Ele está longe no momento.

– Então desejo muito que retorne rapidamente para você, sra. Wylder.

Evelina também desejava, mas não podia permitir que a ausência de Nick preenchesse seus pensamentos. Havia muita coisa a fazer. Cartas a serem escritas, advogado para ser consultado, além dos arranjos para o funeral. Evelina deixou os cuidados de Makerham com a sra. Harding, enquanto se ocupava com os rituais necessários após o falecimento de uma pessoa. Enviou uma carta para Hastings e perguntou-se quão breve podia esperar uma resposta. Dois dias depois, estava em um dos cômodos do andar superior, vasculhando os baús que continham roupas de sua mãe, procurando alguma coisa que pudesse usar como um vestido de luto, quando, através das janelas abertas, ouviu os sons de uma carruagem se aproximando. Seu coração disparou violentamente com o pensamento de que Nick havia voltado. Correu escada abaixo, chegando ao grande salão no exato momento que a porta se abriu.

– Oh, eu sabia que você viria! Eu...

Eve parou, lutando contra uma onda de raiva e desapontamento quando viu Bernard Shawcross entrando na sala.

– Fico encantado ao saber que eu não a desapontei, prima – disse ele suavemente. Fez uma reverência, então endireitou o corpo e levou uma mão ao pescoço. – Como pode observar, adotei uma gravata preta para o momento de luto.

– S... sim, obrigada – gaguejou ela. – Vejo que você recebeu minha carta. Ele inclinou a cabeça.

– Vim imediatamente. Achei que você pudesse precisar de mim. Este é um momento muito desgastante. Meus mais profundos sentimentos, querida prima. Deve ter sido um choque muito grande para você.

– Choque? Não... não. A saúde de vovô já era preocupante por algum tempo. Foi por isso que nós não nos mudamos para a casa de meu marido ao norte do país. Mas você deve estar me achando muito mal-educada. Por favor, sente-se, Bernard. Deve estar se perguntando por que o capitão Wylder não está aqui para recebê-lo. Ele está viajando a negócios.

– Ah. – Olhos estreitos sob sobrancelhas grossas se fixaram nela. – Então você não teve notícias de seu marido?

– Não, ainda não. Tenho a esperança de que, neste exato momento, esteja a caminho de Makerham.

A boca de Bernard se curvou num sorriso.

– Vamos esperar que sim, mas enquanto isso, estou aqui para apoiá-la. Se você puder pedir que a sra. Harding prepare um quarto para mim... – Bernard gesticulou com a mão. – Eu sei, por direito, deveria ser a suíte máster, mas talvez seja um pouco cedo.

Ela experimentou uma onda de raiva diante da presunção dele.

– Cedo demais – retorquiu Eve. – O quarto de vovô ainda está como ele o deixou... – Ela parou, recompôs-se e falou mais calmamente: – Um dos quartos de hóspedes será preparado para você.

Eve ficou satisfeita pela desculpa de deixar seu primo, e apressou-se para consultar a governanta. A reação da sra. Harding diante da notícia da chegada de Bernard foi tipicamente franca.

– Então ele apareceu, não é? Este homem é como uma moeda sem valor.

– Ele é o amo desta casa, agora, sra. Harding – lembrou-a Eve gentilmente, ignorando a expressão desdenhosa da governanta. – Devo limpar o quarto de vovô para ele, mas não ainda.

– É claro que não ainda, srta. Eve! O amo ainda nem está em seu túmulo. Nós esvaziaremos o quarto completamente depois do funeral, senhorita, e faremos isso juntas. Esse não é um trabalho para uma jovem *lady* realizar sozinha.

– E – Eve mordiscou o lábio –, pode jantar conosco, sra. Harding? – Ela não podia explicar o desconforto que a ideia de ficar sozinha com Bernard lhe causava, mas a mulher mais velha assentiu imediatamente.

– É claro, senhorita, estarei na sala de estar no fim da tarde, também. Você não deve ser deixada sozinha com aquele homem.

– Oh, eu tenho certeza que nada...

– Não se pode ter certeza de nada com seu primo – retorquiu a sra. Harding com firmeza. – Ele significa problema, marque as minhas palavras. Apenas desejaria que o capitão estivesse aqui. Ele saberia como cuidar de você.

Eve forçou um sorriso. Quão facilmente os criados tinham aceitado Nick.

– Talvez nós tenhamos notícias dele amanhã.

## *Capítulo Seis*



NÃO FOI até o dia do funeral de *Sir Benjamin* que eles ouviram falar de Nick, e quando isso aconteceu, a notícia foi devastadora. Evelina estava no salão matinal com seu primo, esperando por uma carruagem que os levaria à igreja de *Makerham*, quando Green anunciou que o pajem de capitão *Wylder* havia chegado e desejava falar com ela.

– Finalmente! – Eve deu um breve olhar apologético para seu primo, antes de se apressar para o grande salão, onde *Richard Granby* a esperava.

– Então – cumprimentou ela –, que notícias você tem de seu amo? – Eve ouviu passos na escada atrás de si, e experimentou um momento de irritação por seu primo tê-la seguido, mas este foi esquecido quando ela observou a expressão grave no rosto de *Granby*. – O que aconteceu? – perguntou em tom de voz veemente. – Conte-me.

– Houve um acidente, senhora.

Evelina o olhou fixamente. *Bernard* pôs um braço ao seu redor e guiou-a para uma poltrona.

– É melhor você se sentar, prima – murmurou ele.

Ela manteve os olhos fixos no pajem.

– Um acidente? Ele está muito machucado?

Granby movimentou-se desconfortavelmente, e Eve levou as mãos ao rosto quando uma ideia chocante passou por sua cabeça.

– Não...?

A mão de Bernard apertou seu ombro.

– Ele está morto? – perguntou ele de modo ríspido. – Fale de uma vez, homem.

– Sim, senhor.

Eve pôde apenas olhá-lo. O mundo girava, desequilibrando-se. Eve estava tendo dificuldade de pensar. Ouviu Bernard perguntando o que tinha acontecido, e tentou se concentrar na resposta de Granby.

– Afogado, caiu do barco no último sábado.

– Talvez tenha sobrevivido – sugeriu Bernard. – Não pode haver alguma esperança?

Granby meneou a cabeça.

– Não, senhor. Estavam em algum lugar além das Pedras de Nore, muito longe para que um homem ferido nadasse. Mas nós checamos as praias...

– Barco? – Eve franziu o cenho. – Mas ele foi para Hastings a negócios. O que Nick estava fazendo num *barco*?

Granby pareceu ainda mais desconfortável. Bernard deu um tapinha no ombro de Eve.

– Haverá tempo para tais perguntas mais tarde, minha querida. Por hora, acho que você deveria se deitar. – A suposição calma de autoridade deu a Eve uma força nova.

Impacientemente, ela lhe empurrou a mão de seu ombro.

– Não tenho a menor intenção de me deitar. Não estou doente, primo, e não ficarei histérica porque meu marido está... – Eve não conseguiu pronunciar a palavra. Sabia que sua compostura poderia desmoronar a qualquer momento, e não permitiria que isso acontecesse. Precisava permanecer forte. Respirou profundamente para se firmar. – Você deve ter cavalgado metade da noite para chegar aqui tão cedo, sr. Granby. Obrigada por isso. Sugiro que descanse agora.

– Sim, senhora. Lamento muito, sra. Wylder.

– Sra. Wylder – repetiu ela. – Ninguém me chama assim aqui. – Olhou para cima. – Mais uma coisa, sr. Granby. O corpo do meu marido...?

O pajem hesitou. Evitou-lhe os olhos quando murmurou:

– Perdido, senhora.

– Talvez ainda seja recuperado – sugeriu Bernard.

– A notícia foi espalhada ao longo da costa. – Granby assentiu com um gesto de cabeça. – Eles prometeram avisar se ele... for encontrado.

– Eles? – perguntou Bernard. – Quem seriam estes?

– Os conhecidos de negócios do amo.

Apesar da sensação de entorpecimento que se abateu sobre ela, Eve quase sorriu. O tom de voz arrogante do pajem, e o olhar que acompanhava suas palavras, diziam com muita clareza que os negócios de Nick Wylder eram um assunto pessoal, certamente não para serem compartilhados com Bernard Shawcross. Eve levantou-se.

– Conversaremos mais tarde, sr. Granby. – Ela se voltou para seu primo. – Talvez, você possa me escoltar até a carruagem, Bernard.

– Minha querida prima, isso não é necessário... realmente, não é comum... que mulheres estejam presentes num funeral. – Eve o olhou, e ele continuou gentilmente: – Eu não tenho dúvidas que você preferiria ir para seu quarto. Devo chamar sua criada para ajudá-la?

– Não, primo. Irei à igreja. Preciso estar ativa.

– Mas certamente...

Ela ergueu uma das mãos. Sua voz, quando falou, estava quase descontrolada:

– Eu gostaria, primo, que você parasse de tentar controlar a minha vida. Ficarei muito melhor se tiver a permissão de me manter ocupada. Por favor, deixe-me agir conforme a minha vontade nisso.

– Minha querida Evelina, eu sou o chefe da família agora...

Granby pigarreou.

– Perdão, *Sir*, mas a sra. Wylder é parte da família Darrington agora.

Eve sentiu uma onda de gratidão por Richard Granby. Bernard fez uma careta, mas quando abriu a boca para retorquir, ela falou antes:

– Sim, obrigada, sr. Granby. Isso é tudo, por enquanto. Você pode ir. – Eve pegou seu chapéu e desceu o véu sobre o rosto. – Primo, nossa carruagem está na frente da porta.

*SIR BENJAMIN* tinha sido uma figura importante em Makerham, e a pequena igreja do vilarejo estava repleta com aqueles que desejavam prestar seus últimos respeitos. A visão de Evelina em seu vestido preto largo, e inclinada pesadamente sobre um braço do primo fez mais de um paroquiano piscar contra as lágrimas. Quando o caixão foi carregado para fora da igreja, e a srta. Shawcross desmaiou, muitos disseram que era uma bênção ela ser poupada da visão do corpo de seu amado avô sendo consignado a terra. Martha acompanhou-a de volta a casa, e carregou-a parcialmente para o quarto, mas não foi até que sua criada a tivesse colocado na cama e partido que Eve se permitiu dar vazão à sua dor. Lágrimas queimaram seus olhos, e soluços incontroláveis sacudiam seu corpo enquanto ela chorava a perda de seu avô e de seu marido. Curvou-se em posição fetal e enterrou os dentes na mão fechada, para se impedir de gritar com raiva e sofrimento. A morte de *Sir Benjamin* já era esperada há muito tempo, mas a perda de Nick era insuportável. Ela não estava preparada para a agonia, e, de uma maneira estranha, sentia-se traída. Ele entrara em sua vida de repente, e Eve se apaixonara perdidamente. Confiara em Nick com seu coração, e agora ele havia ido, de maneira tão abrupta quanto chegara. Ela puxou as cobertas sobre a cabeça e permitiu que as lágrimas escorressem, chorando por seu avô, por Nick, por si mesma. Finalmente, quando a exaustão a dominou, Eve enterrou o rosto em seu travesseiro úmido, rezando para que as penas caras que forravam o travesseiro privassem seus pulmões de ar e a sufocassem.

Quando Eve acordou para um amanhecer acinzentado, seu primeiro pensamento consciente foi desapontamento. Desapontamento por ainda estar viva. O silêncio na casa lhe disse que era muito cedo. Afastou as cobertas e saiu da cama; havia uma sensação de peso em seus membros que tornava cada movimento um esforço. Quase se arrastando, andou até a janela e olhou para fora. O jardim estava cinzento e sem cor na meia-luz. Muito apropriado, pensou. Uma casa de luto. Cruzou os braços sobre o peito e tentou dar sentido à dor. Estivera preparada para perder seu avô; haviam se despedido, e Eve se sentia confortada pelo pensamento de que ele não estava mais sofrendo de dor ou de má saúde. Estava triste pela morte de seu avô, mas não desolada. Mas Nick... Nick, com seu sorriso deslumbrante e olhos azuis sorridentes. Entrara em seu mundo protegido e lhe dera um vislumbre de

uma vida muito mais excitante. Ela o conhecera por pouco tempo, mas agora sentia tanta saudade que era como uma dor física em seu interior.

Olhou para o horizonte, onde um sol aguado estava subindo através das nuvens. Logo, a casa estaria acordada, e Martha chegaria com seu chocolate quente. A vida continuaria, e era esperado que ela cumprisse seus deveres. Com um suspiro, virou-se da janela. O dia se estendia infinitamente à sua frente. Eve não tinha ideia de como suportaria aquele sofrimento.

Seu conto de fadas havia se transformado num pesadelo.

– AH, PRIMA, aí está você.

Evelina adquiriu uma expressão neutra quando Bernard Shawcross entrou na sala matinal. Sorrir era impossível, mas ela não podia olhá-lo com raiva.

– Então, eu a encontrei sozinha, finalmente. – Ele riu baixinho. – Começava a pensar que você estava me evitando.

*E com boa razão*, pensou Eve. Em voz alta, disse:

– Tenho estado muito ocupada. Desde o funeral, recebi muitos visitantes que vieram oferecer condolências, então há todos os assuntos legais para cuidar, assim como as tarefas de casa a serem feitas...

– Pelo menos, com isso, posso ajudá-la – disse ele, sentando-se perto dela. – Afinal de contas, Makerham é minha casa agora, então posso remover essa preocupação de seus bonitos ombros.

Ela reprimiu um tremor.

– Makerham nunca foi uma preocupação, primo – replicou Eve friamente.

– Green me diz que você falou com seu advogado esta manhã. Há alguma notícia de seu marido?

Ela balançou a cabeça.

– Sr. Didcot pede cautela. Sem um... – Eve engoliu em seco. – Sem um co... corpo, ele não pode me pronunciar como viúva. Tanto ele quanto Granby me aconselham a ir para Yorkshire, a fim de me posicionar sob a proteção da família de meu marido.

– Yorkshire é um país selvagem, não civilizado, prima. Você não vai gostar de lá.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Você não pode dizer que York e Harrogate não são lugares civilizados. Realmente, Bernard, você é muito medieval, às vezes.

– Talvez, mas você sempre viveu no sul, sempre morou em Makerham. Nós somos os últimos membros da família Shawcross, prima. É apenas certo que eu queira cuidar de você.

Ele estendeu o braço enquanto falava, e pôs a mão no joelho dela. Eve congelou.

– Por favor, primo, sou uma mulher casada.

– Você é *viúva*, minha querida.

– Você tem muita certeza disso.

– Se fosse você, não alimentaria falsas esperanças. – A mão no seu joelho se apertou. – E agora que você experimentou o toque de um homem...

Ela teve um sobressalto.

– Por favor, pare. É muito cedo para tal conversa, Bernard! Por favor, com licença!

Ela se virou, mas ele estendeu o braço e a capturou-a.

– Pense, Evelina. O que você sabe sobre a família de Wylder? Não deve ir para o norte. Estaria longe de tudo que sempre conheceu, sempre amou. Considere o que posso lhe oferecer. – Ele estava de pé atrás dela agora, a respiração soprando no seu pescoço. – Aquele seu marido era um demônio. Sabia disso? Achou que poderia reformá-lo? Impossível, minha cara; não se pode domar um tigre, somente enjaulá-lo. Se ele tivesse verdadeiramente mudado, como poderia tê-la deixado tão breve após seu casamento?

Eve balançou a cabeça.

– Não – protestou ela. – Eu não irei ouvi-lo!

– Mas você precisa me ouvir! Ele a enganou, Eve. Nunca a amou de verdade. Se a tivesse amado, não a teria deixado. Como algum homem poderia deixá-la? – Bernard puxou-a de volta para si e sussurrou no seu ouvido: – Você ama Makerham, e nunca deve abandonar este lugar. Pode ficar aqui, cuidar da casa como sempre cuidou. Nós iremos nos casar, é claro, assim que for possível, mas até lá, podemos ser... discretos.

Eve lutou contra o pânico crescente. O aperto dele em seus braços era como ferro, machucando-lhe a pele. Sabia que não poderia se libertar usando

a força. Deveria permanecer calma, se quisesse escapar. Falou num tom de voz baixo:

– Por favor, primo. Isso tudo é tão, tão inesperado. Meus pensamentos estão em tumulto.

– É claro. Não deveria ter tocado nesse assunto por enquanto. – Eve sentiu os lábios dele em sua nuca. – Vá, minha querida. Conversaremos sobre isso mais tarde.

Eve forçou-se a sair da sala devagar, a coluna rígida de medo, como se houvesse um animal selvagem atrás dela, pronto para saltar. Assim que chegou ao corredor, ergueu as saias e correu para seu quarto, tentando bloquear a memória da boca de Bernard em sua pele.

EVE TROCOU de roupa, e na hora do jantar, obrigou-se a descer com alguma trepidação. Ficou aliviada ao encontrar apenas a governanta esperando-a.

– Sra. Harding, preciso ir embora de Makerham.

– Para longe do novo amo, você quer dizer.

A declaração direta fez Eve sorrir.

– As intenções dele são... basicamente... honráveis.

A sra. Harding deu uma risada zombeteira.

– Sim. Terá de se casar com você, se quiser conseguir Monkhurst.

– Perdão?

– Eu o ouvi falando com o advogado Didcot quando veio ler o testamento. – A governanta enrubesceu de leve. – Precisei apanhar um pouco de alecrim do arbusto do lado de fora da janela do estúdio, de modo que não pude evitar ouvir, senhorita. Ele questionou o sr. Didcot diretamente sobre quem ficaria com Monkhurst, agora que você estava casada. O sr. Didcot falou que obviamente não tinha a liberdade de discutir o acordo do casamento, mas *podia* dizer-lhe que Monkhurst ficaria para você e seus herdeiros. A menos que você morresse antes de ter filhos – continuou ela, as sobrancelhas unidas em concentração. – Então, é claro que a propriedade iria diretamente para seu marido. Parece que Bernard tinha a esperança que Monkhurst fosse revertido para a família, mas o advogado Didcot explicou-lhe que a propriedade pertencia à família de sua mãe, os Wingham, e nunca foi parte da herança.

– Por que ele quereria Monkhurst? A casa está fechada há anos, desde que mamãe morreu, na verdade.

A sra. Harding abriu as mãos.

– Talvez por ganância, srta. Eve. Ele quer tudo.

– Bem, não terá a casa de minha mãe – declarou Eve. – Assim como não me terá!

A sra. Harding levantou uma das mãos.

– Quieta agora, querida, ouço os passos dele no corredor. E você não precisa parecer tão ansiosa, pois não irei deixá-la sozinha com o homem.

A governanta cumpriu sua palavra, e após um jantar desconfortável, Eve pediu licença para se recolher em seus aposentos. Lá, certificou-se de que sua porta estava trancada seguramente. Foi para cama e deitou-se rigidamente debaixo das cobertas. Fazia pouco mais de uma semana que Eve mal dormia durante as noites, enquanto pensava em Nick Wylder, lembrava-se das conversas deles, revivia os momentos que tinham passado juntos. Desde a notícia da morte de Nick, quando todo seu ser ansiava pelo esquecimento do sono, este não vinha. Mas pelo menos agora, depois da súbita declaração de Bernard, Eve podia passar a longa noite de insônia fazendo planos.

CEDO, NO dia seguinte, Eve chamou Granby à sala matinal, e quando ele chegou, ela começou sem preâmbulos:

– Granby, estou indo embora de Makerham.

– Ah. Nós iremos para Yorkshire, senhora?

– Não. Planejo ir para Monkhurst.

– Monkhurst! Mas isso é impossível!

– É muito possível – replicou ela com firmeza. – O acordo de casamento é bastante claro; Monkhurst continua sendo minha propriedade.

– Certamente, seria melhor para você ficar sob a proteção da família do amo.

– Não. Por que deveria? Meu avô me deixou muito bem provida em seu testamento, e sr. Didcot me assegura que isso não será afetado pela minha... viuvez. Não dependo de ninguém, sr. Granby.

– É claro, senhora, mas...

– Estou decidida.

O pajem a olhou, seu semblante geralmente impassível traindo sua consternação.

– Eu lhe peço que reconsidere, senhora. Você mesma disse que a casa de Monkhurst não foi habitada pelos últimos dez anos! A propriedade pode... pode estar abandonada. Permita-me escoltá-la para Yorkshire. Você será muito bem-vinda lá, e...

– Agora, por que você parece tão horrorizado com o pensamento de Monkhurst? – perguntou ela. – É a minha propriedade, afinal de contas. Morei lá com meus pais pelos primeiros anos de minha vida. E quanto ao fato de a propriedade estar abandonada, isso não é verdade. Eu costumava ajudar vovô com as contas, e sei que ele ainda está pagando a governanta e o marido dela para cuidarem da casa. Eu me sentirei mais à vontade com pessoas que conheço, sob as circunstâncias atuais.

– É claro, senhora, mas certamente...

– Sim? – Havia um toque de impaciência na voz dela agora.

O pajem abaixou a cabeça.

– Desculpe-me, senhora, se acha que eu estou sendo intrometido, mas o amo quereria que você fosse para a família dele.

– Mas o amo não está aqui. – Eve não foi capaz de conter o tremor de sua voz.

– Não, senhora, mas...

– Basta, sr. Granby. Já tomei minha decisão. Uma vez que você retornou de Hastings na carruagem de viagem, gostaria de usá-la para ir a Monkhurst. Você pode usar o vagão de bagagens para levar as malas do capitão Wylder para Yorkshire. Irei lhe providenciar fundos suficientes para a jornada.

– Não, senhora.

– Perdão?

Granby inclinou a cabeça, o maxilar rígido evidenciando obstinação.

– Não posso deixá-la, sra. Wylder. O amo nunca me perdoaria. Quero dizer – ele acrescentou apressadamente –, se você vai a Monkhurst, então eu gostaria de acompanhá-la. Poderia lhe ser útil. Como um mensageiro, talvez, ou como um mordomo em Monkhurst.

– Um mordomo! Você entende alguma coisa desse tipo de serviço?

– Naveguei com o capitão por anos, senhora, e somente me tornei seu pajem quando ele deixou o mar. Sei muito mais do que vestir um cavalheiro, e não gosto da ideia de você e Martha viajando para tão longe sem um homem.

Eve estudou-lhe a postura firme.

– Confesso que seria um conforto ter um servo do sexo masculino comigo.

Uma expressão de alívio brilhou nos olhos de Granby. Ele fez uma reverência.

– Então está combinado, sra. Wylder. Irei arrumar a mala.

– Apresse-se, pois eu desejo estar longe daqui por volta do meio-dia.

NÃO ERA esperado que Bernard aceitasse a decisão de Eve calmamente, mas na presença da sra. Harding e dos criados, não podia discutir com muita veemência, e Eve foi cuidadosa para não lhe dar uma oportunidade de falar com ela a sós. Por volta do meio-dia, a carruagem estava carregada com a bagagem e pronta para partir.

– Creio que você irá encontrar a casa num estado bastante precário – avisou Bernard, enquanto a ajudava a entrar na carruagem.

– Talvez, mas enviei um mensageiro, quando o dia amanheceu, para avisar os criados de minha chegada.

– Enviou um mensageiro? Você planejou isso e nunca me disse uma palavra!

Após uma breve hesitação, ele lhe pegou a mão e curvou-se sobre esta.

– Muito bem, mas não posso gostar disso. – Bernard beijou-lhe os dedos. – Lembre-se, Evelina, você sempre será bem-vinda em Makerham.

Passava pouco do meio-dia quando Eve partiu de Makerham. Não ousou olhar para trás e ver a casa que tinha sido seu lar por tantos anos, nem para o terreno em volta da igreja, onde *Sir Benjamin* agora descansava. Em vez disso, manteve o olhar fixo em Granby, que cavalgava ao lado da carruagem. A cena a lembrou de sua primeira visão de Nick Wylder, quando ele viera cavalgando em sua direção no magnífico cavalo preto. A memória causou um nó em sua garganta. Ainda não podia acreditar que nunca mais veria Nick. Eve perguntou-se o que teria acontecido com Admiral, o cavalo. Deveria

perguntar ao sr. Granby. Se o animal ainda estivesse em Hastings, então ele deveria ser trazido, mesmo que tivesse de ser vendido. Sim, o cavalo definitivamente teria de ser vendido, pensou ela, tentando ser prática. Mas não ainda. Não até que Eve estivesse estabelecida em sua nova vida.

O DIA se arrastou. Nem mesmo o pensamento de ver Monkhurst novamente, uma casa que Eve não visitava há uma década, não teve o poder de animá-la. A perda de seu avô não tinha sido inesperada, e embora ela sofresse por ele, era Nick quem preenchia seus pensamentos. Nick com seu sorriso encantador, e brilhantes olhos azuis, com sua energia e seu entusiasmo pela vida. Ela se lembrou da noite que eles haviam compartilhado uma simples noite que a transformara de menina em mulher. Nick a fizera se sentir viva, despertando-lhe emoções que ela jamais conhecera antes... e agora nunca mais conheceria. Eve fechou os olhos e virou a cabeça na direção da janela, de modo que Martha não visse suas lágrimas.

O progresso deles tinha sido lento através das estradas ao redor de Makerham, todavia, uma vez que chegaram a Guildford, as estradas melhoraram e o ritmo da viagem acelerou. Eve dera instruções para que seguissem o mais rapidamente possível, mas, embora suas paradas para trocar cavalos tivessem sido breves, e Eve descera apenas uma vez em Tenterden para uma refeição apressada, eram quase 22h quando chegaram ao seu destino. No momento que a carruagem parou diante dos portões fechados, Eve baixou a janela.

– Posso sentir o cheiro da brisa – murmurou ela. – Eu tinha esquecido como os ventos carregam o ar salgado para o interior.

– Não há luzes na casa – murmurou Martha, espiando para fora da janela em direção ao prédio sombreado, delineado contra o céu escuro. – Nós estamos trancadas do lado de fora.

– Bobagem – replicou Eve. – Há uma luz na janela da casinha da entrada. Sr. Granby está batendo à porta neste exato momento.

Alguns minutos depois, o pajem se aproximou da carruagem, seguido por uma figura larga e de passos lentos.

– Este é Silas Brattee, sra. Wylder, o responsável pela casinha da entrada. Ele diz que sua mensagem nunca chegou.

– Mas enviei o bilhete expresso, indicando urgência!

Granby deu de ombros.

– Descobrirei o que houve amanhã, senhora.

Eve gesticulou para que Granby desse alguns passos para o lado, e estudou o homem atrás dele.

– Você é o marido de Aggie, não é? – perguntou ela. – Não irá me reconhecer, pois estava no mar quando eu vivi aqui durante minha infância.

– Sim, eu estava, senhora. Fui para o mar na época que você nasceu, creio. Sua mãe estava morta quando voltei, mas *Sir Benjamin* manteve Aggie e eu aqui para cuidar do lugar. – Silas mudava o peso do corpo de um pé para o outro enquanto lhe falava. – Se nós soubéssemos que você viria, senhora, teríamos limpado e a arrumado a casa. Do jeito que está, o lugar não é adequado.

– Bem, terá de servir – respondeu Eve. – Destranque os portões, por favor.

– Vocês poderiam se hospedar em *Mebbe the Bell*, ou no *Woolpack* – sugeriu Silas esperançosamente.

– Isso fica apenas um quilômetro para trás, ou coisa assim – acrescentou Granby. – Eles terão quartos para a noite.

– Bobagem. Tomei precauções de trazer minhas próprias roupas de cama. Não levará mais que um momento para preparar camas para nós.

– Não, senhora – disse Silas. – Vocês ficariam muito mais confortáveis no vilarejo, acredite.

Eve o olhou através da escuridão.

– Estou começando a imaginar que talvez você tenha recebido minha mensagem, mas decidido ignorá-la – declarou ela. – Deixe-me entrar agora, sr. *Brattee*.

– A casa não tem sido habitada – Granby avisou-a. – Talvez esteja com muita umidade.

– Não me importo se o teto estiver caindo – retorquiu Eve. – Ficarei na minha casa esta noite.

Seu olhar feroz teve o efeito desejado. Granby assentiu e murmurou para Silas destrancar os portões.

– Bem – disse Eve quando a carruagem pegou o caminho coberto de grama e foi em direção à porta da frente –, este é um pobre começo.

– A sra. Brattee irá trazer café e comida para a casa mais tarde – disse Granby, enquanto ajudava Eve a descer. – Contudo, temo que você não ficará muito confortável.

– Estou tão exausta agora que acho que me sentirei contente contanto que estiver deitada – replicou ela, seguindo-o para dentro do hall de entrada escuro. Permaneceu parada ali por alguns momentos, removendo as luvas, enquanto o pajem se movia ao redor das paredes, acendendo velas. Quando o ambiente foi mais iluminado, o contorno de um grande salão pôde ser visto. Era mobiliado com uma mesa imensa, que preenchia o centro da sala, e diversas poltronas sólidas e cômodas pesadas encostadas contra as paredes.

Martha deu um suspiro audível.

– Ooh, senhorita, isto me lembra da última vez que estive aqui, quando sua santa mãe estava viva. Era uma garota na época, é claro, como você. Meu primeiro emprego fora de casa, mas eu me recordo de sua mãe dizendo como sempre ficava feliz em voltar para cá depois de suas viagens.

– Tenho certeza de que ela nunca veio para uma casa despreparada! – respondeu Eve com rispidez.

– Não, senhorita, mas ela não teria se preocupado com isso. Sua mãe era uma *lady* muito alegre, e uma pessoa que adorava aventura, que Deus a tenha.

– Bem, não quero nada mais do que uma vida tranquila! – Eve suspirou. – Vamos ver o que podemos fazer, Martha. Pegue uma vela e nós subiremos. Ficarei no quarto principal, e, se não me falha a memória, há um quarto adjacente para criadas. Peça que Dan Coachman suba com as malas, e nós procuraremos os lençóis.

– Você não irá arrumar camas, senhorita! – Martha estava chocada. – Rich... quero dizer, sr. Granby, pode me ajudar com isso.

– Bem, se acha que ficarei sentada sozinha aqui embaixo, como uma *lady* inútil enquanto você trabalha, está muito enganada – declarou Eve, divertida. – Tenho tanta capacidade quanto você de pôr lençóis numa cama... bem, quase... e faremos isso rapidamente. Sr. Granby será mais útil na cozinha, ajudando a sra. Brattee a preparar nossa ceia!

EVE SENTIU-SE grata pelo fato de o quarto principal ainda estar mobiliado, e depois que elas removeram os lençóis empoeirados, declarou-se muito

satisfeita. Deu um grito de deleite ao encontrar o retrato de sua mãe escorado contra a pequena escrivaninha elegante, e imediatamente chamou Martha para ajudá-la a pendurá-lo no gancho vazio acima da lareira.

– Pronto – disse ela, trazendo as velas para mais perto. – Agora me sinto muito mais em casa.

– Sua mãe era muito bonita, srta. Eve – observou Martha. – E você se parece com ela.

– Pareço? – Eve olhou para a pintura. Viu uma mulher elegante num vestido dourado, parada muito ereta, com uma das mãos descansando sobre um grande atlas. Eve reconheceu algumas semelhanças... os cabelos escuros grossos e brilhantes, o pequeno nariz reto e a boca sorridente, mas havia uma segurança em sua mãe que Eve nunca sentira em si mesma: aqueles olhos escuros pareciam olhar para o mundo com tanta autoconfiança.

– Isto foi pintado um pouco antes do casamento dela – murmurou Eve. – Mesmo então, minha mãe ansiava para viajar ao redor do mundo, enquanto eu... sempre me contentei em viver sossegada em casa. Que desapontamento eu seria para ela. – Olhou para o retrato por mais alguns momentos, então balançou a cabeça, como se para se livrar de alguns pensamentos indesejados. – Tais reflexões não me farão bem! Abra estas malas e ache nossos lençóis, Martha. Devemos nos preparar para dormir.

Não havia cortinas em volta da cama, mas o colchão estava abaixo de sua cobertura protetora e não parecia úmido. Martha resmungou quando ela tirou os lençóis da mala, mas Eve queria estar ativa, pois isso a ajudava esquecer a infelicidade por um tempo.

Naquela noite, Eve sonhou que Nick ainda estava vivo. Naquelas horas escuras antes do amanhecer, quando os sonhos são mais vívidos, ela o viu claramente, ouviu-lhe a risada, e soube, no seu íntimo, que ele estava perto. O desapontamento, quando ela abriu os olhos e a memória retornou, a fez se sentir fisicamente enjoada. Eve olhou ao redor dos móveis não familiares, e experimentou um momento de pânico. Ali não era Makerham, nem era o lugar ensolarado e quente de seu sonho, o lugar onde Nick estava. Ela fechou os olhos de novo, tentando trazer o sonho de volta, mas era impossível. Tudo que restava era uma vaga felicidade lembrada, e Eve agarrou-se a esta,

segurando-se em tal felicidade como um talismã, para ser tocado e reanimado quando as demandas do dia se tornassem árduas demais.

Enquanto descia a escada, pensou que Monkhurst parecia muito mais bem-vinda com o sol da manhã se infiltrando na casa. Encontrou a sra. Brattee esperando para escoltá-la ao pequeno salão, onde o café da manhã estava sobre a mesa para ela.

– Aggie! – Eve sorriu calorosamente para a governanta. – Sinto tanto por não ter visto você ontem à noite. Martha insistiu que eu jantasse em meu quarto, e para lhe dizer a verdade, no momento que acabamos de arrumar as camas, estava pronta para dormir! Você não mudou nada, entretanto, deve fazer dez anos desde que eu estive aqui pela última vez!

– Sim, isso mesmo – replicou Aggie, suas feições duras se suavizando um pouco. – E você é uma *lady* crescida agora – Sinto muito por ontem à noite, sra. Wylder. Se nós soubéssemos...

– Não tem problema. Nós logo deixaremos tudo confortável.

– Você está planejando ficar aqui?

Eve observou o olhar de horror no rosto da governanta, e teve um forte desejo de rir.

– Sim – respondeu ela, sentando-se à mesa do café da manhã. – Granby queria muito que eu fosse para Yorkshire, na casa do amo dele, mas prefiro ficar aqui, por enquanto.

– Mas a casa não é adequada para você, senhora. Está vazia há anos.

Eve deu um gole de seu café.

– Fiz uma rápida inspeção antes de descer. A casa está em condições muito melhores do que esperava. É difícil acreditar que o lugar não é ocupado há dez anos. Na verdade – Eve fixou os olhos na governanta –, um dos quartos... o que eu costumava conhecer como quarto azul... tem toda a aparência de ter sido usado recentemente.

– Bem, senhora, não posso imaginar como isso é possível – replicou a sra. Brattee, andando ao redor do salão.

– Não pode? Vovô sempre dizia que a família de mamãe tinha elos com pessoas do comércio livre. Pensei que talvez eles tivessem estado aqui.

Houve um barulho alto quando o prato que a governanta estivera segurando caiu no chão e espatifou-se. Eve arqueou as sobancelhas.

– Oh? Estou certa, então?

– Não, senhora. Juro que contrabandistas não dormiram na casa! – declarou Aggie, parecendo muito alarmada.

– Quem, então? – perguntou Eve, gentilmente. – Acho que tenho o direito de saber quem esteve dormindo em minha casa. – Ela esperou, olhando intensamente para Aggie, que se movimentou com óbvio desconforto. – Conte-me – comandou.

– Não posso, senhora. Prometi que não falaria.

– Acho que você deve falar.

A mulher mais velha a olhou, indecisa, e Evelina tentou novamente.

– Vamos – insistiu ela com suavidade. – Diga-me quem foi.

A governanta torceu o avental entre as mãos.

– Foi o amo – declarou ela.

– Vovô? Mas ele não chega perto deste lugar há anos.

– Não, não, o amo *jovem* – replicou a sra. Brattee. – O capitão Wylder.

## *Capítulo Sete*



EVELINA OLHOU fixamente para a governanta. Aggie começou a tremer e uniu as mãos, enterrando as unhas nas palmas numa tentativa de lutar contra o pânico.

– Quando foi isso?

– Mais ou menos uma semana atrás.

– Então você o viu antes que ele, antes que...

– Sim, senhora – Aggie assentiu. – Ele... ele veio aqui falar com Silas, disse que agora que estava casado com você, seria apropriado que ficasse em Monkhurst. Ele mostrou os papéis de casamento para que Silas o deixasse entrar. Meu marido não achou que haveria nenhum mal nisso...

Eve levantou-se num salto.

– Nenhum mal! Richard Granby sabia disso, e não me contou! Onde está Granby?

– Levou a velha carruagem para o vilarejo, senhora. Disse que iria buscar algumas provisões para mim, para nos suprir até que Silas possa me levar a Appledore no coche.

– Então irá ficar fora por horas. – Eve sentou-se novamente, as sobrancelhas unidas numa expressão pensativa. – Nick ficou aqui? –

perguntou ela. – Mas por quê?

– Isso não sei dizer, senhora, mas Silas nunca negou nada ao capitão...

– Espere. – Evelina levou uma das mãos à cabeça, tentando dar sentido ao que estava ouvindo. – Meu marido... *conhecia* Silas?

– Sim, senhora. Navegaram juntos, anos atrás. Silas estava sempre falando sobre o capitão Wyldfire, e ficou feliz quando o capitão veio procurá-lo, mas não o deixaria entrar na casa, não até que tudo fosse legalizado, pelo menos.

– Você quer dizer que... que o capitão Wylder veio aqui *antes* de nós nos casarmos?

– Oh, sim, senhora. – Parecia que, agora que tinha feito sua confissão, a sra. Brattee estava contente em falar. – Ele esteve aqui na primavera. Silas ficou tão surpreso.

– Mas o que queria? – A expressão se fechou novamente no rosto da mulher mais velha, e Eve disse, com impaciência: – Você já começou a me contar, Aggie. Não acho que pode parar agora.

– Ele... ele queria saber sobre o comércio livre.

– Silas é... quero dizer... ele sabe sobre essas coisas?

A governanta deu-lhe um olhar compassivo.

– Não existe uma família por aqui que não saiba, senhorita.

– Mas não entendo. Por que Nick veio *aqui*?

– Isso eu não sei dizer, senhora. Ele ficou no vilarejo por uma semana ou mais, saiu com Silas e os meninos... Lembra-se dos meus filhos, Sam e Nathaniel? Você não os reconheceria, estão homens agora. Ambos casados. Meu Nathaniel tem gêmeos, e Sam tem um bebê a caminho.

Eve sorriu, lembrando.

– Nós costumávamos brincar juntos no pântano, não é? Sei que você nem sempre aprovou o fato de eu acompanhar as brincadeiras loucas dos meninos, mas mamãe não se importava, e nós éramos tão jovens. Tudo mudou quando eu fui enviada para a escola.

– Você precisava aprender coisas para ser uma *lady*, senhorita Eve.

– Suponho que sim. – Eve suspirou. – Mas nós desviamos do assunto principal. Você estava me contando sobre a visita do capitão Wylder.

– Ah, sim. Como estava dizendo, Silas tem um barco a remo no pântano, sabe, e o capitão Nick saiu com eles...

– Espere, espere! – Eve interrompeu mais uma vez. – Está dizendo que o capitão Wylder os ajudou a *contrabandear* mercadorias para dentro do país?

– Silas prefere chamar isso de mercado livre – disse a sra. Brattee, afrontada. – Trazem alguns barris de bebida alcoólica, às vezes, um pouco de renda de Bruxelas... não é como se alguém da região tivesse condições de comprar as mercadorias, se tivessem de pagar os impostos, de modo que isso não prejudica ninguém.

Evelina percebeu que seria inútil argumentar contra aquilo, então se concentrou na sua maior ansiedade.

– Mas por que Nick? Que interesse tinha nesse tipo de coisa?

– Muitos marinheiros se voltam para o mercado livre a fim de reparar suas fortunas, senhora.

Eve balançou a cabeça.

– Nick Wylder não precisava de dinheiro. Sei disso porque vovô discutiu o acordo de casamento comigo. Meu marido não somente possuía propriedades, como uma grande quantidade de dinheiro investida nos Fundos. Então, por que ele viria para Monkhurst?

– O capitão estava muito interessado na casa, mas Silas foi inflexível. Exceto as visitas ocasionais de seu avô, Monkhurst ficou fechada desde que seus pais faleceram. – Aggie deu um suspiro alto. – Silas era muito apegado à sua mãe. Ela era a “queridinha” de Silas, então ele não ia deixar ninguém entrar na casa dela. Mesmo quando seu primo, sr. Bernard Shawcross, esteve aqui alguns anos atrás, Silas o mandou embora, dizendo que tinha ordens de seu avô para fechar a casa, e fechada ela permaneceu. – Aggie bufou. – E seu primo não aceitou a negação tão bem quanto o capitão Wyldfire. Ficou furioso com Silas; disse que era da família e tinha o direito de entrar, mas Silas falou que, se este fosse o caso, deveria ir pedir permissão para seu avô.

– Sim, mas e quanto ao capitão Wylder? – incentivou Eve, gentilmente.

– O capitão foi embora. De volta para Londres, nós pensamos. Então, de repente, ele volta e nos diz que está casado... e com a nossa srta. Shawcross!

– Mas por que não *me* contou que esteve em Monkhurst, ou que ia voltar para cá?

A expressão confusa da governanta era genuína, e Eve decidiu não a pressionar mais. Todavia, a questão continuava em sua cabeça. Ela brincou

com a aliança de ouro no dedo, girando-a e girando-a, enquanto uma resposta se alojava em seu cérebro. Nick não confiara nela.

*Somente porque não me conhecia*, disse a si mesma com fervor. *Com o tempo, ele teria aprendido a confiar em mim*. Se apenas... Um pequeno grito de frustração escapou de sua garganta. Ela bateu uma mão fechada na palma.

– Oh, odeio aquele homem! – exclamou. – Como ele pôde fazer isso comigo? Eu o odeio, eu o *odeio*!

Lágrimas se acumularam nos seus olhos, mas Eve lutou para contê-las. Seria forte. E descobriria tudo sobre aquele mistério.

CONTUDO, UMA conversa com Silas se provou ainda menos gratificante, pois o velho homem meramente meneou a cabeça, dizendo que não tinha ideia do motivo pelo qual o capitão Nick fora procurá-lo lá.

– Você o levou para sair em seu barco quando ele esteve aqui na primavera – acrescentou ela rapidamente. – Vamos lá, Silas, eu sei tudo sobre suas... atividades.

– O capitão não está preocupado com as bugigangas que nós trazemos – disse ele. – Ele está atrás de peixe grande, disso eu sei. Mas ficou impressionado com o barco que usamos para entrar e sair do mar. Um barco rápido na água. Meu irmão Ephraim tem outro desses em Dimchurch, contei ao capitão como nós costumávamos remar para atravessar para Boulogne nos velhos tempos. Porém, hoje, quando chega uma remessa, nós pegamos o veleiro na praia e trazemos o que precisamos através de Jury's Cut.

– O que você faz ainda é ilegal, Silas, e eu não posso aceitar isso. – Ela o olhou com firmeza. – Deve me prometer que vai desistir do mercado livre, Silas. Eu encontrarei trabalho para você, e para Nat e Samuel, entretanto não deve mais participar desse tipo de contrabando.

Não era esperado que Silas concordasse imediatamente, mas Eve foi inflexível, e, por fim, arrancou-lhe uma promessa de que pararia com suas atividades ilegais. Satisfeita em relação a isso, Eve pôde mais uma vez se concentrar em descobrir por que Nick havia ido para Monkhurst.

– O que o capitão Wylde quer aqui, Silas? Quanto tempo ficou na casa?

– Não mais do que duas noites. Nós pegamos um pequeno barco em Monkhurst Drain, srta. Eve, que segue para Jury's Cut e o mar, e mostrei o

ancoradouro ao capitão, mas não é usado há anos. – Silas girou seu chapéu nas mãos, e olhou para Eve com ansiedade. – Eu não achei que havia algum mal nisso, conhecendo o capitão, e sabendo que agora era da família...

– E você confiava nele, Silas? – perguntou ela, saudosamente.

– Com a minha vida, senhora. O capitão sabia que eu o seguiria para qualquer lugar – terminou ele com orgulho. – Quando nós estávamos lutando contra os rebeldes na Guerra Americana, ele não se sentia mais feliz do que quando causava confusão. Imprevisível, como seu apelido, Wyldfire. Estava aqui num minuto, e no minuto seguinte, tinha ido para Hastings. – Silas franziu o cenho, balançando a cabeça. – A perda dele foi uma pena, que Deus o tenha.

Não havia mais nada a ser descoberto através do velho homem. Evelina o dispensou, mas o problema continuou girando em sua mente durante toda a manhã, enquanto ela trabalhava na casa, tentando decidir o que era necessário para torná-la um lar confortável. O sol do início da manhã tinha dado lugar a nuvens pesadas, e um vento de tempestade assobiava através das passagens, sinalizando uma mudança do clima seco e ensolarado das últimas semanas.

ERA MEIO-DIA antes que Eve ouvisse os sons da carruagem retornando. Uma olhada para fora da janela mostrou-lhe que chovia forte, e ela sentiu uma pequena satisfação ao ver que Granby não levara uma capa de chuva, e estava ensopado. Apressou-se para a cozinha, e encontrou o pajem se secando diante do fogão à lenha. Não dando atenção à sra. Brattee, que estava ocupada desempacotando as compras que Granby lhe fizera, Eve foi direto ao ataque:

– Por que você não me contou que meu marido se hospedou aqui?

Granby virou-se, e ela viu um brilho de surpresa nos olhos dele, antes que ele vestisse sua usual máscara inescrutável.

– Achei que isso poderia aborrecê-la, senhora.

– Estou mais aborrecida por pensar que você mentiu para mim. O que mais me omitiu? – demandou ela. – O que o capitão Wylder estava fazendo aqui?

– Acredito que ele quisesse renovar seu contato com sr. Brattee e a família dele – disse Granby, suavemente.

– Mas ele já tinha feito isso. Visitou Silas antes de ir procurar vovô em Tunbridge.

O pajem baixou a cabeça.

– Se você diz, senhora.

Eve o estudou com atenção.

– O capitão Wylder me disse que tinha negócios em Sussex.

O pajem inclinou a cabeça.

– Isso é verdade, senhora. O amo ficou aqui por apenas duas noites antes de ir para Hastings.

– E esses... negócios envolviam contrabando?

Granby pareceu chocado.

– Os conhecidos do capitão Wylder em Hastings são pessoas muito respeitáveis, senhora.

– Espero que sim, sr. Granby.

Ele deu um pequeno sorriso, e abriu as mãos no ar.

– Você tem a minha palavra quanto a isso, sra. Wylder.

– Preciso mais do que isso.

– Senhora?

Eve pôs as mãos nos quadris e encarou-o.

– Vá e vista roupas secas, sr. Granby. E peça a minha carruagem. Nós iremos para Hastings.

O sorriso de Granby desapareceu.

– Hastings! Agora?

– Sim, agora. Assim que arrumarmos as malas.

– Mas, senhora, não há a menor necessidade...

– Há toda necessidade – interrompeu ela. – Estou ansiosa para saber que não sou a viúva de um vilão comum!

– Sra. Wylder, eu lhe suplico, pelo menos adie sua jornada até que esta tempestade diminua.

RICHARD GRANBY estava parado ao lado de Eve, diante da porta da frente aberta, olhando, com desespero, para a chuva que batia na casa, enquanto o cocheiro guardava as malas deles na carruagem, água escorrendo do brim de seu chapéu e de seu casaco.

– Estou determinada a chegar a Hastings hoje – retorquiu ela. – Você pode ir dentro da carruagem com Martha e eu, se não quiser ficar ensopado.

O pajem declinou a oferta, e andou para o lado do cocheiro Dan.

– Está com medo que eu o interrogue mais – observou Eve alegremente, enquanto subia na carruagem.

Sua criada torceu o nariz e acomodou-se ao seu lado.

– Sr. Granby estava apenas tentando poupá-la de preocupação desnecessária, srta. Eve.

– Foi isso que ele lhe falou, Martha?

– Não, senhora, mas eu sei que é um homem bom.

– Ele é? – Eve olhou para sua criada com atenção. – Você parece ter uma amizade incomum com Richard Granby.

Martha enrubesceu, mas falou de maneira tensa:

– Considerando a posição dele e a minha, é natural que nós conversemos.

Eve parou de provocá-la.

– É claro que é – disse ela, voltando a mente para suas próprias preocupações. – E se o sr. Granby lhe falou alguma coisa que diz respeito à morte de meu marido, eu gostaria que você me contasse, Martha. Eu não sossegarei até que saiba que tipo de negócios levou meu marido embora de Makerham de maneira tão apressada. Espero que encontremos algumas respostas em Hastings. – Ela se inclinou contra o assento almofadado. – E confesso que quero ver onde Nick passou seus últimos dias – murmurou para si mesma.

O VENTO uivava ao redor deles, balançando a carruagem, enquanto a chuva pesada batia no teto e contra as janelas. O ritmo era necessariamente lento. A tempestade piorou quando se aproximaram da costa, e foi um alívio atravessar o vilarejo de Rye, pois, embora o pavimento de pedras redondas fizesse a carruagem chacoalhar até que os dentes de Eve estivessem batendo uns contra os outros, pelo menos as casas lhes ofereciam algum abrigo dos ventos fortes. A carruagem parou e Eve inclinou-se para a frente, a fim de espiar pela janela. Um homem montado num cavalo tinha parado ao lado deles e estava gritando alguma coisa para o cocheiro. Eve abaixou o vidro.

– O que foi? Algum problema?

O cavaleiro virou-se para olhá-la, tocando a mão no chapéu ensopado.

– Sim, senhora. A estrada Winchelsea está fechada. Quiseram aproveitar o clima seco para consertá-la, mas os tolos não começaram o trabalho até ontem. Agora, a margem de grama está muito molhada para suportar o peso de uma carruagem, e só há espaço para um cavalo passar apertado.

– Existe outra rota? – perguntou Eve.

O homem assentiu.

– Sim, vocês podem ir via Broad Oak Cross, e então para o sul através de Battle.

Granby inclinou-se para baixo, de onde estava ao lado do cocheiro, meneando a cabeça para ela.

– Esta é uma longa jornada, sra. Wylder. Dan diz que deve proceder devagar, se quisermos conquistar os ventos fortes e a estrada aberta.

– Então é isso que devemos fazer – disse Eve de forma decidida. – Diga-lhe para continuar!

– Muito bem, senhora.

Martha torceu o nariz.

– O pobre homem provavelmente vai ficar doente e morrer, sentado na boleia com esse tempo.

– Muito provável – replicou Eve, sem se abalar.

– Nós devíamos voltar – disse sua criada franca. – Nada bom pode resultar disso, srta. Eve, marque minhas palavras. Para que você quer fazer toda essa viagem até Hastings? E se ouvir coisas que não queria saber sobre o amo?

Eve não respondeu. Martha tinha vociferado o medo que a vinha perturbando, de que Nick estivera envolvido em alguma atividade abominável, mas não adiantava. Precisava saber a verdade, por pior que fosse. Além disso, por mais ilógico que parecesse, queria visitar o lugar onde morreria. Para dizer adeus. As lágrimas preencheram seus olhos novamente e Eve piscou para reprimi-las, furiosa consigo mesma. Por que sentia tanta dor por um homem que conhecera por menos de um mês? Todavia, a atração entre eles havia sido tão forte que Eve não pudera resistir. Nick ainda perseguia seus sonhos. Ele entrara em seu coração de maneira tão efetiva que agora a perda dele ameaçava parti-lo.

– Você é uma tola, Evelina – ela falou para si mesma, zangada. – Permitiu-se acreditar que vovô lhe trouxe um cavaleiro em armadura brilhante!

A parada repentina da carruagem a tirou de seus pensamentos deprimentes.

– Oh, céus, o que foi agora? – perguntou Martha.

A carruagem balançou quando alguém desceu da parte da frente, e Eve pressionou o nariz na janela, tentando ver do lado de fora. Era impossível; do lado de dentro, o vidro estava embaçado pela sua respiração, e do lado de fora, os pingos de chuva distorciam a vista. Ela abriu a janela, e imediatamente a chuva bateu no seu rosto. Havia outra carruagem parada na frente deles, e Granby estava conversando com o condutor, a mão em cima do chapéu, a fim de impedir que o vento o levasse embora.

– Há algum tipo de impedimento – Eve falou para sua criada, fechando a janela mais uma vez. – Granby está verificando o que é agora.

Momentos depois, o pajem abriu a porta. Embora estivesse de pé, na lateral mais abrigada da carruagem, o vento forte ameaçou arrancar a porta da carruagem de suas mãos.

– A estrada está debaixo d’água, senhora. Um bueiro caiu. Uma carruagem já tentou passar e quebrou um eixo. Ninguém se feriu – ele se apressou em assegurá-las. – Mas nós devemos voltar.

Relutantemente, Eve concordou. Olhou para a chuva além dele, ainda caindo sem parar. O pensamento de passar mais algumas horas retornando para Monkurst não era agradável.

– Muito bem, Granby. Diga a Dan para nos levar ao vilarejo mais próximo. Iremos passar a noite lá.

E QUANDO entraram em Udimore, Eve deu uma olhada na hospedaria decadente, e mudou de ideia no ato. Ordenou que Dan os levasse de volta para Rye.

– O que vi das criadas maltratadas e proprietários asquerosos me convenceu de que não ficaríamos confortáveis lá – disse ela enquanto se acomodava no banco da carruagem com sua criada mais uma vez. – Granby me disse que nós passamos por diversas hospedarias de aparência boa em Rye. Ficaremos melhor lá.

– Espero que sim, senhora – replicou Martha numa voz fraca. – Sinto que se eu não sair logo dessa carruagem sacudindo, eu terei de lhe pedir seus sais para cheirar!

Eve riu.

– Então eu teria de desapontá-la, Martha, pois eu não carrego algo assim!

– Nesse caso, ainda bem que pus um frasco de magnésia em sua frasqueira! Com sua permissão, srta. Eve, tomarei um pouco, assim que puder pôr as mãos no frasco.

– Eu a aconselharia a fazer uma caminhada e tomar um pouco de ar fresco – replicou Eve –, mas, como você quiser.

Ela olhou pela janela. A chuva tinha diminuído um pouco, e, olhando para cima, Eve viu a torre da igreja de Rye, segura em seu morro, um contorno preto contra o céu tenebroso. O barulho de cascos de cavalo nas pedras lisas a informou que eles haviam chegado à cidade, e ela experimentou alguns momentos de ansiedade quando parou diante de George, apenas para descobrir que todos os quartos da hospedaria estavam ocupados. Todavia, minutos depois, a carruagem entrou no pátio de Mermaid, outra estalagem movimentada, e Granby estava segurando a porta para que ela descesse. Evelina teve a impressão de uma construção de alvenaria cercando o pátio, enquanto se apressava para a entrada. Foi imediatamente conduzida para um pequeno salão particular, repleto de objetos de latão e móveis brilhando.

– Isto é muito mais adequado! – exclamou ela. – Um cômodo limpo e quente, e cheiros deliciosos vindos da cozinha. Juro que estou faminta. Granby irá pedir jantar para nós assim que possível.

Sua criada gemeu.

– Eu me sinto totalmente enjoada, senhorita.

– Pobre Martha. Sente-se, então, e descanse até que o dono da hospedaria nos traga café. Ou devo pedir que ele traga chá?

– Como você desejar, senhorita. Eu não quero nada mais do que ficar sentada quieta por um tempo.

– Então faça isso. Granby está organizando os quartos para nós, e providenciando para que nossas malas sejam levadas para cima. Nunca percebi antes como é útil ter um homem para realizar esse tipo de tarefa. Talvez eu o mantenha, afinal de contas, como meu mordomo. – Uma olhada para a figura

pálida sentada ao lado do fogo mostrou-lhe que Martha não estava ouvindo, então Eve ocupou-se em deixar ambas confortáveis. Ajudou sua criada a remover chapéu e casaco e colocou-os, juntamente com os seus, sobre uma cadeira. Uma criada de faces rosadas levou seu café, pedindo desculpas pela demora.

– Nós tivemos muito movimento, com a tempestade e tudo mais. Todas as mesas estão ocupadas. – Ela olhou ao redor, sorrindo e fazendo uma reverência. – Vocês tiveram sorte de conseguir este salão, senhora. Ficarão confortáveis o bastante aqui.

Quando a criada saiu, Martha abriu um olho.

– Não vai se sentar, senhorita? Deve estar exausta, depois de toda essa viagem...

– Nem um pouco! Não gostei de ser sacudida ao longo da estrada, porém estou mais excitada do que cansada. Você sabe quão pouco viajei. Minha última jornada foi para Tunbridge com vovô, dois anos atrás, e o trajeto foi tão lento que acho que teríamos chegado mais depressa se tivéssemos ido a pé! – Ela foi para a janela e olhou para fora. – Se pelo menos parasse de chover, nós poderíamos sair para uma caminhada e ver a cidade.

Sua criada gemeu novamente, e Eve virou-se para ela.

– Pobre Martha, aqui estou eu, tagarelando alegremente, quando você está se sentindo tão mal. Está mesmo pálida, pobrezinha. Talvez um pouco de magnésia acalme seu estômago. Pergunto-me onde Granby pode estar. Deve ter levado a frasqueira para meu quarto. Bem, talvez o dono possa me mostrar o caminho.

Eve foi para a porta e olhou para fora. O corredor estava muito movimentado e, através da porta oposta, podia ver a taverna repleta de homens tomando cerveja e fumando cachimbo, enquanto se abrigavam da chuva. À sua direita, estava um cenário muito mais ordenado, pois o corredor se abria para uma cafeteria, onde viajantes estavam sentados a pequenas mesas e eram servidos de refrescos por garçons que pareciam mal-humorados. Não havia sinal do dono da hospedaria ou da criada alegre. Sem desanimar, Eve foi à procura de seu anfitrião. O prédio antigo era grande e irregular e, por um momento, não pôde decidir qual era o melhor caminho a pegar. Tinha visto diversas pessoas usando uma porta nos fundos da cafeteria, e supunha

que esta levaria a um corredor interno, onde poderia encontrar uma camareira gentil que a levasse ao andar superior. Eve atravessou a cafeteria rapidamente, tentando evitar os olhares curiosos dos clientes. Manteve os olhos fixos na porta, estendendo a mão enquanto se aproximava. A porta vaivém se abriu facilmente, e ela avistou Granby no corredor mais adiante, conversando com um grupo de homens de aparência grosseira. Em sua pressa, não viu o pequeno degrau para descer, e tropeçou, perdendo o equilíbrio, e colidindo com o homem mais perto da porta.

– Oh, perdão – murmurou ela quando braços fortes se estenderam para firmá-la. – Eu...

Suas palavras morreram na garganta quando olhou para cima e se encontrou diante do rosto muito familiar de Nick Wylder.

## *Capítulo Oito*



O AR de Evelina ficou preso na garganta, e por um instante, ela pensou que pudesse desmaiar. O olhar de surpresa no rosto de Nick deu lugar ao humor irônico. Os cantos da boca dele se curvaram num sorriso.

– Oh, Deus – murmurou ele. – Isso não era para acontecer.

Eve recuperou seu equilíbrio e afastou-se dele. Alguma coisa estava errada. Aquele era seu marido, mas não era o homem elegante com quem ela se casara. A camisa branca impecável e a sobrecasaca feita sob medida tinham sido substituídas por um casaco de lã surrado e uma camisa colorida, e os cabelos pretos não estavam mais confinados por uma fita, e um cacho sedoso lhe caía de maneira desalinhada sobre os olhos. O sangue estava pulsando nos ouvidos de Eve, enquanto ela tentava dar sentido à situação.

– Você está vivo – Ela não podia tirar os olhos do rosto dele. – Mas como, por que...

Um dos outros homens balançou a cabeça e disse em tom de aviso:

– Capitão...

Nick levantou uma das mãos.

– Não posso explicar agora, querida, mas você não deve ser vista comigo. Richard a levará para seu quarto.

– Não... eu...

Nick aproximou-se e segurou-lhe os braços.

– Explicarei tudo mais tarde. – Ele a sacudiu de leve. – Volte a entrar, Eve. Você deve agir como se não tivesse me visto, entende?

Eve engoliu em seco. Não entendia nada e queria discutir.

– Eve. – Ele lhe prendeu os olhos. – Preciso que você faça isso por mim.

– Você... irá até mim? – sussurrou ela, as mãos ainda agarrando-lhe o casaco.

– Você tem a minha palavra. – Nick a olhou, então, num movimento súbito, puxou-a para si e beijou-lhe os lábios uma vez, com força. – Irei ao seu quarto, muito em breve. Agora vá. – Ele a virou de si e deu-lhe um pequeno empurrão.

Richard Granby pegou-lhe o braço e a conduziu de volta para o salão particular. Havia tantos pensamentos em sua cabeça que, desta vez, ela não notou as pessoas que jantavam na cafeteria ou as risadas estridentes quando eles passaram pela taverna. Granby a impulsionou para dentro do salão privado. Martha, que estivera dormindo na poltrona, emitiu um grito e levantou-se.

– Pelo amor de Deus, Richard, o que você fez com ela?

Granby guiou Eve para uma cadeira e gentilmente ajudou-a a se sentar.

– Ela teve um choque. Você pode ir buscar um copo de vinho?

Eve ergueu uma das mãos.

– Não – disse ela com voz trêmula. – Eu não quero nada. Só quero saber o que está acontecendo.

– Isso será explicado mais tarde, senhora. Por enquanto, você deve permanecer aqui e não falar nada.

– Não posso contar para Martha?

– Contar-me o quê? – demandou sua criada, parecendo confusa.

Granby deu-lhe um sorriso tranquilizador.

– Oh, acho que não haverá problema, contanto que isso não se espalhe. Eu retornarei em breve para levar vocês aos seus quartos.

Ele fez uma reverência no seu usual estilo vagaroso, deixando Martha quase irritada com impaciência.

– O que houve, srta. Eve? O que você vai me contar?

Eve olhou para o rosto ansioso de Martha.

– Acabei de ver o capitão Wylder. Ele está vivo.

Enquanto a reação de Eve tinha sido controlada, a de Martha foi barulhenta. Ela gritou e voltou a se sentar na poltrona, batendo os pés no chão. Foi uma infelicidade que a criada da taverna escolheu aquele momento para entrar com um bule de café quente. Recordando-se das palavras de Nick, Eve sabia que era imperativo que Martha não contasse o segredo, então imediatamente segurou-lhe os ombros e a sacudiu.

– Pare com isto neste instante! – Seu tratamento brusco teve efeito; Martha parou de gritar e começou a soluçar ruidosamente. Eve dispensou a criada de olhos arregalados e esperou pacientemente até que Martha parasse de chorar e enxugasse os olhos. Com apenas alguns soluços ocasionais, ela se desculpou pela explosão, e em tom de voz baixo pediu que Eve lhe contasse tudo. Eve fez isso, mas descobriu que relatar seu encontro com Nick apenas aumentava sua frustração, uma vez que Martha fazia perguntas que ela não podia responder.

Eve não queria nada mais do que se sentar em silêncio e analisar seus sentimentos. O choque inicial de encontrar-se face a face com seu marido tinha se seguido de uma onda de euforia, mas esta havia sido substituída quase imediatamente por consternação. Por que Nick quisera que ela acreditasse que ele estava morto? Respostas lhe vinham à mente, mas nenhuma era satisfatória, e a maioria parecia muito dolorosa para contemplar, então ela resolutamente as reprimiu, determinada a parecer calma e esperar a explicação de Nick. A reação de Martha à notícia era muito mais simples. O amo estava vivo, e ela se sentia feliz por isso. Eve desejou que pudesse ser tão facilmente satisfeita. Ficou aliviada quando Granby finalmente entrou na sala e anunciou que o dono da hospedaria estava esperando para escoltá-las até o quarto.

– É o nosso melhor apartamento, senhora – falou o anfitrião delas enquanto liderava o caminho através de um corredor curvilíneo e escada acima. – Dizem que a boa rainha Bess dormiu lá. Tenho certeza de que vocês irão achar o quarto muito confortável. – No final de um corredor escurecido, ele abriu uma porta e deu um passo atrás para que elas entrassem. – Aqui está. Não é um belo apartamento?

Eve tinha de concordar. Era um quarto grande e quadrado, com teto de gesso ornado e painéis de madeira ricamente entalhados em todas as paredes. Velas brilhavam dos castiçais presos às paredes, iluminando as cortinas vermelhas e douradas que decoravam a cama imensa, e combinando com as cortinas das janelas, que bloqueavam a visão do céu chuvoso do lado de fora. Uma grande cômoda e um sofá coberto de um tecido cor de vinho ocupavam o canto mais afastado da cama, e os únicos móveis eram duas cadeiras e uma pequena mesa posicionada diante da lareira de pedra, onde um fogo agradável queimava. A mesa já estava posta, e para duas pessoas. Eve olhou para o proprietário. Ele lhe sorriu e deu um tapinha no nariz.

– Sr. Granby sugeriu uma refeição leve, de modo que você não precise de servos interrompendo-a. Há carnes, pães, tortas, frutas... tudo que poderia desejar. – Ele apontou para uma pequena porta no canto do quarto. – Aquela é uma escada privada, senhora, que leva ao quarto de sua criada e ao hall dos fundos, de modo que até mesmo ela pode ir para a cozinha jantar e voltar sem perturbá-la. – Ele lhe deu uma piscadela sugestiva, e o rosto de Eve esquentou.

– Obrigada.

Com mais um sorriso alegre, o proprietário da hospedaria fez uma reverência, saiu e fechou a porta silenciosamente. Martha já estava andando ao redor, inspecionando as acomodações.

– Muito confortável, srta. Eve. Tudo exatamente como deveria ser. E muito limpo, sem um milímetro de pó. Devo desfazer sua mala? Parece tanto trabalho para uma única noite.

– Sim. Não. Isto é, não. – Eve tentou pensar em assuntos práticos, mas seu cérebro não queria funcionar.

– Então irei tirar sua camisola.

– Não! Não, deixe a camisola onde está, Martha. Vá, agora. Chamarei se precisar de você novamente. Oh, Martha. – Ela removeu um pequeno frasco de sua frasqueira e entregou para sua criada. – Você acabou não tomando magnésia.

– Não, senhorita, tomarei agora, se não se importa. Obrigada. Isto é, se você não precisa da magnésia para si mesma?

Eve olhou na direção da mesa, onde um decantador e dois cálices estavam prontos para a refeição que chegaria. Sentia necessidade de alguma coisa mais do que remédio.

– Não, mas você pode me servir um cálice de vinho antes de ir.

Eve observou a criada servir uma taça de vinho tinto, antes de ir para o próprio quarto. A pequena porta de conexão se fechou com um clique, e Eve estava sozinha. Mas não era a paz do quarto antigo que a envolvia. Era pura fúria.

– Eu não irei vê-lo! – exclamou ela em voz alta. – Ele me tratou de maneira abominável. Eu não irei vê-lo.

Andou para a porta principal, trancou-a com a chave, e depois passou o trinco. Então deu um suspiro longo e profundo. Pronto, estava feito. Lentamente, removeu seu casaco de pele, dobrou-o e colocou-o sobre a mala, antes de retornar à mesa e pegar seu cálice de vinho. A tempestade tinha passado, e o silêncio reinava no quarto. Nenhum barulho do andar de baixo se infiltrava no cômodo, e o ar parecia calmo e tranquilo, em total contraste com seus próprios nervos, os quais estavam à flor da pele. Nick que batesse à porta. Ele poderia martelar a porta, e ela não o deixaria entrar. Eve parou no meio do quarto, olhando para a porta, tentando ouvir o mais suave barulho. Pegando seu vinho, censurou-se silenciosamente por sua ansiedade. Ninguém poderia surpreendê-la, o quarto estava seguro. Não estava? O raspar de madeira em madeira a fez girar a tempo de ver um dos painéis ao lado da lareira se abrindo, e Nick Wylder entrando no quarto. Ele ainda usava o casaco de lã, mas em vez da camisa colorida, agora usava uma branca, presa com um laço branco no pescoço, enquanto uma faixa preta na nuca confinava os cabelos negros e brilhantes como uma ave de rapina. A calça larga de marinheiro e os sapatos gastos tinham sido substituídos por calça de camurça e botas altas. Com a calda do casaco balançando ao redor dele, ocorreu a Eve que ele parecia um perfeito pirata. Nick gesticulou em direção ao painel.

– A escada sobe diretamente da rua. Não precisa ficar alarmada; tranquei a porta ao pé da escada; ninguém mais pode vir por este caminho.

Nick mantinha uma postura ereta, os pés levemente separados, as mãos nas laterais do corpo, enquanto a observava. Como um gato, pensou. Alerta,

cauteloso. O coração de Eve tinha parado de bater por um segundo, mas agora estava disparado contra as costelas. Não sabia se ria ou chorava, se estava agradecida ou furiosa.

– Você não se afogou – disse ela finalmente.

– Não, querida, sinto muito por não ter estado lá para ajudá-la quando *Sir Benjamin* faleceu.

– Você mentiu para mim.

– Evelina, eu...

Uma raiva enlouquecedora tomou conta de Eve, anulando a razão. O cálice de vinho voou de sua mão, seu conteúdo deixando uma trilha escura ao longo do chão. Nick deu um passo ao lado e a taça passou por ele e espatifou-se contra a parede.

– Como você ousa?

– Querida, ouça-me... – Ele abaixou quando ela pegou a segunda taça e jogou na sua direção. – Eve, sinto muito. Deixe-me explicar...

As palavras dele foram perdidas quando o vidro bateu contra o painel de madeira, enviando cacos para o chão. Com um grito de fúria, Eve pegou uma faca de carne e avançou nele.

– Eu o odeio, Nick Wylder!

Quando se lançou contra ele, Nick lhe segurou o braço, afastando a lâmina letal de seu corpo.

– Eve, não tive escolha.

Impossibilitada de enfiar a faca no coração dele, Eve levantou a outra mão, seus dedos curvados prontos para arrancar-lhe os olhos. Praguejando, Nick segurou-lhe o braço, dominando-a com facilidade.

– Sei que você está zangada, meu amor, mas não deixarei que me mate. – Ele apertou os dedos no punho dela, e Eve abriu a mão, soltando a faca no chão. – Assim está melhor. – Nick sorriu e libertou-a. – Não é de se admirar que meu pai tenha dito que nunca se deve confiar uma faca a uma mulher!

– Você *nunca* fala sério? – Ela deu um gemido de frustração e começou a socar-lhe o peito com os punhos cerrados.

Nick passou os braços ao seu redor, puxando-a para mais perto.

– Eu sei – ele falou baixinho enquanto ela continuava a socá-lo. – Sei que fui um monstro por fazer isso com você.

Eve bateu os punhos contra o peito sólido e inflexível até que não tivesse mais forças nos braços. Então, quando sua raiva evaporou, foi substituída por lágrimas. Eve se descobriu chorando, soluçando de maneira incontrolável. Não resistiu quando Nick puxou-a para mais perto, acariciando-lhe os cabelos e murmurando palavras suaves. Continuou abraçando-a enquanto chorava e, finalmente, Eve tombou contra o corpo forte, respirando fundo diversas vezes. Nick enfiou a mão num dos bolsos do velho casaco e retirou um lenço limpo.

– Achei que isso pudesse ser necessário – murmurou ele, pressionando o lenço na mão dela. – Não tinha ideia que minha esposa possuía um temperamento tão forte.

– Nem eu – murmurou Eve por baixo do lenço.

Ele tocou os lábios em seus cabelos.

– Agora você vai me ouvir? Vai me deixar explicar? – Ele a guiou para o sofá, e eles se sentaram juntos, Nick mantendo um braço firme ao redor dos ombros dela. – Não planejei isso, Eve. Acredite em mim.

– Por que deveria acreditar em você? – Zangada, ela tirou o braço dele de seu corpo e sentou-se muito ereta, enquanto secava os olhos. – Você mentiu para mim desde o começo. Casou-se comigo para ganhar o controle de Monkhurst, não foi?

– Richard me contou que você esteve lá. Sim, é verdade que queria acesso a Monkhurst. Casar-me com você era uma maneira de conseguir isso.

O sofrimento inundou o coração de Eve.

– Você é desprezível.

Ele suspirou.

– Talvez seja, mas nunca pretendi magoá-la. Admito ter ido a Tunbridge Wells à procura de seu avô, sabendo que ele possuía Monkhurst. Logo descobri que a propriedade era parte de seu acordo de casamento, e que *Sir Benjamin* estava lhe procurando um marido. – O sorriso irreprimível tocou-lhe os lábios – Tudo se encaixava perfeitamente com meus planos... e minha família vinha insistindo que eu me casasse, então sabia que estaria dando alegria a eles, também. Então aceitei o convite de *Sir Benjamin* para visitá-la em *Makerham*. O que *não* antecipei foi o encontro com uma jovem *lady* tão adorável, esperando para me conhecer.

Evelina reprimiu a onda traidora de prazer que aquelas palavras lhe causaram. Não ousaria considerá-las ou seu autocontrole frágil se romperia. Injetou um toque de impaciência na voz:

– E quais eram seus planos, exatamente? *Por que* você precisava de Monkhurst?

– Suspeitava que a propriedade de Monkhurst estava sendo usada por contrabandistas.

– Muito provável. – Ela deu de ombros. – Quase todas as casas na área tem esta função.

– Sim, sei, mas... Acho que devo voltar ao princípio. – Nick pausou e Eve esperou, mexendo no lenço dele com dedos irrequietos. – Minha... ah... carreira arriscada na marinha chamou a atenção do Almirantado, e desde que retornei à Inglaterra, estou trabalhando para eles, investigando certas... atividades.

– Contrabando. Você disse isso.

– Sim, mas não a prática inofensiva feita por Silas e seus amigos... alguns barris de aguardente francês e pacotes de renda de Bruxelas. Os vilões que procuro estão envolvidos em operações muito maiores. Não apenas estão privando o governo dos impostos... e antes que você interrompa, deixe-me dizer que já ouvi todos os argumentos de que os impostos são muito altos. As pessoas que procuro estão inundando o país com um chá que é, na melhor das hipóteses, ilegal, e na pior, venenoso. Chamam isso de smouch. É feito de folhas recolhidas de cercas vivas da Inglaterra, e misturadas com chamber-lye, sulfato de ferro e outra escolha de ingredientes, incluindo, com bastante frequência, estrume de ovelha. Então essa mistura é assada e raspada até virar um pó preto. Mais ou menos isso – disse ele, observando a expressão de horror no rosto de Eve. – Tracei os mais recentes carregamentos para esta costa. A carga foi de navio para Boulogne, depois vendida para nossos... comerciantes livres.

– Mas não fariam isso – exclamou ela. – Silas não transportaria uma carga como esta.

– Não conscientemente, mas ele foi enganado a trazer a carga para a costa. Não achou estranho que a sra. Brattee não tinha chá estocado no armário

quando você chegou a Monkhurst? Agora que Silas sabe a verdade, não confia em nenhum chá vindo do continente.

Os olhos de Eve escureceram.

– Isso é alguma horrível conspiração francesa para nos envenenar!

Nick meneou a cabeça.

– Gostaria de poder dizer que é, mas as evidências mostram que o chá está sendo feito neste país, e nesta área.

– E você suspeita de Monkhurst? Da minha casa?

– Uma das cargas que nós interceptamos continha um fragmento de uma carta. Monkhurst foi mencionada nela. Silas jurou que não havia conexão, mas queria ver por mim mesmo.

– Então você se casou comigo para ganhar acesso à minha casa.

– Sim.

Ela lhe deu outro olhar furioso.

– Você não se desculpa por isso.

Nick sorriu.

– Não me arrependo de ter me casado com você, Evelina. Jamais poderia me arrepender.

A pele de Eve formigou quando viu o brilho nos olhos azuis. Era difícil ficar furiosa quando ele lhe sorria daquele jeito. Lembrou que os sorrisos de Nick não significavam nada. Eram tão sem valor quanto suas palavras melosas. Desviou os olhos, fazendo uma careta.

– Continue.

– Uma vez que Silas foi persuadido a me deixar entrar na casa, nós vasculhamos a propriedade. Há grandes porões, e uma passagem subterrânea muito interessante levando ao ancoradouro em Monkhurst Drain, mas nenhum sinal de que tenha sido usada nos anos recentes.

– Bem, não há nenhum segredo sobre isso! Mamãe me mostrou o túnel quando eu era criança. Contou-me que o avô dela o construiu de modo que a família não precisasse se molhar, andando para o ancoradouro em dias de chuva, mas se esse fosse o caso, por que a passagem levaria para dentro da cozinha? E por que a entrada está escondida atrás de painéis no fundo do ancoradouro? Pelo lado de fora, o túnel é bem escondido; parece que é construído no banco. – Eve balançou a cabeça. – Eu sempre acreditei que o

ancoradouro tivesse sido construído para contrabandear mercadorias para dentro da casa, mas mamãe nunca admitiu. – Eve esqueceu sua raiva quando uma memória temporariamente esquecida ressurgiu. – Lembro de ter tido pesadelos sobre pessoas roubando a casa através do túnel, então papai me levou lá. Ele me mostrou a grade de aço no final do túnel. Tinha uma grande trava, e a chave era guardada num gancho dentro do túnel, de modo que qualquer pessoa da casa pudesse *sair*, mas ninguém pudesse entrar.

– Este ainda é assim, Eve, então você pode ficar sossegada. Entretanto, o ancoradouro está precisando de reparos urgentes.

– Quando meus pais morreram, os barcos foram vendidos. Vovô manteve a casa em ordem, mas nós apenas visitamos Monkhurst uma ou duas vezes depois disso.

Nick tinha estendido o braço ao longo do encosto do sofá. Seus dedos estavam brincando com um dos cachos no pescoço de Eve. Era uma grande tentação virar-lhe a cabeça e descansar o rosto contra a mão dele, mas ela resistiu.

– E quanto a você, Eve? – perguntou ele suavemente. – Desgosta da casa?

– Oh, não, a propriedade guarda apenas boas memórias para mim. Nós vivemos lá até que eu estivesse com aproximadamente nove anos, então fui ficar com vovô quando meus pais viajaram para o exterior, e... nunca voltaram. Morreram na Itália.

Os dedos de Nick deixaram seus cabelos e apertaram-lhe o ombro.

– Eu sei, você me contou que pegaram uma febre. Sinto muito.

– Eu também, mas isso faz muito tempo.

– Também sinto pelo seu avô, e lamento ainda mais por não ter podido estar com você.

Eve endireitou as costas, não estava preparada para aceitar a compaixão. Movimentou os ombros para afastar a mão de Nick, todavia, ficou desapontada quando ele a removeu. Falou em tom de voz ríspido:

– Nós estamos fugindo do ponto em questão, *Sir*. Por que você foi embora de Makerham tão subitamente?

– Minhas investigações me levaram a suspeitar que lorde Chelston estava envolvido neste negócio. Ele tem uma propriedade de tamanho considerável perto de Northiam, e mantém um iate em Hastings. Mantive pessoas

vigiando por algum tempo até agora, mas ele é muito esquivo. Na manhã depois do nosso casamento, recebi uma mensagem que um encontro tinha sido combinado. Depois de tantos meses de trabalho, não poderia deixar que meus homens lidassem com isso sozinhos, então tive de vir para a costa.

– Você não prendeu lorde Chelston?

– Ele é um homem poderoso. Precisamos de fortes evidências antes de tornarmos nossas suspeitas conhecidas. Além disso, quero capturar *todos* os principais envolvidos e fechar a operação inteira. Se nós agirmos muito depressa, irão meramente se esconder, mudar a produção para um novo local. Essas pessoas são espertas; têm um depósito em Boulogne. Os franceses não são contra ajudar alguém que está trabalhando contra a Inglaterra. Você mesma disse, contrabando é um meio de vida nesta parte do país. As gangues locais têm clientes regulares que confiam nelas, que acreditam que estão comprando Black Bohea, o chá preto chinês. – Ele se inclinou para a frente, descansando os cotovelos sobre os joelhos. – Houve relatos de que um carregamento de smouch estava pronto para ser enviado para Hastings num bergantim... que é um barco à vela e a remo... e transferido para um veleiro francês para fora desta costa. Nós achamos que seria possível pegar os homens de Chelston em flagrante com a mercadoria; com tal evidência, poderíamos condená-lo. O capitão George tem um barco rápido à sua disposição, o *Argos*, mas na noite do encontro, alguns de nós estávamos disfarçados num pequeno barco de pesca, esperando chegar perto o bastante do bergantim para entrar a bordo e dominar a tripulação, mas eles descobriram a trama.

– O que aconteceu? – perguntou Eve, não podendo evitar seu fascínio.

– Durante a luta, fui baleado e caí na água.

– Baleado!

– O ferimento foi superficial, logo abaixo das costelas. Nada sério, mas o tiro me derrubou na água. Felizmente, consegui nadar para o *Argos*, mas foi decidido que seria vantagem para nós deixar todos pensarem que eu tinha morrido.

Eve manteve os olhos no perfil de Nick, notando as linhas de risada no canto dos olhos azuis, e os lábios curvados num sorriso. Seria tão fácil perder seu coração para ele novamente. Ela endireitou os ombros, determinada a resistir à tentação.

– Entendo que não queria que esses vilões soubessem que você estava vivo, mas e quanto a mim? – questionou ela calmamente. – Por que enviou Granby para me contar que você estava morto?

Nick virou a cabeça para fitá-la, e por uma vez, não havia sorriso nos olhos azuis.

– Nunca pretendia lhe contar. Pensei que nós pudéssemos resolver esse assunto rapidamente, e que não houvesse necessidade de você saber. Então recebi sua carta, dizendo que seu avô havia falecido, e soube que teria de enviar Granby para você.

– Mas por quê? Eu não entendo.

– Porque o homem que atirou em mim foi seu primo, Bernard Shawcross.

## *Capítulo Nove*



– O MUNDO enlouqueceu ou eu perdi o juízo! – Eve pôs as mãos no rosto.  
– Confesse que você está brincando comigo.

– Não é brincadeira, Eve – murmurou Nick calmamente. – Quando você escreveu para me contar sobre a morte de *Sir Benjamin*, eu soube que Shawcross iria para *Makerham*. Quando seu bilhete chegou às minhas mãos, eu estava fraco para sair da cama ou juro que teria encontrado algum modo de ir até você. Em vez disso, tive de enviar Richard para protegê-la. – Com um movimento súbito e impulsivo, Nick deslizou do sofá para o chão, onde se ajoelhou diante dela, pegando-lhe as mãos e fitando-a com expressão séria no rosto. – Nunca pretendi lhe causar tanta dor, Evelina. Nós nos conhecíamos a menos de um mês, estávamos casados há somente uma noite... não achei que você pudesse se importar tanto comigo.

– Bem, você estava errado – replicou ela, recolhendo as mãos. Levantando-se, andou ao redor da sala, tentando analisar tudo que ele lhe dissera.

Nick recostou-se no sofá, observando-a. Finalmente, disse:

– Você parece muito pálida, querida. Está com fome? Quando comeu pela última vez?

Eve parou de andar, franzindo o cenho, como se não entendesse as palavras dele.

– No café da manhã.

– Então precisamos jantar. – Ele se levantou. – Mas antes, minha pequena briguenta, temos de chamar sua criada.

Martha foi rapidamente chamada e entrou no quarto, fazendo uma leve reverência para Nick.

– Estou muito contente em vê-lo tão bem, capitão Wylder.

– Obrigado, Martha – respondeu ele alegremente. – Você seria gentil o bastante para nos trazer copos limpos? Nós tivemos um... pequeno acidente com os outros. E lembre, nenhuma palavra para ninguém que eu estou aqui.

Ela assentiu solenemente.

– Não, *Sir*, mantereí a boca fechada, prometo.

Nick lhe sorriu e Eve notou, com uma ponta de irritação, como o rosto geralmente sério de sua criada se suavizava diante da força do charme dele.

– E também trarei uma vassoura para limpar os cacos de vidro, capitão.

Depois que ela saiu, Nick removeu seu casaco e jogou-o de lado.

– Espero que você não se importe que jante de camisa, querida, mas este casaco é um traje muito rústico de trabalho, não é adequado para jantar com uma *lady*.

Nick não estava usando colete, e a camisa de linho lhe realçava os ombros poderosos. Eve observou o contraste entre e a camurça escura da calça que abraçava os quadris estreitos e coxas grossas. As memórias daquele corpo forte e atlético pressionado contra o seu a fizeram tremer, e resolutamente as reprimiu. Enquanto Nick se aproximava da mesa, percebeu que ele não estava andando com sua graça usual.

– Seu ferimento – disse ela. – Dói muito?

– Apenas se me movo muito rapidamente – Os cantos da boca dele se curvaram num sorriso. – Ou se eu tenho de me defender de uma *lady* feroz.

Ela ignorou aquilo.

– Posso ver o ferimento?

– Não há muito para ver – replicou ele, tirando a camisa de dentro da calça. – Está quase cicatrizado.

– Então por que ainda está coberto com curativo?

– Proteção – disse ele. – O ferimento ainda sangra ocasionalmente. – Nick levantou a camisa, e Eve olhou para a faixa branca ao redor do corpo forte. – Quer que eu remova a bandagem, de modo que você veja que estou falando a verdade?

Eve corou.

– Acredito em você. – Ela gesticulou a mão no ar. – Por favor, ponha sua camisa para dentro da calça.

Nick desabotoou o cós da calça, e ela não foi capaz de resistir à tentação de olhar para a pele exposta do estômago e abdômen retos, uma pele firme e suave com uma sombra de pelos pretos cacheados, uma sombra que continuava descendo em direção a... Eve desviou os olhos. Não deveria pensar nesse tipo de coisa, porque tais pensamentos lhe causavam uma excitação interior e deixavam seus joelhos fracos. Sentou-se abruptamente à mesa, unindo as mãos no colo enquanto ele terminava de arrumar as roupas no corpo. Nick Wylder era um patife. Não deveria pensar nele de nenhuma outra forma. Martha entrou de novo no quarto e, enquanto se ocupava varrendo os cacos de vidro, Eve tentou se concentrar na história de Nick, e não no corpo dele. O mero pensamento de jantar na companhia dele fez sua boca secar; a mesa era tão pequena que os joelhos deles quase se tocariam por baixo. Ela o observou seguir Martha até a porta, e trancá-la depois que sua criada saiu. Eve não tinha certeza se isso a fazia se sentir mais ou menos segura. Era quase como ser trancada com um tigre, pensou quando ele se virou e começou a se aproximar.

– Não consigo acreditar que Bernard está envolvido em contrabando. – Nervos tornaram a voz de Eve mais aguda do que ela pretendia. – Ele é um tolo detestável, mas eu não posso pensar tão mal dele.

Nick serviu vinho na taça dela.

– Não pode? Este é um mercado muito lucrativo.

Eve ficou silenciosa. Após um momento, disse devagar:

– Acho que contei a você certa vez que Bernard estava sempre visitando vovô, pedindo-lhe dinheiro, indo para Makerham a fim de se esconder dos credores.

– Mas não recentemente?

– Não. Você o viu no casamento; um casaco novo moderno e uma carruagem própria. – Ela pausou enquanto cortava uma fatia de presunto e colocava-a no prato. – Ele questionou o sr. Didcot sobre Monkhurst. Achou que a propriedade fizesse parte dos bens de vovô. – Eve uniu as mãos, seus dedos se apertando uns contra os outros, até que suas articulações ficassem brancas. – Bernard começou a... a insinuar que eu devia me casar com ele, agora que você estava... que eu estava...

– Agora que você estava viúva.

– Sim. – Ela não o olhou. – Foi por isso que eu saí de Makerham. Tive medo que ele pudesse... tentar me forçar.

– Apenas por isso, eu o espancaria – murmurou Nick com raiva.

Ela deu um pequeno sorriso.

– Obrigada. Mas não pode culpá-lo; Bernard acredita que você está morto. Não é isso que você queria, pegar os vilões desprevenidos?

– Sim, mas não era somente isso. Achei que a mentira protegeria você. Uma vez que Chelston soubesse que eu estava atrás dele, temi que tentasse me atingir através de você. Fazer Chelston pensar que eu estava fora do caminho removia tal ameaça. Todavia, quando *Sir Benjamin* morreu, eu sabia que seu primo não perderia tempo em reivindicar sua herança, e se suspeitasse das notícias de minha morte, então você correria um perigo ainda maior. Foi por isso que pedi a Richard para levá-la até a minha família no norte. Eu poderia ter certeza de que você estaria segura lá. – Os olhos azuis se suavizaram. – Não sabia na ocasião que a mulher com quem me casei era tão teimosa.

– Se o sr. Granby tivesse me contado a verdade...

– Pobre Richard, estava meramente cumprindo as minhas ordens. – Nick hesitou. – Eu não sabia... eu não sabia se podia confiar em você.

Eve tremeu, a tristeza inundando seu coração. Era como pensara.

– E agora? – Ela olhou para cima. Os olhos azuis estavam escuros na luz de velas. Inescrutáveis.

– Agora eu não tenho escolha. – Nick estendeu o braço sobre a mesa para lhe pegar a mão. – Não posso lamentar que você sabe a verdade, Eve, mas este é um jogo perigoso. Aconselho que deixe Granby escoltá-la até Yorkshire,

para a proteção da minha família. Eu a encontrarei lá quando terminar meu trabalho aqui.

– Você ainda pode ser morto.

Ele riu.

– Acredite, querida, enfrentei perigos maiores que Chelston e sua gangue!

Nick estava segurando a mão dela, o toque quente e confortável, e sorria daquele jeito impulsivo que a convidava a participar da aventura. Eve engoliu em seco.

– Deixe-me ficar. – Ela ouviu as palavras saindo da própria boca. – Deixe-me ficar e participar disso. – Subitamente, *ela* se sentia impulsiva, não mais com medo da vida. Ergueu o queixo. – Se você vai arriscar a vida, quero estar por perto para saber de tudo!

Nick a estudou com intensidade.

– Tem certeza, Evelina?

Encontrou-lhe o olhar com firmeza. As semanas desde que fora embora de Makerham tinham sido as mais terríveis de sua vida. Seu avô estava em paz, não havia mais nada a ser feito por ele, mas a ideia de estar a mais de trezentos quilômetros de Nick não lhe agradava. Não se importava com ele agora, é claro, mas Nick era seu marido, e Eve conhecia seu dever.

– Sim, tenho certeza – respondeu ela finalmente. – Irei morar em Monkhurst e ser seus olhos e ouvidos lá.

Afastando a cadeira, Nick se levantou, rodeou a mesa e colocou-a de pé e no círculo de seus braços. Ela abriu as mãos sobre o peito largo, tentando impedir o contato mais íntimo, mas durante o tempo todo seu coração estava batendo descompassado contra as costelas, deixando-a ofegante. Ele a fitou, a boca tentadoramente perto.

– Isso pode ser perigoso – murmurou Nick.

– Ser sua *esposa* é perigoso, Nick Wylder!

Com uma risada, ele se inclinou para beijá-la, e Eve precisou de toda sua força de vontade para virar a cabeça para o outro lado.

– Não – sussurrou ela, fechando os olhos quando os lábios dele traçaram beijos leves ao longo de seu pescoço, causando tremores de deleite em seu corpo traidor.

– Você não pode negar que me quer – murmurou ele. A respiração quente na pele de Eve a fez tremer de novo, enfraquecendo sua resolução.

– Não, mas.. não... confio... em você.

Os beijos leves como borboletas pararam. Nick levantou a cabeça.

– Ah.

– Sinto muito – sussurrou ela.

– Você não tem nada pelo que se desculpar, querida. A culpa é minha. – Ele lhe segurou o queixo e inclinou-lhe o rosto na direção do seu. – E também sou culpado por estes círculos escuros sob seus olhos – acrescentou, roçando o polegar gentilmente no rosto dela. – Que vilão eu sou de envolvê-la nisso.

Zangada, ela bateu na mão dele para afastá-la.

– Sim, você é, e *nunca* o perdoarei.

– Nunca é um longo tempo, querida. – Ele lhe sorriu. – Eu devo tentar fazer você mudar de ideia.

Eve deu de ombros e virou-se de costas, afastando-se.

– Isso não irá adiantar. Estou mais sábia para cair nos seus charmes agora, capitão Wylder.

Ele riu suavemente.

– Veremos. Por enquanto, nós precisamos alimentá-la.

– Não acho que poderia comer alguma coisa.

Nick empurrou-a gentilmente de volta para a cadeira.

– Oh, acho que você pode. – Ele pegou um pequeno pedaço de frango com os dedos e lhe estendeu. – Experimente isto. As partes mais suculentas estão perto do osso.

Pacientemente, ele a persuadiu a comer, oferecendo-lhe fatias de queijo saboroso, e as partes mais suculentas da carne, até que Eve levantou ambas as mãos, protestando que estava satisfeita. Somente então Nick cuidou de suas próprias necessidades. Enquanto jantava, Eve recostou-se na cadeira e deu pequenos goles de seu vinho.

– Nick? Por que você veio para Mermaid?

– Vim encontrar um capitão de um navio, um com mais informações sobre o veleiro preto.

– Você o encontrou? E ele o ajudou?

– Sim e sim. Ele conhece o veleiro, que se chama *Merle* e navega fora de Boulogne.

– Isso não é onde você disse que Chelston tem seu depósito?

– Sim, é. Tudo que precisamos agora é de uma prova sobre onde o smouch está sendo feito, então poderemos agir. – Ele a fitou. – Mais algumas semanas, meu amor, e tudo isto estará acabado.

Eve não respondeu, mas observou-o enquanto terminava a refeição. A luz das velas e do fogo lançava um brilho dourado no rosto dele, realçando-lhe as maçãs do rosto e a linha forte do maxilar, fazendo os cabelos negros brilharem toda vez que mexia a cabeça. Uma onda de desejo a percorreu, e Eve mordeu o lábio inferior para reprimir um sussurro. Deveria ser cuidadosa ou seu corpo rebelde a trairia. Finalmente, Nick empurrou o prato para mais longe e deu um suspiro de satisfação.

– Nosso anfitrião sabe como agradar os hóspedes. Comida excelente acompanhada pelos mais finos vinhos franceses. – Ele completou as taças.

– E os impostos do vinho foram pagos?

Nick sorriu-lhe.

– Duvido, mas não irei perguntar. Agora, mais uma coisa para terminar a nossa refeição. – Ele pegou uma laranja.

– Não, realmente, já comi demais...

– Nós dividiremos então, mas você comerá um pedaço; a fruta lhe fará bem. – Ele removeu a casca da laranja com dedos hábeis, então cortou-a em gomos. Inclinando-se para a frente, estendeu um pedaço para Eve. – Coma – disse. – Não, não toque; o suco irá sujar suas mãos.

De forma obediente, Eve se inclinou para a frente e permitiu que ele pusesse um gomo da laranja em sua boca. Então assentiu com a cabeça, sorrindo.

– Isto é bom.

Nick estendeu outro pedaço, e desta vez seus dedos lhe tocaram os lábios. Eve queria colocá-los na boca, lambe o suco doce da pele dele. Necessitou de toda sua força de vontade para se afastar. Os olhos de Nick estavam no seu rosto, lendo seus pensamentos, penetrando sua alma. Em tumulto, Eve tentou desesperadamente pensar em alguma coisa para falar. Qualquer coisa, para quebrar a atmosfera perigosa que se instalara entre eles.

– Deveríamos construir uma estufa em Monkhurst. As frutas dariam muito bem lá. Os jardins estão tristemente negligenciados; pedi que Nathaniel e Sam limpassem o solo...

– Eve.

– Precisaremos contratar um jardineiro, mas talvez Silas conheça alguém...

Nick levantou-se.

– Meu amor, você pode contratar quantos jardineiros quiser, mas nós não falaremos sobre isso agora. – Ele ajudou-a a se levantar e passou os braços ao seu redor. Eve manteve a cabeça baixa e se preparou. Seu instinto era ceder, inclinar-se contra ele e render-se ao abraço, mas não faria isso. Não poderia, porque sabia muito bem que Nick partiria seu coração. Ele lhe segurou o queixo com a mão e forçou-a a encará-lo. Quando viu os olhos azuis escurecerem com desejo, sentiu o corpo másculo excitado contra o seu, entrou em pânico.

– É claro que, como meu marido, você tem direito de tomar seu prazer comigo, mas peço que faça isso rapidamente. Estou exausta da viagem.

As sobrancelhas de Nick se uniram.

– Do que está falando? Acha que eu sou um monstro, que a tomaria à força?

Nick afrouxou o aperto e Eve deu um passo atrás, então lhe deu as costas, distanciando-se enquanto reunia suas defesas, enquanto reunia toda a raiva e ressentimento que experimentava para se proteger da atração que sentia por ele.

– Você não é um monstro, *Sir*, mas deve entender que sofri um grande choque. Saí esta manhã pensando em mim mesma como uma viúva, apenas para descobrir que fui enganada.

– E eu lhe expliquei por que isso foi necessário.

Eve virou-se.

– Oh, então isso é o bastante para fazer com que tudo fique bem novamente! Acha que você tem apenas de sorrir e dizer que sente muito, e será perdoado.

– Não, é claro que não...

Eve começou a catalogar as ofensas de Nick, contando-as nos dedos da mão.

– Primeiro, você se casou comigo porque suspeitava que minha família estava envolvida em contrabando. No dia seguinte do nosso casamento, você desaparece, depois envia seu homem para me dizer que tinha morrido afogado. Eu lhe disse, *nunca* irei perdô-lo! – Eve cobriu o rosto com as mãos, lutando contra as lágrimas que ameaçavam sufocá-la. Ansiava por sentir os braços de Nick ao seu redor, por ouvi-lo murmurar algumas palavras de conforto, mas havia apenas silêncio, e este parecia se estender infinitamente.

– Tem toda razão, Eve – disse ele finalmente. – Eu me comportei de maneira abominável com você.

Ela olhou para cima. Nick estava vestindo o casaco.

– Aonde você vai?

– Devo ir embora. Não tenho desejo de forçar minhas atenções sobre você, nem a minha companhia, se você me acha tão repulsivo. Perdoe-me, Evelina.

– Vá, então!

*Não, não me deixe!* As palavras ecoaram na cabeça de Eve, mas ela não podia vociferá-las. Nick abotoou o casaco de lá.

– Richard irá escoltá-la de volta para Monkhurst amanhã. Se você está feliz em permanecer lá, tê-la por perto será um conforto para mim, mas isso pode ser perigoso. Você só precisa falar a palavra a qualquer momento, e Richard a levará até meu irmão.

– Monkhurst é meu lar agora. Ficarei lá. O que você quer que eu faça?

– Observe e espere, mas tome cuidado, e diga a Martha para segurar a língua, porque ninguém mais em Monkhurst sabe que estou vivo. Envie uma mensagem por Richard, se quiser me contatar.

– Eu farei isso.

O coração de Eve disparou quando ele deu um passo na sua direção, mas Nick parou a certa distância e deu-lhe um sorriso apologetico.

– Não me transforme num monstro enquanto estou longe de você, querida. Não lhe darei motivo para desconfiar de mim novamente, juro, mas preciso de tempo para lhe provar.

– Espere! – Ela o fitou. Frases como “não vá” e “fique comigo” soaram em sua cabeça, mas em vez disso, ouviu-se dizendo: – Não devo prosseguir para

Hastings? Granby deve ter lhe contado que era minha intenção visitar o lugar onde você... morreu. Pode parecer suspeito, se eu não seguir viagem.

– Como você desejar. – Ele lhe sorriu, e a visão daquela covinha incrivelmente atraente fez a respiração de Eve ficar presa na garganta. – Sim, vá para Hastings. Informe ao mundo que alguém está de luto pela minha morte!

Nick beijou os próprios dedos e soprou-lhe o beijo, então se virou e desapareceu pela porta no painel de madeira. Eve observou a porta se fechar depois que seu marido saiu, sentiu o silêncio do quarto a envolvê-la novamente. Então, como se libertada de uma armadilha, atravessou o cômodo e correu os dedos sobre a madeira, tentando encontrar uma maçaneta ou uma alavanca para abrir a porta. Não havia nada. Ela pressionou a orelha no painel. Atenta aos sons, pensou ouvir as botas de Nick nos degraus de madeira, e o barulho abafado da porta se fechando. Ele se fora. Houve uma batida à porta dos criados e Eve atravessou o quarto para destrancá-la. Martha entrou.

– Devo me recolher agora, senhorita. Está ficando tarde, e não quero circular por estas passagens depois que eles apagarem as velas. – Ela olhou para trás do ombro de Eve. – Onde está o amo?

– Ele foi embora. – Eve deu um suspiro longo, mas não conseguiu impedir que as lágrimas escorressem. Martha pôs os braços ao seu redor e conduziu-a para cama.

– Pronto, pronto, srta. Eve. Sente-se aqui e conte tudo que aconteceu para Martha.

– Não... há nada a contar – soluçou Eve. – Eu... nós... tivemos um desacordo e... ele foi... embora.

Eve cedeu às lágrimas e Martha abraçou-a de maneira maternal.

– Bom Deus, srta. Eve, não me diga que ele se forçou sobre você!

– Não – exclamou Eve com uma nova torrente de lágrimas. – É claro que Nick não fez isso. Eu o mandei... embora e... e ele foi! Homem estúpido, estúpido!

## *Capítulo Dez*



A JORNADA para Hastings foi realizada com facilidade, com a estrada de Winchelsea consertada e aberta novamente para a passagem de carruagens. Não havia uma festa de recepção para Eve quando chegou à cidade, e a estrada para o pequeno porto era esburacada e ruim. No momento que Richard Granby lhe abriu a porta da carruagem, ela o olhou.

– Não há nada aqui, exceto barcos de pesca. Diga-me, sr. Granby, onde estão os conhecidos de negócios que meu marido estava visitando?

A fisionomia impassível do pajem não mudou.

– Não posso dizer, senhora.

Eve puxou o véu sobre o rosto.

– Bem, ajude-me, Granby. Nós devemos continuar com essa farsa, embora não haja ninguém aqui para testemunhar.

– Oh, acho que você está errada quanto a isso, senhora – murmurou Granby, dando-lhe a mão. Ele gesticulou a cabeça na direção de um grupo de pescadores, que estavam consertando suas redes no abrigo de um barco virado de ponta-cabeça. Eve os tinha visto olhando para a carruagem, e quando ela desceu, um dos homens aproximou-se, puxando seu chapéu com dedos nodosos.

– Perdão, senhora, nós a vimos descendo a estrada e pensamos... bem, vendo suas roupas de luto... pensamos se, por acaso, você seria a viúva do capitão? Capitão Wyldfire?

Eve olhou na direção de Granby, e, como se estivesse ciente dos olhos dela através do véu grosso, ele assentiu com um movimento discreto da cabeça. Ela se voltou para o pescador.

– Sim, sou – respondeu suavemente. – Você... conhecia meu marido?

Um sorriso amplo, revelando dentes pretos, foi esboçado no rosto enrugado pelo tempo.

– Sim, senhora. Nós todos conhecíamos o capitão Wyldfire. Um bom marinheiro ele era, da marinha do rei, nada menos, e um homem muito generoso também, sempre pronto para nos pagar bebidas no Stag por uma noite. Ele nos disse que viria aqui para levar embora os vilões que estavam vendendo smouch para nós como se fosse chá de verdade. – O sorriso desapareceu e ele balançou a cabeça. – Foi um dia triste quando o capitão se afogou, senhora. Todos nós ficamos tristes de ver o fim de um homem tão corajoso.

O coração de Eve parou de bater por um segundo.

– Você estava com ele, então? Viu meu marido na noite que ele... ele...

– Que Deus a abençoe, senhora, foi meu barco que o capitão usou naquela noite, o *Sally-Ann*. Queria chegar perto de um veleiro que estava indo para Hastings, sabe?

– E o que aconteceu?

– Oh, nós chegamos perto, perto o bastante. O capitão e alguns de nós já estávamos a bordo do veleiro, sendo amigáveis e fingindo que estávamos interessados em parte da carga deles, mas o barco costeiro subiu muito cedo. Havia pouca neblina, e quando avistaram meu barco, deram o grito de alerta, sabendo que tinham sido enganados. Eles nos atacaram. O capitão foi rápido, deu o sinal para a retirada e nos colocou seguramente a bordo de *Sally-Ann* de novo, mas um dos vilões apontou sua arma para o capitão, e atirou antes que pudesse escapar. Foi assassinado. Caiu na água sem um murmúrio.

– E vocês não tentaram encontrá-lo, recuperar o corpo dele?

– É claro que tentamos, mas não havia sinal dele e nós tínhamos de navegar, pois o mar estava nos carregando em direção às pedras de Nore. Já

começava a escurecer, e com o veleiro cheio de armas, nós decidimos ir para a praia. O barco costeiro procurou o capitão, mas não por tempo o bastante. – O pescador mostrou seu desprezo pelos esforços deles, virando a cabeça para cuspir. – A guarda costeira pode ter assustado os vilões e os expulsado por enquanto, mas eles voltarão, especialmente agora que sabem que o capitão não está aqui para intimidá-los. – O pescador meneou a cabeça, e disse num tom de voz saudoso: – Sim, o capitão Wyldfire era um grande homem, sempre alegre e corajoso, procurando excitação ou qualquer tipo de confusão. Temos observado as praias todos os dias desde então, senhora, esperando que as ondas tragam seu corpo, para que possamos dar-lhe um enterro cristão em All Saints. E ainda há tempo. Continuaremos de olho, não se preocupe.

– Obrigada. – Eve abriu sua bolsa e tirou um punhado de moedas, pressionando-as na mão do homem. – Quando você e seus companheiros forem ao Stag esta noite, façam um brinde em nome da memória do meu marido.

Novamente, Eve ganhou o sorriso que revelava dentes pretos.

– Bem, senhora, isso é muita generosidade sua, muita generosidade. O tipo de coisa que o capitão aprovaria, se não se importa que eu fale. – O pescador puxou o chapéu mais uma vez e virou-se para o pequeno grupo atrás dele.

– Levantem-se, homens, levantem-se e prestem seus respeitos para a viúva de Wyldfire!

Tirou o chapéu, enquanto Eve se virava para a carruagem.

– De volta para Monkhurst, senhora? – perguntou Granby, segurando a porta aberta.

– Sim, por favor. Mas iremos parar na igreja, antes de sairmos de Hastings, eu acho.

A IGREJA All Saints ficava localizada na extremidade leste da cidade, bem acima do porto, e era cercada por seu cemitério. Quando Eve desceu da carruagem, um calafrio a percorreu ao pensar que ali era onde Nick poderia estar enterrado. O vento soprou da costa, movendo seu chapéu, e levantando o véu de seu rosto. Ela o colocou de volta e respirou o ar marítimo.

– O que há além daquelas casas? – perguntou ela para Granby, apontando para um grupo de construções e para a pequena alameda mais à frente da igreja.

– Campos, senhora, e o penhasco.

– O penhasco dá vista para as pedras que o pescador mencionou?

– As pedras de Nore? Sim, senhora.

– Então vamos lá.

Eve atravessou o cemitério e passou pelo pequeno portão a caminho do campo. Encontrou-se numa alameda que corria entre fileiras de pequenas casas em situação precária. Mulheres malvestidas e crianças descalças a olhavam com expressões hostis enquanto passava, e Eve ficou aliviada que Granby a estava seguindo de perto. Quando emergiram da alameda numa campina aberta, não havia abrigo das forças da natureza, e Eve foi parada abruptamente pelo vento forte da praia. A rajada a atingiu sem piedade, movendo seu casaco e suas saias, e ela levou uma das mãos à cabeça, para segurar o chapéu. Granby parou ao seu lado.

– Permita-me, senhora.

Eve lhe pegou o braço e, juntos, andaram em direção à extremidade do penhasco, até que pudessem ver a água marrom agitada estourando em espuma branca contra as pedras abaixo.

– Se a noite anterior não tivesse acontecido – observou Eve –, se nós não tivéssemos parado em Mermaid, suponho que você teria me contado uma lorota sobre os amigos do meu marido terem deixado Hastings a estas alturas.

– Teria sido obrigado a pensar em alguma coisa, sra. Wylder.

– Então você é um patife completo – disse ela. – Agora, afaste-se e me permita um momento sozinha para contemplar meu destino.

– Por favor, não chegue muito perto da extremidade, senhora!

Eve gesticulou uma das mãos para mandá-lo embora. Ficou parada por um momento, olhando para as águas acinzentadas enquanto o vento levantava suas saias. Pensou em como sua vida tinha mudado. Não era mais a queridinha do vovô, vivendo protegida e segura em Makerham. Era uma mulher casada agora, e não havia volta. Nick se casara por Monkurst, todavia, o que mais queria dela? O seu casamento seria de conveniência? Seria instalada em uma das casas dele, e deixada lá para cuidar da

propriedade, enquanto ele ia em busca de aventura? Eve endireitou os ombros e estreitou os olhos contra o vento. Não tinha ideia do que o futuro lhe reservava, mas quanto ao presente... bem, tinha um papel a representar. Era viúva. A imagem de como ela o vira pela última vez surgiu em sua mente, com Nick usando seu velho casaco de lã, com toda a segurança e arrogância de um pirata. Ela era a viúva do capitão Wyldfire.

– O QUE vou fazer agora? – Evelina estava de pé na sala de visitas e olhou ao seu redor. Tinha voltado a Monkhurst excitada com o pensamento de fazer sua parte na aventura de Nick, mas agora, quando o silêncio confortável da velha casa se instalou à sua volta, achou difícil acreditar que alguma coisa excitante aconteceria lá. Virou-se para olhar para Granby, que a seguira para dentro da sala.

– Não tenho dúvida que seu amo acha que estou segura aqui, fora do caminho, enquanto ele vai atrás de jogos perigosos.

– Está preocupado com seu bem-estar, senhora. Era o desejo do capitão que você fosse para o norte, para a família dele, onde certamente seria protegida.

– E você me culpa, Granby? Acha que estou errada em não aceitar o conselho dele?

– Não ousaria criticar as suas ações, senhora.

– Ora, ora, você me critica com cada olhar! – exclamou ela. Com um suspiro, sentou-se numa poltrona e abaixou a cabeça nas mãos.

– Senhora, eu... – Granby parou. Ela o ouviu dando alguns passos na sala antes que recomeçasse, a voz desprovida de emoção: – O capitão Wylder me ordenou que permanecesse com você, e sei que ele acha que estaria mais segura em Wylderbeck Hall. Naturalmente, sempre faço o possível para cumprir as ordens dele, mas admito que neste caso, eu não estava... infeliz... por permanecer em Kent.

Ela levantou a cabeça.

– Obrigada, sr. Granby – disse Eve suavemente. – Nenhum de nós quer estar muito longe dele, certo?

– Certo, senhora.

As palavras de Nick voltaram para ela. *Ter você por perto será um conforto para mim.* Aquilo era uma migalha de consolo, e deu novo ânimo a Eve. Ela se levantou.

– Bem, não há razão para que nós não sejamos úteis aqui, enquanto esperamos que esta missão do meu marido chegue ao fim! Podemos pelo menos transformar Monkhurst num lar novamente. – Ela desamarrou seu chapéu e segurou-o de lado. – Posso ter de bancar a viúva de luto, mas não há motivo para que eu não seja ativa dentro de minha própria casa!

DURANTE A semana que se seguiu, Evelina descobriu um escape para suas energias presas, tornando a velha casa confortável. Aceitou a oferta de Richard Granby para agir como seu “faz-tudo”, até que Nick retornasse e concordasse que Aggie levasse mais garotas do vilarejo para ajudá-la com a limpeza. Num esforço de impedir que Silas e os filhos voltassem a fazer contrabando, deu-lhes o trabalho de consertar janelas e cuidar do jardim. A própria Eve pôs um velho vestido de algodão e se juntou à Martha no sótão. Separaram muitos móveis quebrados, a maioria que só prestava para o fogo, mas algumas das melhores peças foram enviadas para o andar de baixo, a fim de serem usadas na casa. Era um trabalho duro, mas ajudava a preencher seus dias, e à noite, sentia-se tão cansada que dormia assim que se deitava na cama. Uma vez que o sótão estava limpo, Eve voltou sua atenção para os baús estocados lá. Eles estavam repletos de linho e tecidos finos, cuidadosamente empacotados por algum dono anterior, e Eve anotou os conteúdos do baú para uso futuro. Havia um baú, contudo, que a fez gritar em deleite, fazendo Martha se aproximar para inspeção.

– Eu me lembro deste! – exclamou ela, deslizando as mãos sobre o topo amassado. – Ficava no quarto de mamãe.

– Ora, srta. Eve – discordou Martha. – Você certamente não pode se lembrar de algo que aconteceu tanto tempo atrás.

– Bem, ela está certa – concordou Aggie, que tinha subido para ajudá-las a vasculhar os baús. – Este baú ficava sob a janela no quarto da ama.

– Sim! – exclamou Eve, de maneira empolgada. – Tinha almofadas no topo, como um assento de janela. Veja, tem as iniciais de mamãe na tampa: H. W. ... Helena Wingham.

Aggie estendeu a mão enrugada e traçou as letras. Então deu um suspiro alto.

– Eu me recordo do pai da srta. Helena lhe dando o baú quando ela era uma menina, e ela sempre o manteve no quarto desta casa, mesmo depois que se casou e não podia vir aqui com tanta frequência. Quando seus pais morreram, *Sir Benjamin* levou todos os objetos pessoais deles para *Makerham* e fechou a casa. Se ele deixou este baú para trás, não deve conter nada de valor.

– Nós precisamos abri-lo – disse Eve. – Está trancado. Tente suas chaves, Aggie; uma delas deve servir.

Depois de 15 minutos sem resultados, foram forçadas a admitir que nenhuma das chaves da governanta abriria o baú.

– Nós poderíamos quebrar a fechadura – ofereceu Martha.

– Não. Havia algumas chaves velhas na escrivaninha de mamãe – disse Eve. – Eu as vi quando estava procurando um selo para pôr na carta que enviarei para meu primo. Não lhe contei, Martha, mas recebi uma carta dele ontem, uma tão lisonjeira, se desculpendo por ter me assustado e me feito ir embora de *Makerham*, e perguntando se poderia me visitar aqui, em *Monkhurst*.

Martha bufou.

– Espero que você tenha lhe dito que isso não é possível.

– Disse. Deixei muito claro que não o quero diante de minha vista.

– Você fez muito bem, srta. Eve. O sr. *Granby* lhe dará um tratamento rude se ele se aproximar desta casa, pode ter certeza, senhorita. Contei a ele como *Bernard* estava tentando seduzi-la, quando você acabara de descobrir que o amo tinha morrido afogado.

Eve deu um olhar de aviso para sua criada.

– Sim, bem, se meu primo decidir visitar *Monkhurst*, irei contar com *Granby* e *Silas* para mandá-lo embora. E falando nestes dois, você acha que poderia ir encontrá-los agora, Martha, e pedir que levem este baú para meu quarto no andar de baixo? Então podemos experimentar as chaves que achei.

O baú logo foi carregado para baixo. Martha e a governanta acompanharam o processo, com Aggie declarando que Eve não deveria estar perdendo tempo com tais bobagens.

– O conteúdo do baú será de velhas quinquilharias, marque minhas palavras – disse ela, balançando a cabeça enquanto Eve vasculhava as gavetas da pequena escrivaninha.

– Talvez, mas quero ter certeza. Sei que vi as chaves em algum lugar... ah, aqui estão elas. – Ela puxou um pequeno molho de chaves do fundo de uma gaveta e ergueu-o no ar, sorrindo de modo triunfante. – Agora poderemos ver! – Selecionou a chave mais provável e enfiou-a na fechadura, enquanto Aggie resmungava sua desaprovação. No começo, a chave não se moveu, mas Eve encaixou-a melhor e tentou novamente. Desta vez, ela virou com um suave rangido.

– Você conseguiu, srta. Eve! – declarou Martha boquiaberta quando Evelina levantou a tampa.

– Aí está – disse Aggie, espiando dentro do baú. – O que eu falei? Cheio de roupas velhas. Deixe isto, senhora.

Eve a ignorou e continuou manuseando os conteúdos.

– Não entendo. – Ela franziu o cenho. – Sei que este era o baú de minha mãe – murmurou, removendo um velho casaco marrom de dentro. – Mas este é um casaco de homem, pequeno demais para pertencer ao meu pai.

– Agora, srta. Eve, largue isto – exclamou Aggie, quando Eve puxou mais roupas para fora.

– Camisas, meias, calças... e um par de botas.

– Os pertences do ajudante do estábulo, talvez – ofereceu Martha.

Eve pegou uma das botas e segurou-a contra seu próprio pé delicado. Excitação a percorreu.

– Sabe o que acho? – disse ela suavemente. – Acho que estas roupas pertenciam à mamãe.

Martha riu.

– Agora perdeu o juízo, senhorita? São roupas de homem.

– Acho que não. – Eve fixou os olhos na velha governanta, que se movimentou desconfortavelmente. – E então, Aggie?

– Por que eu deveria saber alguma coisa sobre isso, senhorita?

– Porque você morou em Monkhurst durante toda sua vida. Estava aqui quando mamãe visitou a casa quando criança, e a viu crescer. Posso ver em

sua expressão que você sabe de alguma coisa. – Eve se levantou e pegou as mãos da mulher idosa. – Por favor, conte-nos, Aggie.

– Não, senhorita, não é nada. Está tudo no passado. Esqueça isso – implorou ela, o semblante angustiado.

– Não, eu insisto. – Eve sacudiu-lhe as mãos de leve. – Conte-me, Aggie. Quando mamãe usou estas roupas?

– Talvez estas roupas fossem fantasias – sugeriu Martha, com olhos arregalados.

Eve meneou a cabeça e manteve seu olhar fixo na governanta.

– Não, eu não acredito nisso. Então, Aggie?

A mulher idosa a olhou, leu a determinação no rosto dela e cedeu:

– A ama às vezes saía nestas roupas. – Ela pausou, parecendo desconfortável, mas o olhar de Eve não vacilou, e Aggie acrescentou num sussurro: – À noite. Ela saía com os rapazes, os comerciantes livres.

Eve bateu palmas.

– Eu sabia! Era contrabandista.

– Não! – declarou Aggie, chocada. – Sua mãe ficaria ofendida em ouvi-la falando assim. Sempre houve mercado entre aqui e o continente. Silas e os outros rapazes do vilarejo traziam algumas garrafas de aguardente de vez em quando. Apenas coisas pequenas... nós não tínhamos nada a ver com os grandes barcos levando chá e bebida para as cidades pequenas, apenas trazíamos o suficiente para uso local. Todos sabiam sobre isso, e a srta. Helena também descobriu numa de suas visitas para cá com a família. Conseguia tudo que queria de Silas. Ele a adorava, então, quando ela quis acompanhá-los, ele não conseguiu impedi-la, pois jamais contaria o que estava acontecendo para sr. Wingham. Afinal de contas, eram apenas os moços locais viajando para fazer seu mercado, não uma das gangues cruéis que cortariam seu pescoço assim que olhassem para você.

– E ela parou de acompanhá-los depois que estava casada?

– É claro. Ela desistiu de tudo quando se tornou a sra. Shawcross.

Eve olhou para o retrato de sua mãe. Estudando o rosto sorridente, pensou agora que podia detectar um brilho naqueles olhos escuros que não notara antes. Riu subitamente.

– Talvez eu não seja uma parceira tão fraca para o capitão Wyldfire, afinal de contas!

– Perdão, senhorita? – disse Martha.

Eve balançou a cabeça, sorrindo de maneira travessa. Começou a guardar as roupas de volta no baú.

– Está quase na hora do jantar e este é um trabalho no meio de tanta poeira que acho que vou tomar um banho, Aggie. Continuaremos a mexer nos baús amanhã.

TODAVIA, NA manhã seguinte, Evelina mal tinha acabado de se levantar da mesa do café da manhã quando Granby entrou para lhe dizer que tinha uma visita.

– *Lady Chelston* está aqui, senhora. Eu a levei para a sala matinal.

Eve olhou para ele.

– *Lady Chelston*! O que, em nome de Deus, pode querer comigo?

– Oferecer-lhe as condolências, talvez? – sugeriu ele suavemente.

Ela engoliu em seco.

– E você acha que devo recebê-la? – O olhar sério de Granby deu a resposta a Eve. – Oh, céus! – Ela mordeu o lábio. – Suponho que tenho de ir, mas eu não a receberei usando este vestido velho! Volte à sala matinal, Granby, e diga-lhe que logo estarei com ela... e se ela protestar e não esperar enquanto eu troco de roupa, então melhor ainda.

Quando Eve entrou na sala matinal, aproximadamente vinte minutos depois, encontrou sua visita sentada calmamente, folheando uma das revistas que Eve havia deixado sobre a pequena mesa lateral. Eve adentrou a sala em silêncio, passando as mãos sobre as saias pretas pesadas de seu traje de luto. Não usava enfeites, exceto pela aliança de ouro do casamento, e seus cabelos estavam cobertos por um chapéu de renda preta.

– *Lady Chelston*. Sinto muito por tê-la feito esperar. – Eve fez uma pequena cortesia, antes de erguer os olhos para observar sua visitante.

Catherine Chelston era uma mulher alta e magra. Seu rosto, um dia bonito, tinha muitas rugas, as quais não combinavam com os cachos pretos que saíam de baixo do chapéu largo. Seu vestido verde farfalhou quando

correu na direção de Eve, estendendo os braços e murmurando impetuosamente:

– Oh, minha pobre criança, tão linda, tão parecida com sua querida mãe.

Eve piscou.

– A senhora... conheceu minha mãe?

– Sim, sim. Isso foi muitos anos atrás, é claro, e nós perdemos contato depois que estávamos casadas. Quando soube que você tinha vindo para morar em Monkhurst, determinei-me a vir lhe fazer uma visita e me apresentar para você. E oferecer minhas condolências. Perder seu avô e seu marido num período de tempo tão curto foi uma tragédia tão grande, minha querida.

– Nós suportamos a dor da melhor maneira possível, senhora. – Eve recolheu as mãos num movimento gentil, e gesticulou para que sua visitante se sentasse. – Parece que as notícias correm depressa por aqui.

*Lady Chelston* riu suavemente.

– É assim mesmo em áreas campestres, e vizinhos devem oferecer uns aos outros o máximo consolo que puderem.

– Oh? Então nós somos vizinhas?

Novamente, aquela risada suave, confiante.

– Chelston Hall não fica a muito mais que vinte quilômetros daqui, e numa área onde há tão poucas *boas* famílias; não gostaria de ser negligente em minhas atenções.

Eve inclinou a cabeça. Não sabia como responder, mas foi poupada da necessidade de dar uma resposta, pois *lady Chelston* continuou após uma pequena pausa para respirar:

– A propósito, minha querida, quem é aquele jovem encantador que me trouxe para esta sala? Não é seu mordomo, presumo.

– Não, aquele é sr. Granby. Era o pajem de meu marido, e concordou em ficar comigo – explicou Eve, decidindo que seria melhor ser o mais sincera possível. – Ainda não organizei minha residência aqui, e Granby é muito útil. Apesar de não ser mordomo, faz este papel muito bem.

– É certamente muito formoso – murmurou *Lady Chelston*, os olhos semicerrados. – Quando você terminar com ele, querida, envie-o para mim, e lhe encontrarei um trabalho em minha casa. Gosto de ser cercada por jovens

atraentes. Oh, eu a choquei? Desculpe-me, sra. Wylder, deixei minha língua correr solta, mas você se parece tanto com sua santa mãe que esqueci que não estava falando com ela.

– A senhora... conhecia bem minha mãe?

– Oh, sim, nós éramos grandes amigas. Helena e eu fomos à escola juntas, sabe? Éramos ambas levadas, sempre entrando em encrencas. Era difícil saber qual de nós era a líder! Fiquei muito surpresa quando Helena se casou com Shawcross... era um cavalheiro tão quieto, nada como eu imaginei que ela...

– *Lady* Chelston parou subitamente e sorriu. – Mas estou tagarelando sem parar, e você deve estar querendo me ver longe daqui.

– De modo algum, senhora – murmurou Eve educadamente.

– Agora, minha pobre sra. Wylder, você está aqui, sozinha, sem família, sem amigos...

– Tenho muitas pessoas leais ao meu redor. – Eve foi rápida em corrigi-la, mas *lady* Chelston meramente gesticulou uma mão no ar, dispensando seu comentário.

– Criados. Isso não é a mesma coisa, em absoluto. A vida pode ser muito solitária aqui no pântano. Entendo que você queira viver na tranquilidade, mas não lhe fará bem algum se tornar uma eremita. Sei o que você deve fazer... deve viajar para Chelston Hall e ficar na minha casa! Há quartos vagos lá, e você será muito bem-vinda.

– Isso é muita gentileza, *lady* Chelston, mas...

– Melhor ainda – continuou ela, ignorando a interrupção –, você deve se juntar ao meu grupo de hóspedes! Eu tenho amigos que virão se hospedar comigo para a festa que darei, com duração de uma semana, e será a coisa perfeita para você ter companhia. Haverá um baile de máscaras, também, o qual é muito excitante. Já encomendei uma fantasia para mim e para Chelston. Ele será Hades e eu serei Perséfone. Será tão divertido... oh, diga que você irá!

– Realmente não posso, senhora. Meu luto é muito recente...

– Bobagem. Luto no interior é muito diferente da demonstração pública que teria de fazer na cidade, onde todos conheceriam você e suas circunstâncias. Aqui não é conhecida, e ninguém ficará ofendido se você sair um pouco. Nunca achei que viúvas devessem se fechar em si mesmas, pois

isso apenas as leva a uma melancolia ainda mais profunda. E não pense que quero que você se divirta o dia inteiro. Chelston Hall é uma casa grande, possibilitando solidão e quietude, se desejar de vez em quando, mas estarei lá para cuidar de você, para me certificar de não a deixar sucumbir à depressão. É claro que você não *dançará* no baile, mas ficará bem, vestida toda de preto, com uma máscara de seda preta para esconder sua identidade! Parecerá tão elegantemente misteriosa que todas as *ladies* sentirão inveja, e os cavalheiros ficarão loucos para descobrir quem você é!

Eve estremeceu, chocada.

– Senhora, não poderia! Isso seria muito impróprio.

– Quem vai saber? – replicou *lady* Chelston, sorrindo. – Sua mãe teria adorado esse tipo de farra.

– Não se estivesse recentemente viúva!

O sorriso de *lady* Chelston diminuiu um pouco, como se tivesse percebido que fora longe demais. Suspirou.

– Talvez você tenha razão – disse ela, levantando-se. – Posso ver que não está convencida, minha querida, mas acredite, uma companhia alegre, um pouco de conversa estimulante... são coisas que podem fazer maravilhas para aliviar sua dor. Sua fisionomia me diz que você está determinada a me recusar hoje. Bem, eu lhe enviarei um convite, de qualquer forma; talvez, depois que refletir um pouco sobre isso, mude de ideia. – Ela pegou as mãos de Eve, sorrindo-lhe. – Você é muito jovem e muito bonita para se enterrar em casa, minha querida. Envie uma mensagem para Chelston Hall, se houver alguma coisa que possa fazer por você.

– Obrigada, *milady*, mas não entendo por que a senhora está tão ansiosa para ser minha amiga.

Os olhos azul-acinzentados de *lady* Chelston se arregalaram.

– Tão franca... que revigorante – murmurou ela. – Vamos dizer que é por causa de sua mãe. Agora devo ir. – *Lady* Chelston apertou os dedos de Eve. – Ficar mais tempo ultrapassaria os limites do que você considera apropriado. Adeus, sra. Wylder, e pense sobre meu convite!

Eve não podia pensar em mais nada, e quando sua visitante perturbadora foi embora de sua casa, andou lentamente para a cozinha, onde encontrou

Aggie descascando ervilhas para o jantar delas. Richard Granby estava empilhando lenha numa grande cesta quadrada ao lado da lareira.

– Essa não é tarefa sua – ela lhe disse, franzindo o cenho.

– Você tem apenas um criado na casa além de mim, e ele está a serviço no hall, esperando sua visitante ir embora. – Ele sorriu. – Achei que seria melhor ficar menos à vista, e deixar Matthew acompanhá-la até a porta; a *lady* parecia disposta a me questionar.

– *Lady* Chelston realmente perguntou sobre você. Disse a ela que você era o pajem de meu marido, e que tinha ficado para gerenciar a casa para mim. – Ela riu. – *Lady* Chelston ficou tão encantada com você que me pediu que eu o enviasse para ela quando não precisasse mais dos seus serviços.

– Espero que você não faça uma coisa dessas, senhora!

– Não, é claro que não, mas eu não podia falar isso para ela. Aggie, *lady* Chelston diz que conheceu minha mãe. Eram vizinhas, e foram para a escola juntas. Você se lembra dela?

Aggie meneou a cabeça, enquanto franzia a testa.

– Eu não me lembro de nenhuma amiga íntima de sua mãe, senhora, exceto... sim, *havia* uma: Catherine Reade, filha do comerciante, aproximadamente um ano mais nova que Helena. Uma menina mimada, que seguiu a srta. Helena para a escola em Tenterden. Sim, pensávamos que fosse uma brincadeira na época, porque o sr. Reade não passava de um arrendatário das terras de seu avô Wingham na ocasião, embora tenha comprado a casa em Abbotsfield do seu avô mais tarde. Todavia, a pequena Cathy tinha tudo que queria. E fez um bom casamento, capturando um lorde dono de propriedades do outro lado da fronteira. Nós nunca mais a vimos depois disso.

– Em Sussex? Isso poderia ser Chelston Hall. – Eve sentou-se à mesa e segurou o queixo nas mãos. – Se Catherine realmente foi muito amiga de mamãe, pensei que você saberia disso, Aggie, mesmo se eu não posso me recordar dela.

– Estou certa que nunca visitou sua santa mãe depois que se casou, pelo menos não aqui, em Monkhurst. Pergunto-me por que teria procurado você agora – murmurou a governanta.

Eve viu a expressão de aviso nos olhos de Granby e deu de ombros.

– Acho que estava curiosa para conhecer a filha de Helena Wingham. – Eve hesitou. – *Lady* Chelston me convidou para me hospedar na casa dela. – Aggie derrubou a vasilha de ervilhas que estava descascando e olhou fixamente para Eve, que assentiu. – Ela acha que eu ficarei solitária aqui.

– Bem, não se pode negar, srta. Eve, que há pouca companhia preciosa para você aqui. Talvez devesse considerar contratar uma companhia para morar nesta casa.

Eve não ousou olhar para Granby.

– Pensarei sobre isso, Aggie, mas não por enquanto. Sinto-me contente de estar aqui sozinha no momento. E há muita coisa a fazer. Sr. Granby, se puder me encontrar no sótão dentro de 15 minutos, irei trocar de roupa, e depois você pode ajudar Martha e eu a esvaziar os últimos baús.

A TARDE movimentada passou rapidamente, mas a visita de Catherine Chelston não saiu da cabeça de Eve. Não foi até a hora do jantar que ela encontrou a oportunidade para falar sobre isso com Granby. Tinha se tornado hábito do pajem servi-la no jantar, anulando seus protestos ao dizer que fizera o mesmo por seu amo em inúmeras ocasiões. Estava contente pela companhia dele, que era seu elo com Nick, e era um conforto poder falar sobre o amo de Granby. O sol de setembro estava se infiltrando pelas janelas da sala de jantar, tornando as velas desnecessárias, enquanto ele tirava seu prato e colocava uma cumbuca com doce diante dela.

– Aggie se superou – disse Eve, estendendo o braço para pegar sua taça de vinho. – O carneiro estava delicioso. Você experimentou, sr. Granby?

– Não, senhora. Farei minha refeição mais tarde. A sra. Brattee deixará um prato para mim na pedra da lareira, antes de voltar para o portão.

– Diga-me o que você acha da visita de *lady* Chelston.

– Não tenho certeza. Acho que foi enviada aqui pelo marido, mas por qual propósito, não sei.

– Devemos contar isso ao capitão Wylder – decidiu ela.

– Era nisso que eu estava pensando, senhora.

– Você pode mandar um bilhete para ele, sr. Granby? Nick disse que você saberia como contatá-lo.

– Sim, senhora, eu...

– Ótimo. – Ela se levantou. – Escreverei diretamente para ele.

– Isso não será necessário, sra. Wylder.

– Não, você tem razão, seria melhor se nós não escrevermos nada que possa vir a comprometê-lo.

– Não foi isso que quis dizer, senhora. – Alguma coisa no tom de voz do pajem a fez olhá-lo com intensidade. O começo de um sorriso podia ser discernido no rosto normalmente impassível. – Você será capaz de lhe falar pessoalmente, sra. Wylder. O amo está vindo para cá esta noite.

Desde a última noite deles na Hospedaria Mermaid, Eve tinha passado muitas horas imaginando como iria lidar com Nick Wylder. Era seu marido, e era impossível cortá-lo de sua vida. Ele jurara ganhar sua confiança, e ela queria lhe dar esta chance, mas isso não significava que iria cair naqueles braços fortes assim que lhe sorrisse. Não, Eve seria educada, ajudaria seu marido a capturar os contrabandistas, mas Nick não teria seu amor até que o conquistasse! Mais tarde, quando o relógio na parede indicou que eram 23h, Eve pegou sua vela e atravessou os corredores escuros e silenciosos para a cozinha. Granby estava sentado à grande mesa no centro do cômodo, jogando paciência sob o brilho dourado de um único lampião a óleo. Olhou para cima quando ela entrou.

– Está tudo bem, senhora, nós estamos sozinhos. Aggie voltou para a casinha da entrada.

– E eu disse a Matthew que ele podia ir dormir – replicou ela. – O capitão Wylder não chegou ainda?

– Não – respondeu Granby, levantando-se. – Tenha paciência, senhora, o capitão virá. Por favor, volte para a sala de estar. Eu a avisarei assim que ele chegar.

Eve meneou a cabeça e pôs seu castiçal sobre a mesa.

– Esperarei por ele aqui. Não consigo ficar parada na sala. A casa está gelada esta noite. Pelo menos aqui, o fogo queimou o dia inteiro...

Ela parou quando Granby levantou a cabeça, os ouvidos atentos. Eve também ouviu o barulho suave de passos, seguida por uma batida fraca na madeira. Granby atravessou o cômodo e puxou o cesto de lenha para o lado. Segundos depois, as tábuas do assoalho ao lado da lareira começaram a se erguer.

– Bem-vindo, *Sir!* – Granby puxou o alçapão e a cabeça e ombros de Nick Wylder se ergueram da abertura preta. Ele sorriu para Eve.

– Permissão para entrar a bordo, senhora!

Ela estava tão perplexa pela entrada não ortodoxa de Nick que seus planos de permanecer fria e distante foram esquecidos.

– Você usou a passagem subterrânea à margem do rio – exclamou ela. – Mas está trancada!

Nick pisou dentro da cozinha.

– Eu sei. – Ele deu um tapinha no seu bolso. – Rick deixou a chave de dentro a meu alcance.

– Você não teve dificuldade de navegar pelo canal? – perguntou Granby.

– Não, o canal está livre desde Jury's Cut até o ancoradouro.

Nick pegou um banco e sentou-se, estremeando de leve.

Eve notou o tremor de imediato.

– Seu ferimento ainda lhe causa dor.

– Ainda não está curado. – Ele deu um sorriso amargo. – Eu não descanso o bastante.

– Quando a bandagem foi trocada pela última vez? – O dar de ombros dele disse a Eve tudo que precisava saber. Foi para a porta. – Fique aí enquanto eu vou buscar um pano limpo. Trocarei seu curativo.

– Vim aqui para falar com você!

– Você pode fazer isso enquanto eu cuido do seu ferimento.

## Capítulo Onze



QUANDO EVE voltou para a cozinha, Granby tinha acendido o fogo e mais velas, de modo que o cômodo brilhava com uma rica luz dourada. Uma jarra de cerveja estava sobre a mesa, e três canecas haviam sido enchidas até a borda.

– Richard serviu uma para você – disse Nick, gesticulando uma mão para as canecas. – É cerveja, mas ele irá buscar uma taça de vinho, se você preferir.

– Não, tomarei cerveja com vocês. – Ela começou a rasgar em tiras o velho lençol que levava consigo. – Você precisa remover seu casaco e sua camisa, por favor.

Ela não olhou quando Granby ajudou Nick a tirar o casaco, mas quando ele removeu a camisa, Eve descobriu-se olhando para os ombros largos. Observou o jeito que os músculos se flexionavam sob a pele enquanto tirava a camisa pela cabeça, os contornos sinuosos acentuados pela luz das velas. Engolindo em seco, forçou-se a se concentrar e desviar os olhos para a bandagem apertada ao redor das costelas do marido. Havia uma mancha escura do lado esquerdo do ferimento.

– Bem Deus, *Sir* – exclamou Granby, franzindo o cenho. – Este curativo foi trocado desde a última vez que eu o vi?

Nick sentou-se na beira da mesa, e levantou os braços quando Eve começou a remover a bandagem.

– É claro – disse ele. – Rebecca fez isso para mim aproximadamente uma semana atrás. Ela é a dona da Hospedaria Ship, senhora, caso esteja se perguntando.

– É lá que você está morando, numa hospedaria?

– Sim, na fronteira de Hastings. O risco de ser reconhecido é muito grande na cidade, mas estou bem escondido em Ship. Foi Rebecca quem cuidou de mim logo que fui levado à praia.

Alguns dos pensamentos de Eve deviam ter transparecido no seu rosto, porque Nick riu.

– Você não precisa ter ciúme, querida. Ela é casada e tem idade o bastante para ser minha mãe.

– Não estou com ciúmes – retorquiu ela.

Nick estendeu os braços para ela.

– Não? – murmurou, puxando-a para mais perto.

Ela pôs as mãos contra o peito dele e empurrou-o.

– É claro que não! – disse Eve com irritação. Foi para a bomba no canto, e trabalhou a manivela vigorosamente. A água caiu dentro da bacia. Pegou mais água do que precisava, mas queria que o rubor em seu rosto desaparecesse, antes que se virasse de novo para Nick. Ouviu o murmúrio zangado de Granby.

– Eu deveria ter ficado com você, capitão.

– Isso não teria feito diferença. Ademais, Rick, eu necessitava de você aqui para cuidar de minha esposa.

Eve recusou-se a permitir que as palavras de Nick lhe trouxessem qualquer conforto. O patife estava apenas cuidando dos próprios interesses! Todavia, quando voltou sua atenção para o ferimento na lateral do corpo dele, todos os outros pensamentos desapareceram pela visão do corte vermelho e profundo.

– Você me disse que era um ferimento superficial. – Suas mãos tremiam um pouco, enquanto lavava o sangue seco, e gentilmente limpava ao redor do machucado. – Isto é muito profundo. Você teve sorte de a bala não ter atingido nenhum órgão vital.

– Já sofri ferimentos piores que este – ele a assegurou, alegremente.

– Mas eu sempre estive lá para cuidar de você! – falou o pajem rapidamente.

– Oh. – Eve pausou. – Então, talvez, sr. Granby, você queira continuar daqui...

– Não, ele não fará isso! – exclamou Nick. – Os cuidados de Richard sempre foram do tipo brusco e rápido. Eu prefiro seu toque gentil.

Eve fez uma careta, revoltada por seu próprio prazer diante daquelas palavras. Pegou um pequeno frasco de unguento.

– O que é isso? – perguntou Nick, desconfiado.

– Pasta da planta medicinal confrei, para ajudar a cicatrização da pele.

– Está cicatrizando bem sozinho – murmurou ele, olhando-a de maneira cética.

Eve ergueu o frasco à sua frente.

– Eu mesma preparei – insistiu ela.

Finalmente, Nick suspirou e levantou o braço.

– Muito bem, aplique sua poção de bruxa!

Mergulhou os dedos dentro do frasco e começou a passar o unguento sobre o ferimento. A proximidade com Nick mexia em seu interior, dificultando a concentração. Eve estava ciente do peito largo subindo e descendo a centímetros do seu rosto, as cicatrizes claras na pele de Nick lembrando-a da vida aventureira que ele levava. Não percebeu que tinha parado de aplicar a pasta de confrei, e estava estudando uma cicatriz redonda no ombro direito dele, quando o ouviu murmurar:

– Eu lhe disse que este não era o primeiro buraco que tive no meu corpo.

– Acho que você procura perigo – disse ela num tom de voz baixo.

– Não, mas ele parece me encontrar.

Olhou para cima e viu o sorriso travesso nos lábios dele. Nick prendeu-lhe o olhar, convidando-a a compartilhar sua excitação, e, oh, como queria fazer isso! Queria se jogar contra ele e se perder nos braços fortes, mas tal entrega a assustava. Eve voltou os olhos para o ferimento feio e vermelho da lateral do corpo de Nick. Só olhar para aquilo a fazia tremer pelo que poderia ter acontecido. Estava prestes a sugerir que sr. Granby colocasse a bandagem final quando o pajem pigarreou e pediu licença, antes de sair e

fechar a porta. O silêncio que se instalou na cozinha estava carregado de tensão. Pegou uma tira do pano limpo e virou-se de frente para Nick. De modo obediente, ele levantou os braços, mas ainda estava sentado sobre a mesa, e Eve foi obrigada a se mover para a frente e posicionar-se entre as pernas dele, a fim de passar a faixa ao redor das costas largas. Seu rosto chegou muito perto daquele peito sólido, tão perto que ela apenas teria de se inclinar um pouquinho para que seu rosto se pressionasse contra ele. A pele cheirava a sal e ar marítimo, assim como a sabonete e um aroma muito masculino. Eve inalou profundamente. Era tão forte, passava-lhe tanta segurança. Nick teve um sobressalto.

– Oh... eu machuquei você? – Ela olhou para cima rapidamente.

– Não, querida. Tinha esquecido como era bom ter você perto de mim.

O brilho ardente nos olhos azuis fez o coração de Eve disparar no peito. Experimentou um enorme desejo de esticar o corpo e beijar a covinha que apareceu na lateral da boca bonita quando ele lhe sorriu. Com esforço, desviou os olhos, lembrando a si mesma que indivíduo inoportuno Nick era.

– Só estou fazendo isso porque não quero sua morte batendo à minha porta!

– Sim, é claro.

Reprimiu um sorriso diante do tom obediente de Nick e continuou lhe fazendo o curativo. Quando acabou com a bandagem, suas mãos permaneceram na pele quente, relutantes em se afastar. Nick desceu da mesa e parou diante dela, o corpo tenso e excitado. Uma onda de antecipação a fez tremer, rapidamente seguida por uma dor aguda quando se lembrou da traição de Nick. Ficara de luto por ele, sofrera por um marido que não estava morto.

– Você precisa de sua camisa.

– Eve.

Com um meneio suave da cabeça, ela afastou as mãos do corpo másculo e deu um passo atrás, piscando rapidamente.

– Não tenho tempo para flertes, *Sir*.

– Flertes? Apenas desejo um pouco de carinho de minha esposa.

Eve olhou para as próprias mãos, unidas com força diante de si. O cômodo estava silencioso, exceto pelo estalar alegre do fogo, o qual parecia zombar de

sua infelicidade. Ela falou num sussurro:

– Não confio em você. Ainda não. Isso continua sendo muito doloroso para mim...

– Então esperarei – replicou ele calmamente. – Até que você esteja pronta.

O nó da garganta de Eve ameaçou sufocá-la quando lágrimas se acumularam em seus olhos. Houve passos pesados vindos da passagem subterrânea, um rangido da maçaneta, e Granby entrou na cozinha. Nick rapidamente virou-se, colocando-se entre Eve e a porta. Indo para as sombras, ela pegou seu lenço do bolso e secou os olhos.

– Trouxe mais cerveja – disse Granby. – Pensei que você pudesse querer outra caneca?

– Sim, obrigado, mas não posso ficar muito tempo. A maré logo vai virar.

Nick conduziu Eve para uma cadeira, então se sentou ao seu lado. Granby preencheu sua caneca.

– Então, capitão, quais são as novidades?

– Poucas, infelizmente. Estive em Boulogne e não pude encontrar evidências de que estão fazendo o chá falso lá. O que me leva de volta a minha suspeita original de que a mistura é feita aqui, neste país, mas onde? Minhas buscas ao redor de Chelston Hall não resultaram em nada. Não posso descobrir que Chelston está realizando uma grande produção de smouch em suas propriedades.

– Certamente fazer isso seria perigoso para ele – murmurou Eve.

– Seria, é claro, mas a produção precisa acontecer em algum local isolado, e ele tem acres de região reflorestada. Infelizmente, depois do fiasco às pedras de Nore, tem havido pouca atividade; as fontes dos homens dos impostos não têm novas pistas para nós seguirmos. É como o pântano, os povos dos vilarejos estão isolados, e as pessoas não falam prontamente com estranhos.

– Então o que acontece agora? – perguntou Granby.

– Nós continuamos observando e esperando. Chelston não pode parar tudo indefinidamente. Precisaré mover as mercadorias em breve.

Apesar das palavras otimistas de Nick, Eve sentiu o desânimo que as rodeava.

– Bem, tivemos alguma excitação – disse ela, tentando parecer alegre. – Recebi uma visita esta manhã, de *lady* Chelston.

– Não acredito! – exclamou Nick.

– É verdade. Ela conhecia minha mãe. Disse que tinha perdido o contato com ela depois que ambas se casaram. Não posso imaginar que mamãe gostasse de *lady* Chelston... de quem não gostei nem um pouco.

– E o que ela queria? – perguntou Nick ansiosamente. – Ela pediu para olhar ao redor da casa, ou estava esperando que você a convidasse para passar uns dias aqui?

– Muito ao contrário. *Lady* Chelston queria que eu fosse para a festa de uma semana que dará em Chelston Hall. É claro que recusei. Seria muito impróprio, especialmente quando haverá um baile de máscaras lá.

– Por Deus, isso é verdade?

– Sim. Embora tenha me dito que eu não precisaria ir ao baile, se não quisesse. – Um sorriso relutante curvou os cantos da boca de Eve. – Ela irá se fantasiar de Perséfone, e Chelston como Hades.

Nick riu.

– Quão apropriado, Hades tendo sido conhecido tanto como o invisível quanto como o rico! Isso combina muito bem com a ideia que tenho do homem.

– Não tão apropriado para a *lady* dele – disse Eve, rindo. – Perséfone era inocente, e não posso acreditar que tal termo se aplica à *lady* Chelston!

– Verdade, mas gosto da ideia de um baile de máscaras. Isso pode ser muito útil para nós.

– Agora, o que você está planejando? – perguntou ela, desconfiada do sorriso travesso de Nick.

– Bem, seria uma vantagem ter alguém dentro de Chelston Hall. Talvez descubramos alguma coisa.

Eve afastou-se, meneando a cabeça.

– Oh, não!

Nick lhe deu um olhar triste.

– Não esperaria que você vasculhasse a casa, querida, meramente que abraisse uma porta ou uma janela para me deixar entrar.

– Certamente não! Não poderia ir, de maneira alguma. Sou uma viúva. – Nick arqueou uma sobrancelha para ela. – Bem, ainda estou de luto pelo meu avô.

– É claro que está – concordou ele, estendendo o braço para lhe pegar uma mão. – Não seria esperado que você fosse ao baile, nem mesmo que apreciasse a companhia de outros depois do jantar. Seu estado de viuvez torna perfeitamente aceitável que fique muito tempo em seu quarto, mas pense como você seria útil, dentro de Chelston Hall.

– Pensei que você quisesse que eu vivesse isolada – argumentou Eve. – Sair em público seria muito impróprio para mim.

– Esta é uma festa particular numa casa de campo onde ninguém a conhece. Sua situação lhe permitiria manter distância dos outros convidados. – Nick apertou-lhe a mão e deu-lhe toda a força de seu sorriso charmoso. – Prometo que nada de mal lhe acontecerá.

Ela se sentiu amolecendo, e tentou um argumento final desesperado:

– Você não pode saber disso. Lorde Chelston pode estar planejando me coagir a desistir de Monkhurst, ou até mesmo me assassinar quando eu estiver dormindo.

– Chelston é externamente muito respeitável. Eu não a enviaria se achasse que você corre algum perigo. Não acredito que ele mostraria seu jogo tão claramente. Martha a acompanhará, é claro.

– E onde você estará? – perguntou Eve com desconfiança. Não se sentia tranquilizada pelo brilho travesso nos olhos azuis.

– Oh, estarei por perto, não tema. – Nick apertou-lhe os dedos novamente. – Diga que fará isso por mim, querida. Escreva para *lady* e diga-lhe que mudou de ideia.

– Não farei uma coisa dessas! Não posso pensar em nada que tenha mais probabilidade de despertar a desconfiança dela.

– Pensei que você *quisesse* me ajudar. – O olhar de reprovação de Nick a fez hesitar.

– *Lady* Chelston disse que me enviaria um convite, mesmo eu a assegurando que não iria. Se ela enviar o convite, então aceitarei.

Ele lhe ergueu a mão e pressionou-a aos lábios.

– Obrigado. Sabia que poderia contar com você.

– Devo ir também, *Sir*? – perguntou Granby. – Se houver algum perigo...

– Não acho que a sra. Wylder estará correndo sérios riscos enquanto estiver em Chelston Hall, Richard. Prefiro que você fique aqui, caso eles

tentem invadir a casa.

– Você acha que há alguma coisa aqui que eles queiram? – exclamou Eve, recolhendo a mão. – E está feliz que eu continue morando aqui, quando posso estar em perigo mortal? Ooh... – Ela quase bateu o pé no chão, de tanta raiva. – Você é desprezível!

## Capítulo Doze



EVE QUERIA acreditar que a visita de *lady* Chelston não tinha sido mais do que um gesto de boa vizinhança, e que, tendo feito sua tarefa cristã, a *lady* esqueceria tudo sobre aquilo. Consequentemente, ficou desapontada, e, de alguma forma, surpresa, quando o convite para visitar Chelston Hall chegou poucos dias depois. Tendo dado sua palavra a Nick, Eve enviou uma resposta aceitando o convite, mas não era esperado que sua decisão de visitar Chelston Hall fosse bem recebida por seus criados. Aggie protestou contra a ideia de sua ama viajar tão breve após sua chegada a Monkhurst.

– Ainda há tanto a fazer aqui, senhora – reclamou ela. – Nós nem acabamos de esvaziar o sótão!

– Não ficarei fora mais que uma semana – disse Eve. – E vocês não precisam me ter na residência para que limpem absolutamente tudo. Na verdade, prefiro *não* estar aqui durante a faxina.

Estavam sentadas na cozinha, onde Eve estivera preparando os menus da semana com sua governanta. Olhou para cima, de sua lista, quando a porta se abriu e Sam entrou com o braço carregado de lenha.

– Bom dia, senhora – ele cumprimentou Eve alegremente, e derrubou as madeiras dentro da cesta. – Pronto, mãe, lenha seca para o fogão. Nat e eu

iremos acabar de cortar os arbustos hoje, e depois cortaremos mais madeira para o fogo.

Quando endireitou o corpo e virou-se para sair, Eve notou que o olho esquerdo de Sam estava roxo, e uma das faces estava com um ferimento vívido.

– Meu Deus – exclamou ela. – O que aconteceu com você?

Sam sorriu e pôs os dedos no rosto.

– Oh, noites atrás, nós tivemos uma briga com alguns rapazes em Jury's Cut. Houve uma discussão sem sentido: queriam que nós parássemos de usar o rio. Pularam em cima de nós, quando estávamos lá.

Aggie balançou a cabeça enquanto misturava os conteúdos na chaleira sobre o fogo.

– Tem havido muitas brigas recentemente – disse ela. – Espero que não estejamos voltando àquela época ruim. Alguns dizem que é a volta da gangue de Hawkhurst.

Eve franziu o cenho para Sam.

– Silas me prometeu que, se eu lhes arranjasse trabalho, todos vocês parariam com o contra... com o mercado livre.

– E nós pararemos, senhora, com certeza, mas temos de lidar com algumas obrigações antes.

– É uma questão de honra – explicou Aggie, ansiosa para que Eve compreendesse. – Algumas das pessoas do vilarejo já pagaram, entende, porém, uma vez que as últimas encomendas forem entregues, então os garotos não irão fazer mais isso. E tal fato me deixa feliz; não dormirei tranquila até que completem a entrega final.

Sam pareceu aflito.

– Ora, mãe, como pode dizer isso quando nosso pai fez mercado livre durante toda sua vida?

– Ah, mas não era tão perigoso no passado. Era uma negociação cavalheiresca, uma vez que as piores gangues foram expulsas daqui...

Eve saiu, deixando-os para discutir, e correu para o andar de cima, a fim de informar sua criada da viagem iminente. Martha foi ainda mais contra aquilo do que a governanta, e expressou sua desaprovação de modo muito mais verbal:

– Bem, não gosto disso, srta. Eve, e assim lhe digo! Ser colocada nas mãos daquele vilão, sem mencionar o desrespeito ao seu santo avô.

– Não haverá desrespeito – retornou Eve com dignidade. – Usarei roupas de luto, e deixei claro para *lady* Chelston que não participarei de nenhum dos entretenimentos oferecidos durante a semana de festas.

Martha bufou.

– Mesmo assim, ficar hospedada na casa do inimigo do capitão é um risco, senhorita, você não pode negar.

– Você parece saber muita coisa sobre esse assunto, Martha. Suponho que tem conversado com Richard Granby.

Sua criada enrubesceu.

– Sr. Granby e eu temos um entendimento, senhorita.

– Ahh. Então é isso; você não quer deixá-lo ir comigo para Chelston Hall.

– Srta. Eve! Como pode pensar que algum dia a deixaria viajar sem que eu fosse junto para cuidar de você? E acha que Rich... que o sr. Granby incentivaria uma coisa dessas? Agora, pare de me provocar, e deixe-me para eu fazer a minha mala, já que você está determinada a ir!

CHELSTON HALL era uma mansão sólida, tinha sido ampliada recentemente com duas novas alas, e um imponente frontão triangular acima da entrada. Era erguida sobre um pequeno morro, possibilitando aos seus ocupantes vistas incomparáveis dos campos ao redor, e até mesmo, num dia de clima bom, um vislumbre do mar. O vento soprava à volta de Eve quando ela desceu da carruagem. Através do véu preto, observou o laçao alto de semblante inflexível, que a convidou para entrar na casa e conduziu-a para um enorme salão de mármore. Uma grande escadaria levava a uma galeria que cercava todo o andar superior, apoiada sobre brilhantes pilares de mármore. Um segundo laçao a escoltou para seu quarto. Sons de risadas vinham de alguma das salas do corredor, mas Eve não estava com pressa de conhecer os outros hóspedes, e pediu que o laçao informasse *lady* Chelston que descansaria até a hora do jantar.

O quarto que lhe foi designado ficava na ala leste da mansão, com vista para um grande terraço e jardins floridos em mosaicos. Heras cercavam a janela e se derramavam sobre o peitoril de pedra, seu crescimento tão

abundante que ameaçavam invadir o quarto. Uma rápida olhada assegurou Eve que a porta sólida de seu quarto tinha fechadura e chave, e havia um pequeno closet anexo que também continha uma cama estreita para sua criada. Deu a Martha a tarefa de desfazer sua mala, decidindo que seria melhor pendurar suas roupas em cabides no closet do que dobrá-las sobre as prateleiras de madeira do armário, as quais já continham uma seleção colorida de sedas e veludos dobrados. Eve deitou-se em sua cama então, até que fosse hora de juntar-se aos outros hóspedes para jantar. Apesar de sua calma exterior, sentia-se excitada com o pensamento do que estaria por vir. Tinha um papel a representar, mas, embora se sentisse um pouco nervosa, não achava que algum mal poderia lhe acontecer numa casa repleta de hóspedes. Perguntou-se quão breve Nick a contataria. Eve enviara Richard Granby para informar seu marido que iria para Chelston Hall, mas a resposta de Nick havia sido decepcionantemente breve: ele a procuraria.

– O quê? – Eve exclamara ao ouvir aquilo. – Não deu nenhuma indicação de quando eu posso esperar vê-lo?

– O capitão prefere deixar que os assuntos sigam seu curso natural, sra. Wylder – replicou Granby de forma desajeitada. – Acha que esse é o jeito mais satisfatório de trabalhar.

– Bem, acho que é o mais insatisfatório – retorqui Eve. – Devo me colocar em risco, sem ideia do que ele espera que eu faça.

Ela pensou ter visto um pequeno sorriso curvar os lábios do pajem, mas então este desapareceu num instante. Ele murmurou calmamente:

– O capitão Wyldfire corre com o vento, senhora. Esse é o jeito dele, mas não precisa ficar ansiosa. Ele sempre aparece.

– Bem, vamos esperar que esta vez não seja uma exceção!

– SRA. WYLDER, estou tão feliz que você pôde se juntar a nós!

Catherine Chelston apressou-se para cumprimentá-la, com um farfalhar de suas saias de seda, quando Eve entrou na sala de estar. *Lady* Chelston gesticulou para o cavalheiro muito bem-vestido, que a seguira em passos mais lentos.

– Senhora, posso lhe apresentar meu marido?

Eve observou o homem fazendo uma reverência diante dela. Lorde Chelston era magro e de estatura média, mas emanava uma força rude sob a seda e a renda de seu traje impecável, e os olhos que fixou nela continham uma expressão tão fria e calculista que Eve teve de suprimir um tremor. O rosto fino era pálido, com uma testa alta, e ela supunha que, sob a peruca, os cabelos dele eram ralos e escassos. Pegou-lhe a mão num aperto frouxo e úmido.

– Minha cara sra. Wylder, é muita gentileza sua nos honrar com sua presença, especialmente quando sofreu não apenas uma, mas duas perdas há tão pouco tempo.

– Conte ao milorde sobre a sua relutância em aceitar meu convite – disse *lady* Chelston.

– Ainda não tenho certeza se deveria estar aqui – murmurou Eve, recolhendo a mão e resistindo à vontade de limpar seus dedos no vestido.

– Seus escrúpulos têm crédito – retornou lorde Chelston. – E tenha a certeza de que ninguém irá interferir em sua dor, mas em tais ocasiões, às vezes é melhor estar entre amigos.

Eve inclinou a cabeça.

– Conheceu meu marido, *Sir*?

– Infelizmente, não tive esse prazer, mas não pense que está totalmente sozinha em sua dor, aqui, pois seu primo também está hospedado conosco. – Deu um passo ao lado, e Eve viu Bernard sorrindo-lhe do outro lado da sala. Ela desviou os olhos sem reconhecer a reverência dele. Catherine deu uma risada gentil.

– Pobre homem, contou-nos que se deixou levar pela paixão e se declarou cedo demais. Não se preocupe, minha querida sra. Wylder; Bernard me prometeu que irá se comportar aqui.

– Perdoe-me, senhora, se reservo meu julgamento sobre isso – retornou Eve.

– É claro. – *Lady* Chelston tocou-lhe o braço brevemente. – Mas eu lhe suplico que o deixe escoltá-la para a sala de jantar esta noite. Não queremos dar motivo aos fofoqueiros para pensarem que há algum desentendimento em sua família, queremos?

– Muito bem, senhora, permitirei isso para agradá-la. Todavia, como deixei claro em minha carta, não poderei participar de todos os seus entretenimentos, e certamente não irei ao baile de máscaras.

– Certo. Não que isso seja muito compreensível – concordou sua anfitriã.  
– Espero que se junte a nós nos jantares prévios, mas depois disso, você pode ficar no seu quarto, e de lá, pedir quantas refeições quiser. – *Lady Chelston* deu-lhe um tapinha nas mãos. – Nós queremos que você se sinta em casa aqui, querida. Espero que possamos lhe trazer algum conforto neste momento difícil. Talvez sua visita a ajude a esquecer sua dor, pelo menos por um curto período de tempo.

Eve inclinou a cabeça.

– Certamente, isso irá acontecer, *lady Chelston*.

– ESTAMOS AQUI há três dias, e ainda nenhuma palavra dele!

Eve olhava para o espelho enquanto Martha escovava seus cabelos.

– Acalme-se, senhorita. O capitão virá quando estiver pronto.

– E enquanto isso, sinto-me uma fraude tão grande. – Eve suspirou, mantendo o tom de voz baixo. – Todos têm tanta consideração por mim, acreditando que sou uma pobre viúva sofredora. Meus anfitriões não falaram ou fizeram nada incomum, e até mesmo Bernard está mantendo distância!

– Como deveria fazer – resmungou Martha. – Agora, fique imóvel, srta. Eve, enquanto prendo seus cabelos no topo da cabeça novamente. Você não pode descer para o grande salão de jantar da *lady* parecendo um espantalho.

Eve parou um pouco.

– Gostaria que não precisasse ir. *Lady Chelston* sabe que não participarei do baile, mas planejou a mesa de jantar para me incluir. Eu me sentirei tão deslocada em minhas roupas pretas de viúva.

– O preto destaca sua pele clara e bonita – retornou Martha em tom estimulante. – Todas as *ladies* irão invejá-la, e os cavalheiros irão admirá-la.

Eve fez uma careta no espelho, e pensou que só existia um homem que queria que a admirasse, e Nick não estaria presente. Observou quando Martha fixou o chapéu preto de renda sobre seus cachos, então se levantou e alisou o vestido. Tinha escolhido usar um vestido preto de renda fina por

cima de suas saias de seda, o luto profundo suavizado apenas por um único colar de pérolas ao redor de seu pescoço.

– Achei que fosse uma extravagância desnecessária quando comprei este vestido, mas agora estou contente por tê-lo. A sensação da seda contra meu corpo me dá mais confiança. Bem – ajeitou as saias uma última vez –, deseje-me sorte. – Uma onda irreprensível de humor a fez sorrir. – Talvez descubra que minha dor é muito grande, e seja obrigada a fugir da mesa de jantar.

Pegou o labirinto de corredores, mantendo seu olhar modestamente baixo, e não prestando atenção aos servos parados como estátuas que estavam a serviço em intervalos regulares ao longo de sua rota. Durante as horas da chegada delas a Chelston Hall, Martha lhe contara que, segundo as fofocas que ouvira, a dona da casa tinha uma predileção por lacaios jovens, e Eve notou que todos os servos uniformizados na casa possuíam mais de 1,80m de altura. Observando *lady* Chelston dando olhares demorados para tais lacaios, Eve suspeitou que pelo menos alguns deles prestavam serviços mais íntimos à *lady* do que aqueles geralmente requeridos de um criado. Estava se aproximando do corredor principal quando uma daquelas estátuas uniformizadas lhe falou:

– Boa noite, querida. – O som da voz familiar foi tão inesperado que os joelhos de Eve ameaçaram dobrar, e ela pôs uma mão na parede para se apoiar. Erguendo os olhos, ela focou, em perplexidade, a figura alta de peruca branca e casaco azul com adornos dourados. Os profundos olhos azuis e o sorriso travesso eram inconfundíveis.

– Nick! O que, em nome de Deus, você está fazendo aqui? – sussurrou ela.

Com um rápido olhar para se certificar de que o corredor estava deserto, ele lhe segurou o pulso e a conduziu para a porta mais próxima, e para dentro de um quarto pequeno e vazio.

– Eu lhe disse que viria.

– Mas não assim! Você está... estranho.

Ele sorriu.

– E você está linda de tirar o fôlego. Senti sua falta. – Os olhos azuis escureceram com desejo, e Eve deslizou os seus rapidamente, achando difícil recuperar o próprio fôlego.

- Isso é loucura! Você será reconhecido.
- *Você* não me reconheceu – apontou ele.
- Isso é diferente.
- Não, não é. As pessoas só veem o que esperam ver. Além disso, quem que está aqui me conhece?
- Meu primo Bernard, para começar!
- Nick deu de ombros.
- Não irá me notar. Tinha pensado em dar uma olhada na papelada de Chelston enquanto estou aqui.
- Pelo que sei, há dois lugares onde talvez ele guarde documentos importantes. Há uma escrivaninha na biblioteca, mas foi aberta para os convidados esta noite. Todavia, o escritório dele fica no andar de baixo, do lado oposto do salão, e na direção da cozinha e dos aposentos dos servos. A passagem leva somente ao escritório e à escada dos fundos para a ala leste, de modo que o lugar deve estar deserto esta noite.
- Muito bem, Eve. Você andou ocupada.
- Não tive muita coisa para fazer, exceto conhecer a casa.
- Agradeço sua perspicácia. – Ele lhe deu um olhar de apreciação. – Você vai descer para jantar neste traje? Os cavalheiros não terão olhos para ninguém mais.
- Ela corou.
- Não era a minha intenção.
- Não, mas você não tem ideia do quanto é linda.
- Eve tentou ignorar aquilo, mas teve ciência do rubor cobrindo seu rosto e do friozinho de excitação na barriga.
- Como você entrou?
- É de conhecimento comum nesta área que os Chelston contratam mais criados quando estão recebendo pessoas. Uma vez que descobri que *lady* Chelston gosta de escolher seus servos pessoalmente, não foi difícil ser escolhido. – O sorriso travesso estava nos olhos azuis novamente. – Afinal de contas, possuo todos os atributos que ela procura em seus lacaios.
- Seria bem-feito se escolhesse você para lhe prestar serviços pessoais esta noite!
- Bem-feito para mim, e uma felicidade para a *lady* – provocou ele.

Eve arfou diante de tamanha audácia. Nick meramente riu e envolveu-a em seus braços.

– Não, não, estou brincando, querida. Só há espaço para uma mulher na minha vida agora, e você sabe disso.

Aquelas palavras e a sensação dos braços de Nick ao seu redor deixaram os sentidos de Eve em turbilhão. Não teve tempo de se recompor e virar a cabeça antes que ele a estivesse beijando, a boca firme e exigente contra a sua. Eve lhe agarrou o casaco e correspondeu ao beijo, um desejo poderoso esquentando seu sangue.

– Você precisa ir jantar agora? – perguntou ele, cobrindo-lhe o rosto e o pescoço com beijos quentes e suaves.

– Seremos descobertos – sussurrou ela quando a razão ameaçou abandoná-la.

Nick gemeu.

– Você está certa. Nossa falta será sentida. – Ele lhe segurou os ombros e tomou-lhe a boca num último beijo demorado. – Pronto. Vá antes que eu esqueça que sou um servo e violento você.

Ela não sorriu quando se afastou alguns passos.

– Nós nos falaremos novamente?

– Eu a encontrarei mais tarde, confie em mim. – Ele abriu a porta e olhou para fora cuidadosamente. – O caminho está livre. Vá agora.

Ainda atordoada pelo encontro, Eve foi para a sala de estar. Foi uma das últimas a chegar, e sua entrada passou quase despercebida no meio da confusão barulhenta. A sala estava repleta de convidados, que riam, conversavam e comentavam sobre as fantasias e máscaras uns dos outros. *Lady Chelston* apareceu, magnífica em verde e dourado.

– Perséfone na Primavera, minha querida – disse ela quando Eve murmurou um cumprimento – Chelston mandou lapidar estes diamantes amarelos no formato de primulas para o corpete de meu vestido... não são maravilhosas?

Sem esperar resposta, ela saiu, e Eve observou-a circular pela sala, muito distraída para trocar mais do que algumas palavras com qualquer pessoa. Um pequeno grupo de hóspedes cumprimentou Eve de maneira gentil, então continuou sua discussão sem mais um olhar ocasional ou palavra na sua

direção. Tal situação era perfeita, diferentemente do jantar demorado, que provou ser uma experiência dolorosa. Eve estava sentada ao lado de seu primo, e quase desmaiou quando Nick entrou com outro lacaio para servir o primeiro prato. Resolutamente, manteve os olhos baixos, rezando para que não fizesse nada que o entregasse. Conversações aconteciam ao redor da mesa; Eve não tinha ideia do que falava ou do que os outros lhe falavam. Os pratos coloridos e elegantes, preparados para o deleite dos convidados de lorde Chelston não tinham sabor algum em sua boca. Eve preencheu seu prato e comeu mecanicamente, e durante o tempo inteiro estava ciente dos lacaios rodeando a sala em silêncio, completando copos, tirando pratos e substituindo-os por outros limpos.

– Prima, deixe-me servir você de um pouco de lúcio assado – disse Bernard. – O peixe está delicioso.

– Não, obrigada.

– Você ainda está zangada comigo – disse ele em tom de voz baixo. – Não deveria ter me declarado tão cedo. Foi a força de minha consideração por você que me fez agir de forma tão precipitada.

Eve congelou. Nick estava bem na frente deles, servindo o cavalheiro sentado do lado oposto da mesa. Ansiosa para que Bernard não olhasse para cima, deu-lhe um sorriso muito mais caloroso do que pretendia, desesperada para manter sua atenção.

– Assim você me disse em sua carta, primo.

– Sua resposta não me deu esperança que você havia me perdoado.

– *Sua* carta implicava que você ainda acredita que tem a chance de se casar comigo um dia – replicou ela.

– E não tenho?

Nick havia desaparecido de vista, e Eve relaxou um pouco.

– Não – respondeu ela. – Nunca.

– Nunca é um longo tempo, prima.

O sorriso complacente no rosto de Bernard a fez querer esbofetear-lo. Eve conteve-se, arrependendo-se de seu jeito amigável mais cedo. Falou com falsa doçura:

– Então você terá muito tempo para se recuperar de seu desapontamento.

De maneira deliberada, virou o ombro e começou a conversar com o cavalheiro à sua direita. *Pronto, pensou. Dei minha resposta a Bernard, e nunca mais falarei com ele. E Nick que se cuide sozinho!*

A refeição progrediu sem discussões, exceto por um barulho de pratos derrubados para chamar a atenção de um servo desajeitado. Uma olhada para a ponta da mesa mostrou a Eve que lorde Chelston e a esposa estavam à vontade, e muito entretidos com seus convidados para olhar na direção dos lacaios. Quando finalmente sua anfitriã deu o sinal para as *ladies* se retirarem, Eve experimentou um momento de pânico. E se alguma coisa acontecesse a Nick mais tarde, quando não estivesse lá? A razão lhe dizia que não havia nada que pudesse fazer para ajudar, mas teria preferido permanecer perto dele. Enquanto as *ladies* saíam da sala, Eve arriscou uma olhada rápida para a linha de servos uniformizados. Viu Nick quase imediatamente, mas, embora ele tivesse lhe encontrado os olhos por um breve instante, não deu sinal de reconhecimento. Sentiu vontade de rir. Nick podia ser ousado, mas não era tão impulsivo que arriscaria que um olhar fosse interceptado. Aquilo lhe deu algum conforto, mas ainda era difícil manter a compostura, sabendo que seu marido corria perigo. Após uma breve troca de palavras com sua anfitriã, Eve foi para o quarto. Ao passar ao longo do corredor, ouviu a orquestra começando no andar de baixo. As notas reverberavam ao redor do salão vazio, mas Eve sabia que, uma vez que o vasto espaço fosse preenchido com pessoas, o eco seria substituído por um som muito mais melodioso. Tudo se tornaria agitado, pensou, todos os lacaios seriam requisitados para atender aos convidados, e Nick poderia escapar sem ser notado. Andou pelo quarto, o corpo pulsando com energia nervosa. Não conseguiria ficar sentada, sem fazer nada, e depois de uma hora, não podia mais suportar a incerteza, e voltou para a galeria. Não havia servos na luz fraca dos corredores no andar de cima, e Eve supôs que tinham sido chamados para servirem no andar de baixo. Espiou sobre a balaustrada. O salão estava repleto com uma multidão colorida e barulhenta. Muitos dos convidados estavam em fantasias elaboradas, com máscaras sobre seus olhos, mas entre estes, havia figuras misteriosas cobertas por volumosas túnicas de seda. Os lacaios uniformizados se moviam no meio da multidão, oferecendo cálices de vinho. Eve andou ao longo da galeria, até que pudesse ver a entrada da antessala que se abria para

o salão de bailes. As portas duplas haviam sido abertas, e mais servos estavam pondo ceias sobre mesas longas.

– Sra. Wylder, o barulho a incomoda?

Ela teve um sobressalto de susto, e virou-se para encontrar lorde Chelston ao seu lado.

– N... não, *Sir*. – Eve tentou um sorriso fraco. – Meramente queria ver como o baile estava progredindo.

Ele lhe estendeu o braço.

– Deixe-me escoltá-la para baixo...

– Não, não, milorde, obrigada. – Ela se encolheu. – Meu vestido preto não combina com tanta alegria, e pode deixar alguns de seus convidados desconfortáveis. Perdoe-me, vi o bastante e irei me recolher agora.

– Então, permita-me escoltá-la de volta ao seu quarto. – Ele lhe pegou a mão, colocou-a sobre seu braço e andou ao seu lado ao longo do corredor parcamente iluminado. – Encontrá-la olhando os dançarinos me faz pensar que talvez você esteja solitária, senhora.

– Solitária, milorde? Não, eu lhe asseguro...

– Shawcross me informou que Makerham foi seu lar por muitos anos. Deve ser difícil para você deixar tal lugar, deixar todos os seus amigos e se mudar para Monkhurst, uma propriedade que, pelo que sei, é muito isolada. Você é jovem; não preferiria viver em Tunbridge, ou Bath, onde poderia encontrar uma vida social um pouco mais ativa?

– Estou muito contente em Monkhurst, milorde.

Ele parou, os olhos intensos estudando-lhe o rosto.

– Tem certeza? – perguntou gentilmente. – Não está bancando a corajosa em relação ao seu apuro? Se o problema for dinheiro, senhora, então talvez eu possa ajudar. Poderia comprar Monkhurst. Conheço esta região, sra. Wylder; a propriedade de Monkhurst não é adequada para ninguém. Ficaria feliz em tirá-la de suas mãos por uma generosa quantia... e nós não precisamos esperar que as legalidades sejam completadas. Poderia lhe dar um adiantamento para permitir que você se mude imediatamente para algum lugar mais adequado à sua natureza.

Eve ergueu uma das mãos.

– Por favor, milorde, não diga mais nada. Eu lhe asseguro que Monkhurst é totalmente adequada para mim. Talvez, talvez em um ano ou coisa assim, quando minha dor tiver diminuído... – Ela deliberadamente deixou a frase inacabada e baixou os olhos, desviando do olhar frio e penetrante do lorde. Após um momento, ele fez uma reverência.

– Como desejar, senhora. Irei levá-la ao seu quarto agora, mas não hesite de mandar sua criada até mim, se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa.

– O senhor é muito gentil.

O homem a escoltou até sua porta, e quando Eve entrou, encontrou Martha esperando por ela ansiosamente.

– Oh, srta. Eve, graças a Deus você está de volta em segurança! Estava tão preocupada.

– E com razão. – Eve pressionou a orelha junto à porta, ouvindo. – Lorde Chelston me descobriu no corredor. Está claro que não é seguro que eu vagueie pela casa dessa forma. – A excitação percorria seu corpo. Ela atravessou para o armário e abriu as portas.

– O que você vai fazer, senhorita? – Martha quis saber. – Nós não guardamos as suas roupas aí.

– Eu sei – replicou Eve, mexendo nos tecidos sobre as prateleiras. – Mas vi alguma coisa quando nós chegamos... ah, aqui está – disse, emergindo do armário com um sorriso triunfante nos lábios, e segurando uma túnica vermelha.

– Por Deus, senhorita, você não vai se juntar à dança?

– Não, mas eu vi diversas túnicas vermelhas entre as pessoas que estão no baile, de modo que ninguém irá me reconhecer se eu usar isto esta noite!

SAINDO DO quarto novamente algum tempo depois, agora coberta por seda vermelho brilhante, Eve seguiu seu caminho ao longo do corredor vazio e desceu a escada. Quando chegou ao andar de baixo, houve um grito e risadas altas, e Eve se recostou em uma das paredes com painel no momento que uma *lady* vestida de Gloriana passou correndo, arrastando um ofegante e barbudo Falstaff atrás de si. Não prestaram atenção a Eve, envolta em sua túnica, e assim que desapareceram de vista, ela prosseguiu. Chegando ao estúdio, tentou a maçaneta. A porta se abriu facilmente, mas a sala estava no

escuro. Calmamente, pegou um castiçal, saiu no corredor e ergueu a vela para as que estavam acesas nos castiçais presos às paredes. Com uma pequena parte objetiva de seu cérebro, maravilhou-se por sua mão estar tão firme, mas tinha ciência de que um ataque de nervos agora poderia estragar tudo. Entrou mais uma vez no estúdio e fechou a porta cuidadosamente. Levantando o castiçal, olhou ao redor da sala. Eve estava subitamente perdida. Não sabia pelo que procurava. Gabinetes com portas de vidro alinhavam duas paredes, enquanto prateleiras ladeavam a construção decorativa ao redor da lareira e da janela, onde havia uma cômoda alta, seu topo na altura do parapeito. Uma escrivaninha de mogno pesado ocupava a maior do espaço central, com uma seleção de selos, tinteiros e canetas, arranjados organizadamente sobre o topo, mas não tinha papéis à mostra, assim como não havia sobre qualquer outra superfície da sala. Moveu-se para a lareira e inspecionou a prateleira, mas não havia convites nos jarros de rapé, nem cartas abertas enfiadas atrás do relógio de ouro. Eve censurou-se por sua ingenuidade ao pensar que lorde Chelston deixaria evidência de suas falcatruas à mostra para que qualquer um encontrasse. O súbito ranger da maçaneta da porta a fez saltar, e Eve quase derrubou o castiçal. Ela balançou no lugar, seu coração violentamente disparado, quando Nick entrou na sala.

– Vi luz debaixo da porta – murmurou ele baixinho. – Chelston está dançando, então soube que devia ser você aqui. O que descobriu?

– Nada ainda. – Ele pôs o castiçal sobre a escrivaninha. – Eu estava prestes a tentar as gavetas.

– Uma ideia muito boa. – Ele atravessou a sala em alguns passos rápidos e abriu a primeira gaveta. Eve observou-o levantar uma pilha de papéis e manuseá-los cuidadosamente.

– É provável que ele guardasse alguma coisa que o incrimina aqui? – perguntou ela.

– Não, mas talvez haja alguma pista para nós.

– Que tipo de pista?

– Não tenho ideia, mas saberei quando encontrá-la.

Eve deu um passo atrás. O brilho da única vela mal era suficiente para iluminar a área onde Nick estava estudando os papéis, então ela nem mesmo tentou ajudar. Em vez disso, andou até a janela. Uma meia-lua estava alta no

céu, banhando os jardins numa luz azul-prateada, e enviando um brilho suave sobre o topo da cômoda. Preguiçosamente, ela abriu a primeira gaveta. A luz do luar iluminou um grande mapa detalhado, mas a luz era insuficiente para ler os nomes. Ela retirou o documento da gaveta e ergueu-o para mais perto da janela, mas não adiantou. Achou que podia ser um mapa da propriedade de Chelston, mas a escrita era muito clara para ser lida na luz parca. Eve estava prestes a guardar o papel quando o próximo mapa na gaveta lhe chamou a atenção. O contorno da costa estava realçado por uma linha preta, e mesmo com pouca iluminação reconheceu o mapa imediatamente.

– Nick – sussurrou ela –, aqui tem um mapa de Monkhurst.

Eve tirou o mapa da gaveta e colocou-o sobre o topo da cômoda, enquanto Nick atravessava a sala. Ergueu a vela, e o brilho fraco foi suficiente para mostrar as cores brilhantes do mapa e os nomes dos lugares cuidadosamente marcados.

– Olhe. – Ela apontou para o mapa. – O rio Rother, Jury's Cut e o canal que leva ao ancoradouro. Está tudo destacado numa tinta escura.

Nick olhou mais de perto.

– Sim, mas este não é essencialmente um mapa de Monkhurst. É a propriedade vizinha que está no centro do mapa. – Ele moveu um pouco a vela e aproximou-a da escrita. – Abbotsfield.

– Nick. – Eve arfou, sua voz tremendo com excitação. – Aggie me disse que o pai de *lady* Chelston comprou Abbotsfield de meu avô Wingham. Talvez tenha sido parte do dote de casamento dela.

– Nesse caso Chelston pode estar usando a propriedade. Isso mostra que Abbotsfield tem uma porção substancial de terras. Talvez nós estivéssemos procurando a produção de Chelston no lugar errado – disse Nick lentamente. – Talvez esta não seja feita em Sussex, mas em Kent!

Eve agarrou-lhe o braço.

– Mais cedo esta noite, lorde Chelston ofereceu comprar Monkhurst de mim. Ofereceu me pagar adiantado para que eu deixasse a casa imediatamente.

– Então deve haver uma conexão – disse Nick. O pequeno relógio sobre a prateleira da lareira deu 12 baladas. – Meia-noite – murmurou ele. Cuidadosamente, guardou os mapas na gaveta. – Preciso voltar. E você deve

retornar ao seu quarto agora. A hora que as pessoas tirarão as máscaras está chegando e você não pode ser descoberta. – Ele andou para a escrivaninha, verificando se nada estava fora do lugar, então pôs o castiçal sobre o topo e virou-se para segurar Eve pelos ombros. – Eu sinto muito por ter deixado-a ir tão breve. Eu... – Nick parou, ouvindo.

Eve escutou passos e uma risadinha abafada do lado de fora da porta. Quando a maçaneta rangeu, lançou-se sobre Nick, passando os braços ao redor do pescoço dele.

– Oh, chegamos tarde demais... já tem alguém aqui. Mil desculpas, senhora, por atrapalhar seu... encontro amoroso. – Eve reconheceu a voz como a do homem que tinha se sentado à sua direita durante o jantar. Manteve o rosto enterrado no peito de Nick, agradecendo aos céus que ainda estava coberta da cabeça aos pés por sua túnica vermelha. A porta foi fechada com um clique, e Nick assobiou baixinho e longamente. Então, abraçou-a, dando uma risada rouca contra seu rosto.

– Pensamento ligeiro, querida.

Encostou-se contra ele, subitamente fraca.

– Isso é excitação demais para mim – murmurou Eve. – Tenho medo de desmaiar.

Braços fortes se apertaram ao seu redor.

– Não você, meu amor, que é uma mulher forte. – Nick segurou-lhe o queixo e inclinou-lhe o rosto para cima, antes de acrescentar com olhos brilhantes: – Admita, você está gostando desta aventura.

A familiar onda de desejo a fez se derreter por dentro. Sentia-se alegre, impulsiva.

– Quando eu estou com você... – começou ela.

– Sim?

Eve apertou os lábios. Seria loucura confiar nele.

– Você me deixa desnorteada – terminou ela, de modo não convincente.

Nick prendeu-lhe os olhos por mais um momento, então beijou-lhe a testa.

– Gostaria que tivesse tempo de perguntar o que você quer dizer com isso, querida, mas deve voltar para seu quarto agora. – Ele apagou a vela, pegou-lhe a mão e conduziu-a para fora do estúdio.

Os sons de celebração vindos do salão estavam ainda mais altos do que antes. Gritinhos e risadas ecoavam entre as paredes com painéis do corredor escuro, e diversos copos vazios tinham sido abandonados numa prateleira estreita. Aproximaram-se da escada dos fundos. Gemidos e suspiros vinham da escuridão adiante, e Eve tentou não pensar o que estava acontecendo lá. A mão de Nick pressionou a parte baixa de suas costas.

– Vá – sussurrou ele. – Rápido.

Ela se virou para lhe dar uma última olhada, então levantou as saias e correu. Nick a observou subir a escada correndo e desaparecer na escuridão sem olhar para trás. Vira um brilho de desejo nos olhos de Eve quando a abraçara, mas também notara a retirada dela, a falta de confiança. Não estava pronta para se entregar a ele, ainda não. Mas estaria, pois Nick vislumbrava em Eve um espírito apaixonado que combinava com o seu, e estava determinado a capturá-lo. Quando ele se virou da escada, ouviu passos pesados e vozes, e o mordomo apareceu, falando com um dos lacaios regulares. Ao vê-lo, eles pararam.

– Agora, meu rapaz – começou o mordomo com voz zangada –, o que você acha que está fazendo aqui?

Nick pegou alguns dos copos vazios.

– Recolhendo estes copos.

Quando outra dança acabou, e a música no salão morreu, os gemidos e sussurros vindos de trás da escadaria puderam ser ouvidos claramente. Nick sorriu e inclinou a cabeça na direção do barulho. O laçao deu um sorriso em resposta, mas o mordomo fez uma carranca.

– Seu lugar é no salão, atendendo os convidados, não escondido aqui na passagem! Volte para lá agora. Você pode recolher os copos depois que todos forem embora.

Nick abaixou a cabeça.

– Sim, *Sir*. – Ele foi embora, sorrindo para si mesmo ao ouvir o mordomo reclamando com seu companheiro.

– Que Deus nos ajude, a ama contrata servos extras pelo que eles têm dentro de suas calças, em vez de pelo que eles têm na cabeça...

Nick desceu e foi para a cozinha, onde encontrou o cozinheiro francês mal-humorado de lorde Chelston gritando com seus subordinados. Passou

por eles, e foi para a sala dos servos, onde uma criada de aparência cansada estava tirando as mesas onde os lacaios haviam jantado.

– Aqui, deixe-me ajudá-la com isso. – Ele começou a empilhar os pratos. – Vocês sempre comem tão bem?

Ela deu uma risadinha.

– Não. Isso só acontece quando há convidados, e sobra muito para nós.

– Você trabalha aqui há muito tempo?

– Sim, desde que era garota.

– Então deve ter visto muitos bailes como este.

A criada pausou e esfregou o nariz.

– Não muitos, mas acho que eles sempre fazem bailes e festas na casa em Lunnon.

– Oh? Esta é a única outra casa deles, então?

– Oh, não! O amo tem uma casa aonde vai para caçar, em algum lugar ao norte, e outra em Devon.

– E quanto a Kent? – perguntou Nick. – Pensei ter ouvido um dos rapazes do estábulo mencionar uma propriedade em Kent. Abbots... alguma coisa.

– Você quer dizer Abbotsfield, mas não há uma casa lá. Esta queimou anos atrás.

Nick carregou os pratos para a copa, e a criada lhe deu um olhar rápido e analítico.

– Você não deveria estar me ajudando. Deveria estar lá em cima, servindo a ceia.

– Sei que deveria, mas acho que há lacaios suficientes lá. Subirei num minuto, quando acabarmos de tirar as mesas.

– Bem, cuidado para que os pratos não sujem seu uniforme – avisou ela. – Eles irão fazê-lo pagar pela lavagem das roupas, se isso acontecer.

Nick sorriu.

– Bem, neste caso, terão de me pagar primeiro!

EVE SUBIU a escada correndo e seguiu os corredores vazios para seu quarto. Após entrar e trancar a porta com segurança, encostou-se contra um dos painéis de madeira, sua respiração ofegante. Uma única vela brilhava sobre a

abóbada da lareira, e Martha estava sentada num banco, olhando com desânimo para a lareira vazia. Quando viu Eve, levantou-se num salto.

– Oh, srta. Eve, graças a Deus! Onde você estava, e por que diabos está sorrindo desse jeito?

– Estou sorrindo, Martha, porque acho que estou vivendo uma aventura!

Eve rapidamente trocou suas roupas por uma camisola. A túnica vermelha foi bem dobrada e retornada à prateleira do armário, e Martha pegou seu vestido preto para pendurá-lo com os outros no closet. No momento que voltou, Eve estava sentada diante da penteadeira, soltando seus cabelos. Resistiu às tentativas de sua criada de lhe tirar a escova da mão. Vá dormir, Martha. Você deve estar muito cansada.

– Não tão cansada que não posso cuidar de você, até vê-la seguramente debaixo das cobertas, srta. Eve.

– Tenho capacidade de apagar minha própria vela, garanto-lhe! Vá agora. Assim que acabar de escovar meus cabelos, irei para cama, prometo.

Todavia, levou muito tempo antes que Eve conseguisse dormir naquela noite. Não podia dizer que o baile a incomodava, porque muito pouco barulho chegava ao quarto, aparte o suave ressonar vindo do closet de Martha. Mas os eventos da noite tinham deixado seu cérebro girando com conjecturas, e havia o medo de que Nick fosse descoberto. Virou-se e se revirou na cama solitária, imaginando onde ele estaria, o que planejava fazer a seguir. Não importava que dissesse a si mesma que esse era um exercício inútil; os pensamentos a mantiveram acordada até que a luz acinzentada do amanhecer penetrou seu quarto.

FOI COM alguma excitação que Eve desceu para o desjejum na manhã seguinte, mas os poucos hóspedes que não estavam dormindo, por causa dos excessos da noite anterior, cumprimentaram-na normalmente, e não havia sinal de que estivesse prestes a ser denunciada como uma fraude ou uma espiã. Perguntou sobre a festa, e soube que tinha sido um grande sucesso, com as últimas carruagens indo embora após o amanhecer. Ninguém mencionou intrusos se fingindo de lacaios, e os criados atendendo na sala do café da manhã pareciam tão sonolentos e indiferentes como sempre, de modo que pôde apenas imaginar que o disfarce de Nick não fora detectado.

Não era esperado que as pessoas estivessem muito animadas depois de um entretenimento tão exaustivo, e o dia passou calmamente, com Eve se certificando de estar na companhia das *ladies* durante o tempo inteiro. Ficou aliviada que nem Bernard nem lorde Chelston tentaram se aproximar, mas as atenções muito educadas de seu primo durante o jantar esgotaram sua paciência, e, alegando fadiga, Eve escapou para seu quarto antes que os cavalheiros se juntassem às *ladies* na sala de estar. Eve estava realmente muito cansada depois de sua noite de insônia, e não perdeu tempo em vestir sua camisola e dispensar Martha. Dentro de minutos, estava dormindo, apenas para ser acordada com um sobressalto por um barulho algum tempo depois. O quarto estava muito escuro, uma vez que sua criada tinha fechado as cortinas para bloquear a luz brilhante da lua, a qual poderia perturbar sua ama. Eve permaneceu deitada imóvel, esforçando-se para ouvir. Havia trancado a porta, mas perguntou-se se tinha sido o som de alguém tentando abrir a maçaneta que a acordara. Então ouviu novamente... batidas leves, porém insistentes, em vidro. Por um momento, hesitou, imaginando se deveria chamar Martha, mas decidiu-se contra isso. Saindo da cama, andou para a janela. Com o coração batendo descompassado contra as costelas, abriu as cortinas pesadas.

Não havia ninguém lá.

A lua quase cheia brilhava num céu sem nuvens, banhando os jardins em sua luz serena. Eve subiu a vidraça, e o ar frio da noite inundou o quarto. Ela descansou as mãos no peitoril, confusa. Não havia vento, nada para causar o barulho de alguma coisa batendo em sua janela.

Ela arfou quando uma mão surgiu e agarrou-lhe o pulso.

– Para trás, querida, e me deixe entrar.

## *Capítulo Treze*



AS HERAS que cercavam a janela sussurraram com o atrito quando Nick entrou pela abertura. Estava usando botas macias, calça preta e camisa de linho escura, roupas escolhidas deliberadamente, de modo que nada pudesse se sobressair contra as paredes cobertas de heras. Sorriu para Eve, que o fitava, boquiaberta. Sentiu um aperto no coração ao olhá-la. Estava tão linda, parada ali, com os cabelos escuros cascadeando sobre os ombros.

– Então, você não irá me dar as boas-vindas?

Ela ignorou seus braços abertos.

– Como você sabia que este era o meu quarto?

– Vi Martha a esta janela quando estive aqui ontem. A propósito, onde está Martha?

Eve indicou o closet.

– Ela tem o sono muito pesado, mas, por favor, mantenha seu tom de voz baixo. Você ficou aqui o dia inteiro?

– Não, nós fomos pagos esta manhã. O que me fez lembrar... quanto pagamos para os nossos servos, Evelina?

Ela piscou em confusão.

– Eu... hum... eu não sei...

– Bem, seja lá quanto for, devemos aumentar o salário deles. Recebi uma quantia insignificante pelo trabalho de ontem à noite, e nunca trabalhei tão duro em toda minha vida. Preferia ser um recruta inexperiente a bordo de um navio de guerra a fazer isso novamente.

Eve tentou abafar uma risada e fracassou. Mordeu o lábio inferior com força, mas não conseguiu suprimir uma covinha incontrolável. Nick estava encantado. Resolveu que a faria rir muito no futuro.

– Você levou uma vida muito mimada, *Sir!* – ela lhe falou com severidade.

– Também estou começando a achar que sim.

– Bem, esqueça isso. Por que está aqui? O que você descobriu?

– Num único dia? Não muita coisa. Catherine herdou Abbotsfield quando o pai morreu. Parece que todos os antigos criados foram demitidos quando a casa pegou fogo cinco anos atrás, e ninguém sabe muito sobre o lugar desde então. Enviei alguém para vasculhar a área e me contar as descobertas depois.

– Nick se afastou da janela, cuidando para que seus pés não fizessem barulho nas tábuas sem tapetes. – Eu queria lhe dizer que enviei dois homens para Monkhurst. Agirão como seus servos, mas são guardas aduaneiros, e estão lá para protegê-la. Ainda acho que o esquema de Chelston envolve Monkhurst de alguma maneira, e quero me certificar de que você esteja segura.

– Obrigada, mas você poderia ter me enviado um recado com essa informação. Não precisava se arriscar, vindo aqui.

– Mas eu queria vê-la. Não... – Ele ergueu uma das mãos. – Não se mova.

– Por que não? O que houve?

– Sua camisola.

– O que tem minha camisola? É de um tecido muito fino.

– Eu sei, querida. Com a luz da lua atrás de você, eu posso ver cada linha de seu corpo. – E que corpo bem formado, com pernas longas e uma cintura fina que parecia suplicar pelo toque de suas mãos. Ele lembrou-se de como Eve estivera parada diante da janela na noite de núpcias deles. A visão o enlouquecera. Com um gemido, ela se afastou rapidamente da luz do luar, e Nick riu baixinho.

– Você não é um cavalheiro! – ralhou Eve.

Ele estendeu um braço e puxou-a para si. A sensação do corpo delgado contra o seu lhe causou uma reação instantânea.

– Se eu não fosse um cavalheiro, eu a levaria para aquela cama e a violaria!

Não deveria apressá-la, mas não foi capaz de resistir beijar-lhe o pescoço, onde o decote de renda da camisola tinha escorregado pelo ombro dela.

– Seria a atitude de um verdadeiro canalha!

Relutantemente, Nick levantou a cabeça.

– Eu sei – concordou ele com tristeza. – E eu jurei que não a pressionaria sobre isso.

Ela pôs as mãos contra o peito dele, e o coração de Nick deu saltos, como se tentando alcançá-la. Eve inclinou o rosto para cima, os lábios entreabertos numa expressão surpresa. Nick a abraçou mais forte, e no momento seguinte, estava beijando-a, devagar e sensualmente. Por um breve momento exultante, ela respondeu, então começou a lutar e empurrou-o.

– Não – disse ela, virando a cabeça para o lado oposto. – *Não* irei me entregar a você, Nick Wylder!

Eve tentou se afastar, mas ele lhe capturou-lhe o pulso, dizendo impacientemente:

– Por Deus, mulher, você é *minha esposa*!

Ela levantou a cabeça. Mesmo com a luz do luar, Nick podia ver o brilho arrogante nos olhos dela.

– Você perdeu todos os direitos que tinha quando me enganou – declarou ela, a voz vibrando com fúria.

Nick virou a cabeça como se ela o tivesse esbofeteado. Então olhou para a mulher orgulhosa e apaixonada diante de si, e, pela primeira vez em sua vida adulta, teve medo de fazer a coisa errada. O instinto animal lhe dizia para tomá-la, beijá-la até a submissão. Sabia que podia fazer isso, sentira o desejo de Eve, provará-o em seus beijos momentos antes, mas alguma coisa o impediu, avisando-o de que tal paixão poderia ganhar o corpo dela, mas não lhe ganharia a confiança. Eve tremeu. Em sua cabeça, estava determinada a lutar contra ele, mas cada terminação nervosa de seu corpo doía de desejo. Se Nick ignorasse seus protestos e a envolvesse nos braços fortes, sabia que suas defesas seriam esmagadas quase imediatamente, pois seu coração estava

chorando para que a abraçasse, para que fizesse amor com ela. Manteve a cabeça alta e encontrou-lhe o olhar de modo desafiador.

– Acho que você deve ir agora. – Eve maravilhou-se ao ouvir a própria voz firme, quando por dentro estava em chamas.

– Sim – concordou ele, liberando-lhe o pulso. – Acho que devo. – Nick viu o brilho de surpresa nos olhos dela e sorriu, sabendo que tinha feito a escolha certa. – Não considero que tenho... *direitos...* sobre você, querida, nem quero que seja submissa a mim. Você é minha esposa, minha parceira. Nós nos encontraremos como iguais, você e eu, ou não nos encontraremos de modo nenhum. – Ele lhe acariciou o rosto com um dedo e voltou a sair pela janela.

Eve permaneceu parada diante do espaço onde Nick estivera. Disse a si mesma que estava aliviada, mas havia também uma sensação de desapontamento pelo fato de ter desistido tão facilmente, uma vez que não estava muito certa que era isso que queria. Foi para a janela e inclinou-se para fora. Nick era pouco mais que uma sombra escura entre os arbustos. As palavras dele ecoavam em sua cabeça: *minha esposa, minha parceira. Nós nos encontraremos como iguais, você e eu.* Iguais. Estaria realmente falando sério sobre aquilo? Enquanto Eve olhava para baixo, Nick saiu de trás de um arbusto, e, iluminado pelo luar, ergueu uma das mãos para lhe soprar um beijo.

DOIS DIAS depois, Eve estava de volta a Monkhurst. Lorde e *lady* Chelston tinham se mostrado relutantes em deixá-la ir, mas ela se mantivera firme, declarando que deveria estar presente em sua propriedade. Richard Granby ficou claramente aliviado ao vê-la retornar em segurança, e não perdeu tempo em apresentá-la a Davies e Warren, os dois homens que Nick enviara para protegê-la. Eles lhe fizeram reverências e se declararam contentes por ajudar Granby ao redor da casa.

– Achamos melhor manter segredo que somos guardas aduaneiros – disse Davies, sorrindo. – As pessoas desta região não gostam muito de nós.

Eve assentiu.

– Então diremos que pedi que sr. Granby trouxesse criados extras. Isso não deve causar surpresa a ninguém; há um acordo a ser feito.

Todavia, Eve ficou surpresa com a reação de Silas perante a notícia.

– Se você acha que estou muito velho, senhorita, então apenas fale – murmurou ele, quando se encontraram nos jardins, mais tarde naquele dia. Eve tentou ser paciente.

– Você não está muito velho, de maneira alguma, Silas, mas podemos usar ajuda extra, e é sempre útil ter mais homens ao redor da casa.

– O que há de errado com Sam e Nat? Eles irão protegê-la, se esta é a sua preocupação.

– São muito úteis, e já estão fazendo uma grande diferença nos jardins, mas seus filhos têm suas próprias famílias no vilarejo, e não podem estar em Monkhurst dia e noite. Por favor, não fique ofendido, Silas.

– Bem, não vejo por que você precisa de mais alguém – resmungou ele. – Especialmente quando não são homens de Kent.

– Talvez você tenha razão, mas Granby fez o que achou melhor. E serão muito úteis em esvaziar os últimos cômodos para mim.

Eve estava determinada a continuar com seus planos para transformar Monkhurst num lar confortável, mas depois da excitação de sua visita a Chelston Hall, a vida na velha casa parecia tristemente sem graça. Não havia notícias de Nick, mas isso não a surpreendia. Nick tinha nascido para aventuras, não para a domesticidade do dia a dia que compreendia sua própria vida. Sua depressão aumentou; era muito comum para satisfazer o arrojado capitão Wyldfire por muito tempo. Piscou contra uma lágrima. Verdade, era sua esposa, e viria a ela de vez em quando, quando precisasse descansar, ou talvez... o pensamento lhe causou um vazio interior... quando quisesse seu corpo, mas então iria embora novamente, em busca de excitação. Bem, pensou Eve, se tivesse de ser assim, então não reclamaria. Ter um homem como ele, mesmo que por curtos períodos de tempo, era mais do que poderia ter esperado. Não se consumiria em tristeza. Para se impedir de sofrer, Eve mergulhou no papel de dona de casa, mas isso serviu apenas para acentuar a ideia de que sua vida era muito monótona comparada aos perigos inimagináveis que Nick estava enfrentando. O único drama em Monkhurst foi proporcionado por Silas, que caiu de uma escada de mão no estábulo e abriu a cabeça.

– Nunca deveria ter subido naquela escada, para começar – declarou Aggie, andando ao redor da cozinha. – Sam disse ao pai que faria aquilo, mas

meu marido teimoso estava tão determinado a provar que era tão bom quanto os homens mais jovens que você trouxe para cá que decidi subir.

– Oh, pobre Silas. Ele se machucou muito?

– Bem, não está enxergando direito no momento, de modo que não será capaz de... – Aggie fechou os lábios e balançou a cabeça, antes de acrescentar com um suspiro: – Não se preocupe, srta. Eve, nós daremos um jeito.

– Talvez você queira voltar para Silas agora – sugeriu Eve. – Martha e eu nos viraremos bem com um jantar frio.

– Você não fará uma coisa dessas, senhorita. Silas tem o jovem Nat para cuidar dele durante o dia e eu cozinharei seu jantar, como sempre faço, então, não quero ouvir mais sobre isso!

Eve rapidamente se desculpou, e deixou sua governanta afrontada fazer seu trabalho.

NÃO PENSOU mais sobre aquilo até que Martha entrou resmungando, porque Aggie esquecera sua cesta perto da porta dos fundos. Era depois do jantar, e Eve estava na sala de visitas, sentada perto da janela, e usando o que restava da luz do dia para trabalhar em seu bordado.

– A cesta está cheia de tortas, srta. Eve – disse a criada, carregando uma vela acesa fina para acender as outras nos castiçais. – Espero que Silas não esteja contando com as tortas para seu jantar.

– Pobre Aggie, parecia tão preocupada hoje – observou Eve. – Estava com pressa de escapar, também. – Ela pôs o bordado de lado e olhou para o pôr do sol dourado do lado de fora da janela. – Sabe, está uma noite tão adorável que eu gostaria de fazer uma caminhada, então levarei a cesta de Aggie para a entrada. Assim, eu a poupo de ter de voltar para buscá-la.

– Bem, você não pode sair sozinha no escuro. Buscarei Davies para acompanhá-la.

– Não há realmente necessidade... – começou Eve, mas o olhar de Martha a silenciou. De maneira obediente, pegou seu xale e foi em direção à casinha da entrada na companhia de Davies. Irritava-a ter alguém seguindo cada passo seu, mas entendia a necessidade daquilo e sorriu para o homem. Afinal de contas, não tinha culpa por ter recebido a ordem de protegê-la. Era

mais provável que Davies preferisse estar perseguindo contrabandistas a andar atrás dela.

Havia um lampião queimando na janela, mas quando Eve bateu à porta, levou um longo tempo antes que alguém atendesse, e então veio a voz nervosa de Aggie do lado de dentro:

– Quem está aí?

– Sou apenas eu – respondeu Eve alegremente. – Trouxe a cesta que você esqueceu na cozinha. – Uma fresta da porta se abriu. – Então, não vai me convidar para entrar, Aggie?

Aggie espiou na escuridão.

– Sim, senhora, mas seu homem deve ficar do lado de fora.

– Qual é o problema, Aggie? Você está de camisola, ou com seus cabelos em trapos? – Eve riu enquanto passava pela porta, mas seu sorriso foi substituído por um olhar surpreso quando ela viu Aggie usando um casaco de Silas e uma calça larga. – O que é isso...?

– Há uma viagem esta noite, e como Silas não pode ir, eu tenho de ir – explicou Aggie, parecendo ansiosa, e passando uma das mãos contra a perna da calça. – Estas roupas de marinheiro me servem melhor que a maioria das roupas de Silas.

– Certamente, isso não é necessário.

A boca de Aggie se comprimiu.

– Você acha que eu iria, se não fosse necessário? Não há rapazes suficientes para saírem esta noite, e sem Silas, ficarão com pouca gente para o trabalho. Estou esperando que Nat venha me buscar.

– Você não deve ir – disse Eve, pondo a cesta no chão.

– Era exatamente isso que eu estava dizendo a ela – murmurou Silas, aparecendo à porta. – Ficarei bem, assim que conseguir me equilibrar.

Ele balançou enquanto falava. Aggie e Eve correram para segurar os braços de Silas e ajudá-lo a se sentar numa cadeira.

– Você não vai a lugar algum – disse Aggie com irritação. – Seria um perigo para si mesmo e para os meninos.

– Lamento, mas ela está certa, Silas – disse Eve.

Silas curvou-se na cadeira, a expressão mal-humorada. Eve segurou os ombros da mulher mais velha e estudou-lhe o rosto.

– Por que é tão importante sair esta noite, Aggie?

– Esta é a última viagem. Lembra, senhorita, que Silas prometeu que não fariam mais isso depois que a última encomenda fosse entregue? John, o cocheiro, e o filho dele foram para Ashurst, e não ousamos esperar pelo retorno dele, porque a lua logo vai desaparecer. Tem de ser esta noite.

– Deve haver outros homens no vilarejo.

Aggie meneou a cabeça.

– Desde que Sam e Nat tiveram a briga com a outra gangue, os rapazes do vilarejo estão com medo de sair. Então, com Silas de cama, estão com pouca gente.

– Bem, você não pode ir – disse Eve de forma decidida, batendo um dos pés no chão. – A que horas você espera Nathaniel aqui?

– Assim que escurecer totalmente.

– Então tenho meia hora. Estarei de volta até lá.

Silas olhou para cima.

– O que você quer dizer com isso, senhorita?

– Srta. Eve, o que vai fazer? – demandou Aggie, em tom de voz desconfiado.

Eve virou-se, os olhos brilhando com travessura.

– Irei no seu lugar, é claro.

EVE APRESSOU-SE de volta para casa, dispensou sua escolta, e subiu a escada para seu quarto, chamando Martha enquanto ia. No momento que sua criada chegou, Eve tinha tirado uma seleção de roupas do baú e colocado-as sobre a cama.

– Rápido, Martha, ajude-me a tirar este vestido.

– O que você está planejando agora, senhorita?

– Você não deve me perguntar – replicou Eve. Foi incapaz de manter a empolgação longe de sua voz, assim como não pôde resistir confessar para sua criada: – Vou sair.

– Nunca, senhorita!

– Sim, vou. – Eve pisou para fora de suas saias e pegou a calça de couro macio. – Mas você não irá contar para ninguém.

– Deus todo-poderoso! Você não pode sair com estas roupas!

– Posso, sim. Só espero que as roupas de mamãe sirvam em mim... Ah, elas servem, graças a Deus!

– Srta. Eve – Martha levou as mãos à boca –, você não pode sair com os comerciantes. – Ela se sentou na cama. – Oh, meu Deus.

– Quieta, Martha. Agora, onde está a camisa...? Oh, e meus cabelos, eu não posso usá-los assim. Rápido, remova os grampos e eu os prenderei na nuca... pronto, o que você acha?

– Acho que esta é uma ideia pavorosa, srta. Eve, e não posso deixá-la ir!

– Se tentar me impedir, despedirei você – retorquiou Eve, dando a Martha um olhar tão feroz que fez a criada empalidecer.

– Você não faria isso – sussurrou ela.

– É claro que não, contanto que você faça o que eu ordeno.

– O que o amo diria?

– O amo não está aqui – replicou Eve. – E se estivesse, esse é exatamente o tipo de coisa que ele faria.

Eve pôs o chapéu masculino na cabeça e olhou-se no espelho. Na luz fraca das velas, uma estranha a encarou de volta. O chapéu de três bicos lhe sombreava os olhos, deixando apenas sua boca e queixo visíveis, e se Eve considerasse estes muito delicados para um homem, pensou que pelo menos não seria reconhecida. A calça estava justa, mas felizmente, ainda lhe permitia mobilidade, e a camisa era larga nos ombros, disfarçando adequadamente sua forma.

– Isso terá de servir – disse ela, vestindo o casaco escuro de lã.

– Você precisa de um cachecol em volta do pescoço – falou Martha. – Deve se certificar de cobrir cada parte desta camisa, e de seu rosto, também. Sua pele clara ficará brilhante como o dia sob esta lua.

– Martha, como você sabe sobre essas coisas?

– Ninguém pode viver nesta região sem saber alguma coisa sobre o mercado – retorquiou a criada. – Oh, srta. Eve, gostaria que você não fosse.

– Tenho de ir, Martha. É meu povo lá fora e precisa de mim. – Ela se levantou enquanto falava aquelas palavras, uma onda de orgulho misturando-se à sua excitação. Beijou sua criada. – Agora, desça e tranque a porta depois que eu sair. E lembre-se, não conte para ninguém!

Eve saiu pela porta da cozinha e parou por um momento, esperando até que ouviu Martha trancando a porta, então correu silenciosamente ao longo do jardim, e atravessou o parque para a casinha da entrada. A lua, que estivera tão cheia durante sua visita a Chelston Hall, agora não passava de um fiapo prateado, mal iluminando seu caminho, e ela supunha que qualquer pessoa observando não seria capaz de ver mais do que uma sombra se movendo entre as árvores. Ofegante, Eve chegou à entrada da casinha e bateu à porta.

– Srta. Eve, não gosto disso – murmurou Aggie quando a deixou entrar na casa. Ela liderou o caminho para a pequena cozinha, onde Nathaniel estava esperando, girando o chapéu nas mãos. Ele abriu a boca ao vê-la em calça e casaco. Eve meramente assentiu com um gesto de cabeça.

– Boa noite, Nat. Vejo que você está usando uma bata também... devo usar uma?

– Todos os rapazes usam, senhorita – disse Aggie. – É uma vestimenta comum no pântano. Uma vez que são todas iguais, os oficiais a cavalo não podem distinguir um homem de outro.

– Então devo vestir uma, suponho. Ajude-me, Aggie. Pronto. – Ela sorriu para eles. – Estou bem?

– Não, senhorita. – Nathaniel enviou um olhar angustiado na direção da mãe.

O sorriso de Eve desapareceu.

– Pelo amor de Deus, Nathaniel! Preferia que fosse sua mãe lá no pântano com vocês? Posso lidar com os pôneis tão bem quanto Silas. – Eve pausou, então acrescentou com um toque de humor: – E correr muito mais rapidamente, se necessário.

– Eu preferia que não fosse nenhuma de vocês – respondeu Nat.

– Isso não é nem um pouco generoso de sua parte.

– Promete fazer tudo que eu disser? – perguntou ele, tomando coragem.

– É claro que sim. – Ele não pareceu muito tranquilizado por sua afirmação, então Eve tocou-lhe o braço, falando gentilmente: – Não tenho desejo de arruinar a última missão de vocês, Nathaniel, mas Aggie diz que vocês precisam de um par de mãos extra, e estou oferecendo as minhas.

Nathaniel a olhou com o cenho franzido por um longo momento, então pareceu tomar uma decisão. Endireitou o corpo.

– Nesse caso, vamos logo.

ANDARAM POR aproximadamente um quilômetro e meio ao longo da alameda sombreada, até chegarem a uma encruzilhada, onde Nathaniel assobiou baixo. No começo, Eve não podia ouvir nenhum som no ar parado, mas depois de alguns momentos, houve o fraco barulho de cascos no solo. Formas pretas apareceram, uma fila de pôneis liderados por uma figura troncada, o rosto do homem um pálido na luz da lua.

– Gabriel – murmurou Nat, e recebeu somente um gemido em resposta, mas devia ter havido algumas perguntas sussurradas sobre sua presença, porque ela ouviu Nathaniel dizer: – Oh, ele é meu primo, de Tenterdenway.

O homem chamado Gabriel olhou na direção dela, e Eve abaixou a cabeça, de modo que a aba de seu chapéu lhe sombreasse o rosto. Ele gemeu novamente.

– E Robert e Adam? – murmurou Nathaniel.

Gabriel gesticulou a cabeça.

– Bob está aqui. Adam está vindo com Sam. Esta foi toda ajuda que conseguimos esta noite. – Gabriel acenou para indicar que eles deveriam segui-lo.

Pelas próximas horas, Eve encontrou-se num mundo escuro e estranho, onde objetos familiares tais como casas ou árvores se agigantavam de forma ameaçadora ao redor deles. Todos os seus sentidos estavam aguçados, cada terminação nervosa alerta para captar a menor indicação de perigo. Forçou os olhos para ver através da quase escuridão, e uma vez agarrou o braço de Nathaniel.

– Olhe! – sussurrou ela. – Uma luz ali!

O grupo parou, e por um momento, houve um silêncio tenso. Então ela ouviu a risada baixa de Nat.

– Não é nada além de um vagalume. Você já os viu antes, certamente.

Eve estava ciente dos sorrisos dos outros homens, e rapidamente se desculpou, encolheu os ombros e continuou andando, censurando-se por deixar que seus nervos dominassem sua razão.

– AVANCE, ADMIRAL.

Nick tocou os calcanhares nas laterais brilhantes do cavalo, e o animal respondeu imediatamente. Logo estavam se movendo através das alamedas a meio galope. Não havia tempo a perder, mas pressionar para que Admiral corresse muito no terreno escuro e não familiar era, na melhor das hipóteses, arriscar uma queda, e na pior, um pescoço quebrado, e nenhuma das duas coisas ajudaria sua causa. Descobrira apenas uma hora atrás que o capitão George havia recebido informações que uma transação aconteceria em Jury's Cut naquela noite. Privadamente, Nick não tinha dúvidas de que seria Silas com os meninos, mas apesar de ter argumentado veementemente que aqueles não podiam ser os homens de Chelston, o oficial aduaneiro conhecia seu dever. Não podia ignorar a informação recebida, e tinha despachado diversos oficiais a cavalo para apreender os contrabandistas. Nick não podia impedi-los. Sua única esperança era chegar a Silas a tempo de avisá-lo. A luz fraca da lua iluminava uma extensão de solo liso e limpo, e incentivou Admiral para um galope. Poderia ter encontrado alguém para levar a mensagem, alguém que tivesse melhor familiaridade com aquela área, mas no fundo da sua mente estava o pensamento de que, uma vez que fizesse sua tarefa, poderia ir até Monkhurst. Nick riu alto, fazendo Admiral levantar a cabeça, nervosamente quebrando o ritmo.

– Tolo, será mais de meia-noite até chegarmos lá – murmurou para si mesmo. Não importava. Esperaria até o amanhecer, entraria no quarto de Eve, e estaria lá quando ela acordasse.

Pensou em quando a vira pela última vez em Chelston Hall, quente e sonolenta, os cabelos cascadeando sobre os ombros. Apenas a lembrança daquilo o deixava excitado por ela! Nick mudou de posição sobre a sela. Era melhor não pensar em Eve até que entregasse sua mensagem. Prosseguiu a meio galope, passando pelo vilarejo de Monkhurst e através das alamedas arborizadas, até que a casinha da entrada surgisse diante de sua visão. Julgou que já passava da meia-noite, e que Silas já devia ter saído. Subitamente, teve ciência de um movimento à sua esquerda. Puxou as rédeas para parar Admiral na sombra das árvores e espiou dentro da escuridão.

– Richard! – Seu grito fez a figura parar. Nick conduziu seu cavalo para a frente. – Richard? O que você está fazendo aqui?

– É a sra. Wylder, *Sir*. – Granby correu na sua direção. Pela primeira vez, tinha perdido sua calma imperturbável. O medo gelou os ossos de Nick. Perguntou de modo tenso:

– O que aconteceu, homem?

– A sra. Wylder foi com Nat e Sam para Jury's Cut!

## *Capítulo Catorze*



**E**VE NÃO tinha ideia de por quanto tempo andaram na quase escuridão. O progresso do grupo era silencioso, exceto pelo suave barulho dos cascos dos pôneis e do estalar dos arreios de couro. Eve queria perguntar a Nathaniel onde estavam indo, mas tinha medo de falar e quebrar o silêncio que os envolvia como um cobertor palpável, então meramente andou, dando passos largos nas velhas botas de couro de sua mãe. Ainda era noite, e apenas uma brisa muito leve mexia as folhas. A caminhada constante lhe dava muito tempo para pensar em Nick, e a escuridão em sua mente era ainda mais sombria que a noite. Sabia agora que o amava, mas, embora soubesse que ele a desejava, achava que a paixão de Nick estava esfriando. O que mais poderia explicar o modo como ele aceitara sua rejeição em Chelston Hall? Duas vezes agora, Eve lhe negara seu corpo, e duas vezes ele tinha ido embora. Sentia medo que Nick não a achasse mais atraente. Na verdade, pensou com tristeza, devia estar arrependido de ter se casado com ela. E Eve lamentava o fato de Nick ter entrado na sua vida e a tirado de seu pequeno mundinho aconchegante? *Se nunca o tivesse conhecido, não teria me disfarçado e vasculhado o escritório de lorde Chelston. Nem estaria agora andando no meio da noite escura para coletar uma carga de contrabando.* Mesmo enquanto as palavras se formavam em

sua cabeça, Eve percebeu, com uma pequena onda de surpresa, que teria lamentado muito perder a visita a Chelston Hall e, de uma maneira estranha, estava apreciando sua aventura no pântano no meio da noite. Finalmente deixaram as casas e fazendas para trás, e a alameda não era mais sombreada por cercas vivas altas. Em vez disso, canais profundos alinhavam a trilha, e o terreno lamacento se estendia de cada lado, uma vasta extensão de pântano, onde a leve brisa salgada sussurrava através da grama. Eve podia sentir o cheiro do mar, e discernir a linha de dunas de areia que se erguiam para encontrar o céu azul da meia-noite. Alguns metros à frente, um canal estreito de água curvava-se através do pântano em direção à enseada conhecida como Jury's Cut. Eve podia sentir a tensão em seus companheiros agora. Lá era onde Nathaniel e Sam tinham sido atacados, e olhou ao redor nervosamente, seu corpo rígido e pronto para correr. Subitamente, Nathaniel parou. Os pôneis ergueram seus corpos, resfolegando gentilmente. Eve ouviu um assobio curto e baixo, e o ruído de remos espirrando água. Um barco longo e baixo surgiu entre a grama alta. Diversas pessoas saltaram para fora e puxaram o barco para um terreno mais sólido. Os homens trabalharam depressa e silenciosamente para descarregar. Nathaniel puxou Eve para a fileira, e ela se encontrou fazendo parte de uma corrente humana, passando mercadorias de mão em mão do barco para a praia. Seus braços começaram a doer, e logo ela estava com calor e desconfortável em seu casaco pesado e bata, mas não ousou removê-los, nem desenrolar o cachecol da parte baixa de seu rosto. Entendeu agora por que precisavam de mais homens. Havia certa distância entre o barco e a trilha onde os pôneis esperavam pacientemente para serem carregados. Quando as mercadorias eram passadas, tinha de estender os braços para cada pacote e alongá-los a fim de passar para seu vizinho. Os pacotes embrulhados em lanolina eram pesados o bastante, mas os meio-galões, os pequenos barris contendo aguardente, eram tão pesados que Eve tinha de dar um passo a cada vez, para completar a operação. Finalmente, o último barril foi amarrado a um pônei e o último pacote de renda foi guardado numa mochila. Eve relaxou as costas doloridas e observou quando alguns dos homens empurraram o barco para a água e começaram a remar para longe, os remos trabalhando quase silenciosamente dentro das águas acinzentadas. Um toque em seu braço lhe disse que estavam prontos para se mover e ela voltou

para a trilha onde os pôneis já estavam começando seu retorno. Puxou a manga de Nathaniel.

– O último pônei não carrega nenhum pacote – sussurrou ela.

Nat sorriu, seus dentes brilhando por um breve instante na luz pálida.

– Nós sempre mantemos um deles selado e pronto. Apenas por precaução.

– Precaução do quê?

– Apenas por precaução.

Ele pôs a mão nos lábios e seguiu em frente. Eve o seguiu, confusa e determinada a exigir uma explicação, assim que estivessem seguros.

A lua estava baixa no céu no momento que a primeira fazenda foi avistada, um contorno preto a distância. Eve percebeu como havia ficado tensa, e fez um esforço consciente para relaxar os ombros. Logo alcançariam o abrigo relativo das alamedas alinhadas por árvores novamente. Estava prestes a dizer isso a Nathaniel quando houve um grito de aviso do primeiro da fila.

– Oficiais a cavalo. Corram!

Os pôneis começaram a trotar, suas cargas rangendo de maneira preocupante.

– Onde estão? – perguntou Eve, espiando dentro da escuridão.

Nathaniel ergueu uma das mãos e apontou.

– Entre os estábulos, ali.

Eve só teve tempo de uma olhada rápida. A escuridão entre os contornos altos e quadrados das casas estava se movendo. Cavaleiros vinham apressadamente na direção deles. Ao perceber que tinham sido vistos, os cavaleiros abandonaram seu progresso clandestino e gritaram, o som alto carregando o ar noturno:

– Parem, em nome do rei!

Nathaniel empurrou Eve para sua frente.

– Fuja.

Os pequenos pôneis se moveram com velocidade surpreendente, e Eve os seguiu, seu coração disparado. A estrada parecia se contorcer entre valas profundas, e num canto ficava um pequeno bosque de árvores baixas, que os escondia dos cavaleiros que os perseguiam. Uma repentina diminuição do ritmo dos pôneis fez Eve olhar para cima. Na ponta da fila, Sam estava liderando para que os pôneis saíssem da estrada e entrassem no canal. Ela

arfou, esperando que os animais mergulhassem na água funda, mas meramente submergiram alguns centímetros antes de desaparecerem nas sombras além da vala.

– Onde estão indo? – ela perguntou para Nathaniel quando um dos pôneis foi engolido pela escuridão.

– Para uma trilha abaixo da superfície – replicou ele. – Uma vez que a cerca e os juncos forem colocados no lugar, ninguém poderá nos ver. – Ela o ouviu rir. – Nós temos feito isso, homens e garotos, por tanto tempo que somos especialistas em enganar os oficiais aduaneiros.

Enquanto trotavam para a extremidade da vala, Nathaniel desamarrou o último pônei e segurou-o, enquanto os outros atravessavam o canal e sumiam na escuridão.

– Venha, srta. Eve – chamou Sam, sem tentar esconder a identidade dela. – A água está somente na altura do tornozelo.

Ela hesitou.

– E quanto a Nathaniel?

– Irei despistá-los.

– Isso não é perigoso no escuro? – perguntou ela.

– Não, estes pôneis conhecem o caminho – disse Nat. – Melhor que os oficiais aduaneiros, de qualquer forma.

– Venha, srta. Eve! – Sam já estava puxando os painéis cobertos de junco no lugar.

– Então deixe-me ir.

– Não, por Deus! – exclamou Nat, revoltado.

Eve estendeu a mão e pegou as rédeas.

– Você deve me permitir – insistiu ela. – Eu sou mais leve que você e posso ser mais rápida. E não se preocupe, acharei o caminho de casa.

Nathaniel arfou quando ela passou por ele e subiu na sela. Estendeu os braços, como se para puxá-la do pônei, mas parou, incapaz de encostar as mãos numa *lady*.

– Não, srta. Eve, isso não é adequado! O que o amo diria?

– O que Aggie diria se vocês fossem capturados? – devolveu ela. – Você e Sam têm famílias que precisam de vocês. – *Não há ninguém para sentir minha*

*falta*. Ela reprimiu o pensamento não falado e disse: – Rápido, agora, estarão aqui a qualquer minuto.

– Senhora, por favor!

–Vá. Nós todos seremos pegos se você não for agora!

Nathanial hesitou por um momento, até que o assobio urgente de Sam o lembrou do perigo. Pisou na água e ajudou Sam a colocar os últimos painéis no lugar. Então houve silêncio. A água na vala tornou-se calma novamente, espelhando o céu estrelado. Eve olhou para os muros altos de junco; não havia sinal de uma abertura. Ergueu-se nos estribos, mas não pôde ver nada além de topos de junco, ondulando-se e sussurrando na brisa. O pônei batia as patas no chão, impacientemente, mas ela o segurou imóvel, lidando com a própria impaciência para se mover, enquanto olhava para trás e esperava a primeira visão dos oficiais aduaneiros. Não teve de esperar muito tempo. Um barulho como um trovão distante aumentou de volume, e quando o primeiro cavaleiro apareceu ao redor de uma curva, Eve bateu os saltos da bota nos flancos do pônei e saiu a galope. Gritos dos perseguidores a avisaram de que estava sendo perseguida. A fuga começou. A trilha era uma faixa cinza à sua frente, ocasionalmente desaparecendo na escuridão, onde árvores lançavam suas sombras pretas no caminho. A bata larga esvoaçava ao seu redor, enquanto o pequeno pônei praticamente voava sobre o solo. Eve se maravilhou com a velocidade confiante do animal, mas puxou as rédeas de leve, diminuindo um pouco o ritmo. Não podia perder seus perseguidores tão rápido. À frente, estava o contorno de um grupo de construções; um vilarejo ou fazenda, Eve não tinha certeza, mas sabia que conforme se moviam para o interior, haveria mais prédios e mais estradas, onde poderia desaparecer de visão e fugir. Através da semiescuridão, era possível ver que a estrada fazia uma curva acentuada para a esquerda, ao lado de um grande muro. Eve arriscou uma olhada para trás. Ainda liderava bem à frente, mas isso não duraria; os cavalos que a perseguiam estavam cobrindo o solo muito mais rapidamente que seu pequeno pônei.

Quando se virou para a frente e endireitou o corpo na sela novamente, teve ciência de uma forma preta saindo das sombras atrás dela. Alarmada, abaixou as mãos e inclinou-se para a frente sobre o pescoço do pônei, permitindo-lhe conduzi-la. A alameda era ladeada por árvores altas, e

galopavam para dentro e para fora das sombras. O vento batia no seu rosto, movendo a aba larga de seu chapéu. Eve não ousou levantar a mão das rédeas, e instigou o pônei para um galope, rezando para que não houvesse obstáculos ou buracos profundos no caminho. Estavam correndo na escuridão, mas ela podia ouvir o som de outros cascos. Alguém a estava seguindo de perto. Eve bateu as botas no animal, seu coração violentamente disparado contra as costelas. O pequeno pônei prosseguia corajosamente, mas o barulho atrás de Eve se tornava cada vez mais alto. No momento seguinte, um cavalo de olhos selvagens estava ao seu lado, a boca espumando. O pânico a envolveu, e por um momento de parar o coração, imaginou que o demônio estava ao seu lado. Uma forma preta se agigantava, e Eve gritou quando o cavaleiro se inclinou para mais perto, agarrou-a pela cintura e a ergueu da sela.

– Solte as rédeas, querida.

O choque de ouvir a voz de Nick quase a fez desmaiar. As rédeas caíram de seus dedos nervosos quando a puxou para sua frente. O pônei saiu galopando sozinho, e Nick diminuiu o ritmo de seu cavalo, saindo da estrada e indo para a sombra profunda de um muro alto.

– Quieta, agora.

O aviso dele era desnecessário. Eve não poderia ter falado nem se quisesse. Observou o pônei correndo ao longo da estrada, e minutos depois, uma dúzia de cavaleiros perseguindo o animal com determinação mortal. Permaneceram nas sombras, imóveis e silenciosos, até que os cavaleiros tivessem desaparecido na escuridão. O barulho dos cascos parou, e foi substituído pelo sussurro tranquilo dos ventos salgados através das árvores.

– Com um pouco de sorte, irão seguir o pequeno pônei até de manhã. – Eve ouviu as palavras, e sentiu a respiração quente de Nick no seu rosto. Queria se beliscar para ter certeza de que aquilo não era um sonho. Ele falou novamente: – Onde estão os outros?

– Seguros, espero. Pegaram a trilha escondida.

– Ah. Então conseguirão fugir dos oficiais aduaneiros. Hora de levá-la de volta para Monkhurst, acho.

Eve agarrou-se a ele quando o cavalo começou a andar.

– Como você soube? – murmurou ela, inalando o cheiro familiar dele... um aroma tão delicioso de sabonete misturado com almíscar másculo que a fez fechar os olhos e inalar novamente.

– Os oficiais receberam informações de que haveria uma operação esta noite. Fui correndo avisar Silas, mas cheguei tarde demais. Felizmente, os oficiais aduaneiros também chegaram tarde demais. Quietinha, agora; deixe-me ver se consigo encontrar o caminho de volta para Monkhurst. Eu me sentiria muito mais em casa na água do que nestas alamedas cheias de curvas.

Eve acomodou-se mais confortavelmente contra ele, e passou os braços ao redor do corpo poderoso, tomando cuidado para tocá-lo acima do ferimento na lateral. Admiral ganhava o solo em passos longos e firmes, e ela tentou relaxar, balançar com o movimento do cavalo e do cavaleiro. Seu corpo inteiro ainda formigava com a excitação da fuga, o sangue pulsando em suas veias. Era assim que sua mãe havia se sentido ao sair com os comerciantes livres? Era assim que Nick se sentia quando se envolvia em aventuras perigosas? Guardou as perguntas para si mesma, enquanto cavalgavam pela escuridão, a lã áspera do casaco de Nick contra sua face. Nick colocou Admiral num ritmo tranquilo e olhou para a quase escuridão à sua frente. A lua estava baixa no céu, e as árvores altas lançavam sombras escuras na estrada. Estava muito consciente da forma delgada de Eve inclinada contra seu corpo, dos fios de cabelos dela que tinham escapado na fita e roçavam seu queixo. Virou a cabeça brevemente para descansar o rosto nos cachos despenteados, aliviado de tê-la ali, segura junto a si. Nick havia ficado surpreso quando Richard lhe contara que Eve tomara o lugar de Silas com os rapazes. No começo, quisera correr atrás dela para se juntar ao perigo, mas aos poucos, o medo o percorrera, um medo diferente de qualquer medo que experimentara antes. Conhecia os oficiais aduaneiros, que eram bons homens, mas muito disciplinados, e Deus sabia que não tinham motivo para gostarem dos comerciantes livres. Se capturassem Eve, não era possível prever o que fariam com ela, quando estavam com o sangue quente. Agora, com o corpo suave de Eve descansando contra o seu, Nick não tinha nada para fazer, exceto pensar no que teria acontecido se não a tivesse visto correndo na sua direção, se não tivesse chegado a tempo para resgatá-la. O alívio imenso de encontrá-la a salvo diminuiu e foi substituído por calafrios,

enquanto sua imaginação corria solta. Admiral entrou no estábulo de Monkhurst. Um cavaleiro sonolento mexia com um lampião, mas Nick não esperou. Desmontou, baixou Eve para o chão e entregou as rédeas para o garoto desnordeado.

– Não tire a sela dele. Partirei em breve novamente. – Nick segurou o braço de Eve com firmeza e conduziu-a em direção à casa. Granby abriu a porta lateral quando eles se aproximaram.

– Estava esperando vocês – disse ele calmamente. – Fico feliz que tenha voltado em segurança, srta. Eve. Se quiserem ir para a sala matinal, Martha fez um fogo lá.

Nick não lhe deu tempo de responder, praticamente arrastando-a ao longo do corredor escuro para dentro da pequena sala do grande salão, onde a criada os esperava, torcendo as mãos nervosamente no avental.

– Oh, srta. Eve, graças a Deus... – Martha parou, os olhos se arregalando em surpresa. – Capitão Wylder! Não achei que o senhor soubesse disso.

– E não sabia.

– Sim, e por que Granby estava nos esperando? – perguntou Eve, desvencilhando-lhe do aperto de Nick. – Você contou a ele, Martha?

A criada abaixou a cabeça.

– Conteí, senhorita. Desculpe-me, sei que você me pediu para não contar a ninguém, mas estava preocupada!

Nick estava parado junto à porta, mantendo-a aberta.

– Deixe-nos a sós, por favor.

O rosto da criada estava repleto de curiosidade, mas Nick apenas a olhou, e sem uma palavra, Martha fez uma reverência e saiu da sala.

– Pobre Martha, está ansiosa – observou Eve, tirando as luvas. – Não descansará até que eu lhe conte tudo. – Ela o fitou, seu rosto iluminado com um sorriso. A raiva que estivera crescendo dentro de Nick durante a cavalgada deles sob a lua subiu à superfície agora.

– Por Deus, Eve, o que a possuiu para ser tão tola?

Ela piscou.

– Perdão?

– Você achou que brincar de contrabandista fosse uma boa brincadeira? Não percebe que isso é algo mortalmente sério?

– É claro que percebo! Por esse motivo quis ajudá-los. Silas tinha me prometido que esta seria a última vez que fariam o contrabando, mas não poderiam decepcionar sua gente.

– Você não parou para pensar sobre os riscos que estava correndo? Que poderia colocar todos em risco com sua inexperiência?

Ela sorriu.

– Que experiência é necessária para seguir um pônei carregado, e para pegar mercadoria das mãos de alguém e passá-las para seu vizinho? – Eve esfregou os braços. – Acho que me saí muito bem.

A resposta calma dela o enfureceu ainda mais.

– Pensei que você tivesse mais bom-senso do que arriscar sua reputação, talvez até sua vida, saindo com os rapazes Brattee.

– Estavam com pouca gente. Silas deve ter lhe contado...

– Sim, ele me contou, mas você realmente acha que sua presença fez muita diferença?

– Sim, acho! A corrente humana já estava estendida o bastante como era, e você sabe que os riscos são maiores durante o descarregamento, o qual tem de ser feito rapidamente! – Ela o encarou. – Você está mesmo zangado comigo.

– É claro que estou zangado! – Nick se aproximou, e antes que Eve percebesse o que ele ia fazer, estava lhe removendo a bata pela cabeça. – Os outros podiam ser capazes de vestir isto e passarem por simples trabalhadores de fazenda, mas não você! Pense no que teria acontecido se tivesse sido capturada. – Ele amassou o tecido da bata numa bola e jogou-o no canto da sala. – Como ousou fazer uma coisa dessas?

Eve franziu o cenho. Uma ponta de incerteza nublou-lhe os olhos.

– Este é o meu povo. Preciso ajudá-los da maneira que posso.

Nick bateu as mãos sobre a mesa, assustando-a.

– Você acha que os ajudaria se fosse parar na cadeia? Que ideia idiota. E com os oficiais aduaneiros na casa, também! Que impressão os dois homens teriam se descobrissem o que você estava fazendo? Ora, você é minha esposa!

– Sou sua *viúva*! – Eve levantou-se, seus lábios se curvando. – Você me fez assim, e não tenho desejo de ser nada mais para você... nunca!

Eve reprimiu uma lágrima. Aquele não era momento de mostrar fraqueza, especialmente para Nick. Cavalgara de volta para Monkhurst num humor alegre, aliviada que os outros tinham escapado, satisfeita com a própria participação naquilo. A fúria de Nick era como um balde de água fria, mas suas terminações nervosas ainda estavam pulsando com excitação, e raiva a assolou. Não seria acovardada pela fúria irracional de Nick. Ele deu um passo na sua direção, e Eve se afastou, certificando-se que a mesa de madeira sólida estivesse entre os dois.

– E o que torna isso tão diferente para você – perguntou ela –, que esteve envolvido em situações muito mais perigosas?

– É diferente. Eu me arrisco a ser ferido, talvez morto, mas você, se eles a pegassem...

Ela bateu as próprias mãos sobre a mesa.

– Acha que minha ansiedade é menor, quando fico aqui imaginando o que pode ter lhe acontecido? Não que eu ainda me importe – acrescentou ela rapidamente. – Eu não quero ser enganada por você novamente. Na verdade, serei muito mais feliz sem você.

– Evelina...

– Não acho que você possa ter mais alguma coisa a me dizer. – Eve cruzou os braços e o encarou com raiva. – Peça para Granby trancar a porta, depois que você sair.

Nick estava como uma estátua, olhando-a por sob suas sobrelanceiras pretas. Eve forçou-se a encontrar-lhe os olhos, esperando que os seus não revelassem nada mais do que desdém. O silêncio era enervante. A raiva deixava seu corpo rígido. Eve não se renderia. Finalmente, após meros momentos, mas que pareceu uma eternidade, Nick virou-se e saiu, batendo a porta. Toda a raiva e excitação em Eve foram drenadas. Tremendo, ela se sentou numa poltrona e abaixou a cabeça nas mãos. Sabia que não a amava, mas tinha sido tola o bastante para esperar que Nick a apreciasse mais, agora que ela lhe mostrara que possuía espírito de aventura. Isso não acontecera. Aquilo não era o que ele queria, em absoluto, e agora Eve o perdera completamente. Nick havia saído da casa, conseguindo apenas assentir brevemente com a cabeça para Richard ao passar por ele. Então pegara Admiral, e estava a dois quilômetros longe de Monkhurst antes mesmo que se desse conta. *Sou sua*

*viúva. Não tenho o desejo de ser nada mais para você.* As palavras de Eve tinham atingido Nick como um golpe físico, desequilibrando-o. Não confiava nele, não entendia que sua raiva nascia da ansiedade. Nunca temera por si mesmo, mas a ideia de que a mulher frágil com quem se casara pudesse estar em perigo quase o enlouquecera. *Você deveria ter lhe dito isso. Deveria contar-lhe que a ama.* A revelação repentina o fez puxar as rédeas, e Admiral parou, de maneira obediente. Ele a *amava*? Sempre havia apreciado seus encontros com mulheres, mas nunca amara nenhuma delas. Tinha aprendido que amor, quando acontecia, era um sentimento caloroso e confortável. O que ele sentia por Eve estava longe de ser confortável. Era uma mistura de alegria, desejo desesperado e ansiedade. Sentia medo por ela, medo de que ela pudesse estar em perigo, medo que ela pudesse estar infeliz. E para si mesmo, havia a terrível perspectiva de uma vida sem ela. Virou seu cavalo. Voltaria, explicaria isso tudo, sugeriria que recomeçassem. Alguns metros à frente, Nick parou de novo. Os primeiros raios do amanhecer apareciam no céu. Eve estaria dormindo. Não o agradeceria por acordá-la, quando já estivera acordada pela maior parte da noite. Além disso, não poderia lhe oferecer nada até que o assunto com Chelston fosse resolvido. Era melhor esperar. Quando tudo aquilo acabasse, seria capaz de cortejá-la propriamente. Virou seu cavalo mais uma vez.

– Calma, Admiral – murmurou quando o cavalo resfolegou em desaprovação. – Acha que seu dono é um grande tolo, não acha? – Ele suspirou. – Bem, talvez você tenha razão.

## *Capítulo Quinze*



**E**VE SE arrastou durante a manhã, mal entretida em suas tarefas. Seu corpo doía pelas atividades da noite anterior, com as quais não estava acostumada, e havia um peso em sua alma, como se alguma centelha de esperança tivesse finalmente sido extinta. Aquilo passaria, é claro, mas no momento, sentia-se desesperadamente solitária. Experimentou um súbito momento de agonia ao pensar em seu avô. Como sentia saudade dele, e da vida pacífica e tranquila que haviam compartilhado. Como desejava que seu avô nunca tivesse convidado Nick Wylder para ir a Makerham! O pensamento sobre Nick levou-a de volta para os eventos da noite anterior. A fúria dele por ter saído com Nat e Sam a magoara profundamente, mais ainda porque acreditara que compartilharia sua euforia. A excitação intensa que havia sentido durante a fuga era inebriante. Quisera explicar isso para Nick, informá-lo que agora entendia porque buscava o perigo. Todavia, em vez de tomá-la nos braços e fazer amor com ela, Nick a censurara, transformando sua aventura num ato tolo, causando nada além de problemas. O pensamento fez seus olhos arderem, e Eve piscou para reprimir as lágrimas. Não choraria. Tudo acabara bem. Sam tinha mandado avisar que todos estavam seguros, e era isso que importava.

– Perdoe-me, senhora, há um bilhete para você.

Granby aproximou-se, entregando-lhe uma carta. Eve a pegou, mas teve de piscar diversas vezes, antes que as palavras parassem de nadar diante de seus olhos.

– É de Catherine Chelston – informou ela. – Diz que está a caminho daqui, determinada a me levar para Appledore para ver os novos tecidos que acabaram de chegar na loja da sra. Jameson. – Eve redobrou o bilhete. – Não irei recebê-la.

– Há algum plano em ação – murmurou Granby. – Seria interessante saber qual é.

– Interessante para você e seu amo, talvez – retrucou Eve.

– Perdão, senhora?

Ele esfregou a testa.

– Não, sou quem pede perdão, Richard. Estou muito cansada, e não tenho desejo participar desses jogos.

– Mas, senhora, o capitão...

– Não! – exclamou ela. – Depois da reprimenda que recebi ontem à noite, não quero ter mais nada a ver com isso. Receba *lady* Chelston, se você quiser; afinal de contas, alguém precisa sair a cavalo para encontrá-la, para lhe dizer que eu não irei! – Virou-se e saiu da sala, deixando Granby boquiaberto.

O dia se arrastou e, após um jantar solitário, Eve se recolheu em seu quarto, dizendo a si mesma que tudo pareceria mais alegre depois de uma boa noite de sono. Supunha que Granby tinha contado à Martha sobre sua explosão, uma vez que a criada estava determinadamente animada e andava ao redor do quarto acendendo velas e falando o tempo inteiro, como se estivesse com medo do silêncio. Eve se permitiu ser despida e convencida a colocar uma camisola de seda, então sentou-se no banco diante do espelho, enquanto Martha lhe escovava os cabelos. O ritmo da atividade era tranquilizante, e um pouco da tensão saiu de seus ombros. Martha encontrou-lhe os olhos no espelho e sorriu.

– Pronto, srta. Eve, está melhor assim? Não é de admirar que você esteja tão cansada, tendo ficado ao ar livre até quase o amanhecer! Aggie não fala de outra coisa, exceto sobre você indo buscar mercadorias, exatamente como sua

santa mãe. Bem, disso e do fato que o capitão está vivo. Eu devo dizer que estou aliviada por não precisar mais tomar cuidado com o que falo. Ela e Silas ficaram tão felizes que você pensaria que o capitão é um deles. É claro que o capitão lhes disse que não espalhasse a notícia, mas falou que eles podiam contar para Nat e Sam, uma vez que todas estas pessoas sabem ficar de boca fechada...

– E gostaria que você fizesse exatamente isso, Martha! – Eve abaixou a cabeça nas mãos. Todos queriam falar do capitão, quando tudo que ela queria era esquecê-lo. Antes que pudesse se desculpar por suas palavras rudes, Martha estava lhe dando um tapinha no ombro.

– Ah, minha pobre criança! Aqui estou eu, tagarelando sem parar, quando, sem dúvida, sua cabeça está doendo. Bem, minha querida, o que você precisa é de alguma coisa para ajudá-la a dormir. Que tal uma caneca de leite quente?

– Obrigada, Martha, gostaria disso. Se não for muito trabalho.

– Trabalho nenhum. O fogo da cozinha ainda estará quente para esquentar uma panela, tenho certeza. Entre na cama e voltarei logo com o leite.

Ela saiu do quarto, mas Eve continuou no banco, olhando desconsoladamente para seu reflexo. Deveria trançar seus cabelos, pensou, para que não estivessem embaraçados pela manhã, mas parecia muito trabalho. Talvez pedisse para Martha fazer isso quando retornasse. Ouviu passos leves no corredor, o clique do trinco quando a porta foi aberta e fechada em seguida. Eve esperou ouvir a tagarelice de Martha, mas não houve nada, apenas silêncio contínuo. Ela se virou. Nick estava dentro do quarto, o casaco aberto e balançando de leve, como se ele tivesse feito movimentos rápidos instantes antes. Ele a fitou com intensidade, os olhos sombreados.

– Tive medo por você – disse ele abruptamente. – Ontem à noite. Os homens podem se transformar em animais no calor da batalha. Por isso eu estava zangado. Sei o que pode acontecer se eles acham uma mulher. E oficiais aduaneiros não são nem um pouco cavalheiros.

– Mas não me pegaram.

– Não. Mas isso não me impediu de pensar na possibilidade. Meu sangue gelou ao pensar sobre o que poderia ter lhe acontecido.

Eve se levantou. Um fiapo de esperança brotou em seu coração. Eve o conhecia bem o bastante para perceber que aquilo era o mais perto que Nick chegaria de um pedido de desculpas.

– Não pensei no perigo quando saí. Eu só queria ajudar.

– Eu sei. Você foi muito corajosa.

O fiapo de esperança aumentou, mas ela o negou, mantendo-o sob controle.

– Você disse que eu era tola.

– Eu disse? Eve... – Ele deu um passo na sua direção, e ela ergueu uma das mãos, saboreando a sensação de poder.

– *Ideia idiota* foram suas exatas palavras, referindo-se a minha ideia de ter ido no lugar de Silas.

Um pequeno sorriso curvou os cantos da boca de Nick.

– O termo idiota poderia se aplicar bem a mim. Devo lhe dizer agora que estou muito orgulhoso de você, sra. Wylder.

– Você... está?

– Oh, sim. Quantas mulheres se colocariam em tamanho perigo por livre e espontânea vontade?

Ele se aproximava. Mais alguns passos, e ele estaria ao alcance de tocá-la. A atração era muito forte, mas Eve lutou contra.

– Martha... vai voltar com uma caneca de leite para mim.

– Não, ela não vai. Eu a mandei para cama.

Eve arfou. Baixou a mão na sua lateral.

– Oh! De todos os homens arrogantes, dominadores...

Nick a puxou para seus braços e a calou com um beijo, enviando um tremor por todo corpo de Eve. Ela lhe agarrou o casaco quando a língua dele se inseriu em sua boca. Estava tão aliviada de tê-lo junto a si que respondeu avidamente, beijando-o de volta com uma ferocidade que deixou ambos sem fôlego. Finalmente, quando Nick levantou a cabeça, Eve descansou o rosto contra o peito largo, ouvindo as batidas fortes do coração dele, deleitando-se na sensação daqueles braços poderosos ao seu redor.

– Você foi magnífica ontem à noite – murmurou ele, beijando-lhe o topo da cabeça. Cavalgava como uma verdadeira amazona. E duvido que eles a tivessem capturado.

Ela deslizou as mãos por baixo do casaco dele, rodeou-lhe a cintura e o abraçou com o máximo de força que conseguiu.

– Eu queria deixá-lo orgulhoso de mim.

– *Estou* orgulhoso de você, meu amor.

Ela quase ronronou com prazer diante daquilo.

– Verdade? – perguntou contra o peito de Nick, e o sentiu gemer em resposta. Levantou a cabeça para encontrá-lo olhando-a. Eve respondeu ao olhar de desejo que viu nos olhos azuis inclinando a cabeça para trás, convidando um beijo.

Quando a cabeça escura desceu, ele a ergueu nos braços e carregou-a para cama. Antes mesmo que Nick a abaixasse sobre o colchão, os dedos de Eve estavam procurando os botões da camisa masculina. Ela queria deslizar as mãos sobre a pele nua dele, sentir novamente o prazer que sabia que somente Nick era capaz de lhe dar.

Quando ele a deitou sobre a cama e a liberou, Eve posicionou-se sobre os joelhos. Experimentou um momento de pânico ao pensar que ele poderia estar deixando-a, mas em vez disso, Nick removeu seu casaco e gravata. Impacientemente, estendeu os braços, puxando-o para si. No momento que ele subiu na cama, Eve rodeou-lhe o pescoço com os braços, abrindo os lábios sob os beijos profundos e ardentes dele. Inundada por desejo, encontrou-se abrindo a camisa de Nick, desesperada para lhe tocar a pele, para deslizar os dedos sobre as curvas firmes daquele corpo poderoso. Havia mais para discutir, mais questões para serem respondidas, mas por enquanto precisava saber que estava realmente lá, que aquele não era um sonho doce do qual acordaria, perdida e insatisfeita. Dedos longos se entrelaçaram nas fitas de seu pescoço, e, durante todo o tempo, ele continuou beijando-lhe a boca, enlouquecendo-a de desejo. Nick levantou a cabeça e gentilmente deslizou as mãos sobre os ombros delgados, abaixando a camisola, a qual caiu sobre a cama ao redor dela. Eve segurou-lhe a camisa e puxou-a.

– Isso não é justo – sussurrou ela. – Quero ver você, também – acrescentou, lutando com os botões da calça dele, mas suas mãos pararam quando Nick removeu a camisa num movimento rápido, e ela viu a bandagem bem abaixo das costelas.

– Meramente uma precaução agora – disse ele, seguindo-lhe o olhar. Como se para provar suas palavras, Nick desenrolou a faixa para revelar a linha fina e irregular. – Viu? Está quase curado.

Gentilmente, posicionou os dedos perto do ferimento. A pele ali era clara e fria ao toque. Sem sinal de inflamação.

– Ainda dói?

– Não muito. – Ele lhe sorriu e aquela covinha travessa apareceu. – O ferimento não irá atrapalhar minha performance, prometo.

Enquanto descia da cama e rapidamente removia botas, calça e meias, Eve puxou a camisola que rodeava seus joelhos e jogou-a de lado, mas durante todo o tempo manteve os olhos em Nick, apreciando o jeito que a luz das velas brincava com os contornos musculosos das costas largas, enfatizando a curvatura da coluna. Era como se ela o estivesse vendo pela primeira vez, maravilhando-se com a largura daqueles ombros, com a cintura estreita e as nádegas firmes e bem formadas. Quando Nick virou-se, a visão do corpo excitado arrancou um gemido de Eve. Nick tombou-a sobre a cama, rindo.

– Eu lhe disse que senti a sua falta.

Ela o puxou para si, entrelaçando as mãos nos cabelos macios, aninhando-lhe a cabeça enquanto ele trilhava beijos ao longo de sua clavícula. Eve arqueou o corpo quando mãos fortes seguraram seus seios, polegares acariciando-a gentilmente. Ela inalou a fragrância deliciosa que agora lhe era tão familiar, então inclinou a cabeça para trás quando a boca de Nick trilhou um de seus seios e se fechou sobre um mamilo rijo. A língua quente circulou-o lentamente, causando-lhe uma agonia tão doce que um gemido suave escapou de sua garganta. Sentia-se tão viva, cada centímetro de sua pele suplicando pelo toque dele, e Eve tremeu quando dedos hábeis viajaram sobre seu estômago reto. O desejo ardente intensificou-se quando a mão que a acariciava moveu-se mais para baixo. Músculos dentro de sua pélvis pareciam se contrair e se estender. Suas coxas se abriram em antecipação, seu corpo se inclinou, ansioso para receber os dedos de Nick em seu interior. Mesmo assim, o toque dele lhe causou um sobressalto, e ela gritou quando uma onda de excitação a inundou. A língua de Nick ainda acariciava seus seios, criando um prazer quase insuportável, enquanto os dedos habilidosos continuavam a massagem rítmica. Eve se contorceu sob ele, gritando seu

nome, não mais capaz de controlar o próprio corpo. Num único movimento flexível, Nick rolou por cima dela. Os dedos abandonaram seu centro do prazer, e ela o sentiu em seu interior, rijo e suave ao mesmo tempo. Arfando, Eve estendeu os braços e puxou-lhe a cabeça para mais perto, de modo que pudesse beijá-lo, querendo retribuir um pouco do prazer que estava lhe dando. Nick tinha gosto de sal e vinho. Os sentidos de Eve giravam com as sensações do corpo poderoso cobrindo o seu, os membros de ambos entrelaçados na semiescuridão. Sentiu quando o autocontrole de Nick começou a escorregar, e acompanhou o ritmo dos movimentos dele, deleitando-se na liberação fantástica enquanto ambos se aproximavam do clímax final. Eve se agarrou a ele, chorando quando uma onda de paixão chegou ao pico e arrebentou. O corpo de Nick estava acima, ao redor e dentro do seu, possuindo-a totalmente. Com um gemido, Nick tombou, ofegando, ao seu lado na cama. Gentilmente, aconchegou-a em seus braços.

– Acho – murmurou ele dentro de seus cabelos – que você também sentiu a minha falta.

Ela se aninhou mais perto e deu um suspiro sonolento.

– Eu não tinha percebido o quanto.

Ele riu suavemente.

– Então nós somos iguais nisso.

EVE ACORDOU para se encontrar sozinha na cama. O sol do começo da manhã se infiltrava pela janela, e ela levantou a cabeça para olhar ao redor do quarto. *Não novamente!* Memórias a abalaram. Nick já estava vestido, curvando-se diante do espelho para amarrar a gravata. Lembrou-se da noite de núpcias deles em Makerham, acordando para encontrar Nick vestido e prestes a deixá-la. Um frio instalou-se em seu coração. Seria sempre assim? Eve se sentou, puxando o lençol para se cobrir.

– Você vai embora?

– Preciso ir. – Em dois passos, ele estava ao lado da cama, segurando-lhe o rosto e beijando-a. – Nós fomos informados ontem de que Chelston irá mover um grande carregamento em breve... talvez esta noite. Tenho de voltar. O barco costeiro está patrulhando a boca do rio Rother; nada pode

nos escapar. – Ele a beijou novamente. – Mais alguns dias, e este caso deve estar solucionado. Então lhe prometo que meus dias de itinerante irão acabar.

– Você está falando sério?

– Sim.

Eve soltou o lençol para lhe rodear o pescoço com os braços e dar-lhe um último beijo. Seu corpo se arqueou em direção às mãos que seguraram seus seios.

– Ora, Evelina, você dificulta para que um homem a deixe!

Ela deu uma risada baixa, usando todos os seus poderes recém-descobertos para detê-lo.

– Verdade?

Nick pôs as mãos nos ombros dela e segurou-a longe de si.

– Sim, mas isso deve ser feito. – Os olhos azuis continham uma promessa que a fez tremer com antecipação. – Eu retornarei. Esteja pronta para mim!

Um último beijo ardente, e ele a deixou.

## *Capítulo Dezesseis*



QUANDO EVE desceu a escada algumas horas depois, as palavras de Nick soavam em sua cabeça como uma canção alegre. Sentiu-se radiante ao se lembrar do jeito como ele a olhara, da admissão que a raiva que sentira não era pelo que ela havia feito, mas pelo perigo que enfrentara. Era verdade, aquela tinha sido uma escapada impulsiva, e não algo que Eve queria repetir, mas experimentara um prazer louco em enganar os oficiais. Riu sozinha enquanto atravessava o salão. Sam e os amigos tinham muito bons planos, a trilha escondida era eficaz; ninguém adivinharia que havia qualquer outra rota além da estrada. Eve parou.

– É claro! – exclamou ela. – Será que... – Olhou para cima e descobriu que Granby entrara no salão e a estava observando.

– Senhora?

Ela o fitou, mal conseguindo conter sua excitação.

– Sr. Granby, quero que você vá comigo, agora, para o canal do ancoradouro.

– O canal? Mas por que, senhora?

– Não posso dizer – replicou ela, os olhos brilhando com travessura. – Talvez não seja nada, mas... Vamos. E leve um lampião!

Eve estava excitada demais para perder tempo em trocar de roupa, mas fez Granby descer a escadinha na sua frente e desviar os olhos, enquanto erguia suas saias e lidava com os degraus estreitos. Aggie, segurando a porta do alçapão, resmungou sua desaprovação e expressão com avisos terríveis sobre mulheres teimosas.

– Vi aqueles romances que você mantém sobre o criado-mudo, srta. Eve. Eles não lhe fazem bem, enchendo sua cabeça com ideias estranhas, e fazendo-a pensar que você pode agir como a heroína de um romance!

Eve pausou tempo bastante para rir.

– Meu Deus, Aggie, se realmente pensasse em mim mesma como uma heroína, não deveria ter contado a ninguém para onde estava indo e me colocado em grande perigo. Ora, vamos, estou sendo muito sensata e levando sr. Granby comigo. Agora feche a porta depois que nós sairmos, por favor.

Quando Eve acabou de descer e chegou ao chão da passagem subterrânea, o alçapão já tinha se fechado acima, e estavam no escuro, exceto pelo brilho fraco do lampião. Tremeu no ar frio e úmido, e quase desejou que tivesse levado um xale.

– Então, senhora, pelo que está procurando? – perguntou Granby.

– Não tenho certeza. Vamos seguir para o ancoradouro... e mantenha o lampião iluminando a frente. Posso ouvir coisas se mexendo no escuro, e não tenho o desejo de saber o que é.

Granby riu.

– Talvez sejam ratos, srta. Eve, mas não irão incomodá-la. Afinal de contas, nós devemos parecer monstros para eles.

– Sua observação pode fazer sentido, sr. Granby – disse Eve com calma estudada –, mas realmente não quero pensar sobre isso! Vamos prosseguir.

Agarrou-lhe o braço enquanto andavam ao longo do canal, dizendo a si mesma que os barulhos que ouvia não passavam de gotas de água pingando do teto da passagem, ou do gemido suave do vento soprando através do portão no final do túnel cheio de curvas. Descobriu-se respirando com um pouco mais de facilidade quando chegaram à última curva e se depararam com o portão trancado. Além do portão, os painéis de madeira que formavam a parede dos fundos do ancoradouro estavam apodrecendo, e a luz do sol

refletindo na água gentil da vala brilhava entre as tábuas envelhecidas pelo tempo. Instintivamente, Eve moveu-se em direção à luz.

– Devo destrancar o portão, senhora?

– Não. – Eve parou, considerando. – A passagem é cheia de curvas, por isso perdi meu senso de direção. Diga-me, sr. Granby, se nós ficássemos de costas para a abertura, de que lado deste canal estaria Abbotsfield?

Granby não hesitou.

– Daquele lado – replicou ele, apontando. – Ao norte.

Eve olhou para o jeito que o canal se curvava levemente em direção ao norte.

– Excelente – disse ela. – Então é lá que devemos procurar.

– Procurar o quê?

– Uma entrada escondida. Quando eu estava fora com Sam na outra noite, disse que as famílias nestas regiões têm escondido suas trilhas dos homens dos impostos por gerações.

– Isso é verdade, senhora, mas eu não vejo...

Ela pegou o lampião de Richard e começou a inspecionar as paredes muito cuidadosamente.

– Sabemos que Silas sempre esteve envolvido com o mercado livre. A mera presença deste túnel sugere que Monkhurst foi usada para contrabando certa vez, contudo, minha família também possuiu Abbotsfield, que não fica a menos de um quilômetro ao norte daqui. E se houver um túnel de Abbotsfield para cá? Sam e seus companheiros usam uma trilha submersa, que escondem da estrada com cercas de junco, de modo que os oficiais passaram reto por ali, seguindo a estrada. Se os homens do rei algum dia vasculhassem o ancoradouro, poderiam descobrir este túnel e segui-lo para Monkhurst, mas procurariam outra abertura? A curva no canal torna esta parede particularmente escura... aha! – Eve levantou mais o lampião. – Há uma abertura aqui!

Granby aproximou-se, correndo as mãos pela parede.

– Isso parece parte da parede, mas... é uma porta.

– Não há fechadura. – Moveu o lampião para a frente e para trás.

– Não, mas... há um trinco!

O clique ecoou ao redor da passagem subterrânea, e Eve ficou tensa, esperando o barulho de metal contra metal quando a porta se abriu, mas esta se moveu suavemente e quase em silêncio.

– As dobradiças foram banhadas em óleo muito recentemente – murmurou Granby.

O coração de Eve disparou contra as costelas.

– Cuidado! – exclamou ela. – E se houver alguém...? – Suas palavras falharam quando a porta se abriu mais e o brilho do lampião iluminou o espaço adiante. A luz não chegava muito longe, mas mostrou-lhes um túnel enorme, estendendo-se dentro da escuridão. Empilhadas contra suas paredes, havia dúzias de caixas de madeira.

Granby deu um assobio baixo.

– Você estava certa, srta. Eve. – Ele pegou o lampião da mão dela e passou pela abertura da porta. Inclinou-se para mais perto de uma das caixas. – Chá. Ou melhor, não chá. Smouch.

Eve engoliu em seco.

– Nick disse que os oficiais aduaneiros estão vigiando o rio – disse ela lentamente. – Estão vigiando o lugar errado. Os barris serão retirados através de Jury's Cut.

– Então perderão isso, senhora.

Ela se virou e agarrou-lhe o braço.

– Sr. Granby, você precisa ir imediatamente contar para Nick. Talvez ainda haja tempo para que ele faça algo.

Voltaram correndo ao longo da passagem subterrânea.

– Rápido – disse ela quando eles tinham chegado à cozinha mais uma vez. – Pegue o cavalo mais ligeiro, e não pare para ninguém.

– E quanto a você, senhora? O capitão Wylder me ordenou ficar em sua companhia.

– Estarei segura o bastante. Tenho Davies e Warren para cuidar de mim. Agora vá!

EVE FOI trocar de roupa. Tinha certeza de que não se contentaria com nada até que ouvisse notícias de Nick, mas não podia ficar parada. Depois de tomar um café da manhã tardio, separou uma pilha de lençóis para remendar,

e os estava carregando para o andar de baixo quando viu uma figura atravessando o hall de entrada.

– Bernard! – Ele parou e olhou para cima, erguendo o chapéu para ela. – Como você entrou aqui?

– Entrei pelo jardim da cozinha, prima. Você não está feliz em me ver?

Eve esperou que seu rosto não mostrasse seu desprezo. Estava um pouco surpresa por vê-lo de botas e calça larga, e apesar do calor do dia, carregava um casaco pesado sobre um dos braços. Ela falou brevemente:

– Estou muito ocupada, Bernard. Por favor, diga logo o que você quer.

Ele a seguiu para a sala matinal, onde Eve colocou os lençóis ao lado da cesta de costura.

– Pensei que talvez você quisesse dar uma pequena caminhada comigo. Deixe-me colocar isso de outra forma – disse Bernard quando ela abriu a boca para responder. – Você *irá* dar uma caminhada comigo. – Ele levantou um pouco o casaco para revelar um pequeno revólver prateado na mão. – Não pense que eu não usarei isto – continuou Bernard. – Desta distância, não poderia errar o alvo e deixar de matá-la.

Eve ficou muito imóvel, os olhos fixos na arma apontada para seu estômago.

– O que você pretende, Bernard?

– Explicarei em breve. Por enquanto, você vai para o terraço, na minha frente, e de lá para o parque.

– E se me recusar?

– Eu a sufocarei ou atirarei em você.

Eve olhou para o rosto de Bernard. Havia uma determinação nos olhos cruéis que a fez acreditar que ele realmente cumpriria a ameaça. Ele gesticulou na direção da porta.

– Vamos? E não pense em chamar seus servos – avisou ele quando Eve começou a andar na sua frente. – Se achar que está lhes dando algum sinal, por menor que seja, atirarei em você.

Eve saiu da casa, e, seguindo as instruções de Bernard, andou em direção à passagem arcada que levava ao parque. Estava um dia de clima agradável, entretanto, Eve se pegou tremendo, ciente da boca da arma de fogo a apenas centímetros de suas costas. Só podia rezar para que surgisse alguma distração,

de modo que pudesse fugir, mas pelo momento, não havia ninguém à vista, ninguém que soubesse de seu apuro.

– Para onde estamos indo? – perguntou ela, tentando manter o tom de voz calmo.

– Ande em direção à fileira de praias ali. Minha carruagem está parada além daquele muro.

– Você está me sequestrando. – Era uma declaração, e Eve ficou surpresa por soar tão despreocupada sobre aquilo.

Bernard riu.

– Sim, suponho que estou. Teria sido mais simples se você tivesse concordado em acompanhar *lady* Chelston ontem. Ela ficou muito irritada por você ter se recusado a recebê-la, mas nós achamos que levantaríamos suspeitas se fosse à sua casa e exigisse que você a acompanhasse.

– Nós? Quem seriam nós, Bernard?

– Lorde Chelston e eu, é claro. Eu...

Um grito repentino atrás deles o fez parar. Bernard agarrou o braço de Eve e pressionou o revólver contra as costelas dela.

– É... minha criada – disse Eve, olhando para trás. – Preciso falar com ela, tranquilizá-la.

– Então seja muito cuidadosa, prima. Lembre-se da arma nas suas costas. Tenho outra igual no bolso, e posso usá-la muito bem com a mão esquerda. Não me obrigue a atirar na sua criada e em você.

Mantendo-se perto, ele virou Eve de frente para Martha, que estava correndo na direção deles.

– Senhorita, vi-a da casa...

– Sim, Martha. Vou dar uma caminhada com meu primo. – A criada hesitou, franzindo o cenho, e Eve rezou para que Martha não falasse nada inadequado.

– Pode voltar para dentro da casa – disse Eve em tom de voz baixo. – Não preciso de você.

Martha mudou o peso de um pé para o outro, desconfortavelmente.

– Srta. Eve, vai... chover. Vocês não ficariam mais confortáveis dentro da casa?

– É por isso que nós vamos andar agora – replicou Eve suavemente. – Todavia, isso significa que eu não poderei montar Perséfone esta tarde. Quando o sr. Granby retornar, Martha, por favor, diga-lhe que não precisarei de Perséfone.

Eve sorriu brilhantemente, enquanto, durante o tempo todo, estava apavorada que sua criada parecesse perplexa e lhe perguntasse o que queria dizer com aquilo.

– Quer que a acompanhe, senhorita?

O revólver duro cutucou as costas de Eve. Ela conseguiu uma risada, embora o som fosse estridente para seus nervos tensos.

– Oh, não. Você será muito mais útil remendando os lençóis que deixei na sala matinal. Eu mesma ia remendá-los, até que meu primo aqui me convenceu a dar uma caminhada. Vá agora, Martha. Não irei me demorar.

– Ela está desconfiada – murmurou Bernard, observando a criada seguir seu caminho de volta para a casa.

– É claro que está – retorquiu Eve. – Ela sabe que não gosto de você. Todavia, Martha não ousa questionar meu comportamento. Ela ficará sentada, costurando até a hora do jantar.

– A essas alturas, você estará muito longe.

Mais alguns minutos os levou para a extremidade das árvores. Bernard a empurrou para um caminho estreito, e Eve logo viu uma abertura na cerca e uma carruagem adiante. Ficou tensa. Se tentasse fugir, seria melhor fazer isso agora. Uma vez dentro da carruagem, podia estar a quilômetros de distância antes que tivesse outra chance de escapar. Eve havia fechado as mãos nas saias, pronta para levantá-las e começar a correr quando sentiu um golpe na parte de trás de sua cabeça. A força do mesmo a fez cair sobre os joelhos, e a luz do dia foi substituída por escuridão quando ela perdeu a consciência.

## *Capítulo Dezessete*



– QUATRO HORAS. – Nick consultou seu relógio enquanto guiava Admiral pelos portões e para dentro do parque em Monkhurst. – Fizemos um bom tempo, Richard, embora não com a mesma velocidade com a qual você cavalgou até mim esta manhã!

– Achei que era necessário levar-lhe a informação o mais rapidamente possível, *Sir*.

– Você estava certo. Chegou a tempo para eu discutir os novos planos com o capitão George, em vez de enviar novas instruções para ele.

– Apenas espero que nós estejamos certos, capitão – murmurou Granby.

– Bem, a descoberta faz todo sentido, Richard. E explica o interesse de Chelston em Monkhurst.

Nick instigou seu cavalo para um trote. Seu coração estava cantando, não apenas com ansiedade da ação iminente, mas também pelo pensamento de ver Eve novamente. Quando entraram no pátio do estábulo, ficou surpreso ao encontrar o lugar cheio de pessoas. Warren e Davies estavam conduzindo cavalos para fora do estábulo, enquanto Silas Brattee e seus filhos se viraram ao ver Nick se aproximar. A criada de Eve empurrou-os de lado para correr

para a sua direção. Numa fração de segundos, Richard estava fora do cavalo para encontrá-la.

– Martha? O que houve?

– Oh, Rick, estou tão feliz que você chegou. – Martha pegou-lhe as mãos, então voltou o rosto molhado de lágrimas para Nick, cujas sobrancelhas se uniram numa expressão interrogativa.

– O que aconteceu? – perguntou ele em tom urgente.

Silas se aproximou.

– É a srta. Eve, capitão. Ela sumiu. Nós estávamos justamente organizando um grupo para ir procurá-la.

– Sumiu? Aonde ela foi? – demandou ele.

– Nós não sabemos, *Sir* – disse Martha. – Ela saiu para andar com aquele primo e nunca voltou.

– Shawcross esteve aqui? – questionou Granby. Voltou-se para Nick, franzindo o cenho.

– Sim – respondeu Martha, secando os olhos com seu avental. – Davies o deixou entrar.

– É verdade, capitão. – Davies deu um passo à frente, uma expressão ansiosa no rosto redondo. – Desculpe, *Sir*, mas quando ele veio andando para a porta dos fundos e disse que era primo da sra. Wylder...

– Você não tinha como saber – murmurou Nick. – Ele a sequestrou, isso é certo. – Ele se virou para Martha. – A que horas foi isso? Quando você a viu pela última vez.

– Era por volta do meio-dia, capitão. Quando Davies me contou que o sr. Shawcross estava aqui, não fiquei feliz sobre isso e fui procurá-la, não querendo deixá-la sozinha com o homem. Eu os vi saindo da casa, então fui atrás, mas a srta. Eve me mandou embora, pedindo que eu avisasse o sr. Granby que ela não precisaria de seu cavalo esta tarde.

Richard franziu o cenho.

– Cavalo? Nós não combinamos nada sobre o uso de cavalos.

Martha deu de ombros.

– Falei que ia chover... tentando convencê-los a voltar para dentro da casa, mas a srta. Eve riu e disse que, nesse caso, não precisaria de Per... Perséfone.

Nick virou-se para olhar para Granby, que meneou a cabeça.

– Ela não tem um cavalo com este nome.

– Não – disse Nick devagar –, mas *lady* Chelston se fantasiou de Perséfone recentemente. – Ele sorriu. – Garota esperta, ela está nos dizendo para onde Shawcross a levou!

O AROMA desagradável de sais para cheirar fez o nariz de Eve coçar, e ela instintivamente virou a cabeça para o outro lado. Conforme a consciência retornava, percebeu-se deitada num sofá estreito. Não abriu os olhos, mas podia sentir a seda escorregadia sob sua mão. Uma voz de mulher soava muito perto.

– Ela está voltando.

Havia alguma coisa familiar no tom de voz baixo e rouco, mas sua cabeça doía, e não podia lembrar onde ouvira aquela voz antes. Então ouviu outra voz que conhecia muito bem.

– Ficou inconsciente por horas; eu não achei que a havia golpeado com tanta força.

O tom de Bernard era queixoso, defensivo. Eve manteve os olhos fechados, como se fazendo isso pudesse evitar a verdade da situação. Sua memória estava retornando. Bernard a levava embora de Monkhurst. A voz rouca e suave pertencia à Catherine Chelston, e sugeria que estavam em Chelston Hall. Eve sabia que precisava descobrir por si mesma. Cautelosamente, abriu um pouco os olhos. O cômodo parecia muito claro, e ela os fechou de novo com um gemido.

– Está muito quente aqui. Jogue fora os sais para cheirar, depois sirva um pouco de vinho para ela! – *Lady* Chelston começou a aquecer uma de suas mãos. – Volte, senhora, já ficou deitada aí tempo demais. Precisamos de você acordada.

Com um tremor de desgosto, Eve liberou sua mão e tentou abrir os olhos novamente. Encontrou Catherine inclinada sobre ela, e mais à frente do rosto pintado e cabelos penteados, podia ver um teto branco enfeitado em estilo rococó. Já vira aquele design antes. Era a sala de estar de *lady* Chelston.

Eve se esforçou para se sentar. Bernard estava em pé na sua frente, os olhos estreitos.

– O que estou fazendo aqui? – perguntou ela friamente.

– Peço desculpas pelo tratamento rude, prima, mas isso era inteiramente necessário.

– Era necessário bater na minha cabeça? – demandou ela, pegando um cálice de vinho da mão dele.

– Oh, sim – replicou Bernard com um olhar gelado e prepotente. – Sabia que você estava considerando fugir, e não queria atravessar o vilarejo com você lutando como uma gata selvagem.

– Então, o que vocês querem comigo? – Ela olhou para os dois, a ansiedade a consumindo. Sabiam que Nick estava vivo? Sabiam dos planos dele para interceptar a remessa? As próximas palavras de Bernard a tranquilizaram um pouco.

– É muito simples: Monkhurst.

Ela deu um gole do vinho, esperando que a bebida a reanimasse.

– E como você propõe conseguir isso?

O sorriso dissimulado de Bernard causou um calafrio de apreensão em Eve.

– Você irá se casar comigo. Tenho de admitir que a ideia me agrada, de certa forma. Sempre senti afeição por você, prima.

Eve virou o rosto para o lado oposto dele. Olhou para o relógio sobre a abóbada da lareira: 17h. A essas alturas, Martha saberia que alguma coisa estava errada, mas conseguiria falar com Nick? E passaria a mensagem que Eve lhe dera antes de partir? Aquela era uma esperança muito pequena, mas era tudo que ela possuía. Não podia perder a coragem agora. Precisava ganhar tempo.

– Sinto-me muito mal. Há algum lugar onde eu possa lavar meu rosto, e talvez escovar meus cabelos.

Catherine Chelston a estudou por um momento.

– Muito bem, venha comigo. – Ela escoltou Eve para o andar de cima e para um dos quartos de hóspedes, mas quaisquer esperanças que Evelina pudesse ter de dominar a outra mulher foram destruídas quando *lady* Chelston chamou sua criada para acompanhá-las.

Eve demorou o máximo que ousou arrumando seus cabelos e lavando seu rosto com água fria. Quando retornou à sala de visitas, sentia-se

consideravelmente mais alerta, embora não mais perto de encontrar um meio de escapar.

– Ah, minha noiva querida. Acredito que você esteja se sentindo um pouco melhor, prima?

Bernard parou de andar de um lado para o outro e tentou pegar em sua mão. Ela recolheu os dedos.

– Você não pode me forçar ao casamento. Todos sabem que o detesto.

– Sabem mesmo? – Catherine a empurrou para uma poltrona. – Sua presença nas festividades de minha casa não passou despercebida, sra. Wylder, nem o fato de que Bernard foi tão atencioso. O que é mais natural do que uma viúva solitária encontrar consolo com seu primo, quando se sente incapaz de esperar para satisfazer sua paixão? Então você escapuliu silenciosamente para se casar com uma licença especial...

– Uma licença que obtive – acrescentou Bernard, batendo no próprio bolso. – Não vejo a hora de torná-la minha, prima.

Eve tentou não pensar naquilo.

– Mas o sr. Didcot aconselhou cautela; talvez ainda não esteja viúva.

Bernard deu uma risada rude e irônica.

– Didcot é um velho tolo. Wylder está morto. Não há ninguém para contestar nosso casamento. Teria me casado com você e a levado para cama antes do amanhecer.

Um tremor a percorreu.

– Por que Monkhurst é tão importante para você? – perguntou Eve.

– Há certas... mercadorias... em Abbotsfield que precisam ser enviadas para o exterior – disse *lady* Chelston. – Oficiais aduaneiros estão vigiando o Rother, então nós queremos movê-las para Monkhurst Drain. Nós já tomamos providências para nos certificar de que ninguém use o pequeno rio naquela noite.

– Então vocês têm atacado pessoas minhas em Jury's Cut.

– Pessoas suas... como isso soa feudal – repreendeu Bernard. – Sim, enviamos nossos homens para assustar os locais. E nos certificamos de que a guarda aduaneira estivesse ciente de que haveria uma remessa na outra noite. Normalmente, não se preocupariam com um caso tão pequeno, mas estão

muito ativos aqui no momento. Acham que isso os levará para uma grande gangue de contrabandistas.

– Liderados por lorde Chelston e por você, talvez? – retorquiu Eve.

A voz fria de lorde Chelston veio de perto da porta.

– Precisamente, senhora, mas fazer tantas perguntas é perigoso para você.

Catherine virou-se para o marido.

– Você está de volta, meu querido! Trouxe o padre?

– Está na capela. – Ele gesticulou a cabeça na direção de Eve. – O quanto ela sabe?

Bernard se movimentou desconfortavelmente.

– Muito pouco, milorde. Meras conjecturas...

*Lady* Chelston levantou seu leque.

– Ainda assim, sabe o bastante para representar uma ameaça.

– Eve deixará de ser uma ameaça depois que nos casarmos – disse Bernard. – Eu lhes prometo.

– Você me prometeu Monkhurst se eu o tornasse sócio neste negócio – disse lorde Chelston. – Quero você e sua nova esposa de volta a Monkhurst o mais depressa possível. Se os servos armarem um clamor público, será um Deus nos acuda.

– Se ele me levar de volta para Monkhurst, o que irá me impedir de contar a verdade a todos? – demandou Eve.

Os olhos acinzentados frios de lorde Chelston se fixaram nela.

– Não subestime seu primo, sra. Wylder. Se você lhe causar muitos problemas, ele terá de matá-la, do mesmo jeito que matou seu marido.

Eve não precisou fingir estar chocada diante daquelas palavras. Apesar de saber a verdade, estava horrorizada em ouvir lorde Chelston falar em assassinato tão friamente.

– Wylder estava trabalhando com a guarda aduaneira – disse Bernard. – Se não tivesse atirado nele, seu marido teria arruinado tudo...

– Nós não temos tempo para isso agora – interrompeu lorde Chelston. – Leve-a para a capela.

– Espere! – exclamou Eve quando Bernard a puxou para colocá-la de pé. – E se eu me recusar? Você não pode me forçar a isso!

Lorde Chelston olhou para a esposa, que tirou um pequeno frasco de sua bolsa.

– Láudano – disse ela. – Você não estará em posição de recusar.

– Não! – Eve protestou quando lorde Chelston parou atrás dela e segurou-lhe os braços nas laterais do corpo. Bernard pegou o frasco e removeu a rolha. Eve olhou para o medicamento à base de ópio. Se a forçasse a engolir o láudano, estaria perdida. Talvez até entregasse o segredo de Nick. Lutou desesperadamente, mas lorde Chelston a segurou com firmeza. Bernard se aproximou, um sorriso cruel nos lábios.

– Ora, ora, minha querida, por que você é tão contra me aceitar como marido?

– Porque ela não quer cometer bigamia.

Um silêncio ensurdecedor caiu sobre a sala. A cabeça de Eve virou em direção ao som da voz de Nick. Um alívio a inundou diante da visão de Nick sentado na janela aberta, as pernas abertas sobre o peitoril, e um revólver de aparência mortal em cada mão. Experimentou uma vontade súbita e irracional de rir. Nick parecia totalmente à vontade, e aquele sorriso familiar e encantador fez seu coração saltar. Bernard derrubou o frasco de láudano, e seu conteúdo derramou, formando uma mancha escura no tapete.

– Wylder! – exclamou ele. – Mas não pode ser. Eu... o baleei. Você está morto!

– Obviamente não – disse lorde Chelston. Ele chacoalhou Eve de leve. – Bem, senhora, você sabia que ele estava vivo?

– Não, no começo.

Bernard virou-se para fitar Eve com raiva, sua boca trabalhando convulsivamente.

– Não, juro que ela não sabia. Eu estava lá quando o homem de Wylder foi levar a notícia.

Tentou se libertar, mas lorde Chelston apenas a apertou ainda mais. Ele a segurava diante do corpo como um escudo.

– Meus parabéns, Wylder – disse ele friamente. – Você enganou a todos nós.

– Sim, enganei, não foi? – Nick sorriu enquanto passava a perna sobre o peitoril e entrava na sala, seguido por Richard Granby e Sam. – Tanto que

nós sabemos tudo sobre seu plano de enviar a próxima remessa de smouch através de Jury's Cut. O capitão George já tem ordens de interceptar o veleiro preto e prender seus companheiros em Abbotsfield. Está tudo acabado para você, Chelston.

– Oh, acho que não. Ainda tenho um ás na mão, Wylder. – Ele puxou os braços de Eve para trás dela, segurando-os com uma das mãos, enquanto a outra se enfiou no bolso e sacou um revólver. Pressionou a boca da arma de fogo contra a cabeça de Eve, bem abaixo da orelha. Eve engoliu em seco, tentando não tremer, e manter os olhos fixos em Nick. O sorriso dele não desapareceu, mas o corpo poderoso estava muito imóvel. Tensão crepitava ao redor da sala.

– Solte-a, Chelston – ordenou ele. – Você não tem como escapar agora.

– Talvez não, mas o que eu tenho a perder se atirar em sua esposa, antes? Talvez me agrade pensar que você sofreu por sua vitória.

Eve fechou os olhos. Ver o quanto ela estava apavorada não ajudaria Nick.

– Não seja tolo, homem.

Chelston deu uma risada baixa.

– Oh, não sou tolo, Wylder. Eu o conheço. Você não vai arriscar a vida desta moça bonita, vai? Um movimento errado de sua parte ou de seus companheiros e eu puxarei o gatilho.

Houve um silêncio de parar o coração, antes que Nick falasse novamente:

– Parece que nós chegamos a um impasse.

– Qualquer coisa que aconteça agora, sua esposa morrerá – disse Chelston.  
– A menos que...

A sentença pairou no ar. Os nervos de Eve estavam a ponto de explodir. Ela forçou seus músculos tensos a relaxarem, temendo que se tremesse aquela arma mortal dispararia.

– A menos quê...? – incentivou Nick em tom baixo.

– Cancele seus homens, Wylder. Deixe a remessa acontecer.

– Isso não está mais em minhas mãos, Chelston. A guarda aduaneira está ciente de toda a operação.

– Verdade, há pouco que posso fazer sobre Abbotsfield. Se o governo sabe de tudo, então é tarde demais para salvação. Isso não importa, uma vez que parece que você impossibilitou para que nós permanecêssemos na Inglaterra.

Todavia, esta remessa final é valiosa, e preferia não a perder. Você pode enviar uma mensagem para seu capitão George, Wylder. Diga-lhe que estava enganado, e que as ordens originais devem permanecer: o navio dele deve continuar patrulhando o Rother.

Os olhos de Eve se abriram.

– Não – sussurrou ela, olhando para Nick. – Você não pode permitir que ele fuja.

– Você prefere morrer? – perguntou Chelston com zombaria.

Eve o ignorou. Manteve os olhos fixos em Nick.

– *Sinto muito*. – Ela balbuciou as palavras, esperando que ele entendesse. *Lady* Chelston deu um passo à frente.

– Tudo depende do quanto nosso galante capitão valoriza a esposa.

Eve exclamou de maneira orgulhosa:

– Não acima do dever dele para com seu país! Eu não esperaria isso.

Nick olhou para o pequeno grupo de pessoas à sua frente e pesou as probabilidades. Com Richard e Sam armados, não duvidava que Shawcross, Chelston e a *lady* pudessem ser dominados, mas também não duvidava que o revólver pressionado contra a cabeça de Eve estava carregado, e que Chelston o usaria se fizessem uma tentativa de atacá-lo. Seu coração se comprimiu dolorosamente ao ver quão bravamente Eve se mantinha firme em sua posição. Ele lhe fitou os olhos castanhos suaves. Estavam escuros agora, as pupilas dilatadas como o único sinal de que ela estava com medo. Que Deus a abençoasse, mas Eve realmente acreditava que ele poderia colocar seu dever antes dela?

– Muito bem – disse ele finalmente. – Cancelarei a guarda aduaneira.

Eve deu um pequeno soluço.

– Não. – A voz fraca não passava de um sussurro. – Você foi enviado para cá com o objetivo de impedir isso – argumentou ela. – Quando descobrirem, você será arruinado.

– Sim, isso oferece outra reviravolta prazerosa neste episódio – murmurou Chelston. – O heroico capitão Wyldfire, um traidor para seu país.

Nick ignorou a provocação. Sinalizou para que Sam e Richard baixassem suas armas.

– Solte-a, Chelston, e você terá a minha palavra que não será interceptado esta noite.

– Não, não, capitão, você tem a *minha* palavra que uma vez que o *Merle* for carregado e partir navegando novamente, libertarei sua mulher – replicou lorde Chelston. – E não tenho medo dos seus barcos, uma vez que o *Merle* estiver se movendo. Eu o faria ultrapassar qualquer coisa que você possa ter em sua frota. Vá embora com seus homens agora, Wylder. Mande avisar os oficiais aduaneiros para que o barco costeiro permaneça vigiando a boca do rio Rother, e se certifique de que nada aconteça para impedir que este último carregamento chegue ao *Merle*, ou para impedir de meu pequeno grupo entre a bordo de meu iate em Hastings. Estamos de acordo?

– E minha esposa?

– Sra. Wylder será minha hóspede a bordo do *Maestro*, e nós assistiremos aos procedimentos de lá. E agora, capitão Wylder, peço que tome sua decisão rapidamente. Meu braço está começando a doer, e este gatilho é muito sensível.

– Que garantia tenho de que você cumprirá a sua palavra?

– Bem, nenhuma, meu bom capitão. Mas então, que garantia tenho que você irá cumprir a sua? – Ele riu suavemente. – A sra. Wylder é a minha garantia da passagem segura para fora do país. O tempo está correndo. Você precisa ir embora agora, se quiser que suas instruções cheguem ao capitão aduaneiro a tempo. Lembre-se, capitão Wylder, sua esposa está segura somente enquanto as coisas estiverem transcorrendo tranquilamente, de modo que é melhor você se certificar para que eu veja o barco costeiro na baía Rye esta noite. Irei observá-la quando nós passarmos por ela navegando no *Maestro*. Deste momento em diante, a sra. Wylder será acompanhada para todos os lugares por Shawcross, Catherine ou por mim; nós todos estaremos perdidos se formos capturados, então nenhum de nós tem medo de puxar o gatilho, não estou certo? – Chelston olhou para seus companheiros, antes de fixar os olhos em Nick novamente. – Se eu suspeitar que você está tentando me enganar, ela será a primeira a morrer. E então?

– Seu carregamento não será interceptado. Você tem a minha palavra quanto a isso.

Nick precisou de todo seu autocontrole para não reagir ao brilho de triunfo que viu nos olhos de Chelston. Tinha forçado uma expressão indiferente no próprio rosto, e mais uma vez, lutou para observar sem emoção quando Chelston puxou Eve para mais perto e alisou-lhe o rosto com o revólver.

– Então, minha querida, você confia nele? – Aquela voz melodiosa mexeu com os nervos tensos de Nick. – Afinal de contas, ele a enganou antes, não é? Deixou-a pensar que estava morto. Que tipo de truque é esse para se fazer com uma esposa amada?

Nick viu a raiva nos olhos de Eve, e a expressão desgostosa no rosto bonito. Ele lhe deu um sorriso triste, e perguntou:

– E então, querida?

Eve ergueu o queixo.

– Sim – respondeu ela em tom alto e claro. – Sim, confio nele. Inteiramente!

Apesar da situação desesperada deles, uma onda de felicidade percorreu Nick. Ele prendeu o olhar desafiador de Chelston.

– Se você a machucar, eu me certificarei que não viva para ver o dia amanhecer.

Os lábios finos de lorde Chelston se curvaram num sorriso.

– Não sou um selvagem. Cumpra sua parte no acordo, e ela será libertada. Shawcross, toque o sino, por favor. Nossos visitantes irão sair pela porta principal, eu acho.

## *Capítulo Dezoito*



– CAPITÃO?

Nick ouviu Richard chamar seu nome, mas não respondeu enquanto saía da casa. Seguiu seu caminho rapidamente para o jardim de topiaria, onde encontraram Silas e Nathaniel esperando com os cavalos. Um nó de ansiedade se contorcia em seu interior, pior do que qualquer medo que já sentira por si mesmo. Ir embora, deixando Eve, tinha sido a coisa mais difícil que já fizera em toda sua vida. O sorriso corajoso dela partira seu coração. Embora Nick tivesse um plano se formando em sua cabeça, não havia garantia de que daria certo. Eve pusera sua confiança nele, e Nick não tinha certeza se iria ter sucesso naquilo.

– Capitão? – Richard falou novamente. – O que você vai fazer?

– Há o bastante de nós, capitão – disse Sam, olhos ansiosos fixos no seu rosto. – E se invadíssemos a casa...?

Nick meneou a cabeça.

– Você ouviu Chelston, Sam. Se nós tentarmos qualquer coisa dessa natureza, atirá em Eve. Não posso arriscar isso. Vamos sair daqui. – Nick montou e saiu cavalgando, sendo seguido por Richard e os outros. Não parou

até que estivessem fora de Chelston. Então parou numa clareira reflorestada na lateral da estrada, e esperou que seus companheiros o alcançassem.

– Então, senhor? – A fisionomia geralmente impassível de Richard estava sombria.

– Não acho que Chelston irá machucá-la, pelo menos até que o smouch seja transferido para o veleiro – disse Nick. – A primeira coisa a fazer é levar uma mensagem para o capitão George.

– Eu irei, capitão! – declarou Sam ansiosamente.

Nick balançou a cabeça em negativa.

– Tenho outro trabalho para você, Sam. Silas, quantos remadores o seu barco aguenta?

– Vinte, *Sir*, mas podemos nos virar com metade desse número...

Nick o interrompeu:

– Para o que tenho em mente, precisarei do barco cheio. Você disse que seu irmão tem um barco similar, em Dimchurch.

– Sim, *Sir*, ele tem.

– É melhor vocês saírem de lá. Podem me encontrar remadores suficientes? Poderiam consegui-los para esta noite?

– Sim, capitão, acho que podemos, se isso irá ajudar no resgate da srta. Eve.

– Silas ergueu o queixo. – Ela nos ajudou em nosso último carregamento, agora é a nossa vez de pagar o débito.

Nick sorriu.

– Muito bem, então, Silas. Você vive me dizendo que os remadores de Kent são os melhores do mundo, agora, irá me provar isso!

## *Capítulo Dezenove*



EVE PRECISOU de toda sua força de vontade para não gritar por Nick enquanto saía da sala. Assim que a porta se fechou, *lady* Chelston puxou uma das cordas da janela e amarrou os pulsos de Eve. Depois disso, Eve tornou-se o centro de um redemoinho de atividades. Foi obrigada a permanecer sentada passivamente, enquanto assistia as malas sendo arrumadas ao seu redor, ordens sendo gritadas e servos sendo dispensados. Sua inatividade forçada era profundamente frustrante. E, durante o tempo inteiro, *lady* Chelston, lorde Chelston ou Bernard pairavam ao seu redor, como um lembrete constante de que, se alguma coisa desse errado, ela seria a primeira a sofrer. Eve teve a esperança de que os homens de Nick ou oficiais aduaneiros atacassem Chelston Hall ou algo assim, então ficou um pouco desapontada quando uma hora se passou sem nada mais excitante acontecendo do que a criada de *lady* Chelston derrubando um vidro de perfume no piso de mármore do hall, e preenchendo o ar com o cheiro enjoativo de rosas em excesso. Disse a si mesma que Nick a estava protegendo, que ele não faria nada que pusesse sua vida em risco, mas irritava-a estar tão impotente. Lembrou-se das palavras do sr. Granby: *Capitão Wyldfire corre com o vento,*

*senhora*. Bem, ele estava correndo com um vento muito perigoso agora, e ela não imaginava como Nick poderia virá-lo ao seu favor.

O trajeto para Hastings foi um pouco mais interessante, porém menos confortável, pois estava esmagada dentro da carruagem com *lady* Chelston e a criada da *lady*, que chorava no seu avental e declarava que não queria deixar sua família.

– Por que não posso ficar, *milady*, como o homem do lorde?

– Griffin não vai ficar, sua tola – retorquiu *lady* Chelston. – Ele ficou para empacotar o resto dos pertences, e nos seguirá o mais breve possível.

– Mas não gosto da água, *senhora*; sabe como fico enjoada!

Em resposta, *lady* Chelston tampou os ouvidos e disse a si mesma para se controlar, mas os soluços da criada apenas aumentaram. Eve desviou o olhar em desgosto. Do lado de fora das janelas, podia ver lorde Chelston e seu primo cavalgando ao lado da carruagem. Estava amarrada, e enquanto a carruagem chacoalhava sobre a estrada irregular, Eve foi obrigada a erguer as mãos e agarrar-se à correia pela maior parte da viagem mais desconfortável de sua vida. Entraram a bordo do *Maestro* em Hastings. Com as mãos amarradas, Eve achou difícil subir no iate, mas fechou os lábios teimosamente contra qualquer reclamação. Quando Bernard ajudou-a a subir no deque, ouviu lorde Chelston se dirigir ao primeiro marinheiro.

– Sr. Briggs, onde está seu capitão?

O homem assumiu a postura de atenção.

– Doente, milorde – replicou ele. – Disenteria. Indo ao banheiro...

– Sim, sim, não precisa me dar todos os detalhes. – Lorde Chelston acenou para dispensá-lo. – Bem, vá em frente, homem. Você sabe o que fazer.

*Lady* Chelston e sua criada imediatamente se recolheram numa cabine, a moça reclamando de enjoo, e Bernard levou Eve para um lugar tranquilo perto da popa do iate, enquanto os marinheiros descalços se moviam rapidamente, fazendo suas tarefas, preparando tudo para a saída ao mar. Para todo lado que Eve olhava, havia uma profusão de cordas, mastros de madeira e enormes velas que, para seus olhos inexperientes, faziam o *Maestro* parecer pesado demais. Enquanto a tripulação ajustava as velas para aproveitar ao máximo a leve brisa, ouviu o primeiro marinheiro informar a seu amo que, com tão pouco vento, seria praticamente impossível fazer um bom tempo de

percurso. Se isso fosse verdade, então talvez o *Merle* também atrasasse sua chegada ao ponto de encontro; ninguém poderia culpar Nick por isso. Eve esperou até que a primeira atividade fervorosa de ajustar as velas tivesse acabado, então estendeu seus pulsos amarrados em direção a Bernard.

– Ficaria grata se você me desamarrasse agora. Afinal de contas, dificilmente poderia escapar daqui. – Ela olhou para a água acinzentada calma que os cercava. – Você sabe que não sei nadar, primo. Que mal eu poderia lhes causar aqui? – Ela dirigiu um olhar firme para lorde Chelston, do outro lado do deque, que assentiu.

– Solte a corda, Shawcross, mas fique de olho nela. – Ele se voltou para Eve. – Qualquer truque, senhora, e será amarrada e trancada lá embaixo. Entendeu?

Eve encontrou-lhe os olhos sem piscar.

– Perfeitamente.

Uma vez que seus pulsos estavam livres, Eve andou para a proa do iate, onde esperou que não ficasse no caminho da tripulação. Esfregou os braços, rezando para que a noite continuasse quente, uma vez que tinha apenas um xale de seda que *lady* Chelston lhe dera para protegê-la dos ventos gelados. O sol já se pusera, e a luz do dia não passava de uma linha acinzentada fina no horizonte. Não havia lua, e a única iluminação vinha das estrelas, que começavam a brilhar ao leste, embora acima de sua cabeça, a confusão de cordas, mastros e enormes velas tapassem o céu. Passou pela antepara, onde um número confuso de cordas estava amarrado, e inclinou-se sobre a borda, de modo que pudesse espiar o cordame no mar vazio diante deles. Apesar da falta de vento, o barco parecia viajar rapidamente sobre a água, a proa cortando as ondas sem esforço, com um balanço gentil que ela achava tranquilizante. O ar marítimo estava frio em seu rosto, e Eve podia sentir o gosto de sal nos lábios. Era revigorante, pois aquilo a lembrava de Nick. Bernard aproximou-se e se sentou ao seu lado. Eve encolheu os ombros e virou-se de costas para ele.

– Olhe, prima. – Ele apontou em direção à linha costeira com a antiga cidade de Rye sobre seu morro, erguida como uma fortaleza medieval. – Está vendo as velas ali? É o *Argos*, navegando na boca do rio Rother. O capitão George terá uma longa espera.

Eve não respondeu. O barco aduaneiro parecia muito distante, então não podia esperar ajuda de lá.

– O *Maestro* é um barco muito ligeiro – continuou Bernard. – Leve, com equipamentos muito bem pensados...

– Bernard – interrompeu Eve, com cansaço. – Você tem a menor ideia do que isso tudo significa?

– Significa, querida prima, que nós temos vantagem sobre qualquer embarcação do governo. Chelston me disse que o *Maestro* foi construído no mesmo estaleiro que o veleiro que está esperando que nossos barcos remem para lá com os cascos cheios de smouch. Significa – disse ele com grande deliberação – que mesmo que seu marido tente nos perseguir esta noite, não irá nos pegar. – Bernard deu um suspiro satisfeito. – É uma prática comum, acredito, que os construtores navais construam barcos tanto para os comerciantes livres quanto para os aduaneiros, mas são os comerciantes livres que conseguem os barcos mais velozes.

– Com tão pouco vento, não imagino que diferença isso pode fazer – observou Eve.

– Oh, ele logo ganhará velocidade. Por enquanto, nós não estamos com pressa. O *Merle* não é esperado no local de encontro até à meia-noite. – Ele se acomodou mais confortavelmente. – Parece muito escuro para mim. Mal dá para enxergar a mão na frente do seu rosto, mas soube que o grupo prefere dessa maneira.

– Como o *Merle* saberá que este não é um barco inimigo? – perguntou ela. Então acrescentou esperançosamente: – Talvez ele faça a volta e navegue para longe.

– Há sinais combinados previamente. Chelston me informou que nós devemos ser capazes de ver a remessa sendo transferida para o *Merle*, e quando estiver tudo feito, devemos seguir o barco para Boulogne. – Bernard estendeu o braço e pôs a mão sobre o ombro dela. – Estou ansioso para levá-la para praia, minha querida.

Furiosa, Eve tirou a mão dele de seu corpo.

– Lorde Chelston deu sua palavra que se a operação não fosse interceptada, eu seria libertada.

Ela viu o breve brilho dos dentes dele na escuridão.

– Sim, prima, mas lorde Chelston não disse onde. Se nós a deixarmos em Boulogne sem dinheiro, sem criada e sem bagagem, acho que você logo se encontrará em dificuldades. O que acha, prima? – Ele se inclinou para mais perto, até que ela pudesse sentir o hálito quente no rosto. – Uma jovem *lady*, desacompanhada, num porto movimentado... você não duraria cinco minutos. Muito melhor se colocar sob a minha proteção, minha querida. Ademais, acho que seu marido me deve alguma coisa por me obrigar a experimentar esta situação difícil, sem nem mesmo meu pajem para me atender. Pelo menos, terei você para aquecer minha cama...

Ela ergueu a mão e deu-lhe um tapa forte do rosto. Praguejando, Bernard levantou-se, sua forma escura agigantando-se sobre ela.

– Sua...

– Cale-se! – A voz de lorde Chelston cortou como um chicote através do deque. – Nós chegamos ao ponto de encontro.

Resmungando, Bernard saiu andando. Eve o observou ir com algum alívio. Olhou em direção à figura sombreada do lorde, andando de um lado para o outro no deque.

– O que acontece agora? – ela lhe perguntou no momento que ele se aproximou.

– Agora, nós sentamos e esperamos para ver se seu marido tem realmente palavra.

Uma escuridão pesada caiu, prendendo-os entre o céu aveludado, com suas infinitas estrelas brilhando, e a escuridão sedosa do mar. O único som era da água batendo gentilmente contra o casco, ou do ocasional movimento de uma vela acima de suas cabeças. Eve abraçou o xale ao seu redor, e perguntou-se o que poderia fazer quando chegassem a Boulogne. A ideia de permanecer sob a proteção de Bernard era impensável. Nick iria procurá-la, estava certa disso, mas quão breve? Talvez pudesse encontrar um padre que a recolhesse, até que Eve enviasse uma mensagem para Nick. Fechou os olhos, lembrando-se daquele último olhar que ele lhe dera antes de sair da sala de estar de Chelston Hall. Sem palavras, mas uma expressão nos olhos azuis que haviam prometido que a acharia. Era uma pequena esperança, mas era tudo que Eve possuía, e agarrou-se a esta com desespero.

– Aí está o barco, milorde.

O murmúrio baixo do primeiro marinheiro despertou Eve. Ela forçou os olhos até que lacrimejassem. No começo, não podia ver nada na escuridão, mas aos poucos, distinguiu o contorno do barco preto a distância. Um leve brilho, como um flash, surgiu na escuridão. Um dos membros da tripulação de lorde Chelston balançou um lampião em resposta, e um murmurinho de antecipação se espalhou ao redor do deque. Eve permaneceu ao lado do parapeito, observando e observando. Minutos se passaram. Finalmente, um pequeno movimento lhe chamou a atenção; podia ver uma fila de pequenas formas na água, aproximando-se do *Merle*. Sabia que aqueles deviam ser os barcos longos, carregados com caixas do chá falso para serem transferidas para o veleiro. Sua pulsação acelerou. Talvez Nick e seus oficiais tivessem substituído os homens do barco longo e estivessem neste exato momento a bordo do *Merle*, dominando a tripulação e capturando o barco para a coroa. Talvez... Uma série de luzes piscou do contorno preto do barco, e Eve ouviu lorde Chelston dar um grito de satisfação.

– Ótimo. Tudo está bem; o barco está carregado. Algum sinal de barcos inimigos, Briggs?

– Não, *Sir*.

O coração de Eve entristeceu quando viu os barcos pequenos se afastando do *Merle*. Daquela distância, pareciam uma fileira de pérolas numa cama de seda escura. Depois que o *Merle* começasse a navegar, havia pouca chance de que os oficiais aduaneiros pudessem impedir o barco de chegar a Boulogne. A tristeza a assolou. Uma vez que fosse descoberto que Nick permitira que os contrabandistas escapassem, a reputação dele estaria perdida. E ela era culpada. Nick havia sacrificado tudo numa oferta desesperada de salvá-la. Eve endireitou os ombros. Não devia estar deprimida; se as histórias que ouvira pudessem ser acreditadas, o capitão Wyldfire se recuperara com sucesso de situações piores que aquela. Por enquanto, havia pouco que ela pudesse fazer, exceto permanecer alerta. Enquanto observava os formatos pretos dos barcos longos deslizarem em direção à praia, uma questão lhe ocorreu.

– O que acontecerá com estes homens?

Chelston deu de ombros.

– Não tenho ideia.

– Mas você poderia tê-los avisado. Se retornarem a Abbotsfield, serão presos.

– Isto não é problema meu. Não têm mais uso para mim.

– Como você pode ser tão frio? – Ela meneou a cabeça com incredulidade. – Não tem consideração pelas pessoas que abandonou?

– Não, nenhuma. – Lorde Chelston pôs seu telescópio no olho, e lentamente virou-se, estudando o mar. – Bem, bem, o *Merle* está a caminho, e não há nenhum outro barco à vista. Wylder cumpriu sua palavra. Ele deve realmente amá-la, minha querida.

– Oh, eu a amo, Chelston. Nunca duvide disso.

– *Nick!*

Eve correu pelo deque em direção à figura alta e familiar que apareceu perto do mastro principal. Nick a puxou para si com uma das mãos, enquanto o revólver na outra nunca desviava de seu alvo, que era o coração de lorde Chelston. Ela notou que Richard Granby estava ao lado dele, sua arma mirando em Bernard, que tinha erguido ambas as mãos. Mesmo no escuro, conseguiu ver que ele estava tremendo. Nick inclinou-se para lhe plantar um beijo no topo da cabeça.

– Machucaram você, querida?

Ela o abraçou, pressionando o rosto contra a lã áspera do casaco de Nick.

– Não, de forma alguma. Mas eu estou tão feliz em ver você.

– Maldito Wylder, de onde você veio? – exclamou lorde Chelston.

– Estava no espaço entre os deques com Richard. Nós não queríamos estragar a surpresa, permitindo que você nos visse cedo demais.

– Muita esperteza de sua parte, quando vocês estão em número menor do que a minha tripulação. Pegue-os!

Eve arfou quando Chelston se deitou no chão, mas Nick não se moveu. Não houve tiros, nem tentativa de colocar a mão sobre Nick, que meramente riu.

– Levante-se, Chelston, você parece muito tolo deitado aí. Acho que irá descobrir que os membros da tripulação não são mais seus homens. Eu os contratei.

– Você fez *o quê?* – Estava muito escuro para ver o rosto de Chelston, mas Eve podia ouvir a perplexidade na voz dele.

– Eu os contratei. Você os mantinha muito tempo em terra firme, Chelston, e com meio salário, também. Um erro, mas embora estivessem ansiosos para voltar ao mar, nem um único marinheiro queria virar pirata, no que eu os convenci que eles se tornariam se seguissem você. Admito que foi a recompensa que ofereci pela sua captura que finalmente os persuadiu a passarem para o meu lado. Desejo possuir o *Maestro* também; afinal de contas, você não terá uso para o barco agora. É claro, seu capitão não pôde ser comprado, então tivemos de deixá-lo para trás, mas acho que quando descobrir sobre sua prisão, irá considerar em anular o contrato que tem com você. – Nick ergueu o tom de voz: – Sr. Briggs, leve-os à popa e amarre-os, por favor.

– Sim, sim, capitão.

Eve agarrou-lhe o casaco.

– Nick, *lady* Chelston...

– Seguramente trancada em sua cabine, querida. Acho que ainda não tem ciência do que está acontecendo; tomou uma dose de láudano assim que o barco entrou em movimento.

– E a criada?

– Trancada com a *lady*. Foi medicada contra enjoos, mas ainda parece decididamente verde. E quanto a você, meu amor, sem enjoos do mar?

Eve meneou a cabeça.

– Fiquei no deque o tempo inteiro.

– Esta é a minha garota. – Ele apertou o braço ao seu redor, puxando-a contra seu peito. Guardou o revólver no bolso do casaco, antes de segurar o queixo de Eve na mão e inclinar-lhe o rosto em direção ao seu. – Tem certeza de que você não está machucada?

– Sim, tenho certeza.

– Você sentiu medo?

Ela lhe sorriu de forma adorável.

– Não. Eu sabia que você viria para mim.

Nick jogou a cabeça para trás e riu.

– O quê? Sem acesso de nervos, sem crises de choro? Você é uma mulher feita para o meu coração, Evelina! – Ele a fitou, subitamente sério, e disse em tom suave: – Não! Você é o meu coração!

Estava escuro para ver o semblante dele claramente, então Eve levantou uma das mãos e tocou-lhe o rosto. Um músculo no maxilar forte tremeu sob seus dedos, então ele a puxou ainda para mais perto, até que ela pudesse sentir o corpo másculo contra o seu. Nick abaixou a cabeça, virando-lhe o rosto para si. No instante seguinte, cobriu-lhe a boca com a sua, num beijo ardente e possessivo. Eve pressionou-se contra ele, consumida por um desejo feroz, até que as mãos de Nick se moveram para seus ombros e ele a afastou um pouquinho.

– Vamos com calma, querida – disse ele, trêmulo. – Muito mais disso e terei de tomá-la aqui, no deque. Pense como isso chocaria o pobre Richard!

Ela o olhou, zonza, atordoada. Tudo que sabia era que o queria. Conseguiu uma risada trêmula.

– Eu disse que não tive medo, mas isso não é verdade. Temi que nunca mais fosse ver você.

Nick acariciou-lhe o rosto gentilmente.

– Você nunca poderá imaginar quanto me custou deixá-la em Chelston Hall.

Ela lhe cobriu a mão com a sua, e esfregou o rosto contra os dedos de Nick.

– Está tudo acabado agora...

Eve parou diante de um súbito grito de alarme. Nick olhou para cima, e instantaneamente empurrou-a para longe de si. Quando ela atingiu a antepara, viu lorde Chelston avançando para cima de Nick, que caiu no deque com um gemido de dor. Chelston endireitou o corpo. Houve um flash quando o céu estrelado brilhou sobre a lâmina na mão dele. Eve pegou um pino de metal da antepara e jogou-o com o máximo de força que foi capaz, atingindo o braço de Chelston com um barulho como se um osso tivesse se quebrado, e a faca caiu no chão. Houve uma pausa infinitesimal, um breve momento de imobilidade para que Eve recuperasse o fôlego antes que fosse cercada por homens. Um marinheiro gentilmente tirou mais um pino de seus dedos, enquanto outros dois punham as mãos em lorde Chelston, que gritava de dor. Richard Granby estava ajudando Nick a se levantar, o sr. Briggs pairava ao lado dele, ansioso para pedir desculpas.

– Sinto muito sobre isso, capitão. Estava parecendo tão quieto, e me distraí por um instante...

– Sim, bem, não arrisque mais nada com este homem – replicou Nick, levando a mão à lateral de seu corpo.

– Você está ferido – disse Eve, a voz não muito firme.

– Não foi nada sério – replicou ele. – Chelston atingiu meu ferimento, mas nenhum dano foi causado, espero. Um golpe certeiro, Evelina. Muito bem, meu amor. – Nick estendeu-lhe uma mão e olhou por sobre a cabeça dela para se dirigir ao primeiro marinheiro. – Briggs, leve lorde Chelston daqui e amarre-o com segurança desta vez... e cuidado com o braço dele; acho que está quebrado. Agora, sr. Granby, vamos navegar e ver se capitão George capturou o *Merle*.

– Mas como pode ter feito isso? – Eve franziu o cenho. – O *Argos* ainda está em Rye Bay. Vi com meus próprios olhos, quando nós saímos de Hastings.

– O barco dele pode estar em Rye, mas o capitão George e seus homens devem estar perto de Boulogne a essas alturas, como hóspedes de Silas e o irmão de Silas no velho barco a remo!

## *Capítulo Vinte*



NÃO HOUVE oportunidade para Evelina exigir uma explicação completa. Um vento fresco tinha começado, e Nick estava ocupado, ordenando sua nova tripulação para navegar em direção a Boulogne. As estrelas já estavam desaparecendo no momento que alcançaram o *Merle*, o qual estava agora balançando um emblema vermelho da alfândega, que pendia acima de suas velas pretas. Quando o *Maestro* chegou ao lado do *Merle*, Eve reconheceu diversos homens de Monkhurst no deque, e supôs que estivessem ajudando os oficiais da alfândega a navegar o veleiro de volta para a Inglaterra. Enquanto os dois barcos se preparavam para a viagem de retorno, Silas apareceu andando sobre o parapeito do deque do *Maestro*. Ao ver Eve, parou e puxou seu topete.

– Estou feliz em vê-la bem, senhora, e este é um fato. Eu lhe digo que não achei que o plano do capitão fosse dar certo, logo que ele o sugeriu...

– Então eu o amaldiçoo por duvidar de mim, Silas Brattee – brincou Nick, subindo. – É melhor você descer para o deque inferior. Abriremos uma garrafa de rum enquanto você me dá seu relatório.

Eve deu alguns passos à frente.

– Eu também vou. – Ela sentiu a hesitação dos homens, e acrescentou em tom de voz enérgico: – Eu fui sequestrada, amarrada e forçada a entrar a bordo deste barco, desta prisão flutuante. Acho que tenho o direito de saber o que está acontecendo!

Silas pareceu atônito por aquela explosão, mas Nick meramente riu.

– Muito bem – disse ele, estendendo a mão para ela. – Desça, minha querida, mas você vai achar o lugar muito apertado! – Ele atravessou para a escada de escotilha que levava ao deque inferior. Eve hesitou diante da enorme abertura escura, imaginando como ia lidar com a escada íngreme e manter sua dignidade. – Permita-me – murmurou Nick, e antes que ela pudesse protestar, ele a jogou por sobre o ombro e carregou-a para o deque inferior, onde a sentou, sorrindo.

– Obrigada – disse ela, entre dentes cerrados. – Você não precisava ter feito isso. Consegui descer a escada no túnel do ancoradouro, e poderia ter conseguido descer esta.

– Tenho certeza que sim – replicou ele suavemente. – Mas do meu jeito é muito mais rápido... e mais divertido.

Corando furiosamente, ela se virou quando Silas desceu os degraus para se juntar a eles. Nick levantou um lampião de seu gancho e os liderou para uma mesa pequena. Momentos depois, ela estava sentada ao seu lado, enquanto ele servia o líquido marrom avermelhado em três canecas, dizendo:

– Bem, Silas, conte-me como foi ter uma equipe completa de oficiais aduaneiros a bordo?

O velho marinheiro deu um sorriso lento.

– Acho que eles consideraram nosso barco a remo insignificante demais para suas dignidades, capitão, mas uma vez que estávamos a caminho, perceberam que nós éramos capazes de superar a velocidade de qualquer veleiro no mar ontem à noite, quando não havia vento.

– Então vocês remaram no barco para interceptar o *Merle*? – perguntou Eve.

– Sim, senhorita, isso mesmo. O capitão aqui não quis arriscar que lorde Chelston visse quaisquer barcos *seguindo* o *Merle*, então enviou uma mensagem para o capitão George, pedindo que ele e seus homens nos encontrassem em Monkhurst. De lá, nós cavalgamos como loucos para

Dimchurch, para onde meu irmão mora. – Silas deu um gole de seu drinque e riu. – Você devia ter visto o rosto de Ephraim quando nós chegamos com alguns oficiais aduaneiros! Achou que tínhamos nos tornado traidores. Foram necessários alguns minutos para convencê-lo a nos deixar usar o barco a remo, mas meu irmão cedeu no final, e nós fizemos um bom tempo depois disso.

Silas pausou e olhou para sua caneca vazia. Seus lábios se torceram. Nick terminou o próprio drinque e pegou a garrafa. Após preencher a sua caneca e a de Silas, olhou para Eve, uma sobranceira arqueada. Ela meneou a cabeça. Havia tomado alguns goles de rum e conseguido não tossir, embora o líquido grosso e doce tenha feito seus olhos lacrimejarem. Percebeu que não comera nada desde o café da manhã, e imaginou se seria sábio beber, um gole que fosse. Virou o rosto do brilho travesso do rosto de Nick e se dirigiu a Silas:

– Mas como achou o *Merle*? Afinal de contas, o mar é tão – ela abriu as mãos –, grande.

– Nós apenas remamos para Boulogne como sempre fazemos, senhorita. Quero dizer – Silas tossiu e pareceu um pouco envergonhado –, como costumávamos fazer nos velhos tempos. Então simplesmente largamos os remos e esperamos que o *Merle* viesse a nós. Levou um tempo, é claro, sem vento para as velas. – Estava escuro, e o barco a remo fica tão baixo na água que o *Merle* não nos viu até que fosse tarde demais. O capitão George deu diversos tiros na direção do deque, e nós entramos a bordo sem problemas. Tripulação francesa. Eles não sabem brigar – terminou ele quase com tristeza.

Eve deu outro gole cauteloso de sua caneca. O rum queimava sua garganta quando ela engolia, mas agora um calor prazeroso se espalhava por seus membros. Inclinou-se para trás e ouviu enquanto Nick contava a Silas tudo que tinha acontecido a bordo do *Maestro*. A conversa deles tornou-se mais animada, repleta de termos náuticos enquanto passavam da discussão das atividades da noite para as aventuras que eles haviam compartilhado na marinha do rei. A pequena cabine chacoalhava com as risadas dos dois.

– Sim, aqueles foram bons tempos. – Silas suspirou. – Nunca esquecerei o ano de 1776... lembra, capitão? O almirante Howe lhe deu o comando de seu primeiro navio.

– Como poderia esquecer? Nós navegamos para Newport e Ilha Rhode, embora tivéssemos de defendê-lo da França alguns anos mais tarde, antes de podermos navegar para casa.

– É verdade. – Silas assentiu com um gesto de cabeça, enquanto Nick completava suas canecas mais uma vez. – Tempos extraordinários eram aqueles, tão longe de casa e com tantos inimigos ao nosso redor. Todos os homens queriam navegar com o capitão Wyldfire. Nós todos iríamos para o inferno com você, capitão, porque sabíamos que estaria do nosso lado.

Eve fechou os olhos e deixou a conversa relaxá-la. Uma pequena nuvem estava sombreando seu coração. Aquele era o mundo de Nick, a vida de aventura e perigo. Não era o seu mundo. Ela ouviu o barulho de vidro contra a caneca. Nick estava servindo mais rum; era provável que se esquecera da presença dela lá. A nuvem escureceu quando as palavras de Bernard lhe voltaram à mente: *Você não pode domar um tigre, apenas enjaulá-lo.*

– Sim, aquela foi certamente uma boa época – Silas estava falando em tom de voz contemplativo.

– E você sente falta daqueles dias? – perguntou Nick.

– Eu sinto, *Sir*. Andar de barco perto da praia não é o mesmo que navegar para o outro lado do mundo. Não, o mar é um amo implacável, capitão, mas ele nunca o liberta.

Eve sentiu a depressão se instalando no seu interior. Deu um suspiro, e Nick imediatamente virou-se para ela.

– Cansada, meu amor? – O carinho na voz dele era inconfundível. Aquilo era um conforto, mas Eve percebeu o quanto estava exausta, e quando Nick chamou Richard Granby para escoltá-la de lá, ela foi sem protestar, contente em descansar no que Richard explicou ter sido um dia a cabine de lorde Chelston. Ela se deitou na cama estreita, e nem mesmo os sons abafados dos gritos histéricos de *lady* Chelston, vindos de sua prisão improvisada, impediu-a de cair num sono profundo e sem sonhos.

EVE ACORDOU algumas horas depois para descobrir que estavam em Rye. Indo para o deque, encontrou Richard Granby supervisionando a tripulação. Ele se virou e fez uma reverência quando a viu.

– Bom dia, senhora. O capitão envia suas desculpas; foi obrigado a se encontrar com o capitão George, e estão levando os prisioneiros para a cadeia na torre. Espera voltar logo, e lhe suplica que o espere em Mermaid. Se me der dois minutos para instruir o sr. Briggs, eu a escoltarei.

Na hospedaria, Eve descobriu que Nick já tinha reservado um quarto, e o simpático proprietário informou-a de que a pequena cafeteria também estava à sua disposição. Eve recusou qualquer bebida, e permitiu que seu anfitrião a escoltasse para o andar de cima. O quarto reservado era o mesmo que usara em sua visita anterior, mas Eve não teve tempo para lembranças, porque assim que passou pela porta, Martha atravessou o cômodo correndo e envolveu-a num abraço forte e choroso.

– Oh, srta. Eve, estou tão feliz em vê-la. Tive tanto medo quando recebi a mensagem do capitão, implorando, educadamente, que eu viesse a Rye esperar por você aqui. Como se alguma coisa fosse me impedir de vir ao seu encontro, senhorita!

– Sim, sim, obrigada, Martha. – Eve gentilmente desvencilhou-se do abraço de sua criada, resistindo à vontade de cair em prantos. – Estou muito feliz com sua presença aqui, e ficarei ainda mais feliz se você for buscar um pouco de água quente para eu me banhar.

– É claro, senhorita, imediatamente. E verá que lhe trouxe algumas roupas limpas. O amo pediu pelas coisas dele, também, mas sem Rich... quero dizer, sr. Granby para empacotá-las, só podemos esperar que trouxemos as roupas certas.

– Mas onde está a mala de Nick? Oh... – Ela entristeceu. – Ele pediu um quarto separado, suponho.

– Bem, sim, srta. Eve, e, segundo o que o proprietário da hospedaria me disse, isso é o que os lordes e *ladies* mais finos fazem. – Martha riu. – Nada senão o melhor para o nosso capitão Wylder! Mas você parece muito exausta, senhorita, e não é de se admirar, tendo ficado naquelas águas turbulentas a noite inteira. Não se preocupe, cuidarei para que você logo se sinta fresca como uma margarida. Hum... – Martha deu um passo atrás, torcendo as mãos no seu avental. – Suponho que *todos* voltaram em segurança? Quero dizer, o sr. Granby está... – Ela parou, um rubor espalhando-se por suas faces redondas. Apesar de sua tristeza, os lábios de Eve se curvaram num sorriso.

– Richard Granby me trouxe para cá – replicou ela. – É muito provável que ainda esteja aqui na hospedaria – acrescentou inocentemente. – Talvez você possa encontrá-lo e lhe dizer que não preciso mais dele hoje.

O rubor no rosto de Martha se aprofundou.

– Oh, sim, senhorita, farei isso! – Ela se curvou numa série de cortesias apressadas, enquanto andava de costas para a porta, então saiu e deixou Eve sozinha.

Sentou-se na beira da cama e permitiu que o silêncio do quarto a envolvesse. Era como se ficasse imóvel pela primeira vez em muitas, muitas semanas, desde que Nick Wylder entrara em sua vida. Eve tinha levado uma existência tranquila e relaxada em Makerham; a coisa mais excitante em sua vida tendo sido uma curta visita a Tunbridge Wells. Todavia, a chegada de Nick em seu mundo protegido mudara tudo isso. Ele era realmente o capitão Wyldfire. Ela havia sido lançada de cabeça no tipo de aventura que deveria tê-la feito desmaiar. Apenas que ela não desmaiara. Em vez disso, saboreara a excitação. Não se arrependia de nada. Exceto, talvez, de ter se apaixonado por um aventureiro. E aventureiros, como tigres, não podiam mudar suas naturezas.

Eve passou os braços ao redor de seu estômago. Não podia domar seu tigre, mas também não poderia confiná-lo. Fazer isso certamente mataria qualquer amor que ele tivesse por ela. Não, Nick deveria ser deixado livre para seguir seu próprio caminho, por mais que isso a fizesse sofrer.

## *Capítulo Vinte e Um*



FOI NO fim da manhã que Eve recebeu uma mensagem de Nick. Estava sentada na pequena cafeteria da estalagem quando Martha entrou com um bilhete. Eve quase lhe arrancou o papel das mãos.

– Hum – murmurou ela, lendo com rapidez. – Tipicamente dominador. Sem um pedido de desculpas, apenas diz que estará aqui assim que possível. “*Eu pedi que o jantar fosse servido no seu quarto.*” Hah! Eu estou tentada a ir contra tal ordem.

– Ooh, srta. Eve, suplico que não faça isso! O capitão não a quer comendo com o povo comum.

– Nós poderíamos usar esta sala. Bem – disse ela, enquanto Martha mudava o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortavelmente –, por que não?

– Bem, senhorita, você sabe, Richard e eu... – Martha quase se contorceu diante dela.

– Ah, eu entendo – replicou Eve, tentando não sorrir. – Você está planejando um jantar particular com o sr. Granby. Como sua empregadora, talvez eu deva perguntar-lhe se as intenções dele em relação a você são honráveis.

– Não, senhorita Eve, por favor, não faça uma coisa dessas! É só um jantar, afinal de contas, e é melhor para nós dois do que ficar ouvindo as conversas fúteis na cozinha. Estava tão preocupada com ele, sabe...

– Muito bem, Martha, mas você precisa me prometer que irá se comportar. – Eve olhou para o lado de fora da janela. – Agora, o sol está brilhando, e eu gostaria de tomar um pouco de ar. Nós iremos sair.

– E se o capitão vier procurá-la, srta. Eve?

Ela ergueu o queixo.

– Então não me encontrará. Deixe-o ficar irritado e esperar por *mim*. Pegue meu xale, por favor, Martha, e o seu. Iremos explorar a cidade, depois andaremos até a igreja para admirar sua bela arquitetura!

Eve voltou do passeio na cidade sentindo-se muito mais revigorada, e se ficou desapontada ao descobrir que Nick não estava esperando por ela, não admitiu isso. Ainda era cedo, e Eve pediu que Martha fosse descobrir se era possível para ela se banhar antes do jantar. Enquanto os servos da hospedaria construía o fogo e subiam a escada em caracol com baldes de água, Eve voltou sua atenção para as roupas que Martha estava separando para seu uso.

– Este é meu vestido cor de creme, Martha. Você não tem nada menos... ostentoso?

– Não, senhorita, somente o vestido que você usou o dia inteiro.

– Mas o vestido cor de creme faz parte de meu enxoval.

Martha deu-lhe um olhar dissimulado.

– Bem, então é, senhorita, mas é muito romântico, também.

Eve deu de ombros e virou-se, sabendo que qualquer protesto seria perda de tempo, e provavelmente levaria ao seu próprio desconforto. Permitiu que Martha a despisse, e entrou na banheira para apreciar a água quente aromática. O banho era muito relaxante, mas conforme a hora do jantar se aproximava, seu nervoso aumentava. Ela terminou de se lavar, vestiu uma combinação limpa e deixou Martha prender seus cabelos no topo da cabeça. Então olhou para o vestido de seda cor de creme estendido sobre a cama. O decote baixo parecia zombar dela.

No momento que sua criada pegou o espartilho, Eve falou.

– Amarre-o bem apertado, Martha.

– Muito bem, senhorita.

A sensação do espartilho lhe apertando as costelas lhe provocou visões de cavaleiros em armaduras inflexíveis. Não muito distinto de seu encontro iminente com seu marido.

– Mais apertado – ordenou ela, acrescentando em tom baixo: – Não quero me divertir esta noite.

Martha a ajudou com o vestido e ajeitou as pregas da saia sobre a anágua cor-de-rosa. Não foi até que o corpete do vestido estivesse fechado que Eve percebeu que o efeito do espartilho não era o que ela desejava. Podia se sentir restrita e desconfortável, mas o tecido apertado acentuava sua cintura fina, e pressionava seus seios de uma maneira que enchia o decote baixo do vestido, e chamariam a atenção de qualquer homem. E Nick era definitivamente homem. Bem, não havia tempo de pedir que Martha a despisse novamente agora.

– Você trouxe um lenço na mala para mim, Martha?

– Sim, senhorita, mas...

– Ache-o, por favor.

Cinco minutos depois, Eve olhou com satisfação para o lenço de musselina que cobria seu peito.

– Pronto, assim é muito melhor. – Muito mais seguro. – Agora, Martha, se você for buscar os utensílios para pôr a mesa do jantar e remover todas as coisas do banho daqui, pode tirar sua folga e se juntar a Richard Granby.

Eve não sabia se desejava ou temia a aparição de Nick. Andou de um lado para o outro, depois que a banheira, a água e as toalhas foram levadas embora, e a pequena mesa foi aberta e arrumada para o jantar. Martha e os empregados da hospedaria trabalhavam com rapidez e eficiência, acendendo as velas, fechando as cortinas e construindo o fogo para espantar o leve frio da noite. Eve os observou trabalhar, pensando que quanto mais tempo eles levassem para realizar suas tarefas, mais ela poderia adiar seu encontro com Nick.

Os passos apressados de botas do lado de fora da porta lhe disseram que estava enganada.

Nick entrou, trazendo consigo um senso de urgência que fez os servos se apressarem em suas tarefas e saírem.

– Por favor, perdoe-me a informalidade, Eve. – Ele lhe fez uma reverência.  
– Permitirá que jante com você neste traje?

O coração de Eve disparou quando ela o olhou. Nick estava vestido como estivera na primeira vez que ela o vira, em calça de camurça e botas de cano longo. O casaco de montaria feito sob medida, a camisa branca impecável e a gravata falavam do galanteador elegante da cidade, mas o rosto bronzeado e o brilho travesso nos olhos azuis pertenciam ao aventureiro. Ele abriu as mãos no ar e murmurou de modo apoloético:

– Mandei uma mensagem para Monkhurst, pedindo que minhas roupas fossem trazidas para cá, mas estas foram as melhores que consegui reunir.

Eve pegou-se respondendo ao sorriso preguiçoso dele.

– Então estas servirão, *Sir*. – Ela percebeu que Martha pairava perto da porta, e gesticulou para dispensá-la. – Sim, sim, você pode ir, Martha. Eu a chamarei, se precisar. – Olhou para Nick, sentindo-se estranha agora que eles estavam sozinhos. – Acredito que Martha irá jantar com seu homem esta noite, *Sir*. Espero que você não faça objeção?

– De forma alguma. Richard me contou que quer tornar Martha uma mulher honesta, então sugeri que jantassem na cafeteria esta noite.

– Oh. É por isso que nós devemos comer aqui?

– Não, querida. Iremos comer aqui porque é mais conveniente.

Ela observou o breve olhar de Nick na direção da cama, e uma onda de excitação a percorreu. Eve reprimiu-a rapidamente. Ele se aproximou, franzindo o cenho de leve.

– O que é isto ao redor de seu pescoço?

– O quê? Oh, isto. – Ela tocou o lenço de musselina. – Estava... um pouco frio aqui.

– Bem, o fogo está queimando agora, de modo que você não precisará mais disto. – Antes que percebesse o que Nick ia fazer, ele lhe removera o lenço e o pusera de lado. Eve sentiu um rubor subir ao seu rosto quando os olhos dele pousaram em seus seios cheios e arredondados. Nick segurou-lhe os ombros, murmurando suavemente:

– Agora, por que você queria esconder tamanha beleza?

Ele abaixou a cabeça escura e ela sentiu lábios sensuais roçando a pele sensível logo acima do decote do corpete. Seus seios enrijeceram

imediatamente. Eles pareciam querer escapar do confinamento e se oferecerem para a boca de Nick. Ela perdeu o fôlego. Bom Deus, por que ele a afetava tanto?

– Eu... não queria distrair você. – Eve conseguiu dizer, sua voz falhando pateticamente. Outra respiração profunda, outra tentativa de controlar seus sentidos atordoados. – Nós temos coisas a discutir, *Sir*.

Nick levantou a cabeça.

– Ah.

Uma batida à porta anunciou a chegada do jantar. Enquanto dois garçons punham suas travessas sobre a mesa, Nick escoltou Eve para lá. Os dedos queimavam através da manga de seda de seu vestido. Deus, um único toque, e ela estava tremendo de desejo! Olhou para a comida colocada sobre a mesa... sopa, carne, cogumelos, torta de maçã... e seu apetite desapareceu. Nick ocupou seu lugar à mesa e observou Eve brincando com a comida. Alguma coisa estava errada. Estava chateada; ele podia ver isso no rosto delicado, na postura dos ombros curvados. Eve lhe contaria o que a perturbava, antes que a noite terminasse. Noite. Queria erguê-la em seus braços agora, carregá-la para cama e fazer amor com ela. Apenas tal pensamento o excitava. Eve estivera certa em colocar aquele lenço ao redor dos ombros. A visão dos seios arredondados se pressionando contra o decote do vestido o distraía demais. Ele sorriu, esperando parecer tranquilizador enquanto servia mais vinho em suas taças.

– Sugiro que adiemos a nossa... conversa, até que tenhamos comido.

Ele cortou algumas fatias de carne para tentar o apetite de Eve, serviu-a de alguns cogumelos e de um pedaço de torta de maçã. Ela comeu como quem cumpre um dever, e Nick ficou aliviado ao ver um pouco de cor retornar ao rosto dela. Os garçons entraram com outros pratos, incluindo um ragu de carneiro e uma torta doce. Eve estava mais no comando de si mesma, e conseguiram falar de coisas comuns até que estivessem sozinhos mais uma vez.

– Então, sua investigação foi concluída agora? – perguntou ela, comendo um pedaço da torta.

– Sim. – A ponta da língua de Eve deslizava pelo lábio inferior de um jeito incrivelmente sensual. Ele desviou os olhos. – Sim – repetiu. – Fiz meus

relatórios. O capitão George irá levar os prisioneiros para Londres. Talvez eu precise ir à cidade em algum estágio, mas meu trabalho aqui terminou.

Ela assentiu.

– Você está ansioso para retornar ao seu lar, então. Em Yorkshire.

– Há assuntos que requerem minha atenção, sem dúvida. – Agora, para onde aquela conversa os estava levando? – Administração de propriedades pode ser tedioso, eu sei, mas deve ser feita.

Eve estava evitando os olhos dele, olhando para a taça de vinho quando murmurou:

– Você preferiria estar no mar, eu acho.

– Evelina... – Nick estendeu o braço sobre a mesa para lhe pegar a mão, mas ela a tirou de seu alcance. Quando os garçons retornaram naquele momento, ele deixou o assunto morrer, mas esperou com impaciência enquanto a mesa era tirada.

– Está bom assim – disse ele finalmente. – Deixem a garrafa e as taças. E vocês não precisam mais voltar. – Nick sorriu mais uma vez para Eve. – Toma mais um pouco de vinho comigo, senhora? Um brinde a um trabalho bem-feito.

– Muito bem, *Sir*. Mas agora eu acho que nós deveríamos... precisamos... conversar.

Ele se levantou da mesa e lhe estendeu a mão.

– Nesse caso, vamos nos sentar perto do fogo?

Nick a conduziu para uma das duas poltronas posicionadas de cada lado da lareira. Ela se sentou e passou alguns momentos ajeitando suas saias. Um cacho escuro escapou do penteado e caiu sobre a pele alva do ombro delgado. Ele resistiu à tentação de tocá-lo, ocupando a poltrona oposta, em vez disso.

– Agora, minha querida, o que você quer me dizer?

Eve não lhe respondeu, mas manteve os olhos baixos, os dedos alisando as pregas da saia.

– Eve?

Ela levantou a cabeça então, os olhos escuros fixando-se nele.

– Você disse que deve retornar para Yorkshire logo. Entendo isso. Afinal de contas, lá é seu lar. Eu gostaria de saber se, talvez, quando você for para o

norte, permitiria que eu continuasse em Monkhurst?

Nick ficou muito imóvel. Tinha a estranha sensação que seu mundo estava balançando, prestes a desmoronar. Agora, quando finalmente sabia o que queria, ela estava prestes a lhe tomar tudo aquilo? Falou baixinho:

– Você se arrepende de nosso casamento.

Ela olhou para cima rapidamente.

– Não! Isto é... – Eve suspirou, e agitou as mãos no ar num gesto de impotência. – Você se casou comigo para conseguir Monkhurst. Eu sei isso, e não estou zangada. Sei que você não pretendia... consumir a união. Acredito que realmente pensou que se... se nós não fôssemos adequados um para o outro, então o casamento poderia ser anulado. – Ela deu um pequeno sorriso irônico. – Não funcionou exatamente assim, certo? Nós estamos atados agora. Irrevogavelmente.

Ele deu de ombros. Uma mão gelada estava apertando seu coração.

– Nós somos marido e mulher, querida. Para o melhor e para o pior. Até que a morte nos separe.

Nick se censurou silenciosamente. Não pretendia que as palavras soassem tão duras. Viu um brilho de alarme no rosto de Eve. Ela se levantou da poltrona e começou a andar pela sala.

– É tão cruel, Nick. Tão injusto. Nós somos tão diferentes. Você anseia por aventura, por excitação; capturando contrabandistas, lutando por uma causa, arriscando sua vida... é isso que você faz. Eu o observei, a bordo do iate, lidando com os marinheiros. É um líder natural, Nick. E... quando estava conversando com Silas, sobre sua vida no mar, tudo se tornou claro para mim. Você já sente falta dessa vida. – Ela se virou para ele, os olhos escuros e tristes. – Uma vida de domesticidade tranquila não o faria feliz, Nick. Você sofreria, e eu não quero que sofra. Deve ser livre para fazer o que gosta. Eu sei disso, mas não suporto a incerteza de sua vida, sabendo que cada vez que você sai para uma jornada, talvez não retorne. Eu preferiria dizer... adeus agora, e viver sossegada em Monkhurst a sofrer esse tipo de agonia constantemente.

Nick fechou os olhos e respirou lentamente. O mundo estava se endireitando outra vez.

– Pensei que nós pudéssemos viver aventuras juntos.

Eve pôs as mãos no rosto e meneou a cabeça. Por que ele não ouvia? Por que estava dificultando tanto as coisas? Ela precisava fazê-lo entender.

– Não – disse Eve. – Não entende? Eu seria um estorvo para você. – Ela baixou as mãos nas laterais do corpo. – Desta vez, arriscou tudo para me salvar. Eu sei, gosto de pensar que você faria tudo novamente – acrescentou com um sorriso triste. – Mas nem sempre será capaz de salvar o mundo e me salvar, também.

Nick estava fora de sua poltrona tão rapidamente que ela só teve tempo de piscar. Ele parou na sua frente e pôs as mãos em seus ombros.

– É isso que você acha? – questionou Nick. – Que não posso ser feliz, a menos que esteja enfrentando perigo? Meu doce anjo, talvez esse possa ter sido o caso no passado, porém não mais. Minha vida mudou quando a conheci; subitamente tinha alguém para quem viver. – Ele a fitou, os olhos azuis mais sérios do que ela já vira. – Eve, quando Bernard Shawcross me baleou, pensei que seria melhor deixar todos pensarem que eu não estava mais vivo. Acreditei que eu pudesse pegar Chelston e a gangue dele e voltar para você sem deixá-la saber de nada. Então você me escreveu para contar sobre o falecimento de seu avô. Aquele foi o pior momento da minha vida, querida. Eu não podia estar ao seu lado para confortá-la em sua perda, e, pior ainda, eu a tinha colocado em perigo. Jurei então que, quando tudo isso acabasse, eu nunca mais a colocaria em risco. E falo sério, Eve. Pretendo ser um marido modelo de agora em diante.

Eve piscou, tentando clarear as lágrimas quentes que nublavam seus olhos e fechavam sua garganta, dificultando para que ela falasse.

– Eu gostaria de acreditar em você, Nick, mas não consigo. Ouvei o que Silas falou, sobre o mar. O mar nunca liberta...

Nick pegou-lhe as mãos agitadas e segurou-as com firmeza, seus polegares circulando o interior dos pulsos delicados, a carícia acalmando-a.

– Silas tem alma de marinheiro, mas eu – um sorriso repentino iluminou os olhos azuis –, sou mais um aventureiro. Eu apreciei a marinha, mas posso deixá-la por um novo desafio, e há muitos desses pela frente. Nós estamos vivendo numa época de excitação, Evelina. Em minha nativa Yorkshire há fábricas iniciando para fiação e tecelagem, com novas barcaças prontas para carregar o máximo do que for produzido para Londres ou para a costa. A

Inglaterra também está mudando, Eve, e nós devemos ser parte disso. Eu não preciso deixá-la, querida; há mais do que desafios suficientes para um homem no meu país, especialmente para um homem com uma esposa ao seu lado. – Ele lhe apertou os dedos. – Bem, o que você me diz? Estou lhe oferecendo tudo, Eve, meu coração, assim como minha mão. Eu a amo, sabe? Vai dividir sua vida comigo?

Eve lhe estudou o rosto. Não havia sinal de tranquilidade ou alegria no semblante de Nick, apenas a expressão séria e ansiosa de um homem esperando o resultado de seu destino. Tal vulnerabilidade demoliu as últimas defesas de Eve.

– Sim – sussurrou ela. – Oh, sim, Nick!

Lentamente, a expressão séria desapareceu, substituída por um misto de amor, triunfo e felicidade. Nick a envolveu nos braços, e ela se derreteu contra o corpo forte. Nick lhe cobriu a boca com a sua e a beijou de maneira tão profunda e longa que seus sentidos começaram a girar. Eve se inclinou contra ele, tonta e ofegante. Sentiu mãos grandes em seus ombros.

– Abra os olhos – murmurou ele. – Preciso que você se levante.

Ele estava abrindo o cordão de renda de seu corpete, os dedos longos trabalhando com ritmo firme.

– O que você está fazendo?

O olhar sedutor que Nick lhe deu tornou a pulsação dela ainda mais errática.

– Este é um lindo vestido, querida, mas está no meu caminho.

O calor inundou o baixo ventre de Eve. Foi um esforço permanecer imóvel quando ele tirou os cordões dos últimos ilhós e abaixou o corpete pelos seus ombros. A seda caiu no chão como um sussurro, e Eve se sentiu enrubescer. Ocorreu-lhe que suas faces deveriam estar da cor de sua anágua cor-de-rosa. Começou a desabotoar o colete de Nick, causando um brilho de desejo nos olhos azuis. Uma vez que o ajudou a remover paletó e colete, as mãos de Nick foram para sua cintura e pararam. Ele inclinou a cabeça para trás, uma expressão perplexa no rosto.

– O que é isto? – perguntou, apertando o grande enchimento almofadado preso às costas dela.

– É um falso traseiro. – Eve reprimiu uma risada. – Está na moda.

– Bem, nós não precisamos disto – disse ele, soltando as amarras e jogando-o de lado. – Temos um traseiro perfeito sem isso. – Como se para provar suas palavras, Nick segurou-lhe as nádegas com as mãos e puxou-a para si. Eve arfou, sentindo-o rijo e excitado contra sua barriga. Ele baixou a cabeça e trilhou uma linha de beijos leves ao longo de seu pescoço, fazendo-a gemer baixinho. As mãos másculas se moveram para a cintura dela novamente. – Estou com vontade de usar uma faca neste espartilho – murmurou ele quando seus dedos puxaram as fitas. – Isto é camada após camada de armadura.

Ela riu, sentindo seu poder sobre Nick.

– É exatamente uma armadura, para me proteger de suas intenções maliciosas.

Nick ergueu-lhe o queixo e olhou para ela.

– Você *quer* ser protegida de mim?

Derretendo-se por dentro, Eve umedeceu o lábio inferior com a língua e meneou a cabeça. Não achava que poderia falar. Os olhos azuis ardentes prendiam os seus, enquanto dedos hábeis soltavam as fitas do espartilho. A fricção vibrava contra o corpo dela, enviando ondas de prazer para seus membros. Depois de livrá-la do espartilho, Nick removeu-lhe a combinação e abraçou-a, pressionando-lhe a carne contra a sua. Por uma fração de segundo, permaneceu congelada de prazer, arqueando-se em direção a ele, então o mundo explodiu ao redor deles. Nick beijava seu pescoço, seu rosto, suas pálpebras. Estavam ambos ofegando, os olhares selvagens enquanto o restante de suas roupas era descartado. Com um gemido, Nick ergueu Eve nos braços e carregou-a para cama. Ela se agarrou a ele, puxando-o para cima de seu corpo, envolvendo as pernas ao redor da cintura dele, como se para uni-lo a si para sempre. Eve entrelaçou os dedos nos cabelos de Nick, guiando os lábios dele de volta para os seus, onde lhe devolveu beijo por beijo. Aquele não era um abraço gentil, era uma possessão feroz e furiosa, e Eve deleitou-se em cada segundo do ato de amor. Deslizou as mãos pelas costas largas, explorando os contornos, encantada com a sensação dos músculos poderosos se ondulando sob a pele. As mãos de Nick passearam pelo seu corpo, acariciando e excitando, até que ela gemeu, arqueou as costas e impulsionou os quadris para a frente, convidando-o a penetrá-la. Ele

mudou de posição, cobrindo-a com seu peso, seus corpos se movendo juntos, cada vez com mais força e velocidade, até que Eve não pôde mais controlar sua própria resposta. Enterrou as unhas nas costas largas de Nick, gritando quando um espasmo de puro prazer a percorreu. Ouvia Nick gritar. Ele investiu uma última vez, e Eve se sentiu caindo de uma grande altura. Nick rolou e caiu ao seu lado sobre os lençóis emaranhados. Estendeu um braço e pegou-lhe a mão, entrelaçando os dedos nos seus.

– Bem, senhora, você está satisfeita?

Eve virou a cabeça para olhá-lo. O peito nu subindo e descendo com a respiração acelerada, a pele brilhando e dourada na luz das velas. Ela sorriu.

– Por ora.

Nick ergueu-se sobre um cotovelo e estudou-a.

– Por ora, hum? – Ele trilhou um dedo de leve sobre os seios dela, que enrijeceram imediatamente ao seu toque. – Você será um desafio, sra. Wylder.

Eve descansou as mãos sobre a barriga.

– Acho que talvez tenhamos outro desafio à nossa frente, Nick. É muito cedo para ter certeza, mas...

Ele a olhou, as sobrancelhas levemente unidas, então os olhos azuis se iluminaram e Nick deu um sorriso amplo.

– Oh, Deus, nunca pretendi que *isso* acontecesse.

Eve sentou-se.

– Oh, você não está feliz? – perguntou ela, ansiosa.

– Feliz? – Nick a puxou para si. – Acho que devo ser o homem mais feliz do mundo! Oh, mas você não deveria estar descansando? Eu não deveria tê-la beijado, ou... você sabe?

Ela sorriu.

– Não acredito que precisamos desistir de nossos prazeres por enquanto, meu amor.

Nick deitou Eve novamente na cama e lhe beijou o nariz.

– Agora, esta é uma notícia boa. Porque acabo de perceber que nós ficamos separados pela maior parte de nossa vida de casados. Temos de compensar o tempo perdido.

Eve permitiu que seu olhar descesse pelo corpo de Nick. Um sorriso travesso curvou seus lábios.

– Bem, temos a noite inteira, meu amor...

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SIwDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mallory, Sarah

M22v Ventos da paixão [recurso eletrônico] / Barbara McMahon; tradução Deborah Mesquita de Barros. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2012.

Recurso digital (Históricos; 101)

Tradução de: Wicked captain, wayward wife

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0562-4 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Barros, Deborah Mesquita. II. Título. III. Série.

12-  
7596

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: WICKED CAPTAIN, WAYWARD WIFE

Copyright © 2010 by Sarah Mallory

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon Historical Romance

Projeto gráfico de capa: nucleo-i designers associados

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração eletrônica da versão digital: Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Capa

Rosto

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Créditos